

Neídi Regina Friedrich

096329

Será a rua um atalho para o paraíso?



Diz a camiseta da menina de rua: "Pelo direito de ser criança"

Quando falta amor em casa, a rua é a saída

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

SERÁ A RUA UM ATALHO PARA O PARAÍSO?

Neidi Regina Friedrich

**Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do grau
de Mestre.**

**Programa de Pós-Graduação em
Educação**

Faculdade de Educação

**Universidade Federal do Rio Grande
do Sul**

Orientador:

Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer

**PORTO ALEGRE, RS
1998**

CIP - CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

F899s

Friedrich, Neidi Regina

Será a rua um atalho para o paraíso? / Neidi Regina Friedrich.
Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998.

p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Meninos de rua. 2. Sociologia urbana. 3. Psicologia social.
2. Violência urbana. 5. Drogas. 6. Educação de desprivilegiados sociais. 7. Novo Hamburgo. I. Título.

CDU : 376.64 (816.5)

Catálogo na publicação
Biblioteca Setorial de Educação da UFRGS

A Rose

AGRADECIMENTOS

Aos mestres do além, que me iluminaram e mantiveram-me "inteira" do início ao fim desse trabalho;

Aos mestres da terra, com carinho ao Nilton e Dinorá, que me acolheram com afeto em toda a caminhada;

Aos amigos e colegas que sempre incentivaram-me, fazendo-me crer ser possível unir a militância e a academia;

Ao Evaldo, colega e amigo, que fez a revisão do trabalho, sugerindo, corrigindo e dando-me tranqüilidade de apresentá-lo;

Ao "povo" do CEAMEM (educadoras/es, diretoria) que leu minha proposta, auxiliando-me com o trabalho prático com a gurizada

As/os entrevistadas/os que tiveram paciência comigo, em minhas perguntas, e conflitos,

À família, mãe, pai, sogra, irmãos, irmãs, cunhados, que muitas vezes cuidaram de mim, das crianças, "cuidaram" do Paulinho, para que eu conseguisse fazer minha pesquisa;

Aos filhos, que tiveram tanta paciência em esperar que eu terminasse meu trabalho para podermos brincar; ao Rafael que não tinha espaço para se arrumar em seu quarto; ao Tales que tanto precisou buscar o Luciano para que ele não me "atrapalhasse"; ao Thiago que não conseguiu um espaço para brincar de quebra-cabeça perto de mim, ao Luciano que acompanhou toda a história da Rose, desde meu ventre, e que agora pode ver que a vida dela teve sentido, e a Senir que tanto fez pela Rose e ainda faz por todos nós;

Ao Paulinho que tantas vezes ouviu-me, agüentou-me quando eu não conseguia escrever, e vibrou quando eu estava inspirada, cantando no banheiro. Que tantas vezes trouxe-me a janta, pediu para as crianças não me "incomodarem" para que eu pudesse acabar logo o trabalho e ir para a praia com eles.

A gurizada da rua, que foi motivo de eu estar hoje apresentando esse trabalho, que me incentiva com sua garra, sua força, sua busca de liberdade.

E, a Rose, minha filha, que foi o início de tudo, e que agora poderá continuar crescendo no paraíso.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 CLASSIFICAÇÃO DA POPULAÇÃO, SEGUNDO A RAÇA E GÊNERO	31
TABELA 2 - POPULAÇÃO RESIDENTE POR GRUPO DE IDADE (ATÉ 19 ANOS):	31
TABELA 3 - DOMICÍLIOS E PESSOAS MORADORAS, POR CLASSES DE RENDIMENTOS NOMINAL MÉDIO MENSAL, DO CHEFE DO DOMICÍLIO, RENDA MÉDIA:	32
TABELA 4 - CLASSIFICAÇÃO DA GURIZADA NA RUA EM NOVO HAMBURGO SEGUNDO O GÊNERO	35
TABELA 5 - CLASSIFICAÇÃO DAS GURIZADA DE RUA EM SÃO PAULO, SEGUNDO O GÊNERO	36
TABELA 6 - GURIZADA NA RUA, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA - CEAMEM.....	36
TABELA 7 - GURIZADA NA RUA, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA - PROGRAMA PIÁ 2000	36
TABELA 8 - GURIZADA NA RUA DE SÃO PAULO, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA.....	37
TABELA 9 - ORIGEM DA GURIZADA NA RUA EM NOVO HAMBURGO	37
TABELA 11 - ESCOLARIDADE NO MUNICÍPIO, EM RELAÇÃO AOS CHEFES DE DOMICÍLIOS:.....	39
TABELA 12 - GURIZADA DE RUA QUE FREQUENTA OU NÃO A ESCOLA:	39
TABELA 13 - CLASSIFICAÇÃO DA GURIZADA DE RUA SEGUNDO SÉRIE	39
TABELA 13 - FREQUÊNCIA NA ESCOLA DA GURIZADA DE RUA EM SÃO PAULO.....	40
TABELA 14 - ÚLTIMA SÉRIE CONCLUÍDA DA GURIZADA DE RUA EM SÃO PAULO	40
TABELA 15 - ONDE DORME A GURIZADA DE RUA EM NOVO HAMBURGO.....	41
TABELA 16 - ONDE DORME A GURIZADA DE RUA EM SÃO PAULO	41
TABELA 17 - COM QUEM MORA A GURIZADA DE RUA EM NOVO HAMBURGO.....	41
TABELA 18 - PERÍODO EM QUE A GURIZADA FICA NA RUA, NOVO HAMBURGO E ESTADO	42
TABELA 19 - PERÍODO EM QUE A GURIZADA PERMANECE NA RUA EM SÃO PAULO	42
TABELA 20 - FREQUÊNCIA COM QUE RETORNA PARA A CASA A GURIZADA DE RUA EM SÃO PAULO.....	42
TABELA 21 - CAUSAS QUE TROUXERAM PARA A RUA A GURIZADA EM NOVO HAMBURGO	43
TABELA 22 - POR QUE NÃO VOLTA PARA CASA - EM NOVO HAMBURGO E NO ESTADO.....	43
TABELA 23 - O QUE FAZ NA RUA A GURIZADA EM NOVO HAMBURGO	43
TABELA 24 - ATIVIDADES DA GURIZADA NA RUA EM NOVO HAMBURGO E NO ESTADO.....	44

TABELA 25 - ATIVIDADE DESENVOLVIDA PELA GURIZADA EM SÃO PAULO	44
TABELA 26 - USO DO DINHEIRO	45
TABELA 27 - CONSUMO DE DROGA:.....	46
TABELA 28 - CONSUMO DE DROGAS EM SÃO PAULO	46
TABELA 29 - TIPOS DE DROGAS UTILIZADAS EM NOVO HAMBURGO E NO ESTADO.....	46
TABELA 30 - TIPOS DE DROGAS UTILIZADAS EM SÃO PAULO	47
TABELA 31 - JÁ FOI PRESO ALGUMA VEZ:.....	48
TABELA 32 - JÁ PASSOU POR ALGUMA INSTITUIÇÃO.....	48
TABELA 33 - SONHOS	48
TABELA 34 - SEXUALIDADE.....	49
TABELA 35 - USO DE PRESERVATIVO	50
TABELA 36 - O QUE MAIS GOSTA DA RUA.....	50
TABELA 37 - QUEM MAIS PRATICA VIOLÊNCIA	51
TABELA 38 - AGENTES VIOLENTOS	52
TABELA 39 - NÚMERO DE INFRATORES E PROCESSOS CONTRA ADOLESCENTES EM SÃO LEOPOLDO	124
TABELA 40 - ÍNDICE DE INFRATORES POR FAIXA ETÁRIA DE JAN./OUT. NA COMARCA DE NOVO HAMBURGO	125

ABREVIATURAS

ABEFI - Associação Beneficente Floresta Imperial
ABRINQ - Associação dos Fabricantes de Brinquedos
ACI - Associação Comercial e Industrial
AME - Ação de Amparo ao menor de rua
ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação
ASPA - Apoio Solidariedade e Prevenção a AIDS
CEDECA - Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
CEDICA - Conselho Estadual da Criança e do Adolescente
DCA - Fórum - Fórum dos Direitos da Criança e do Adolescente
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
FEBEM - Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IEF - Instituto Educacional Feminino
IPM - Inquérito da Polícia Militar
MNMMR - Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua
MP - Ministério Público
MR - Menino de rua
OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
ONG - Organização Não Governamental

FRIEDRICH, Neidi Regina. *Será a rua um atalho para o paraíso?* Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

RESUMO

Esta pesquisa com a *gurizada de rua* realizou-se na cidade de Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul - Brasil). A *gurizada* foi estudada através da história de vida de uma guriazada do grupo da rua que já morreu, e que possuía forte liderança enquanto viva. Passou por diversos **tempos**, desde rua, família, instituições, FEBEM, uso de drogas, desintoxicação, HIV, cocaína e morte. Cada **tempo** é relatado através do depoimento de amigas/os, educadoras/es; reportagens jornalísticas e arquivos de instituições. O objetivo do trabalho é tentar entender o **sentido** que move a *gurizada*, o que faz com que muitas vezes o retorno à casa ou a família seja impossível. *A lógica do retorno impossível*, que muitas vezes leva à morte. Também busco a forma como a morte é percebida por essa *gurizada*, uma vez que é uma constante em suas vidas. Afinal, elas/es buscam a *vida* ou a *morte* na rua?

FRIEDRICH, Neidi Regina. *Será a rua um atalho para o paraíso?* Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

ABSTRACT

This research with the *street gurizada* took place in the city of Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul - Brazil). The *gurizada* was studied through the history of the life of a girl of the group of the street, that already died, and that possessed strong leadership while she lives. It went by several **times**, from street, family, institutions, FEBEM, use of drugs, *desintoxicação*, HIV, cocaine and death. Each **time** is told through friends' depositions, educators, journalistic reports and files of institutions. The objective of the work is to try to understand the **sense** that moves the *gurizada*, what does with that a lot of times the return to the house or the family is impossible. The *logic of the impossible return* many times it takes to the death. I also look for the form as the death it is noticed by that *gurizada*, once it is a constant in its lives. After all, do they look for the **life** or the **death** in the streets?

SUMÁRIO

<i>CIP - CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO</i>	<i>III</i>
<i>AGRADECIMENTOS</i>	<i>V</i>
<i>LISTA DE TABELAS</i>	<i>VI</i>
<i>ABREVIATURAS</i>	<i>VIII</i>
<i>SUMÁRIO</i>	<i>XI</i>
<i>PREFÁCIO</i>	<i>XIII</i>
<i>INTRODUÇÃO</i>	<i>14</i>
<i>1 - METODOLOGIA UTILIZADA</i>	<i>17</i>
1.1 - Porque história de vida	17
1.2 - Divisão dos tempos	18
<i>2 - GURIZADA DE RUA, MENORES E ECA</i>	<i>21</i>
2.1 - Gurizada <i>de</i> rua e gurizada <i>na</i> rua	23
2.2 - O tema da moda	25
<i>3 - ROSE, UM CAMINHO OU UMA POSSIBILIDADE?</i>	<i>29</i>
3.1 - Realidade hamburguense e nacional, o que dizem as pesquisas	30
3.1.1 - Sexo	35
3.1.2 - Faixa etária:	36
3.1.3 - Origem e procedência:	37
3.1.4 - Raça	38
3.1.5 - Escolaridade:	39
3.1.6 - Onde dormem	41
3.1.7 - Por que vieram para rua?	43
3.1.8 - O que faz na rua:	43
3.1.9 - O que faz com o dinheiro arrecadado:	45
3.1.10 - Drogas:	46
3.1.11 - Envolvimento com a polícia ou judiciário	48
3.1.12 - Instituição:	48
3.1.13 - Sonhos:	48
3.1.14 - Sexualidade	49
3.1.15 - O que mais gosta na rua	50
3.1.16 - Quem mais pratica violência	51
3.2 - Como é a <i>rua</i> em Novo Hamburgo	52
<i>4 - ROSE, SUA HISTÓRIA, SUA VIDA</i>	<i>56</i>
4.1 - Quem era a Rose	71
<i>5 - TEMPO DE RUA E AFETO</i>	<i>79</i>
5.1 - Casa x Rua	81
5.2 - Por que estão na rua e o que a rua representa	84
<i>6 - TEMPO DE INSTITUIÇÕES</i>	<i>91</i>
<i>7 - TEMPO DE "SE TRATAR"</i>	<i>103</i>

8.- TEMPO DE FEBEM	112
8.1 - Violência da gurizada de rua	119
8.2 - Os números da violência	126
9 - TEMPO DE FAMÍLIA E RUA	139
10 - TEMPO DE "COCA"	148
11 - TEMPO DE MORTE	170
12 - MORRER OU VIVER ONDE ESTÁ O SENTIDO	176
12.1 - Tempo de Viver e de Morrer	196
13 - EDUCAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DA VIDA	202
14 - CONCLUSÃO: HISTÓRIA DA ROSE OU HISTÓRIA DE TODOS?	212
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	216
ANEXO 1 - Adultos e adolescentes entrevistados e temas abordados:	223
ANEXO 2 - ENTREVISTAS:	226
ANEXO 3 - Locais onde a gurizada permanece no centro da cidade, e características dos pontos:	243
Anexo 4 - Reportagens de jornal sobre a sociedade e a gurizada	244
Anexo 5 - Fotos da Praça do Imigrante, da cidade, e da gurizada:	258
Anexo 6 - Diário de campo, de um dia no centro da cidade:	263
ANEXO 7 - Diários da Rose	265
ANEXO 8 - Reportagens da Zero Hora sobre a Turma do Cachorrinho, que era acompanhada pela Cláudia T. Magni:	271
Anexo 9 - Outros depoimentos sobre o que a rua representa, se a vida ou a morte:	274
Anexo 10 - Fotos da Rose	279
Anexo 11 - Trabalhos do Rafael, na escola, representando a família com a "mana"	281

PREFÁCIO

Quando defendi a proposta de dissertação as professoras que estavam na banca fizeram referências a minha dificuldade em analisar profundamente as situações relacionadas ao tema por haver um grande envolvimento pessoal com a pesquisa. Na realidade estava fazendo um estudo também de minha vida. Senti-me *sem chão*. Pensava estar sendo absolutamente fiel aos fatos, tratando-os de forma objetiva.

Passsei por diversas *crises existenciais*. Cada vez que iniciava a escrever, a lembrar a história, detalhes, momentos, alegrias e tristezas precisava *dar um tempo*. O trabalho não rendia, a dissertação não *andava*.

Mas estou aqui, com todo o envolvimento, achando ser possível estudar também sobre minha vida, principalmente quando os atores envolvidos nela são tão importantes não podendo ser ignorados ou esquecidos. Pessoas como a Rose devem ser lembradas sempre, não pela sua bondade ou solidariedade, mas por sua força, por sua vida que foi vivida inteiramente. Mesmo com droga, com *atrasque*¹, com violência, **resistiu, comprometeu-se**. A hipótese fundamental desta pesquisa afirma que essa resistência e comprometimento de Rose podem representar a força vital presente nas crianças e adolescentes de rua, de um lado e por outro podem servir como fundamento de uma pedagogia transformadora. Como diz FREIRE (1983, p.17):

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de "distanciar-se" dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se.

Rose lutou pela vida, na busca de um **sentido**, que serviu de atalho para a morte, continuação da vida mas com **sentido**. Quem sabe o paraíso?

¹ Furto, "bater carteira", assaltar.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo estudar o mundo e a vida da gurizada² de rua que vive em Novo Hamburgo e arredores.

Já se acumulam pesquisas sobre essa faceta da dramática realidade brasileira, quase sempre enfocando-a criticamente a partir de critérios baseados na ética dos Direitos Humanos ou na concepção moderna de democracia. Também nessa pesquisa essa base crítica está presente, porém seu enfoque estará mais marcado pela metodologia etnográfica da história de vida. Trata-se da história da vida e morte da Rose, adolescente de rua que nasceu em 02 de junho de 1978 e morreu em 20 de março de 1995 e que, durante sua curta vida, foi uma demonstração de força, garra, alegria, liberdade e solidariedade pelas ruas e favelas de Novo Hamburgo.

Ela procurou, durante seus 16 anos, saídas para a vida que levava, mas acredito que nenhuma proporcionou-lhe um **sentido** significativo para uma mudança. Acabou seguindo seu caminho duro e tortuoso de violência e desafeto. Outras conseguiram mudar de vida. Amigas/os suas/eus saíram da rua, deixaram as drogas e a prostituição. Como? Por que algumas/ns conseguem e outras/os não?

Muitas perguntas, poucas respostas. Apesar de muito estudada, a realidade dessa gurizada, é ainda pouco conhecida. Existem pesquisas e livros escritos por instituições, grupos e pessoas que estão procurando *saídas*. No entanto permanece o fato de que as saídas das ruas são em menor quantidade do que a entrada da gurizada na rua. Ainda permanece o mistério: por que as ruas possuem uma entrada muito mais atraente que sua saída? A rua parece um parque de diversões: a entrada é extremamente atraente, mas a saída é bastante discreta.

² Durante todo o texto utilizarei a expressão *gurizada de rua* para designar tanto meninos quanto meninas e tanto crianças como adolescentes. Pretendo, que sempre que for lido sobre esta *gurizada*, fique bem claro que as meninas estão sempre presentes, mesmo que muitas vezes não lembradas. Não utilizarei termos como meninos e meninas, por concordar que o uso indiscriminado destes termos acaba infantilizando-os. Também neste sentido Tomé Barreiros, apud SILVA; MILITO (1995, p.145) “critica o uso indiscriminado da expressão por englobar, inclusive, marmanjos já próximos da idade adulta”. Num editorial da Folha de São Paulo (final de maio de 1997), *O Estigma da rua*, o autor escreve: “o termo ‘meninos de rua’ herdou o estigma de seu irmão mais velho ‘menor’, o qual substituiu na terminologia ‘correta’ e relegou a jargões policiais. Parte do sentido de que ambos remetem a imagem de crianças a um universo de marginalidade...” O termo *gurizada* que utilizarei é uma expressão muito utilizada no Rio Grande do Sul, equivalente a crianças, adolescentes, *piás*, meninos ou meninas.

Rose encontrou sua entrada na rua e construiu também sua saída da rua. Sua história de vida pode ser tomada em sua integralidade: começo, meio e fim. Ela oportuniza uma perspectiva longitudinal e não apenas um corte vertical para a análise e estudo aqui proposto. Rose oferece uma linha de tempo e não apenas um ponto nesta linha. O centro dessa pesquisa, portanto, será a reconstrução desse tempo que foi a vida de Rose. Por isso minha convivência com a Rose aparecerá bastante. Fui conselheira Tutelar durante três anos (onde a conheci). Neste período tivemos uma forte ligação, culminando com a sua vinda para minha casa, onde permaneceu por três meses.

Após o término do meu mandato no Conselho e após sua morte, fui trabalhar como educadora social de rua, numa entidade não governamental, o que me aproximou mais ainda da realidade dessa gurizada. Através dessa experiência, aliada a uma revisão da literatura sobre o assunto, procurarei descobrir o que pode ou não interferir nas **escolhas** de vida, se é que podemos chamar de **escolhas**,³ as entradas e saídas que a gurizada vivencia nas ruas e mocós de Novo Hamburgo.

O que faz uma criança ou adolescente *escolher* a rua como local de moradia? Acredito que eles possuem uma especificidade diferente das outras crianças e adolescentes pobres. Quando vão morar nas ruas, algo rompeu-se, algo transformou-se profundamente em suas vidas. E a volta, a saída das ruas muitas vezes é impossível. Por que?

A lógica da vida na rua ao longo da história da Rose, acabou por levá-la a morte. Essa lógica procurarei abordar. **A lógica do retorno impossível.** Além da especificidade dessa gurizada, essa lógica é apontada como o fator que permite a sobrevivência dela, diante das violências que sofrem na rua (RAMOS, 1997).

³Perguntando a Cláudia Turra Magni, antropóloga, com dissertação feita junto aos grupos de rua, sobre as **escolhas** ela disse: "Muita gente pergunta, tu acha que é uma opção estar na rua? Eu acho que ter uma opção, a idéia de opção é muito forte, é muito carregado. Não é apropriado né. Porque quando a gente fala em opção, parece que existe uma gama enorme de alternativas, tantas quanto a gente tem. E na verdade e a gente nem tem tantas assim. E pra eles, essas alternativas são bem mais restritas né. Então, falar em opção no caso em que as alternativas são tão pequenas, ou poucas, eu acho uma idéia muito forte. Bom isto é uma questão" (entrevista feita em 26.08.97).

Junto a estas vidas envolvidas, buscarei entender os processos educativos existentes entre o grupo, as relações que mantém com educação formal na escola⁴ e como *aprendem e ensinam* a vida na rua. Segundo BRANDÃO (1981, p.106)

Sem o saber que existe na fala, mas cheios do saber que existe na pratica, os subalternos criam e recriam a sua própria educação. E ela não existe só para difundir o saber, mas para reforçar o resistir .

Ao longo deste trabalho serão também analisadas as formas de resistência que a gurizada utiliza, através das quais mantém-se viva na rua.

O foco principal desta dissertação é a reunião de material de campo suficiente para fundamentar a reconstrução da história de vida da Rose. Este procedimento metodológico garante densidade descritiva, possibilita confrontar informações, depoimentos, e registrar variados sentimentos que a vida de uma adolescente de rua podem ocasionar em Novo Hamburgo. No entanto, pela delimitação do curso de mestrado, as análises, interpretações, generalizações e reflexões pedagógicas se restringem ao mínimo, remetendo a pesquisa para futuros empreendimentos acadêmicos.

⁴BRANDÃO (1981, p.9-10), refere-se a uma carta que os índios americanos mandaram ao seu presidente, agradecendo a oferta de estudo aos jovens guerreiros. Eles escreviam sobre os diferentes tipos de educação e que os jovens na escola dos brancos tornavam-se inúteis na aldeia. Após, BRANDÃO reflete: "Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante."

1 - METODOLOGIA UTILIZADA

Enquanto reinarem a miséria, a fome, a doença, a mortalidade infantil, a superpopulação e o abandono de milhões de crianças nas ruas, não poderá haver paz. Nem em nossas consciências nem nas relações nacionais e internacionais". (WEIL, 1993, p.80)

Talvez pareça estranho que um trabalho sobre a gurizada de rua traga temas como paz, busca da vida, busca da morte, felicidade, liberdade, nascimento. Geralmente os trabalhos nessa área discutem, estudam e tematizam a violência, a morte num **sentido** de perda, derrota, opressão.

Penso que se pode trabalhar criativamente com os opostos, as contradições, ou quem sabe as complementaridades. O dia e a noite, o claro e o escuro, a alegria e a tristeza, a vida e a morte o yin e yang. Se buscarmos entender somente a violência que a *rua* traz, talvez não seja possível entender porque muitas vezes algumas crianças e alguns adolescentes são mais felizes na rua do que em casa, como parece ter sido o caso da Rose.

Como tive o privilégio de conviver diariamente com a Rose, decidi contar a sua história, a fim de que servisse de apoio aos estudos sobre a gurizada de rua, sob este enfoque metodológico.

1.1 - Porque história de vida

Utilizando como técnica de pesquisa - História de vida - poderei fazer uma análise qualitativa de sua vida, através de entrevistas com pessoas que a conheciam (amigas/os, família, educadoras/es, etc.), bem como através de documentos existentes sobre sua vida (processos criminais, avaliações das entidades de atendimento pelas quais passou, reportagens de jornais, etc.). Como a história de sua vida é entrelaçada na de outras crianças e adolescentes da rua, trabalharei também com observações destes jovens na rua, ou nos locais onde costumam encontrar-se (praças, jogos, abrigos, *mocós*,⁵ etc).

Assim a história de vida da Rose será contada por outras/os, por minhas lembranças e saudades, pelos mitos que já se criaram em torno da vida e morte de Rose. De tal sorte que

⁵Nome dado aos locais onde se abrigam. Geralmente são prédios ou casas que estão a venda ou aluguel, abandonadas, em demolição, terrenos baldios, etc.

essa dissertação não se resumirá a sua vida e sim a vida de todas/os, e neste todas/os incluem-se também a *nós* que a gurizada considera como *elas*, a sociedade.

Escolhi fazer história de vida, por considerá-la um instrumento acadêmico adequado para entender o que move a gurizada. Sabendo que esta técnica de pesquisa, não existe isoladamente. Como afirma QUEIROZ (1988, p.35)

uma técnica qualitativa como a das histórias de vida pode coexistir tranqüilamente com técnicas quantitativas como a da amostragem, desde que cada uma delas seja aplicada a um momento específico da pesquisa.

Continuando com a autora, “a história de vida é portanto uma técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social” (idem, p.36).

Dentro de uma definição colocada por CAMARGO (1990, p.81), o modelo de análise previsto pela história de vida não funcionaria como fonte complementar de dados, “mas como suporte principal que revela a rede de relações sociais. As experiências humanas são descritas em sua dimensão temporal e permitem alcançar os mecanismos de funcionamento da estrutura social que as contém”.

1.2 - Divisão dos tempos

A vida da Rose foi dividida em *tempos* de acordo com a forma pela qual foi vivida e do que foi possível historicizar. Mesmo sendo necessário pensar nosso tempo como não linear, para efeito de estudo, escolhi dividi-la desta maneira, apenas como maneira de entender melhor sua trajetória de vida. Em cada *tempo* busco nas entrevistas, jornais, arquivos, o **sentido** que a moveu, ou a falta de **sentido** que a dominou.

O conhecimento da sua história dar-se-á através das entrevistas que fiz tanto com adolescentes de rua, ou que já estão em casa, como com educadores, técnicos, *adultos* que trabalham com classes populares. As entrevistas foram feitas de diversas maneiras. Com os *adultos* elas foram realizadas tanto com gravações, entrevistas abertas, como entrevistas fechadas, onde os entrevistados receberam um questionário para responder. Também realizei entrevistas coletivas, gravadas. Ao todo foram 12 adultos entrevistados.⁶

⁶No Anexo I está a lista das/os entrevistadas/os, data das entrevistas, função de cada adulto e participações na vida da Rose. Durante o texto optei por colocar as entrevistas quase na íntegra. Apesar de parecer exagero, tive a intenção de dar ao leitor o processo de formação do pensamento das/os entrevistadas/os. Se ficassem

Com a gurizada da rua esses procedimentos foram bem mais complicados. Diversas vezes procurei-os, com o gravador na mão. Muitas vezes não queriam falar, saíam de perto quando solicitava que falassem da Rose. Outras vezes marcava um encontro e elas/es não apareciam.

Com três adolescentes foi possível fazer duas entrevistas em momentos diferentes. A primeira entrevista com o Fera, por exemplo aconteceu quando estava na rua, e a segunda quando já estava em casa, com a filha recém-nascida. A Mariana e a Joana foram entrevistadas quando não estavam na rua, e depois quando voltaram para as ruas. Estas duas últimas entrevistas considero muito significativas, pois trazem o **sentido** da rua, e o **sentido** de sair da rua⁷.

ALFANO (1994, s.p.) fez um estudo sobre gurizada de rua, através da narrativa de um *ex-menino de rua*. Trabalhou *Possibilidades de um caminho dito impossível*. Cito esta autora por ela referir a importância da narrativa, da lembrança. Segundo ela:

O ato de lembrar não é uma atividade passiva. A lembrança expressa e contada a um outro fala do personagem e do ator que conta, dos personagens vivenciados, e da relação que o personagem vivido ontem mantém com o personagem vivido hoje. É, ainda, imprescindível realçar que a narração de lembranças acontece em relação a um outro, um ouvinte que escuta e acolhe uma história.

Não foi possível entrevistar algumas pessoas importantes em determinados momentos da vida da Rose. Algumas por se negarem a falar, outras por estarem em locais não encontrados, outras por estarem na FEBEM, no presídio ou terem morrido. Por exemplo, no *Tempo de coca* não foi possível chegar ao local para conversar com parentes do *Neguinho*. Zuêra que me levaria lá, e já fizera até contato com os traficantes marcando nosso encontro, acabou sendo preso, impossibilitando-me de ir ao local. Outro jovem que poderia levar-me, começou a trabalhar, separou-se da *companheira* e não compareceu nas três vezes que marcamos.

Como poderá ser analisado durante o texto, muitas vezes não é fácil entrevistar ou acompanhar a gurizada. Ela não tem muita paciência de ficar parada, conversando. As entrevistas precisam ser rápidas. A entrevista mais longa que consegui foi com a Mariana e a

fora do texto talvez perdessem a sua importância. Busquei frases que considere importantes para minhas conclusões, destacando-as em negrito.

⁷ Optei por colocar no Anexo 2 as entrevistas na íntegra, apesar de utilizá-las durante o texto.

Joana, pois estavam juntas e acabou sendo uma conversa sobre diversos assuntos. Parece que quando o assunto é o *finado* não existe muito interesse, ou vontade de falar.

Após as entrevistas serem transcritas, organizei-as por temas comuns. Surgiram 73 temas que foram comuns entre educadoras/es e gurizada, sendo que alguns foram intensamente discutidos como por exemplo: *a razão para estarem na rua, as mudanças com o nascimento de um filho, a personalidade da Rose, o abrigo, a família, o futuro, o que buscam na rua, a droga, a FEBEM, etc.* Não sendo possível apresentar todos por falta de tempo em aprofundá-los, dei prioridade aos temas conforme puderam ser inseridos na trajetória da Rose. Alguns apareceram somente entre adolescentes e outros somente entre os adultos.⁸

Também serviram de recurso metodológico, os diários de campo que fiz em cada tarde passada na rua com a gurizada, ou sem a gurizada, observando movimentos, atores, de uma história que muitas vezes parece não ser nossa e sim do outro. Espero conseguir transmitir que a história de cada um deles é a história de cada um de nós.

Não busquei um quadro referencial único. Como dividi a história da Rose em diferentes momentos, busquei fundamentá-los a medida em que iam surgindo. Para isto diversos autores relacionados aos movimentos populares, espiritualistas; a Bíblia; Tao Te King. São antropólogos, filósofos, físicos, médicos, sociólogos, poetas, todos ajudando a escrever uma poesia sobre a vida, a morte e o **sentido**. Entretanto busquei, na medida do possível, autores que busquem explicações dentro do paradigma holístico que busca a não-dualidade, onde sujeito e objeto são, indissociavelmente, interdependentes e feitos da mesma energia (WEIL, 1993).

Devido aos diversos autores utilizados, e a história de vida aqui descrita, esta dissertação modestamente, pretende ultrapassar algumas barreiras de linhas teóricas. Se defendemos a não separatividade, a não dualidade, é preciso também não separar linhas de pesquisa, não limitar o conhecimento a um grupo de autores, ao que a tradição atribui como sendo objeto do conhecimento. Se conseguir esta ousadia, estarei seguindo os passos da Rose que ousadamente passa pela vida e espero que também com a mesma ousadia tenha passado pela morte.

⁸ No Anexo 1 estão os 73 temas listados. Alguns depoimentos importantes que não foram inseridos no texto, encontram-se no anexo 9.

2 - GURIZADA DE RUA, MENORES E ECA

...as crianças, cada vez mais, vão sendo socializadas para viver a infância não como o momento da esperança e do sonho, momento do que será, mas momento do que foi, do castigo e da punição sem sentido, pelo mero fato de serem filhos de pais que vivem, possivelmente, os últimos capítulos da história da extinção de sua classe social ou de seu grupo social. Mesmo quando lutam e resistem, neste país da impunidade, na carência de direitos e de respeito, são convocadas antes do tempo para as trincheiras do enfrentamento, obrigadas a viver os primeiros anos de suas vidas em verdadeiros campos de batalha ou em verdadeiros campos de trabalho quase compulsório. (MARTINS, 1993, p.11)

Gurizada de rua. Quando surgiu? Quando começou-se a utilizar a *fórmula* crianças e adolescentes? Será que sempre existiram?

Durante muitos anos falou-se de *menores abandonados*, *menores delinquentes*, *menores infratores*, *menores*.⁹ Alguns grupos como o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) começam a denominá-los de *meninos e meninas de rua* e não mais como *menores em situação irregular* ou *menores abandonados* como definia o antigo código de *menores*. A categoria *menor* até poderia apresentar um conteúdo aparentemente universal, somente do ponto de vista jurídico, pois de fato tornou-se um termo estigmatizante e pejorativo, pois era dirigido geralmente às criança delinquentes, pobres e negras (ALVIN, 1995, p.161). Segundo RIZZINI; RIZZINI (1996) a partir da metade da década de 80 surgiu uma nova forma de designar essa população como crianças e adolescentes que se encontravam na rua.

O MNMMR auxiliou na luta pela elaboração e aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) promulgado em 1990, assumindo também um papel de liderança na área de defesa da infância e juventude.¹⁰

⁹Diversos textos e pesquisas dão conta desta nova maneira jurídica de atendermos a infância a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Encontramos em RIZZINI (1993), AMENCAR; FEAAC (1993), BRUM; CENTURIÃO (1993), ADORNO (1993). MARCHI (1994) dissertação de mestrado em antropologia social em Florianópolis, traz diversas visões sobre a história das *crianças abandonadas* até chegarem a *crianças e adolescentes*. COSTA (1994), retrata de uma forma clara as mudanças introduzidas no ECA, alterações nas relações entre poderes públicos e entidades junto às crianças e adolescentes. Também ALVIN (1995) e PEREIRA JÚNIOR (1992). Outro livro, que relaciona tanto os momentos históricos do atendimento como diversas pesquisas relacionadas com *meninos/as de e na rua* é *O Trabalho e a Rua* organizado por FAUSTO; CERVINI (1996).

¹⁰Ele atuou junto com outras forças no mundo jurídico, nas políticas públicas e ONGs -organizações não governamentais - representadas pelo Fórum DCA - onde destacavam-se OAB, Soc. Bras. de Pediatria, e a ABRINQ - Assoc. dos Fabr. de Brinquedos representando o mundo empresarial, etc. Em 1986 ocorre em Brasília o I Encontro Nacional de Meninos e Meninas de rua. Conforme COSTA (1994) "esse grande evento vem por em evidência perante o País inteiro a natureza política e a identidade progressista do Movimento Nacional. Costa define os anos 80 como Uma década de mudanças".

A partir do ECA, não se fala mais em *menores* e sim em *crianças e adolescentes*. Não são mais cidadãos de segunda categoria, vivendo em *situação irregular*, como preconizava o antigo Código de *Menores*. Agora são sujeitos de direitos e devem ser tratados com absoluta prioridade. Infelizmente esta maravilhosa mudança ocorreu apenas na lei. O país ainda continua assistindo a massacres de adolescentes nas ruas e nas vilas, continua a morte de milhares de crianças por desidratação, por desnutrição, os poderes públicos permanecem preocupados mais com asfalto e placa de obra do que com o atendimento qualificado para infância e juventude.

PEREIRA JUNIOR (1992) faz um estudo histórico das políticas relacionadas com infância e juventude no país. Analisa os Códigos de Menores até chegar ao Estatuto (ECA) concluindo que apesar dele, ainda precisamos ultrapassar diversos mitos que estão ligados a antigos procedimentos em relação à infância. Um deles relaciona-se a *menorização*. A sociedade sustenta sua relação com uma parcela da população, embasada numa concepção de família burguesa. Para isso diferencia a criança e o adolescente, como assistidos em sua etapa de formação por uma família nuclear, não precisando buscar o próprio sustento. O *menor*, porém, apresenta-se no oposto, necessitando penetrar no mundo adulto. Como diz:

Criança não trabalha, "menor" trabalha. Criança não comete delito, "menor" comete. Crianças não causam medo aos adultos, já os "menores" fazem parte do cenário de violência urbana como autores de delito. Sua "condição irregular" os despoja dos atributos e características infantis. De tal maneira que, resumidamente, podemos dizer que, se por um lado a sociedade possui um instinto de proteção da criança, por outro cria mecanismos para se defender do "menor". (idem, p.27)

OLIVEIRA (1994) entrevistou Mário Volpi, na época presidente do MNMMR, o qual afirmava que "a existência de crianças, e até famílias inteiras, vivendo nas ruas é um problema antigo no Brasil, que remonta ao fim da escravidão. O êxodo rural e o inchaço desordenado dos centros urbanos, a partir dos anos 40, aprofundou-o". Mas a grande explosão, segundo Mário Volpi, começou a ser registrada no fim da década de 70, com a política dos governos militares, que acelerou a concentração de renda e multiplicou a pobreza no país. Nos anos 80, a situação piorou. A crise econômica ficou mais séria, o desemprego cresceu assustadoramente e o governo reduziu ao limite os investimentos na área social.

O resultado de tudo isso é que o país chegou à década de 90 com 9 milhões de famílias consideradas, oficialmente, como indigentes. Continuando com o autor,

Nessas famílias podemos contar, por baixo, 15 milhões de crianças. E se nem todas vivem, hoje, nas ruas, a quase totalidade busca, ou logo vai estar buscando, ali o seu sustento. Muitas pessoas não enxergam esses meninos e meninas como crianças que têm todos os seus direitos negados, mas reagem como se elas tivessem optado por viver nas ruas (OLIVEIRA, 1994, p.14-15).

Diversas entidades dizem atender a gurizada de rua. Caso se contabilizasse a demanda com quem diz atendê-la, não existiria criança de rua suficiente para tanto atendimento. Por isso é preciso diferenciar o que é atendimento para criança e adolescente empobrecido e o que é atendimento à gurizada de rua. Podemos até dizer que toda a gurizada de rua é pobre, mas a recíproca é falsa (ROSEMBERG, 1996). Esta falsidade ocasiona diversas aberrações, desde a conquista de verbas públicas, até a forma de trabalho. É como se para as/os de rua, qualquer tipo de trabalho servisse, e qualquer tipo de pessoa fosse bem vinda. O voluntariado cresce bastante neste ramo de atividade, bem como a prestação de serviço exercida por entidades religiosas com caráter doutrinário. Se o trabalho não dá resultados, a culpa será das crianças e adolescentes atendidos e não a falta de capacitação das/os voluntárias/os e inadequação de caráter institucional.

2.1 - Gurizada de rua e gurizada na rua

Para um melhor entendimento do grupo que estudei, é necessário aprofundar sobre os critérios de pertencimento ou não ao grupo chamado de rua. Existem diferenças que já foram aprofundadas por diversos autores. CRAIDY (1996), em sua tese de doutorado, analisa as diferentes pesquisas que discutem o tema do número de crianças que estão na rua e que são de rua. Para ela

...o fenômeno meninos de rua é antes de tudo um fluxo que expressa um movimento de exclusão social mais amplo e se manifesta de forma particular na infância por ser ela o seu elo mais frágil (idem, p. 23).

Herbert de Souza, na introdução da pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - IBASE (1992, p.4) tentando realizar um levantamento do número de crianças e adolescentes no Rio de Janeiro, refere a discrepância das estatísticas afirmando que não existem milhões de crianças e adolescentes nesta situação (de rua). As crianças pobres são representadas por este número. As crianças abandonadas estariam na casa dos milhares e as que vivem e dormem nas ruas não deveriam ultrapassar 10 mil, segundo pesquisas mais recentes.

O fato do número não ser tão elevado não torna o problema menos grave. Segundo HERINGER; PEREIRA JÚNIOR (1993, p.1) o “efeito desta armadilha numérica é a utilização de uma ordem de grandeza astronômica como um argumento que justifica a paralisia não só do Estado, mas de outros setores da sociedade brasileira”.

PEREIRA JÚNIOR; DRSCKA (1992) consideram complexa a discussão acerca da possibilidade de quantificar os denominados *meninos e meninas de rua*. Pensam que o *estar* na rua possui diversos significados e possibilidades. Consideram que apenas um pequeno número de crianças efetivamente não possui referência e domicílio ou família sendo, como se diz no senso comum, *abandonada*. Continuam:

Quando falamos em “criança de rua” devemos ter claro que estamos nos referindo a uma interseção possível entre a existência de uma infância e adolescência pauperizada e a rua como um espaço potencial de vivência (não só material). Momentos de crise como o atual demonstram que a ocupação deste espaço tende a crescer, não apenas por crianças (idem, p.87).

Esses autores consideram que o fato de uma parcela urbana da população infanto-juvenil pauperizada não estar na rua não significa que estejam em condição satisfatória de atendimentos dos seus direitos.

Numa pesquisa realizada pela Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social do Estado de São Paulo, em 1993, discutida num artigo de Fúlvia ROSEMBERG (1996, p.55) foram feitas algumas conclusões:

1 - O número relativamente reduzido de crianças/adolescentes em situação de rua diante da extensão da pobreza na cidade e na Região metropolitana de São Paulo e a ausência de programas e propostas que, assim, mesmo dêem conta das necessidades desse grupo populacional;

2 - a configuração de um padrão no uso das ruas por crianças e adolescentes, evidenciada tanto pela composição demográfica do grupo (predominantemente púberes, de sexo masculino e negros) quanto pela divisão sexual de atividades aí desenvolvidas;

3 - a diversidade de situações (e determinações, possivelmente) em que se encontram crianças/adolescentes na rua, porém com predominância do trabalho e a presença residual de atividades infracionais, afastando-os do retrato estereotipado que tem alimentado o imaginário social;

4 - uma presença na rua de um pequeno contingente de filhos e filhas de famílias pobres, sugerindo que se atente, com muito cuidado, para generalizações abusivas sobre o descuido, o abandono ou a “anomia” de tais famílias [grifo meu].

São Paulo concentra tanto a riqueza quanto a miséria. Se esta é a situação das crianças e adolescentes nas ruas paulistanas, guardadas as proporções, esta deve ser a situação em

outros grandes centros urbanos no Brasil. Adiante, farei referências a outras pesquisas, enfatizando o que é comum em Novo Hamburgo e outros locais.

Segundo dados do SOS Criança do Rio de Janeiro (THURY FILHO; KACHANI, 1996, p.48) são os seguintes os números da Atividade Infantil:

"40.000 menores de 18 anos perambulam pelas ruas dos principais centros urbanos do país.

80% deles vivem com a família

10.000 dormem nas ruas

De cada oito crianças que circulam pelas cidades:

cinco pedem esmola

duas vendem balas, chocolates, frutas ou limpam pára-brisas

uma rouba

As que pedem esmola ganham, em média, 20 reais por dia

Uma em cada quatro crianças que estão nos sinais frequenta a escola

70% das crianças que pedem esmola estão em companhia da mãe. -

Fonte: SOS Criança/Secretaria municipal do Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro / Sociólogo Rubem César Fernandes (p.48).

CRAIDY (1996, p.34) define o perfil do/a menino/a de rua, diferenciando-os/as dos/as meninos/as infratores/as e de gangues, como meninos/as sem uma preocupação com as roupas, aparência, e sem projetos de vida: "não acumula bens, gasta tudo o que obtém imediatamente. Tudo é descartável". A autora afirma que essas pessoas não têm projeto de vida e "não sabem prever o futuro".

2.2 - O tema da moda

O assunto *meninos e meninas de rua* foi tema constante em discussões na área da criança e adolescência, na década de 80 e início de 90. Diversas pesquisas foram feitas sobre o assunto, os relatórios e projetos de atendimentos das entidades filantrópicas (ONGs) precisavam falar neste tema para receberem financiamento ou parceria. Mas, mesmo assim não

se avançou o suficiente. Por mais projetos que se criem, a realidade não se modifica¹¹, nem melhora a sensibilidade da sociedade em relação a elas/es. Como desabafa APTEKAR (1996, p.154) no início de seu artigo:

Embora eu possa imaginar o motivo pelo qual elas são desprezadas - ser sujo, ser difícil de ser controlado pelas autoridades e provocar danos são motivos suficientes de desprezo - penso ser difícil entender o nível de violência do qual são vítimas.

Também Ziebell, na pesquisa organizada por BECKER (1994, p.60) revela o caráter discriminatório que a sociedade continua tendo com essa parcela da sociedade:

Percebe-se o quanto a ideologia dominante é reproduzida e de sua capacidade de se colocar como única e verdadeira para toda população que chega a aceitar que os que não se "enquadram" a determinados tipos, modelos, são prejudiciais, devem ser afastados do convívio dos ditos normais, restando o conformismo de que sempre foi assim. Este tipo de comportamento é reforçado por paradigmas funcionais que ao interpretarem a realidade, o fazem de forma unilateral e mascarada, apontando como disfunções aquelas contradições que exploram e dominam a grande maioria da população. Nos perguntamos quão normais e funcionais são as pessoas e organizações que em nome do "bem estar" e "tranquilidade" de uma elite, prendem, surtam, discriminam, matam, negando um mínimo de respeito às crianças que, já antes de nascer, têm negado seu direito à habitação, saúde, alimentação, educação e outros direitos básicos e quão normal é uma sociedade que vai mais além, exterminando em massa suas crianças e adolescentes quando estes ousam passar do conformismo à resistência para confronto e reivindicação pelos mesmos direitos que lhes são negados.

Segundo RIZZINI; RIZZINI (1996), as pesquisas nessa área dividiram-se em dois momentos. O primeiro momento vai até o final da década de 80, onde os pesquisadores preocuparam-se em reconhecer o fenômeno a nível nacional, não diferenciando os grupos de crianças encontradas na rua. Somente apresentavam um perfil da gurizada, destacando suas características, origem, atividades, inserção familiar, sobrevivência e assim por diante.

Num segundo momento, as pesquisas buscavam distinguir os grupos existentes na rua. Assim surgiram as denominações *meninos/as de rua e meninos/as na rua*. Com essa diferenciação nascida das pesquisas empíricas foi possível verificar que a maioria dos/as que estão na rua retornam aos seus lares no final do dia.

Essas pesquisas puseram por terra o preconceito social de que toda a criança que está na rua é abandonada, e os pais são omissos. O que foi confirmado é que "tratam-se de crianças pobres, precocemente imbuídas da responsabilidade de participarem do orçamento familiar". (RIZZINI & RIZZINI, 1996, p.76)

¹¹ Quando falo em modificar a realidade não me refiro à realidade social, pois esta não será modificada por entidades de atendimento. Falo da realidade da vida da rua, que é muito mais complexa do que se possa imaginar.

Na atualidade, parece que estamos num momento do Trabalho Infantil. É o assunto da moda. As pesquisas, os projetos, as negociações, os financiamentos giram em torno deste tema. Quem realiza algum trabalho com a gurizada de rua tem dificuldades em obter algum financiamento.¹²

RAMOS (1997) apresentou um trabalho na 20ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED que é parte de sua tese de doutorado, onde pesquisou educadores que trabalham com crianças e adolescentes de rua. Justificou o tema pois “constatou uma diminuição do número de projetos atuantes na área do Rio de Janeiro”. Seu estudo foi realizado com doze educadores de rua de entidades diversas.

No tempo em que trabalhei como conselheira Tutelar, e militando na Comissão Local do MNMMR e após, como educadora social de rua, procurei muitas respostas as diversas inquietações que me afetavam. Não apenas eu, mas todo o grupo com o qual trabalhava. Observávamos que existia pouca literatura a respeito de como trabalhar com essa *gurizada*. A maioria dos textos que possuíamos não traziam a pedagogia de trabalho do dia a dia com eles. Muitos relacionavam-se ao trabalho de rua. Mas estávamos iniciando um atendimento de abrigo¹³ e não encontrávamos respostas para questões do tipo: como trabalhar limites, droga, sexualidade, violência, auto-estima, etc.

Existem poucas pesquisas buscando explicações para a lógica do processo que os leva para a rua e os mantém lá. Como a maioria das pesquisas enfocam predominantemente as crianças que trabalham nas ruas mas permanecem vinculadas à família, pouco se sabe sobre aquelas que vivem nas ruas (RIZZINI & RIZZINI, 1996).

Conforme MARQUI (1994, p.18), ao pesquisar o que existe na área de trabalho com crianças e adolescentes de rua, concluiu que na maioria dos estudos feitos não houve “um

¹²Falo desses *temas da moda* por participar de uma ONG que trabalha com gurizada de rua. Atualmente estamos com sérias dificuldades financeiras pois não existe mais financiamento na área. Não que o *problema* (crianças na rua) tenha acabado, mas o interesse agora está voltado para outro *problema* (trabalho infantil), não menos importante. Parece que hoje uma criança na rua não sensibiliza mais, entrou na *banalização*. O que agora sensibiliza a sociedade é uma criança trabalhando. Seria interessante um estudo sobre *os temas da moda*. Acompanhamos entidades que modificam seu atendimento de acordo com o que está na *ordem do dia*. “Agora não é gurizada de rua, agora precisamos trabalhar geração de renda ou ecologia”. E assim as entidades vão modificando seus atendimentos, geralmente sem modificar sua *clientela* - crianças empobrecidas.

¹³Sobre este trabalho, ver relato que fiz sobre a *construção* da Casa Aberta em Novo Hamburgo, em FRIEDRICH (1996).

contato mais íntimo e/ou prolongado com os sujeitos investigados. As pesquisas e reportagens foram feitas preferencialmente através de entrevistas, questionários, pesquisas de arquivo e não através da observação direta e diária, que possibilitaria uma caracterização mais detalhada do modo de vida e do cotidiano dessas crianças e adolescentes”. Mesmo assim, a autora cita algumas pesquisas que tiveram a preocupação de uma busca mais centrada em seu cotidiano.

Talvez por essa dificuldade na literatura sobre o assunto, autorizo-me a relatar o que vivi e vivo com essa gurizada. Isso é possível porque convivi durante três anos com a Rose, e destes, três meses morando juntas. Não foi muito tempo, mas foi o suficiente para inquietar-me frente aos diversos motivos que fazem com que elas/os *optem* pela morte tão precocemente.

3 - ROSE, UM CAMINHO OU UMA POSSIBILIDADE?

Rose foi uma adolescente branca, *adotada* por pais negros, e que viveu tanto tempo nas ruas, tendo envolvimento com drogas, furtos, prostituição e violência. Teve também muitas/os amigas/os e muitas alegrias. Era soro-positiva e, certamente, a AIDS apressou sua morte.

Da Rose, que sempre brigou pela liberdade, restou apenas um número numa das sepulturas de concreto do Cemitério Municipal de Novo Hamburgo. Por muito tempo nem ao menos houve uma cruz para sinalizar a ausência de sua presença.

Conforme MARRE (1991, p.117)

esse método de coletar histórias de vida, o básico não é a neutralidade, mas a cooperação empática, a igualdade substancial frente à verdade e o risco corrido pelo pesquisador, para levar o sujeito à plena expressão de sua experiência humana, no campo constitutivo de sua relação em um grupo social e, através dela, com a sociedade global.

Quando se pensa em escrever uma história de vida, não se busca apenas mostrar uma forma de viver melhor ou pior, um jeito mais correto ou menos correto. Procura-se, isso sim, fazer relações com outros sujeitos que possuem características comuns, modos semelhantes de compreender e olhar a vida, ou mesmo de combater tais características.

*Rose Careca*¹⁴, como a chamavam na rua, era uma adolescente que vivia na rua em Novo Hamburgo. Dormia nos *mocós*, almoçava na *Vó*, restaurante que fornecia comida à gurizada após às 14 horas; dividia o *cheirinho*, droga utilizada, a base de solvente e defendia as crianças que viviam na rua. Era a *mãe* da rua¹⁵. Para os organismos policiais e judiciários era um *elemento perigoso*, pois roubava e liderava negativamente a gurizada, na rua.

Muitas tentativas fez para sair das ruas, mas não conseguiu. Será possível outra vida para aquelas que romperam laços com a família, sociedade, controle e moral? A vida na rua não traz só liberdade como é senso comum pensar. A vida na rua significa também cortar laços, romper ligações, sofrer violações, e ter medo.¹⁶

3.1 - Realidade hamburguesa e nacional, o que dizem as pesquisas

O município de NH, possui uma área de 222,51 km². Desta área, 78,84 km² concentram-se na área urbana e 143,67 km² em área rural. Conta, atualmente, com uma população de 226.070 habitantes, sendo 221.549 residindo em área urbana e 4.521 na zona rural. É uma população constituída por uma parcela significativa de migrantes de inúmeras regiões do estado, causando uma superação das taxas de crescimento vegetativo do estado. Trata-se de uma cidade tipicamente industrial, com destaque para as atividades coureiro-calçadistas. Está distante 45 km da capital do estado - Porto Alegre.¹⁷

¹⁴ Descobri a razão do apelido quando já saía da Casa de Passagem (junto com albergue), entidade cujo diretor (Gilberto) conheceu bastante a Rose, pois antes de estar ali trabalhava na Assistência Social da prefeitura e foi diretor do Albergue que iniciou o atendimento noturno às gurias de rua. Na saída da Casa de Passagem estava *Mariazinha* pessoa que há anos mora e ajuda naquele lugar. “Estávamos saindo, e o Beto falou da *Mariazinha*, que estava lavando um carro na garagem. Comentou que ela está quase saindo de lá. Há oito anos mora no albergue [...] . Beto [Gilberto] coloca que ela ajuda muito lá, ela sorri concordando. Ele perguntou se ela se lembrava da *Careca* apelido da Rose, disse que sim, lembrava-se da *Careca*. Perguntei por que deste apelido, ela disse que quando ela era pequena (talvez uns nove, dez anos) os brigadianos raspavam sua cabeça que estava cheia de piolhos. ‘*Mas foi maldade*’. Desde aquele dia ficou com este apelido, de *Rose Careca* (Diário de campo de 16.05.97) Talvez daí venha a mania do boné, que sempre usava e só precisou tirar quando entrou na FEBEM ou foi hospitalizada no Hospital São Pedro para desintoxicação e no de Viamão.

¹⁵ No depoimento de Joana é possível observar este tipo de relação: “Eu conheci ela quando eu era bem pequena e eu me perdi no centro, numa parada e daí **ela me levou pra casa dela** e disse se então eu não queria posar lá, e me levou pra casa dela. E nós fomos indo e daí minha mãe foi lá pra me pedir pra voltar para casa. Nós ficamos mais um tempo junto, daí. Foi bom ficar com ela né, daí **eu não queria mais sair de perto dela**. Saía junto. **Ela comprava o que eu queria. Quando eu tinha dinheiro eu comprava o que ela queria**. E, era muito legal. Mas tinha outras gurias que não gostavam dela” (Entrevista realizada em 19.11.96).

¹⁶ LUNARDI; MAGNI (1995) trazem diversas histórias sobre adolescentes e adultos de rua, quando *optaram pela rua* e o que sentem em relação a sociedade, família, polícia, etc. A violência e o medo são uma constante nos depoimentos. Também textos como o de ATAÍDE (1993), BECKER (1994), entre outros adiante citados, referem o que pensa a gurizada de rua.

¹⁷ Dados retirados do Guia Econômico do Vale (1997).

De acordo com o censo de 1991, a população era assim dividida:

Resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios.

POPULAÇÃO RESIDENTE - 205.669

Homens - 101.408

Mulheres - 104.261

Tabela 1¹⁸ Classificação da população, segundo a raça e gênero

RAÇA	TOTAL	HOMENS	MULHERES
branca	187.300	91.761	95.539
amarela	41	29	12
Negra	5.055	2.517	2.538
parda	12.714	6.816	5.898
indígena	95	60	35
sem declaração	464	225	239

Fonte: IBGE, Censo 1991

Tabela 2 - População residente por grupo de idade (até 19 anos):

	TOTAL		0 A 4 ANOS					5 a 19 ANOS		
	Total	Total	0 a 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5-9 anos	10-14 Anos	15-19 anos
	205.668	21.893	4.556	4.362	4.449	4.296	4.230	21.261	19.949	17.923
Fem.	104.261	10.674	2.247	2.174	2.153	2.054	2.046	10.427	9.773	8.873
Masc.	101.407	11.219	2.309	2.188	2.296	2.242	2.184	10.834	10.176	9.050

Fonte: IBGE, Censo 1991.

Pelos dados, o número de crianças e adolescentes até 19 anos é 81.026, perfazendo 39,40% da população total.

¹⁸ A utilização de diversas tabelas durante a dissertação tem a intenção de demonstrar através das pesquisas realizadas, a ordem econômica e social da cidade de Novo Hamburgo, e mais adiante, a comparação entre diversos lugares da realidade da gurizada que está na rua.

Tabela 3 - Domicílios e pessoas moradoras, por classes de rendimentos nominal médio mensal, do chefe do domicílio, renda média:

FAIXA	DOMICÍLIOS	PESSOAS	RENDA MEDIA CHEFE
ATE 1/4	152	468	7.743,82
+de 1/4 a 1/2	3.293	10.980	16.652,80
de 1/2 a 3/4	4.327	14.783	22.434,71
+de 3/4 a 1	3.065	10.754	32.454,33
+de 1 a 1 1/4	4.973	17.733	41.481,88
+de 1 1/4 a 1 1/2	3.815	13.596	49.659,30
+de 1 1/2 a 2	6.796	24.4431	63.438,57
+de 2 a 3	9.816	35.175	89.409,87
+de 3 a 5	8.644	30.084	140.734,57
+de 5 a 10	7.350	25.268	250.303,14
+de 10 a 15	2.385	8.390	447.012,32
+de 15 a 20	921	3.243	625.977,56
+de 20	1.394	5.155	1.221.334,5
Sem rendimento	1.077	4.075	
Sem declaração	113	404	
TOTAL	58.121	204.539	144.092,26

Fonte: IBGE, Censo 1991.

De acordo com os dados, em 27.498 (47,31%) domicílios os chefes recebem até 2 salários mínimos, contabilizando um total de 96.820 pessoas. Somente em 2,40% dos domicílios o chefe recebe acima de 20 salários mínimos, significando 2,52% das pessoas.

Já segundo o Guia Econômico do Vale, 62% da população hamburguesa recebe até 2 salários mínimos e apenas 1,16% recebe acima de 20 (década de 80 a 90).¹⁹

No Brasil, dados de 1989, mostram que o país contava com uma população de crianças e adolescentes (0 a 17 anos) da ordem de 59 milhões, representando 41% da população. A situação em que vive a maioria desta população brasileira é extremamente precária. Naquele ano (1989), cerca da metade - 50,5% - das crianças e adolescentes fazia parte de famílias cujo rendimento mensal per capita era, no máximo, de meio salário mínimo. (RIBEIRO; SABÓIA, 1993)

Como visto acima, Novo Hamburgo não difere da situação de miséria do resto do país no entanto esta miséria está escondida, escamoteada. Dados oficiais apresentam 32 milhões de pessoas vivendo em situação de miséria ou indigência, numa população nacional de 160 milhões. O Brasil é campeão mundial em termos de concentração de renda. 80 milhões de habitantes têm acesso a 12% da renda do país, enquanto 1% das famílias mais ricas alcançam

¹⁹ Dados retirados de publicação feita pela Secretaria Municipal de Educação, na divulgação do Plano Decenal de Educação. 1990

15%. “Não é exagero considerar que a situação é simplesmente explosiva” (SANTOS, Prefeitura, 1995, p.2).

Dados importantes, divulgados no Guia Econômico do Vale (1997) informam que a cidade de Novo Hamburgo está classificada como a segunda cidade no Vale dos Sinos (perdendo apenas para Canoas) em termos de taxa de crescimento²⁰. Mas em renda per capita está em vigésimo primeiro lugar.

De acordo com a prefeitura municipal, 12.597 famílias vivem em subabitações. Segundo o diretor de Habitação da Prefeitura, Luiz Percy Denardim Filho, em áreas de risco e beira de arroios vivem cerca de duas mil famílias (EBEL, 1997).

Por estranho que possa parecer, toda essa miséria não parece refletir no número de crianças na rua. Encontramos cerca de 50 crianças e adolescentes nas ruas do centro da cidade, sendo que destes, em torno de 15 fazem dela seu local de moradia. Os demais retornam para as casas após passarem o dia vendendo raspadinhas, frutas, esmolando, cuidando de carros, etc. (CEAMEM, 1997)

A prefeitura de São José do Rio Preto, cidade de porte médio em São Paulo, após alarmar-se com o problema de grupos de crianças e adolescentes que viviam em uma casa de força elétrica subterrânea, que rendeu diversas reportagens nos jornais e televisão, resolveu fazer um censo para conhecer a realidade. O número de habitantes na cidade é de 274.981. Encontraram 131 crianças e adolescentes na rua. (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, Prefeitura; et al, s.d. p.15)

O IBASE (1992, p.5-9), realizou, junto com outras entidades, algumas pesquisas nos maiores centros urbanos, onde constatou: Rio de Janeiro, 1986, foram contadas 429 crianças dormindo nas ruas. Já em 1992 foram encontradas de madrugada, 692 crianças e adolescentes. Fortaleza, 1987, 1.172 crianças e adolescentes na rua desenvolvendo diversas atividades no turno da noite, não sendo contabilizadas na madrugada. Salvador, 1990, no turno da madrugada, 146 crianças encontravam-se na rua.

LUSK; MASON (1993), realizaram um estudo sobre a tipologia de crianças e adolescentes que transitam pelo espaço das ruas, classificando-os como *Trabalhadores de Rua*

²⁰ O Vale do Sinos conta com 35 municípios.

com Base Familiar; Trabalhadores de Rua Independentes; Crianças de Rua e Crianças de Famílias de Rua”. Dentro desta classificação, meu objeto de estudo situa-se junto as “Crianças de Rua”.

Segundo os autores “as crianças verdadeiramente ‘de rua’ perderam o contato com a família. Elas moram nas ruas o tempo todo e não visitam seus velhos lares”. (idem, p.166) “Este grupo é impressionantemente diferente dos outros. Mais de dois terços sofreram algum tipo de abuso físico ou sexual, ou ambos”, poucos vão à escola. “Sessenta por cento admitem ganhar a vida de maneira ilegal e 80% falam abertamente do uso regular de drogas”. Continuando na pesquisa citada, “o fato de 80% deles (cerca de 100% dos meninos nessa categoria) terem passado por instituições para *menores* carentes reflete até que ponto eles se afastaram da sociedade. Muitos passaram pelas portas giratórias dos reformatórios diversas vezes”. (idem, p. 165)

HERINGER; PEREIRA JÚNIOR (1993, p.2), assim como CRAIDY (1996) afirmam que “o ‘estar na rua’ não é um fenômeno estanque, mas sim um fluxo contínuo e irregular”.

Segundo pesquisa realizada pela equipe do PROGRAMA PIÁ-2000 do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (1996)²¹ em Novo Hamburgo, existem 125 crianças e adolescentes em situação de rua. O CEAMEM (1997)²² realizou uma pesquisa somente no centro da cidade, que foi divulgada em maio de 1997. Encontrou 54 crianças e adolescentes na mesma situação.

Abaixo transcrevo alguns resultados dessas pesquisas, comparando-as com pesquisas de outras cidades a fim de saber o que é comum ou não na população que tem na rua sua referência principal.²³

²¹ A pesquisa feita pelo Programa Piá 2000, do governo do Estado, foi realizada em todos os municípios do estado com mais de 100 mil habitantes, exceto Porto Alegre. Realizou-se em três etapas: o mapeamento, a contagem e a abordagem, que iniciou em setembro terminando em dezembro de 1996.

²² Mais dados sobre o CEAMEM e sobre a realidade da gurizada de rua de NH, bem como alguns trabalhos desenvolvidos com eles, podem ser encontrados em duas Coletâneas do Curso de PPGEDU - de A. BRUSIUS e N. FRIEDRICH (1995) e N. FRIEDRICH (1996). Os dois textos foram desenvolvidos para avaliar alguns trabalhos existentes com gurizada de rua em Novo Hamburgo. Participei da fundação do CEAMEM, trabalhei como educadora social de rua e atualmente sou membro da diretoria da entidade. Busco auxiliar nas atividades através das pesquisas que faço, retornando à equipe de trabalho, minhas considerações. Também participo semanalmente das reuniões das/os educadoras/es, procurando auxiliar pedagogicamente nas atividades.

²³ Tomei como base as duas pesquisas feitas em Novo Hamburgo (CEAMEM e GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - Programa Piá 2000), e a feita pelo SONAR SOS Criança de São Paulo. Esta

As tabelas comparativas são de minha responsabilidade, uma vez que as pesquisas foram feitas em momentos diferentes e por entidades também diferentes, não havendo ainda sido feito estudos comparativos.

Para a realização da pesquisa do CEAMEM foram escolhidos 6 pontos, pois, segundo constatação das/os educadoras/es da entidade, eram os locais onde havia maior concentração dessas crianças e adolescentes. São eles:

Praça do Imigrante, Praça Punta Del Leste (Shopping), Rótula do Pio XII, Antiga Estação Rodoviária, Parágrafo (Av. 1º de Março), Igreja São Luiz.²⁴

3.1.1 - Sexo

Tabela 4 - Classificação da gurizada na rua em Novo Hamburgo segundo o gênero

SEXO	CEAMEM		PIA 2000	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%
Masculino	48	88,88	110	88
Feminino	6	11,12	15	12
Total	54	100	125	100

Fonte: CEAMEM e Programa Piá 2000

Comparando com outras pesquisas, a presença masculina é sempre maior que a das meninas²⁵. Parece que estas costumam vir para rua mais cedo, saindo quando chega adolescência. Na pesquisa de SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (s.d, p. 16) foram encontradas de um total de 131 sujeitos, 56 gurias e 75 guris. Notaram que a medida que aumenta a idade diminui o número de gurias, defendendo que este dado merece ser melhor explorado, a fim de entendermos melhor a dinâmica da situação de rua por gênero. A pesquisa de São Paulo encontrou:

última foi escolhida por ser mais recente, apesar de retirar seus dados de uma publicação do jornal, onde não há um aprofundamento maior da metodologia utilizada. Mesmo assim, os dados apresentados confirmam os divulgados em pesquisas mais sistematizadas. A pesquisa foi divulgada por TAGLIAFERRI, Mauro (1997)

²⁴ No anexo 3 está a localização de cada ponto, principais atividades, número de crianças e adolescentes, fonte de renda e tipo de droga utilizada.

²⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (s.d.), IBASE (1992), RIZZINI; RIZZINI (1996).

Tabela 5 - Classificação das gurizada de rua em São Paulo, segundo o gênero

Masculino	69
Feminino	31

Fonte: SONAR SOS Criança.

Para RIZZINI; RIZZINI (1996, p.77), embora não exista um aprofundamento dessa questão de gênero, as pesquisas apontam que as famílias procuram, sempre que possível, manter as gurias em casa, seja para ajudar nas tarefas domésticas ou para evitar que caiam na prostituição. Mas não é possível confirmar os dados, pois as pesquisas apresentadas não se preocupam com esta questão.

3.1.2 - Faixa etária:

A idade dos/as entrevistados/as de acordo com o CEAMEM varia dos 7 aos 16 anos, sendo do total, 23 crianças (42,59%) e 31 adolescentes (57,41%). Segundo o ECA é considerada criança pessoa de zero a doze anos e adolescente de doze até os dezoito anos.

Tabela 6 - Gurizada na rua, segundo a faixa etária - CEAMEM

IDADE	Nº	%
0 a 12	23	42,59
12 a 18	31	57,41
Total	54	100

Fonte: CEAMEM

Tabela 7 - Gurizada na rua, segundo faixa etária - Programa Piá 2000

IDADE	0 a 5	6 a 8	9 a 11	12 a 14	15 a 17	total
Masculino	5	11	24	26	44	110
Feminino	1	0	3	3	8	15
Total	6	11	27	29	52	125

Fonte: Programa Piá 2000

Pesquisas apontadas por RIZZINI; RIZZINI (1996) apontam que a faixa etária da gurizada na rua está, em média, entre os 7 e 17 anos, concentrando-se na faixa dos 11 aos 14 anos, o que também é confirmado em Novo Hamburgo.

Pesquisa feita em São Paulo, entre abril e junho de 1997, pelo SOS Criança, órgão ligado à Secretaria de Estado da Criança, Família e Bem-estar Social, constatou as diferentes atividades e comportamentos de 525 crianças e adolescentes de rua em 11 pontos da cidade. Quanto a idade, surgiu:

Tabela 8 - Gurizada na rua de São Paulo, segundo faixa etária

Idade	%
0 a 6 anos	9
7 a 9 anos	9
10 a 12 anos	34
13 a 15 anos	33
16 a 18 anos	14
S/informação	1

Fonte: SONAR SOS Criança.

Os dados acima, confirmam os registrados nas outras pesquisas, sobre a idade predominante nas ruas. Na pesquisa de SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (s.d., p.15-16) em relação a este ponto, encontraram 60% dos sujeitos entre 10 e 14 anos de idade.

3.1.3 - Origem e procedência:²⁶

Na pesquisa realizada pelo CEAMEM, das/os entrevistadas/os, a grande maioria é natural de NH, 36 (66,66%).

Já o bairro de maior procedência da gurizada é o bairro Santo Afonso, na zona sul da cidade, com 16 (29,62%), em segundo lugar aparece o bairro Canudos, zona leste, com 9 (16,66%), seguido dos bairros Primavera (zona oeste) e vila Kraemer (zona leste com 4 (14,81%), juntamente com a Vila Brás, pertencente ao município de São Leopoldo. 27,76% dos entrevistados são procedentes dos municípios vizinhos de São Leopoldo (22,21%) e Sapucaia do Sul (5,55%).

Tabela 9 - Origem da gurizada na rua em Novo Hamburgo

NATURALIDADE	Nº	%
Cruz Alta	1	1,85
Estrela	1	1,85
Ijuí	1	1,85
Novo Hamburgo	36	66,66
Porto Alegre	1	1,85
Santa Catarina	5	9,25
Santo Ângelo	3	5,55
São Leopoldo	3	5,55
Sapucaia do Sul	2	3,70
Taquara	1	1,85

Fonte: CEAMEM

²⁶ A pesquisa realizada pelo PIÁ 2000 não fez referência a origem de procedência, ficando somente presente a pesquisa realizada pelo CEAMEM.

Tabela 10 - Procedência da gurizada na rua em Novo Hamburgo

Procedência	Número	%
Santo Afonso	16	29,63
Canudos	09	16,67
Vila Brás (S.L.)	08	14,81
Primavera	04	7,41
Vila Kracmer	04	7,41
Santos Dumont (S.L.)	03	5,55
São José	02	3,70
Trensurb (Sapucaia)	02	3,70
Costa Rica	01	1,85
Vila Dique (S.L.)	01	1,85
Visital	01	1,85
Rio Branco	01	1,85
Vila Nova	01	1,85
Guarani	01	1,85
Total	54	100

Fonte: CEAMEM

Sendo a maioria das/os entrevistadas/os natural de Novo Hamburgo, é possível observar que as famílias até podem ser migrantes, mas a gurizada nasceu aqui, confirmando o que disse JUÁREZ (1996) que não acredita que a migração seja motivo para elas/es irem para rua.

Os bairros da cidade de onde provém a gurizada são os que possuem *menor* infraestrutura em relação ao atendimento a crianças e adolescentes. O bairro Santo Afonso possui apenas uma creche comunitária, e nenhum extra-classe. Vila Brás, de São Leopoldo também é marcado por miséria e falta de recursos. O outro bairro, Canudos é o maior bairro de Novo Hamburgo, abrigando 1/3 da população da cidade.

3.1.4 - Raça

Em relação a etnia, nenhuma das pesquisas realizadas em Novo Hamburgo (CEAMEM ou Piá 2000) abordou o tema. Num artigo que escrevi, em conjunto com BRUSIUS (1995) quando da implantação da Escola Aberta²⁷ no município, fizemos um levantamento em relação ao tema. Naquele ano 25 adolescentes frequentavam a Escola, sendo que 3 moravam em casa, 9 num abrigo da prefeitura e 13 na Casa Aberta, mantida pelo CEAMEM. Destes 25 adolescentes 12 eram brancos e 13 negros, sendo portanto a maioria negra.

²⁷ A Escola Aberta, mantida pelo poder público municipal, foi criada para atender a gurizada de rua que estava fora da escola. Na época quase todas as crianças e adolescentes que encontravam-se na rua foram

RIZZINI; RIZZINI (1996) referem essa falta de preocupação das pesquisas em relação à etnia. Comentam sobre uma pesquisa feita no Rio de Janeiro (RIZZINI, 1986) onde encontrou uma percentagem de 28% de crianças e adolescentes de cor branca, sendo, portanto, a maioria composta de negros e pardos (p.77).

3.1.5 - Escolaridade:

Tabela 11 - Escolaridade no município, em relação aos chefes de domicílios:

TOTAL	ANOS DE ESTUDOS					
	s/ instr e - 1 ano	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14 anos	15 ou + anos
58.121	4.745	11.300	26.442	6.357	6.591	2.686

Fonte: IBGE (1994)

Tabela 12 - Gurizada de rua que freqüenta ou não a escola:

FREQUENTAM	CEAMEM		PIA 2000	
	Nº	%	Nº	%
Sim	23	42,5	43	34,40
Não	31	57,41	81	64,80
NSR*			1	0,80
TOTAL	54	100	125	100

Fonte: CEAMEM e PIA 2000.

* Não soube responder

Tabela 13 - Classificação da gurizada de rua segundo série

SÉRIES	Nº	%
1ª	03	5,55
2ª	11	20,37
3ª	17	31,48
4ª	10	18,52
5ª	03	5,55
6ª	02	3,70
Nunca	02	3,70
Não informou	06	11,11
Total	54	100

Fonte: CEAMEM

De um modo geral, não considerando o vínculo com a escola e sim o período em que freqüentaram o ensino formal, temos que 75,91% freqüenta ou freqüentou até a quarta-série;

encaminhados para a Escola, por isso acredito que o dado em relação a raça pode ser utilizado em relação aos que estão na rua.

apenas 9,25% foram ou estão na sexta-série, 3,70% nunca freqüentaram e 11,11% não informaram. Portanto, essa gurizada manteve ou mantém intensa ligação com a escola, mas não foram cativados por ela.

Na pesquisa SONAR- SOS criança (São Paulo) os dados já são um pouco diferentes em relação ao tema:

Tabela 13 - Freqüência na escola da gurizada de rua em São Paulo

Freqüência escolar	%
Freqüenta escola	47
Não freqüenta	36
Nunca freqüentou	7
Não procede	7
S/informação	2
Total	100

Fonte: SONAR SOS Criança

Tabela 14 - Última série concluída da gurizada de rua em São Paulo

Última série concluída	%
1 ^a	21
2 ^a	25
3 ^a	13
4 ^a	9
5 ^a	5
6 ^a	3
7 ^a	1
8 ^a	0,4
s/informação	10
não procede	13

Fonte: SONAR SOS Criança

Nesta pesquisa há um índice maior de crianças dizendo freqüentar a escola. Segundo RIZZINI; RIZZINI (1996, p.81) grande parte das crianças que estão nas ruas encontram-se de fato matriculadas em alguma escola, que freqüentam em determinados dias ou de forma descontinuada. Para as autoras, isto talvez explique o maior índice de crianças dizendo freqüentarem a escola, pois na realidade a maior parte delas passa o dia inteiro na rua, sendo impossível o estudo.

Em Novo Hamburgo as pesquisas mostram que a maioria das crianças e adolescentes encontradas na rua está fora da escola: 57,41% na pesquisa do CEAMEM e 64,80% na pesquisa do Programa Piá 2000.

3.1.6 - Onde dormem

Tabela 15 - Onde dorme a gurizada de rua em Novo Hamburgo

Dormem em casa	Nº	%
Sim	36	66,66
Não	09	16,67
Às vezes	09	16,66
Total	54	100

Fonte: CEAMEM

Tabela 16 - Onde dorme a gurizada de rua em São Paulo

Onde dormem	%
Nas ruas	50
Não dormem na rua	47
S/informação	2

Fonte: SONAR SOS Criança

Na pesquisa de SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (s.d, p.31-39), em relação ao local de repouso, 19 (14,4%) responderam que dormem na rua, e 3 (2,2%) dormem em casa e na rua. Citam Burlamaqui com dados da cidade de Fortaleza, onde 5.962 meninos e meninas encontram-se na rua, sendo que 184 moram nas ruas perfazendo um total de 3,09%.

Tabela 17 - Com quem mora a gurizada de rua em Novo Hamburgo

Com quem mora	Nº	%
Pais	41	75,92
Parentes	09	16,67
Amigos	04	7,41
Total	54	100

Fonte: CEAMEM

A pesquisa feita pelo Piá 2000 não refere onde dormem, e sim o tempo em que ficam na rua, onde encontramos:

Tabela 18 - Período em que a gurizada fica na rua, Novo Hamburgo e estado

Período	Novo Hamburgo		Total do estado	
	Número	%	Número	%
Manhã	5	4	121	7,66
Tarde	31	24,8	437	27,68
Noite	7	5,6	68	4,31
Dia inteiro	70	56	708	44,84
Algumas horas	11	8,8	184	11,65
Somente fim de semana	0	0	46	2,91
NSR	1	0,8	15	0,95
Total	125	100	1579	100

Fonte: Piá 2000

Esses dados, demonstram que em Novo Hamburgo o número de crianças e adolescentes que permanecem durante todo o dia na rua é superior ao encontrado no estado. Uma razão, certamente é o fato de aqui conseguirem mais recursos na rua do que em outros municípios, fato apontado por algumas crianças, em reportagem ao NH, o que foi colocado por algumas crianças, em reportagem ao jornal NH (L.R., 1993, p.7)²⁸

Tabela 19 - Período em que a gurizada permanece na rua em São Paulo

Período	%
Diurno -	42
Diurno/noturno	49
Noturno -	2
S/informação	7

Fonte: SONAR SOS Criança

Tabela 20 - Frequência com que retorna para a casa a gurizada de rua em São Paulo

Frequência com que retorna para casa	
Todos os dias	45
Não retorna	34
Outros	7
1 a 3 dias	5
de 4 a 5 dias	3
s/informação	3
finais de semana	2

Fonte: SONAR SOS Criança

²⁸ No Anexo 4 estão diversas reportagens do jornal local ou estadual, demonstrando, por diversos ângulos, o que pensa a sociedade da cidade em relação à gurizada de rua, bem como alguma história de entidades e preconceitos.

3.1.7 - Por que vieram para rua?

Tabela 21 - Causas que trouxeram para a rua a gurizada em Novo Hamburgo

CAUSAS	Nº	%
Complementação renda	49	90,74
Curiosidade	03	5,55
Expulsos de casa	01	1,85
Para fazer amigos	01	1,85
Total	54	100

Fonte: CEAMEM

A pesquisa realizada pelo Programa Piá 2000 não perguntou por que elas/es vieram para rua e sim por que não voltam para casa. 28 (22,4%) responderam não voltar para casa em Novo Hamburgo, com os seguintes motivos:

Tabela 22 - Por que não volta para casa - em Novo Hamburgo e no estado

Motivos	Novo Hamburgo		Total Estado	
	Número	%	Número	%
Não tem dinheiro ou transporte	2	7,14	20	5,57
Não tem nada para levar	1	3,58	13	3,62
Maltratado em casa	8	28,57	84	23,40
Alcoolismo na família	0	0	14	3,90
Condições desfavoráveis de moradia	1	3,58	36	10,03
Gosta da rua	8	28,57	99	27,58
Porque não quer	5	17,85	47	13,09
Não soube responder	3	10,71	46	12,81
TOTAL	28	100	359	100

Fonte: Piá 2000

3.1.8 - O que faz na rua:

Tabela 23 - O que faz na rua a gurizada em Novo Hamburgo

O QUE FAZ NA RUA	Nº	%
Cuida de carros	22	30,55
Pede	16	22,22
Vendedor ambulante	15	20,83
Engraxate	11	15,27
Não faz nada	05	6,94
Catadores	03	4,16
Total	72	100

Fonte: CEAMEM

Neste item a entidade considerou somente essas seis atividades desenvolvidas pelo universo das/os entrevistadas/os (54) nas ruas. Mas, segundo relatório, "chega-se a um

montante de 72 formas de trabalho, sendo este dado levado em consideração para o cálculo percentual e não o número de entrevistados”. Isto ocorre, devido a sobrecarga e a dinâmica dos entrevistados em exercerem mais de uma atividade (CEAMEM, 1997).

Tabela 24 - Atividades da gurizada na rua em Novo Hamburgo e no estado

Atividade	Novo Hamburgo		Total Estado	
	Número	%	Número	%
Engraxando sapatos	7	6,19	101	6,97
Guardando carros	21	18,58	398	27,49
Carregando sacolas	3	2,65	118	8,15
Distribuindo material publicitário	1	0,88	41	2,83
Vendendo jornais	0	0	19	1,31
Catando papéis	32	28,32	100	6,91
Vendendo	28	24,78	354	24,45
Conduzindo carroça	2	1,77	30	2,07
Não soube responder	1	0,88	60	4,14
Pedinte	12	10,62	186	12,84
Prostituição	5	4,42	18	1,24
Roubo	1	0,88	21	1,45
Outra	0	0	2	0,14
Total	113	100	1.448	100

Fonte: Piá 2000

Tabela 25 - Atividade desenvolvida pela gurizada em São Paulo

Atividade	%
Pedinte	58,6
Guardador de carros	13,9
Vendedor ambulante	6,8
Engraxate	3,6
Limpador pára-brisa	3,2
Entregador	1,3
Furto	9,9
Prostituição	1,1
Não procede	6,8
S/informação	2,4

Fonte: SONAR SOS Criança

Com os dados acima, é possível verificar que as duas atividades exercidas na cidade de Novo Hamburgo, que diferenciam-se do total do estado, e que devem ser motivo de atenção são as/os catadoras/es de papel e a prostituição, que, mesmo não sendo tão alta, já é significativa. Pelos dados da pesquisa acima, Novo Hamburgo só perde para Caxias do Sul, onde a pesquisa feita pelo Piá 2000 constatou a presença de 7 crianças e adolescentes na prostituição.

Segundo descrito no documento da pesquisa, para o gênero feminino, as atividades mais frequentes foram a catação de papel e a prostituição, com 33,33% cada uma, aparecendo logo a seguir a atividade de pedinte com 22,22% (p.48).

3.1.9 - O que faz com o dinheiro arrecadado:

O Programa Piá 2000 questionou o destino do dinheiro conseguido com as atividades desenvolvidas na rua. Os dados tabulados não aparecem por município e sim por faixa etária, por isso farei apenas o registro das conclusões, uma vez que o CEAMEM também não abordou esse tema.

Dos 1.468 entrevistados pelo Piá, no estado, 34,54% entregam parte do que ganham na rua para a família; 24,59% entregam tudo para a família e 18,05% compram comida. Somando os que ajudam as famílias, teremos 77,18% do total dos entrevistados, o que evidencia o fato de estar na rua como sendo a contribuição da criança e do adolescente para o sustento da família.

Das/os entrevistadas/os, somente 2,79% utilizam o dinheiro para a compra de drogas, “vindo a contrapor-se ao imaginário social de que o dinheiro ganho na rua é para este fim” (p.52).

Se observarmos que dos que afirmam utilizar drogas (29,96%), somente 2,79% utilizam o dinheiro recebido para sua compra, isso representa 8,67% do total.

Já na pesquisa de São Paulo, o índice de crianças e adolescentes que utilizam o dinheiro arrecadado para comprar droga é maior.

Tabela 26 - Uso do dinheiro

Uso do dinheiro	%
Uso próprio	43%
Ajuda à família	38%
Drogas	18%
Outros	1%

Fonte: SONAR SOS São Paulo

3.1.10 - Drogas:

Tabela 27 - Consumo de droga:

			PIA 2000			
CEAMEM			Novo Hamburgo		Estado	
DROGAS	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Usam	21	38,88	33	26,40	473	29,96
Não usam	33	61,12	92	73,60	1.074	68,02
N.s.r.*	0	0	0	0	32	2,03
Total	54	100	125	100	1.579	100

*N.s.r. - Não soube responder.

Fonte: CEAMEM e Piá 2000

Tabela 28 - Consumo de drogas em São Paulo

Drogas	%
Uso diário	21
Uso esporádico	10
Não usa	66
S/informação	3

Fonte: SONAR SOS Criança.

Observa-se portanto, uma proximidade entre os indicadores do consumo de drogas constatados no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Para o caso de Novo Hamburgo, o índice do uso de droga entre crianças e adolescentes que estão no centro da cidade é maior que o índice total na cidade.

Tabela 29 - Tipos de drogas utilizadas em Novo Hamburgo e no estado

TIPOS DE DROGAS					
	CEAMEM	PIA 2000			
		Novo Hamburgo		Estado	
	%	Nº	%	Nº	%
Loló **	26,56				
Cola**	18,75				
Cigarro***	18,75				
Alcool	14,06	1	3,03	57	12,05
Maconha	10,93	6	18,18	142	30,02
Solvente**	7,81	14	42,42	219	46,30
Cocaína	3,13	10	30,30	30	6,34
Crack****		0	0	4	0,84
Medicamentos ****		1	3,03	14	2,96
NSR ****		1	3,03	14	2,96
Mais de uma droga ****		14	42,42	82	17,34

Fonte: CEAMEM e Piá 2000

*Na pesquisa do CEAMEM não existe o número de crianças e adolescentes que utilizam cada droga, porque alguns utilizam mais de uma.

**Na pesquisa do Piá 2000 os inalantes estão agrupados, na pesquisa do CEAMEM foram discriminados os produtos utilizados.

***Na pesquisa do Piá 2000 existe um ítem isolado sobre a utilização do cigarro, onde aparecem 42 fumantes, 81 não fumantes e dois que fumam às vezes.

****Essas drogas não foram questionadas pelo CEAMEM.

Pelos dados comparados, é possível verificar algumas diferenças entre Novo Hamburgo e o resto do estado. E também diferenças dentro da própria cidade. Em primeiro lugar, há um alto consumo de cocaína na cidade (30,30%) mas não no centro da cidade (3,13%), onde o consumo maior é de inalantes (solvente, loló e cola), sendo este de 53,12% bem como o álcool (14,06 para 3,03% em toda a cidade). O índice de uso de inalantes na cidade, segundo Piá 2000 também é muito alto - 42,42%.

A maconha, que no resto do estado possui alta incidência (30,02%), aqui não aparece com tanta incidência: 10,93% no centro e 18,18% em toda a cidade.

Mas talvez, o que mais necessite atenção, é o fato de 42,42% da gurizada pesquisada utilizar mais de um tipo de droga, o que poderia alterar os dados, uma vez que não é possível saber quais os que estão sendo utilizados.

Tabela 30 - Tipos de drogas utilizadas em São Paulo

Tipos de drogas	%
Cola	35
Crack	31
Solvente	16
Maconha	12
Álcool	3
Cocaína	2

Fonte: SONAR SOS Criança

Importante observar como o crack já aparece com muita força. A cocaína não tem muita incidência, mas os solventes continuam sendo as drogas mais consumidas.

3.1.11 - Envolvimento com a polícia ou judiciário

Tabela 31 - Já foi preso alguma vez:

JÁ FOI APREENDIDO	Nº	%
Sim	14	21,87
Não	40	78,13

Fonte: CEAMEM

Dos 54 entrevistados/as 14 já foram presos pelo menos uma vez e 40 (78,13%) nunca. Dos que passaram pela delegacia, os motivos variam entre roubos, brigas, vadiagem e consumo de drogas.

3.1.12 - Instituição:

Considera-se instituição para efeito da pesquisa, programas de atendimento que desenvolvem atividades educativas e que não sejam a escola regular. Exemplo: núcleos extra-classes, instituições filantrópicas e abrigos.

Tabela 32 - Já passou por alguma instituição

JÁ PASSOU POR INSTITUIÇÃO	Nº	%
Sim	18	33,34
Nunca	36	66,66
Total	54	100

Fonte: CEAMEM

3.1.13 - Sonhos:

Tabela 33 - Sonhos

SONHOS	%
Jogador de futebol	29,62
Médico	12,96
Policia	9,26
Advogado	7,40
Empresário	7,40
Professor	7,40
Bancário	5,55
Artista	5,55
Dentista	3,70
Marinheiro	1,85
Não informou	9,26

Fonte: CEAMEM

A tabela demonstra que, apesar da pouca instrução das/os entrevistadas/os e quase impossibilidade de manterem-se estudando, sonham em exercer atividades que necessitem curso superior (24,06%). Mas a profissão mais sonhada é ser jogador de futebol, talvez pelo fato de ser uma das únicas que não necessite uma maior instrução.

3.1.14 - Sexualidade

Este dado não foi pesquisado pelo CEAMEM, mas o Piá 2000 apresenta dados sobre a sexualidade da gurizada que está na rua, perguntando pela idade em que teriam mantido pela primeira vez uma relação sexual. Portanto relacionaram o fato de já terem relação sexual com a faixa etária. Desta maneira surgiu:

Tabela 34 - Sexualidade

IDADE *	NOVO HAMBURGO		TOTAL ESTADO	
	Nº	%	Nº	%
0 - 5	0	0	9	1,21
6 - 8	3	4,92	73	9,80
9 - 11	16	26,23	213	28,59
12 - 14	30	49,18	329	44,16
15 - 17	10	16,39	73	9,80
NSR	2	3,28	48	6,44
Subtotal	61	48,80	745	47,18
Não	63	50,40	822	52,06
NSR	1	0,80	12	0,76
Total	125	100	1579	100

Fonte: Piá 2000

* O cálculo da percentagem foi feito sobre os que já tiveram uma relação sexual.

Analisando os dados observa-se que não há muita diferença do município para o estado. Talvez as únicas diferenças referem-se à idade na qual iniciam, pois Novo Hamburgo não apresentou ninguém de 0 a 6 anos. A faixa etária que apresenta diferença significativa é de 15-17 anos pois superou a média do estado. Apesar do município não apresentar o início da atividade sexual entre crianças, como em outros municípios, não deixa de ser preocupante a idade em que estão iniciando.

A Isto É, publicou em 1996, uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde, apontando dados sobre a sexualidade da gurizada trabalhadora (TRINDADE, 1996, p.58-59). Segundo foi publicado, o início da atividade sexual diferencia-se de acordo com o trabalho exercido. Para os meninos de rua inicia aos 11 anos, para os aprendizes e trabalhadores rurais,

aos 13 anos, e com os empregados, aos 14 anos. A pesquisa também revelou que 44% das/os entrevistadas/os nunca usou a camisinha, 29% usa as vezes e somente 27 % usa sempre.

Em Novo Hamburgo também foi perguntado sobre o uso da camisinha, tendo as seguintes respostas:

Tabela 35 - Uso de preservativo

Uso da camisinha*	Novo Hamburgo		Estado	
	Nº	%	Nº	%
Sim	28	45,90	275	36,91
Não	22	36,06	346	46,44
Às vezes	10	16,39	88	11,81
Sempre	1	1,64	10	1,34
NSR	0	0	26	3,49
Total	61	100	745	100

Fonte: Piá 2000

* Responderam somente os que já possuem vida sexual ativa.

3.1.15 - O que mais gosta na rua

Um questão importante, que deve ser muito bem interpretada, é a referente ao que mais gosta na rua. O CEAMEM não perguntou à gurizada do centro, mas essa pergunta foi feita pelo Programa Piá 2000, onde aparece:

Tabela 36 - O que mais gosta da rua

	O Que Mais Gosta da Rua			
	Novo Hamburgo		Estado	
	Nº	%	Nº	%
Brincar, divertir-se	22	17,6	525	33,25
Trabalhar e conseguir dinheiro	49	39,2	457	28,94
Estar com os amigos	14	11,2	128	8,11
Pedir e ganhar coisas	6	4,8	95	6,02
Ganhar comida, tomar sorvete	4	3,2	40	2,53
Liberdade para fazer o que quiser	4	3,2	91	5,76
Poder usar drogas	7	5,6	19	1,20
Não fazer nada, andar por aí	1	0,8	49	3,10
Olhar as/os meninas/os bonitas e namorar	5	4	87	5,51
Pegar/andar ônibus	0	0	9	0,57
Ver as luzes da cidade	0	0	15	0,95
Não soube responder	3	2,4	37	2,34
Outra	10	8	27	1,71
Total	125	100	1579	100

Fonte: Piá 2000

Em relação ao gênero, a pesquisa apresentou que para os guris as prioridades foram trabalhar, conseguir dinheiro e estar com os amigos. Já para as gurias, a prioridade é estar com os amigos, e a liberdade para fazer o que quiser.

Outro dado importante é que 45,6% das/os entrevistadas/os estão na rua em busca de algum tipo de prazer: brincar, divertir-se, estar com amigos, ganhar comida, tomar sorvete, liberdade, poder usar droga, não fazer nada, namorar. Comparando a esses, 39,2% dizem estar na rua para conseguir dinheiro, o que contradiz a Tabela 21 quando 90,74% disseram que estavam na rua para a complementação de renda (CEAMEM, 1997).

3.1.16 - Quem mais pratica violência

Outro fato apontado pela pesquisa, diz respeito a violência que sofrem as/os que estão na rua. A pergunta pelos agentes da violência produziu o seguinte quadro:

Tabela 37 - Quem mais pratica violência

Quem Pratica Mais Violência na rua	Novo Hamburgo		Estado	
	Nº	%	Nº	%
Não sofre violência	62	49,6	522	33,06
Polícia	24	19,20	305	19,32
Seguranças	1	0,8	30	1,90
Outros grupos de rua	16	12,8	257	16,28
Marginais	12	9,6	295	18,68
Trabalhadores em transporte coletivo	0	0	3	0,19
Pessoas que circulam	6	4,8	68	4,31
Não soube responder	4	3,2	99	6,27
Total	125	100	1579	100

Fonte: Piá 2000

O número de crianças e adolescentes que sofrem violência em Novo Hamburgo (63-50,4%) é maior do que aquelas/es que não sofrem (62 - 49,6%). Se fizermos uma nova tabela, com os que sofrem violência, encontraremos os agentes mais temidos na cidade:

Tabela 38 - Agentes violentos

Agentes violentos	%
Polícia:	38,09
Outros grupos de rua:	25,40
Marginais	19,05
Pessoas que circulam	9,52
Seguranças	1,59
Não soube responder	6,35

Fonte: Piá 2000

Como pode-se observar, ainda é a polícia o maior agente de violência contra a gurizada, reforçando os diferentes relatos existentes nas pesquisas sobre a realidade desta gurizada.

3.2 - Como é a *rua* em Novo Hamburgo

Como já foi descrito anteriormente, Novo Hamburgo é uma cidade com características alemãs, tanto de seus moradores antigos, quanto migrantes que vieram de zonas rurais. Conforme dados do IBGE, apenas 8,64% da população é negra (Tabela 1). A burguesia da cidade (majoritariamente branca) parece estar mais preocupada com seu progresso, com a limpeza da cidade, possuindo fortes indícios de preconceito tanto de raça quanto de classe social.²⁹

Gurizada de rua é lixo para a sociedade, como se costuma dizer entre educadores de rua: é o *lixo no luxo*. MAGNI (1994, p.12)³⁰ cita que “infringir as fronteiras entre casa e rua, estabelecendo no *público* um espaço *doméstico* onde se desenvolvem as atividades cotidianas mais frugais de dormir, cozinhar, higienizar-se, excretar, entre outras, viola as regras básicas de privacidade historicamente gestadas no seio da burguesia”.

Novo Hamburgo pretende ser uma cidade também turística (além de ordeira e pacífica). Para isto precisa de uma divulgação, também no exterior, de seu povo trabalhador, de suas ruas muito limpas, do chafariz e das pombas que se abrigam na praça, da educação no trânsito, do povo educado. Vinte anos a cidade manteve-se com o mesmo partido no governo,

²⁹ Ver Anexo 4 reportagens sobre posicionamento da sociedade em relação a gurizada.

³⁰ Dissertação de mestrado em antropologia na UFRGS. Faz um estudo sobre moradores de rua. Não trabalha especificamente com a gurizada que é o tema específico de minha dissertação, e sim com grupos de rua. Tece todo um estudo sobre o sedentarismo e nomadismo.

alternando-se os cargos entre os membros de duas famílias. A cidade, ou melhor, os moradores, pareciam temer mudanças. Parecia estar sempre *tudo muito bem*.

Numa cidade com essas características, a presença da gurizada ou adultos na rua, mendigos, bêbados, e até engraxates, *não fica bem*. Enquanto estive no Conselho Tutelar, o CEAMEM fazia um trabalho de abordagem com a gurizada. Os funcionários do Banco do Brasil forneciam diariamente 20 sanduíches que eram distribuídos à gurizada, podendo-se assim, realizar atividades *em troca*: jogo de capoeira, futebol, conversas, etc. A praça onde costumavam ficar situava-se entre duas avenidas - Pedro Adams Filho e Primeiro de Março. Em frente à primeira, localizavam-se “*as bancas*”, em torno de 5 pequenas lancherias agrupadas, que funcionam dia e noite, fornecendo lanches rápidos, cafés, jornais, bilhetes de loteria, etc. Ali era possível encontrar comerciantes que defendiam a gurizada mas também havia quem a odiasse ostensivamente.

Certo dia estava indo a uma reunião do MNMMR, quando vi certo movimento na calçada do outro lado da rua das *bancas*. Fui ver o que era, quando identifiquei um homem batendo no Santos (guri de rua). Fui até lá, com o poder de ser conselheira dizendo ao agressor que não poderia fazer o que fazia. Santos chorava bastante, não sei se de dor ou para que o homem parasse de agredi-lo, pois este estava lhe dando *cascudos* na cabeça. O homem saiu xingando. Perguntei ao Santos o que havia acontecido e ele não falou. Coloquei o braço em seu ombro e fomos caminhando, saindo do meio das pessoas que se aglomeravam. Quando lembro-me do ocorrido, percebo que a coragem costuma aparecer em momentos dramáticos. Talvez em outra situação eu poderia ter sido linchada com ele, pois a raiva que as pessoas do centro possuem em relação à gurizada de rua é muito forte.

Nos fundos das *bancas*, em frente a rua 1º de Março, localizava-se o *ponto* de encontro da gurizada. Na sombra de algumas árvores havia umas mesas de pedra com bancos ao redor. Nas mesas estavam pintados tabuleiros de dama. Ali eles passavam o dia, brincavam, dançavam, *cheiravam*, namoravam. Em diversas ocasiões o poder público tentou retirá-los dali, inclusive recorrendo à força, mas eles sempre voltavam. Até que a prefeitura acabou por derrubar as árvores e retirar as mesas! No local agora existe um posto da Brigada Militar. A pracinha das crianças, que ficava perto, foi transferida para um lugar um pouco mais protegido (entre as *bancas* e setor da prefeitura que vende e distribui passagens de ônibus).³¹

³¹ No Anexo 5 encontram-se fotos da praça e da gurizada.

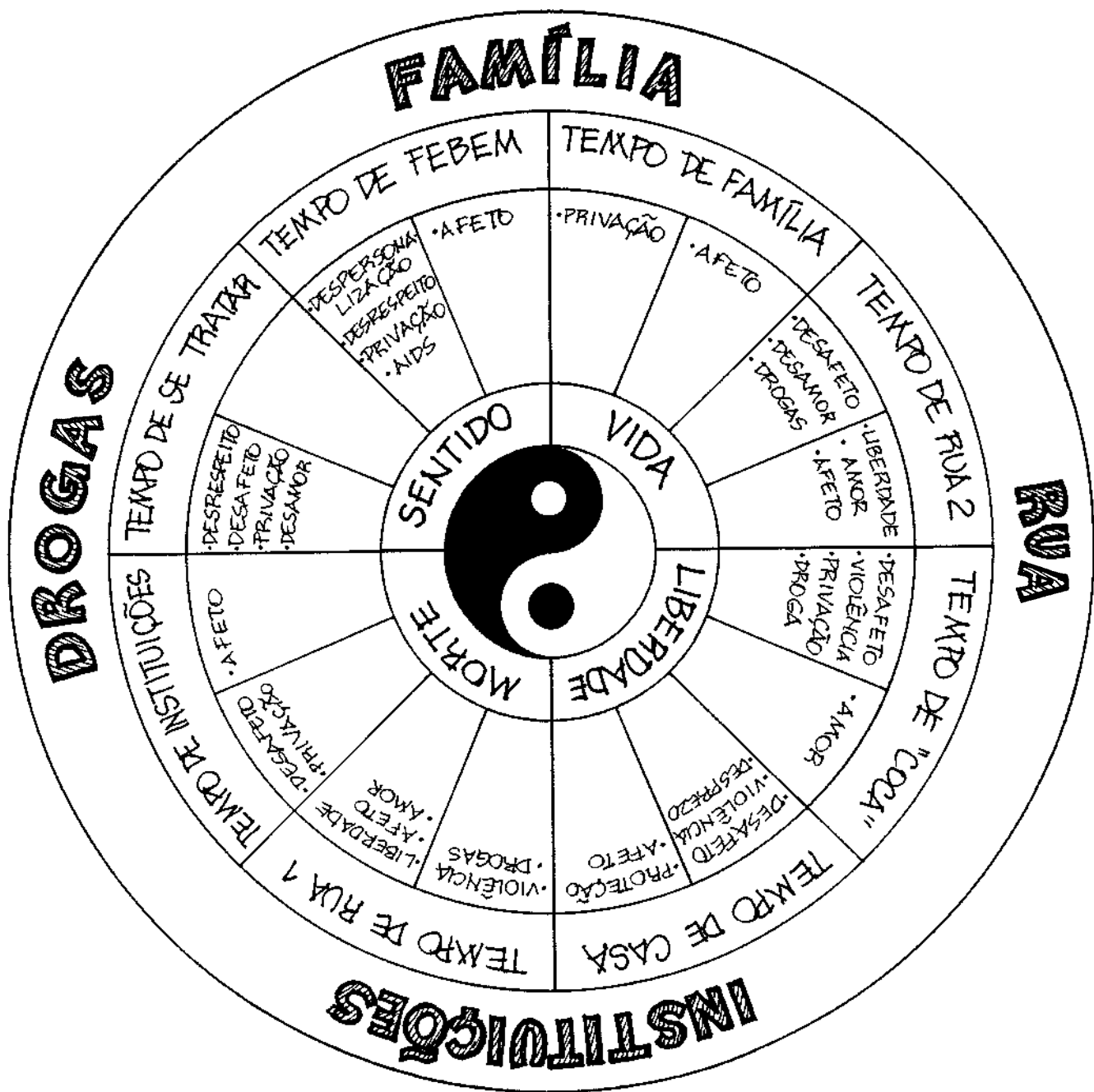
Nesta mesma praça, um pouco adiante das “*bancas*” ocorrem comícios em época de eleição, jogos de capoeira nos fins de semana, cultos evangélicos, comércio de artesanato, feiras de livros, festas populares, etc. Também mulheres e homens levam as crianças para darem milho aos pombos, e assistirem o chafariz ligado³². Ao lado do chafariz está a *Concha Acústica*. Local apropriado para shows ao vivo. Infelizmente não existe uma cultura de atividades na praça em Novo Hamburgo. A vida privada e individualista é muito preconizada nesta cidade alemã. Na rua e na praça ficam os *desocupados*. Estes sim adoram quando, em época de eleições, encontram bastante candidatos, conseguem alguns trocados distribuindo santinhos, recebem mais donativos dos *bem-feitores*.

Desde que desfizeram o *espaço* da gurizada, não é possível mais encontrá-la em um local fixo. Por diversas vezes tentei localizá-la para minhas entrevistas e ficava por mais de uma hora caminhando pelo centro sem sucesso. A hora e o local mais certo é quando *almoçam* na *Vó* às 14:30 horas. Mesmo assim, por vezes uns pegam a comida para outros e vão almoçar no *mocó*³³.

³² O chafariz foi construído por volta de 1930 e reformado em 1967. Lembro-me de criança de ir com toda a família (pais e quatro irmãos) assistir *As águas dançantes*. Era um espetáculo lindo, jogos de luzes, *dança das águas*. Aos poucos foi morrendo o interesse (não sei se da população ou se dos governantes). O chafariz existe ainda hoje, mas não mais como uma atração nas noites de verão. Como nesta estação a gurizada entrava dentro dele para tomar banho, foi colocada uma grande grade ao seu redor, o que afasta as crianças e adultos. Atualmente a praça está sendo remodelada. Segundo secretário de Serviços Urbanos “hoje existe muito concreto. Queremos mudar a paisagem da praça e torná-la um lugar para contemplação da comunidade” (NH, 31/10/97). Para isso, retiraram os bancos onde os aposentados sentavam, e todos os engraxates que há anos ali localizavam-se no local para trabalhar.

³³ No Anexo 6 coloco um Diário de campo relatando alguns *problemas* relacionados com os *encontros e desencontros* com a gurizada.

O SENTIDO DA VIDA



4 - ROSE, SUA HISTÓRIA, SUA VIDA

Desgarrados ³⁴

Eles se encontram no cais do porto
 Pelas calçadas,
 Fazem biscates pelos mercados, pelas esquinas,
 Carregam lixo, vendem revistas,
 Juntam baganas,
 E são pingentes nas avenidas da capital.
 Eles se escondem pelos botecos,
 Entre os cortiços,
 E pra esquecerem contam bravatas, velhas histórias
 E então são tragos, muitos estragos
 Por toda noite
 Olhos abertos, o longe é perto,
 O que vale é o sonho.
 Sopram ventos desgarrados
 Carregados de saudade,
 Viram copos, viram mundos
 Mas o que foi nunca mais será...
 Cevavam mate, sorriso franco, palheiro aceso,
 Viravam brasas, contavam casos,
 Polindo esporas, geada fria, café bem quente,
 Muito alvoroço,
 Arreios firmes e nos pescoços lenços vermelhos.
 Jogo do osso, cana de espera e o pão de forno,
 O milho assado, a carne gorda, a cancha reta,
 Faziam planos e nem sabiam que eram felizes,
 Olhos abertos, o longe é perto,
 O que vale é o sonho.

Mário Barbará e Sérgio Napp

O primeiro atendimento a algum membro da família de Rose, foi em 28.07.87, quando um irmão foi abordado no centro da cidade e atendido pelo serviço público, então chamado AME - Ação de Amparo ao *Menor* de Rua. Segundo relatório do setor, a família estava há duas semanas em Novo Hamburgo, moravam numa casa alugada, sendo dois quartos e uma sala, com 10 pessoas residindo juntas. A família havia vindo de Cruz Alta em busca de trabalho.

³⁴ Música campeã num festival de músicas nativistas, enfatizando os efeitos da migração.

Rose nasceu em Erechim, em 02.06.78. Segundo sua mãe,³⁵ “Roseméri não é filha deles, foi muito maltratada quando nenê o que fez com que eles a criassem. Como não estava registrada, fizeram o registro como se fossem seus pais”. Esta *adoção*³⁶ aconteceu dois anos após seu nascimento. Rose era uma menina branca, sendo que seus pais e irmãos eram negros.

Rose, em uma carta que começou a escrever contando sua vida, refere que com seis meses sua mãe adotiva a pegou em um chiqueiro de porcos.³⁷ Sobre a veracidade dos fatos será difícil saber, pois a família negou-se a conversar sobre sua vida³⁸.

Desde que a família veio de Erechim, foi acompanhada pela assistência da prefeitura de Novo Hamburgo, tendo, inclusive, recebido uma casa. Família numerosa (9 irmãos, além de Rose). Desde pequenas as crianças iam para a rua vender doces, bilhetes, pedir esmolas, etc. A mãe ficava por perto observando-os. Quando Rose tinha por volta de 12 anos, tanto ela como duas irmãs, começaram a prostituir-se.

Em 19.11.92, a mãe de Rose comparece ao Conselho Tutelar e relata que aos 11 anos a menina saiu para a rua. Em 28.1.93, em entrevista com Assistente Social do órgão, a mãe diz:

³⁵ Depoimentos retirados de relatórios do Conselho Tutelar de Novo Hamburgo (1992).

³⁶ Interessante referir pesquisas feitas por FONSECA, em *Caminhos da Adoção* (1995), onde enfatiza que todos os pais adotivos referem que seus filhos foram maltratados pelos pais biológicos. É como que uma justificativa para a adoção. Através de um renascimento simbólico, eles adquirem seus status de pais.

³⁷ No anexo 7 diário da Rose. Mesmo ele sendo de difícil compreensão, considerei importante colocá-lo apenas para que se observe quantas vezes ela escreve sobre o amor, sobre suas paixões, demonstrando ser ela uma pessoa extremamente apaixonada.

³⁸ O irmão mais novo com quem conversei, disse que a família não quer falar sobre a Rose, pois ela já morreu. “Disse que não falaria sobre ela. Havia feito uma promessa de nunca mais falar sobre ela, pois ela já morreu. Tentei explicar-lhe porque era importante sua fala sobre ela, que é preciso falar também sobre as pessoas que já morreram, para entendermos os motivos que as levaram a morte. Disse que não falaria. Perguntei se havia falado com sua mãe. Disse que sim e ela também não queria falar sobre a Rose. Choquei-me, pois estava certa de poder contar com eles para montar o quebra-cabeça desta história. Mas prontificou-se a conversar sobre outras coisas, sobre ele ou sobre os meninos de rua. Marquei de ir no outro dia de manhã às 9 horas, pois ele começa [a trabalhar] às 8:30h. Disse que talvez escrevesse algo sobre a Rose, pois não queria falar, mas poderia escrever. Achei ótima a idéia, reforcei que adoraria se ele o fizesse. Disse que está acostumado a escrever textos para teatro ou música. Mas agora não tem muito tempo pois trabalha o dia inteiro e quando chega em casa sempre tem algo a arrumar”. (Diário de campo, 25.06.97)

... que o Conselho está protegendo Rose, ela quer entregá-la ao juiz para ser encaminhada p/ FEBEM³⁹. Fala muito que a menina "não presta, desde pequena sempre foi assim", que seus filhos não incomodam. Contradiz-se dizendo que os filhos mais velhos (rapazes) não trabalham e por isso o pai lhes disse que saíssem de casa e se virassem sozinhos; Ana é a melhor de seus filhos, apenas escolheu mal seu companheiro "que é traficante e viciado, inclusive forçou-a a fumar maconha", batia nela. Ester (mãe) está "criando" um dos filhos de Ana. Regina, (outra filha) está grávida e não mais vivendo com o companheiro.

Nas entrevistas realizadas, as/os educadoras/es falaram bastante sobre a família, considerando-a desestruturada, por diversos motivos, entre os quais, o fato de terem vindo da zona rural, com muitos filhos e aqui não encontrando emprego.

PEREIRA JÚNIOR (1992, p.31) analisa como o conceito de família é mascarado dentro de uma visão burguesa e liberal. Para ele,

... dentro de um jogo ideológico de mascarar o processo de produção das desigualdades sociais, apresentando os efeitos como causas, cria-se uma idéia burguesa e liberal de família, pautada em sua capacidade de auto-sustento. Assim, uma 'família' se localiza geograficamente numa casa onde os pais cumprem sua função de assistir (a nível material e normativo) aos filhos. Sendo assim, é possível desviar o foco do Estado e do modelo de desenvolvimento adotado, recaindo sobre a família, a função de ser competente e eficaz no processo de socialização da infância.

Continuando com o autor, "o mito da desestruturação familiar das classes populares parte destes pressupostos. Sua forma marginal de inserção é colocada como condição conjuntural, e não como processo estrutural". (idem, p.31)

Mesmo que as/os educadoras/es referidos não se filiem explicitamente a ideologia liberal ou burguesa, em seus depoimentos atribuem muita responsabilidade sobre a família.

Rosângela talvez tenha sido a primeira assistente social do município a atender a família. Na época trabalhava na prefeitura, no setor de atendimento as crianças de rua - AME - Ação de Amparo ao Menor de Rua:

³⁹ Numa reportagem da Zero Hora (PELLIZZARO, 1997 p.56) uma mãe em Novo Hamburgo refere o desejo de ver seu filho de 9 anos internado na FEBEM para não seguir o caminho dos irmãos mais velhos, dois no presídio, um na FEBEM e outro morto contaminado pelo vírus HIV. FONSECA, (1995) faz referência às mães que, por amor, preferem ver os filhos internados do que assassinados ou vítimas de outras agressões.

R - Lembro melhor da família da Rose, pois ela tinha menos idade (+ ou - 5 anos) e eventualmente andava pela rua junto com a irmã mais velha e os outros irmãos. Mas lembro do primeiro contato, ela foi abordada na rua por nós quando, junto com os irmãos, vendia "maçã do amor". Os meninos da família também engraxavam sapatos e às vezes todos eles mendigavam. Fizemos várias visitas domiciliares, na época moravam em uma construção abandonada, sem as mínimas condições. Mãe não trabalhava e pai retirava areia de um arroio; fazia pouco tempo haviam migrado da cidade de Cruz Alta, onde segundo Ana a irmã mais velha de Rose, moravam no meio rural, local de que falava muito bem, descrevendo o lugar e o que faziam. Dizia que o pai trabalhava "domando" cavalos. A família, mais especificamente os pais, eram muito resistentes as nossas interferências. Não conseguimos envolvê-los nas atividades programadas.

Os pais alegavam não conseguir trabalho e que por isso, precisavam colocar os filhos na rua para ajudar. Chegamos a conseguir trabalho para o pai em uma churrascaria, porém não permaneceu. As crianças também tinham um discurso para justificar a permanência na rua, era o mesmo dos pais: precisavam ajudar porque os pais não conseguiam trabalho. Em nenhum momento conseguimos fazer os pais manterem as crianças na escola.

Dóris, que trabalhava no mesmo setor que a Rosângela, também conheceu Rose desde pequena:

D - Rose passava o dia todo mendigando e às vezes furtando pequenas coisas como foi uma vez, roubou uma banana de uma fruteira. Solicitamos a presença da mãe. Para nossa surpresa a mãe veio somente para dizer que Rose não prestava. A mãe era uma pessoa muito sofrida e amarga e isto ela passava para os filhos.

Gilberto fala que conheceu a Rose desde pequena, pois trabalhava na área da saúde, onde a família costumava comparecer solicitando auxílio tanto na área de saúde como social. Disse que nunca referiram sobre a adoção:

G - A mãe nunca me falou isso, a Rose, só dizia assim, a Rose é diferente das outras, mas ela nunca disse pra mim porque a Rose era diferente. Eu achava que era de um outro pai, coisa assim [...] Porque ela não tinha a cara da mãe dela, nem das irmãs dela né. Elas eram tudo franzininha e ela com aquela cara gordinha, cabelo bem liso, e grande, né, enorme, um mulherão. Ah, dá saudades dela, tadinha!

Wilma (assistente social do judiciário) não chegou a conhecer os pais da Rose, pois quando começou o atendimento, eles já haviam se mudado para outra cidade distante. Conversou apenas com as irmãs e irmãos, que falaram da Rose:

W - A minha impressão assim foi muito ruim... da família. Porque eles colocaram assim que não tinham nada a ver com a Rose. Que a Rose tinha escolhido viver na rua, e enfim... que a Rose tinha que fazer a vida dela. Então a impressão é que foi muito, muito ruim. Não me deixaram entrar dentro da casa... Eu não pude conversar com elas, assim... Explicar o porquê do atendimento, enfim. Não sei se elas entenderam né. Ai eu deixei uma entrevista agendada com elas no fórum, num outro dia, ai elas foram. As duas irmãs foram... Muito assim contrariadas, né. Elas não queriam mas foram, impressão que eu tive delas, assim na entrevista... Elas só foram uma vez no fórum. Também não foi boa, porque elas colocaram que a Rose era o problema. Elas não viam que elas também estava... estavam participando pra tudo acontecer, né. Que a Rose era o problema, que até os pais tinham se mudado pra Soledade, me parece, naquela região de Soledade [...] Que os pais tinham se mudado pra lá, porque não agüentavam mais ser chamados na delegacia e no fórum. E que elas também, elas tinham comparecido naquele dia, mas que elas não iam perder mais tempo. Que elas não tinham nada a ver, inclusive a mais velha colocou 'ah, a Rose nem irmã da gente é! Né, porque a mãe criou a Rose, mas a Rose não é do nosso sangue... E a gente não tem tempo pra vir aqui.' Elas estavam assim... Meio mal vestidas as duas. Uma delas estava com um bebê no colo, e acho que foi a única vez que eu consegui conversar com as irmãs. Tentei depois de novo, fiz outra visita depois de um mês, um mês e pouco, eu fiz outra visita. E ai não tinha ninguém em casa. A casa completamente fechada. Não tinha ninguém. Até eu perguntei pra Lourdes uma época, se elas tinham se mudado dali, tinham saído dali, né, e ela disse que não, que moravam ali, mas que às vezes passavam o dia inteiro dormindo né. Saíam à noite e durante o dia ficavam dormindo. E... às vezes até escutavam as pessoas batendo mas não recebiam as pessoas.

E acho que dentro da família, as irmãs, ali, eu acho que ela foi muito desprezada pelas irmãs, por isso que ela saiu. Não quis mais saber, ela preferiu lá a rua onde ela tinha os amigos, os amigos respeitavam ela, gostavam dela, do que dentro de casa. Porque eu imagino que as irmãs em casa xingavam muito ela... E acho que colocavam a moral dela lá embaixo, mais ainda, por isso que ela saiu de casa e optou né. Lá na rua ela era a senhorita Rose, né.

O Agenor foi conselheiro tutelar junto comigo, acompanhando todo o processo com a gurizada de rua. Éramos nós dois quem mais atendíamos a gurizada quando esta procurava o atendimento. Ele acompanhou mais o irmão da Rose:

A - Quanto a sua família, lembro-me bem de sua mãe. Uma pessoa muito difícil de lidar. Penso que a mesma apoiava a filha ou igualmente outros irmãos para que os mesmos permanecessem na rua se drogando, e as crianças pedindo dinheiro para mãe, já que a mesma não trabalhava. Um outro adolescente que eu conheci foi o adolescente Jerson, bastante comprometido com a rua e pequenos furtos

Tenho certeza quase que absoluta que a mãe foi a maior culpada em deixar os filhos naquela situação.

Relação família não existia, a mãe explorava os seus filhos. A mãe se fazia de vítima, culpando os filhos, mas o maior problema era a mãe.

Essa é a visão que as/os educadoras/es possuem da família da Rose. É preciso, também, ter uma visão dos adolescentes, o que pensam sobre a família de Rose.

Uma das amigas, que foi das primeiras a encontrá-la na rua, assim se refere a família, e ao desejo da Rose, que, para ela, era o motivo do sofrimento que fazia com que ela estivesse na rua:

Mariana - Que ela queria estar em casa, mas ela não se dava legal com a mãe dela, porque ela queria saber da mãe dela verdadeira. Ela sempre queria ir atrás da mãe verdadeira dela. Que aquela não era a mãe dela. E ela era uma guria revoltada, né tia.

N- Ahã.

M- [...] Era bem revoltada ela.

N- E tu achas que o motivo da revolta dela era este, de não saber quem era a mãe de verdade?

M- Era.

N- E ela falava mal da família dela?

M- Falava, ela dizia que não gostava da mãe dela, porque ela não era a mãe dela verdadeira... E, sei lá, as gurias não eram irmãs também, que ela era diferente, bem diferente da família dela, que ela queria só saber era da família dela. Que ela ainda queria conhecer a mãe dela, era o que ela dizia.

Joana, outra amiga, também referiu-se ao fato de Rose não ser filha legítima e o quanto isto interferiu em sua vida:

N- E tu te lembrás o que ela dizia do por que estar na rua?

J- Ela falava assim que aquela lá não era a família dela, que a família dela, disseram, que a mãe dela falava que tinham adotado ela. E a mãe dela morava bem longe daqui.

N- E ela não gostava dessa família em que ela estava?

J- Ela gostava, mas ela era muito maltratada, coisa assim. Não era maltratada. Ela sabia a verdade, só que queria conhecer a mãe dela, a mãe dela verdadeira. Ela sempre quis conhecer a mãe dela verdadeira.

N- E ela chegou alguma vez a procurar essa família verdadeira?

J- Não, porque ela não sabia onde estava.

O Jérsen, um dos irmãos de Rose, sempre defende a família, não lhe atribuindo responsabilidades sobre o fato de tanto ele como Rose irem para rua. Por outro lado, quando fala do porquê dos adolescentes saírem de casa, contraditoriamente afirma existir violência na família, bem como maus tratos físicos e psicológicos.

Sobre o fato de Rose não ser sua irmã legítima, diz que a família sempre a tratou da mesma forma que tratava aos outros membros da família, e que a mãe nunca escondeu o fato da adoção. Interessante que a mãe escondeu de diversos educadores, como no caso de Gilberto que atendia a família e ficou sabendo por mim no momento da entrevista, que ela não era filha legítima. Também Anete, psicóloga da Casa Abrigo não sabia do fato. Ficou sabendo através do Conselho Tutelar.

Assim Jérsen refere-se ao fato de Rose querer conhecer sua mãe verdadeira:

N - Mas tu achas que a Rose sentia muito o fato de não ser tua irmã de verdade, ela falava isso?

J - Não, a Rose sempre foi considerada irmã, não tem! [Em tom revoltado].

N - Porque na realidade ela queria conhecer a mãe dela de verdade né?

J - Eu não sei, sabe. Ela nunca falou pra nós que ela queria conhecer a mãe dela. Mas acho que ela não queria conhecer a mãe dela, porque ela falou que mãe é aquela que cria e não é aquela que faz. Que se a minha mãe fosse mãe ela não me dava. Então a minha mãe é a mãe, ela falava. Não tem outra mãe sem ser a mãe. Ela falou mais isso.

N - Pra mim também ela nunca falou isso, ela falou mais pras gurias, tanto a Joana como a Mariana, que é uma coisa que ela queria era conhecer a mãe de verdade. Por isso eu te perguntei isso. Mas então ela nunca falou?

J - Não, a Rose disse que nunca queria saber da mãe dela. Que a mãe, que ela só, que a mãe que é mãe é a que cria né, aquela que só faz e depois atira no mundo não é!...

N - E ela sempre soube que não era filha?

J - Sempre soube. A mãe sempre disse "oh Rose, eu te peguei quando tu tinha tantos meses e assim, assim, assim". Muitas vezes a mãe falou pra ela. E ela chorava, sabe...(silêncio)

Pelas entrevistas, e pelo senso comum, logo descobrimos que a família foi a culpada pelo fato de Rose estar na rua: não era filha legítima, não era reconhecida, era diferente das irmãs, envolvia-se em delitos o que envergonhava os pais que acabaram por ignorá-la. A mãe utilizava as crianças para mendigarem e venderem produtos na rua. Família considerada *desestruturada* pois sobrevivia do serviço dos filhos, sendo que os pais não trabalhavam.

Talvez seja possível ver a situação de um outro enfoque, não para justificar a família, e sim para tentar compreender seus mecanismos de sobrevivência. Família migrante, chega na *cidade grande*, muitos filhos, morando numa casa abandonada. Sem raízes, sem história. O que o pai sabia fazer era domar cavalos, e vem para cidade retirar areia do rio para vender. *Simple*s

mudanças, *fácil* aceitação de uma nova realidade. Morar numa cidade cujo principal produto é o sapato, para uma família que não tinha sapatos. A família de Rose, assim como a de centenas de famílias que hoje moram em Novo Hamburgo, tem a mesma história, migrantes que vieram para a cidade em busca de trabalho. Chegando na cidade, não encontrando trabalho para os adultos, optam pelo *ganha pão* que as/os filha/os possam adquirir pedindo esmolas, engraxando, vendendo bilhetes, e até prostituindo-se.

Num diagnóstico feito pelo projeto Casa Aberta, abrigo que atendia a gurizada de rua, mantido pelo CEAMEM, 100% das famílias dos adolescentes atendidos vieram do interior do estado e de Santa Catarina. Todas trabalhavam no campo, direta ou indiretamente. (CEAMEM, 1997).

Nosso povo é povo sem raiz: da mesma forma que a árvore, ele fenece, fica seco e morre à medida que perde o vínculo com a terra. Historicamente desenraizado, o trabalhador brasileiro perambula de cá para lá e de lá para cá, catando aqui e ali as migalhas de uma sobrevivência cada vez mais dura e sofrida. Povo sem terra vai se tornando, progressivamente, povo empobrecido e marginalizado. (MENEZES; GONÇALVES, 1986, p.17)

Analisando dados sobre a migração no país, observa-se que em 1960 havia 44,67% da população residindo na zona urbana, em 1980 esta taxa sobe para 67,57%. A expulsão do homem do campo vem subindo a cada dia, sendo que nas décadas de 60-70 foram expulsos 13 milhões de brasileiros do campo e na década seguinte o número sobe para 15,5 milhões. Na região sul, a população urbana em 1940 não passa de 28%. Quatro décadas apenas foram suficientes para triplicar esse índice, ou seja, em 1980, havia 62,46% da população vivendo em área urbana. Em termos familiares: em apenas 2 gerações ocorreu a inversão do perfil populacional! É uma mudança extremamente brusca. Por gerações as famílias rurais construíram o seu sistema educacional. A geração anterior sabia educar a que estava chegando, preparando filhos e netos para a produção e a socialização necessária à vida digna na roça. Como um neto e filho de trabalhadores rurais poderá ser apoiado pela família para inserir-se na produção e socialização urbana? A desestruturação da família está relacionada com a estruturação do sistema produtivo urbano. No entanto é necessário admitir que a maioria das famílias migrantes rapidamente aprende a reestruturar-se no meio urbano. Caso contrário, a vida urbana brasileira estaria mergulhada num caos inimaginável.

A situação de Novo Hamburgo em nada se diferencia dos grandes centros atrativos ao povo do campo, que perde tudo e vem tentar uma vida melhor na cidade. Num livro sobre a cidade, assim é colocada a participação desses novos migrantes:

*Nota-se contudo, a falta de um maior acervo cultural, nas populações, por terem sido os nossos antepassados mais obreiros. O pouco cultivado das mais puras tradições ocasionou o fato de a nossa comunidade se expandir em torno do setor secundário. Voltou-se para a industrialização e este fato acarretou, para o município, **um contingente humano flutuante, grande parte mestiços [grifo meu]**, que vieram em busca de trabalho, ingressando no grande número de indústrias do município como operários. Esta gama da população, não sendo muitas vezes fixa, alimentando outros princípios e tradições e, muitas vezes, desconhecendo as suas próprias origens, pelo baixo padrão cultural, conviveu e convive na comunidade, influenciando-a, profundamente.*

O intercâmbio entre as diversas culturas foi uma decorrência lógica do convívio constante; evidenciaram-se novos padrões culturais que se distanciaram dos originais.

A população hamburguesa é, em sua maioria, jovem e operária. (SCHÜTZ, 1992, p.98)

Mas o fato de serem migrantes não justifica, por si só, o fato das crianças estarem na rua. Numa pesquisa feita em Recife (JUÁREZ, 1996) considera uma interpretação simplista associar a condição de criança de rua com o fato da família ser migrante, sendo suas oportunidades de integração diminuídas. Em sua pesquisa com crianças de rua institucionalizadas, 89,5% destas não são migrantes. E a percentagem de mães migrantes ou não, é igual, isto é, 50,7% das crianças filhas de mães não-migrantes, também não são migrantes.

Entretanto, uma pesquisa feita por MAZZOTTI (1996, p121) destaca o dado da migração como sendo importante. Ela refere pesquisa feita em Goiânia em 1990, com diferentes grupos de crianças e adolescentes: *menor*⁴⁰ de rua, *menor* trabalhador assistido por uma entidade estadual, e outros *menores* trabalhadores: engraxates, vigias, catadores de papel, carregadores, etc. Também presente um grupo de *menores* trabalhadores não assistidos por entidade, mas encontrados nos bairros. A condição de migrante evidenciou-se em todos os grupos pesquisados (76,4% em média), chegando a 100% no grupo de engraxates, vigias de carro e catadores de papel. Outro dado importante apontado pela pesquisa é que o grupo em que 100% são migrantes, é onde aparece o maior índice de desemprego (24,7%) comparado com o grupo do bairro, com *menor* índice de migração de outros estados, onde a taxa de emprego está na ordem de 64,6%.

⁴⁰ Termo utilizado pela autora da pesquisa citada.

Mesmo que a migração não seja um motivo central para a saída das crianças de casa, não pode ser desprezado. Se não é o fato da família ser migrante o motivo da Rose ir para rua, o que pesa é a desestruturação familiar. Será?

Em sua pesquisa, JUÁREZ (1996, p.109) conclui que a presença de crianças na rua não tem como causa direta a desestruturação familiar, ou sua extinção. Acredita que justamente no fato contrário. Considera que existe efetivamente “um estigma demográfico que mascara as situações de pobreza: o que nas classes médias e altas identifica-se como processo de individualização e melhora da condição feminina, nas camadas pobres possui conotação pecaminosa”.

Não existe em Novo Hamburgo uma pesquisa sobre as famílias da gurizada de rua. Baseada em três anos de atuação como Conselheira Tutelar e quase dois anos como educadora de rua, posso afirmar que as histórias familiares são muito diferentes entre si. Não posso falar em números, mas, empiricamente, posso dizer que existem diferenças como: em algumas famílias (como a de Rose) pai e mãe continuam juntos desde que casaram. Outras famílias a mãe é o centro, podendo existir padrasto ou não (caso da Mariana, Fera, Élio). Outro é o caso onde o jovem é órfão de pai e mãe, mas prefere sair de casa porque não aceita o padrasto (Zuêra). Já Luísa, afirma ter saído de casa quando a mãe morreu, mas antes sua irmã já estava na rua, mesmo com a mãe viva.

Apesar desses dados, difíceis de serem analisados como estão, quero apenas demonstrar que não é possível encontrar um perfil comum entre as famílias dos que estão na rua, pelo menos com a gurizada pesquisada em Novo Hamburgo. Será possível observar que, mesmo as famílias não tendo um perfil único, é comum que a gurizada a responsabilize pela saída de sua casa. O que se observa na pesquisa de MAZZOTTI (1996), que diferencia a gurizada de rua é o fato de não possuírem um bom relacionamento tanto com pai como com a mãe. Mas o que chama a atenção no estudo, é o tipo de punição utilizada, sendo o castigo corporal verificado em 39% das gurias e 62,5% dos gurus. Nos outros grupos somente os vendedores ambulantes e jornaleiros apresentaram índices de 31,3% nas gurias e 20,0% dos gurus. Os outros grupos não passam de 30%. Acredito ser importante este dado, devendo ser analisado com cautela, pois também por si só não justifica uma opção pela permanência na rua.

BECKER (1992) traz alguns depoimentos de crianças e suas famílias:

Jav :... Em casa de família. Em casa, assim, já vi muita criança apanhando dos pais, os pais deixavam as crianças acorrentadas pra não saírem, os pais bota as crianças de joelho com o colchão na cabeça... Já vi várias vezes, um monte de coisa". Quando perguntado se sabe por que essas coisas acontecem, responde: "Eu acho que acontece...isso aí não parte da criança. parte dos pais por causa que amanhã, depois, eles vão ficar assim que nem eu, ladrão. Se revolta com os pais, não vão mais querer parar em casa; só eles pegá mais uns anos, não ficam mais em casa. Esse é o problema de quase todo o menor de rua, problema de todos eles bem dizer: a revolta. (p.153)

A seguir descrevo os depoimentos da gurizada entrevistada, o que pensam de suas famílias. As falas dividem-se entre respeito à família e o temor. Os primeiros depoimentos são de Joana e Mariana, quando não estavam na rua e sim com seus filhos.

Joana: perguntei a ela por que estava na rua antes, e ela referia a dificuldade, o fato de não ajudar no sustento da casa:

J - É que eu não tava, não tinha nenhum serviço, e daí, minha mãe ficava meio braba. Ela não tinha direito de ficar lá comigo porque só ela que trabalha. Daí eu não fazendo nada, aí é melhor eu nem ir pra casa, ficar ali.

N - Então tu não ficava em casa porque tu não trabalhava e a mãe ficava cobrando?

J - Não, ela não ficava cobrando, ela ficava só chateada, triste, e só tava ela trabalhando. E daí eu só ia pra casa quando tinha dinheiro pra dar um pouco pra ela, pra ajudar ela. Porque eu não trabalhando eu não ia pra casa igual.

N - E o teu pai não trabalha?

J - Meu pai não, porque ele não consegue serviço. Daí ele fica chateado e aí ele...xinga a gente por causa que ele não consegue serviço. Ele fica triste com ele mesmo.

Mariana fala da mãe com muito respeito, e relata sobre as ocasiões em que ela veio buscá-la no centro:

M - Daí quando eu fiquei grávida, a minha mãe soube que eu fiquei grávida, daí a mãe veio aqui no centro me buscar. Me lembro até hoje, ela veio me buscar no dia 15 de setembro, (frase não deu pra entender) e daí no dia 17 eu vim buscar o Miguel, porque eu tava grávida do Miguel. Daí dia 17 de setembro daí depois, eu vim buscar o Miguel, ele tava podre de chapado, bêbado. Daí eu levei ele pra casa, daí ele..

Mas nem sempre quando a família vem buscar elas/es retornam. Quando estava no Conselho Tutelar, acompanhei casos em que os pais procuravam alguma/um filha/o que estivesse pela rua, mas quando eram avistados pela/o filha/o, esta/e costumava fugir.

M - ... às vezes eu fugia dela, na rua, quando ela vinha me buscar. Ela sempre me buscou tia, daquela vez que eu fugi de casa, ela mandou, ela me mandou embora, ela disse quer ir tu vai, aí eu vim. Daí ela veio, várias vezes ela vinha, ela e a minha irmã vinham me buscar. Eu ia, ficava uma semana em casa, saía e voltava de volta!

Mariana também esteve na FEBEM e lá fez o exame HIV. Abaixo relata como a mãe ficou sabendo e o que pensa do exame:

M - A minha mãe sempre dizia que se um filho dela fosse pra cadeia ou..., ela nunca ia visitar né, e daí eu não avisei ela! Eu não avisei ela. A Rafaela que avisou a mãe. E ela foi me ver lá! E daí eu até disse pra ela, que eu tava né tia, o exame que eu fiz lá na FEBEM, até hoje eu não acredito, até hoje eu não acredito. Eu acho que eu não tenho nada, mas eu falei pra ela e ela se apavorou né!

Quando Joana e Mariana voltam pra rua, o discurso não muda, permanece entre acusar a família e defendê-la. Joana fala muito e rápido, mas com muita confusão. Mistura os tempos, fala de coisas que aconteceram durante a gravidez, misturadas com os motivos de ter saído pra rua, depois que o nenê nasceu;

J - Daí, cheguei, falei pra mãe, fiz um acordo com ela, daí pra pegar uma pecinha, pra ela arrumar uma pecinha pra mim, daí a tia arrumava o fogareiro e eu fazia a bolacha, daí pegava dinheiro.⁴¹ Daí eu prometi pra ela que eu fazia todo o serviço pra ela, e parar com tudo, daí ela disse assim que nunca mais ia brigar comigo. Ela queria que eu passasse o nome do meu filho pro nome dela. Eu falei assim que eu não aceitava por causa que eu queria botar ele no meu nome que quando eu morresse ele ia ter uma mãe. Uma mãe que... que gostou muito dele! [depois que o nenê nasceu] Daí ela pegou e brigava um monte comigo e eu tava com a barriga grande já, daí o pai batia nela também, daí eles brigavam muito comigo, daí eu fazia todo o serviço direito, daí ela não aceitava, parece que nada tava bom pra ela. Daí de tanto eu me incomodar eu quase perdi o nenê, o Carlos, daí. Daí ela pega e fica me cobrando de mim, como se um bagulho daí eu peguei [não deu pra entender direito]. Daí um dia ela falou pra mim que se eu fizesse ela e o pai brigar, eu não precisava chamar ela nunca mais de mãe! [gravidez]. Peguei e saí fora, daí eu tava com o menino no centro, daí eu mandei o mano levar ele pra casa e dei um dinheiro pra ele, dei um beijo e abracei forte ele pra ele não esquecer de mim. Daí ele foi pra casa. Daí um dia eu tava em casa e a mãe começou a brigar comigo eu saí de casa de novo, fiquei um dia na rua, daí o pai chorou a noite toda por causa do nenê, achava que nós tava passando fome. O pai, o pai é bom, o pai. Ele gosta um monte de mim, nunca me fez mal! Só um dia que eu caí lá, que eles iam brigar, o mano quase deu uma tijolada na cabeça do pai, daí não sei o que, daí eu caí no chão, eu tava grávida do nenê, tava quase ganhando já. Daí eu caí sentada, senti dor na barriga, daí o pai tava bêbado daí o mano quase acertou a tijolada na cabeça dele daí, eu peguei e dei um empurrão no mano. Daí eu não deixei brigar com o pai. Daí eu falei assim, se é pra tá brigando todo o dia aí, eu pego e saio fora, deixo o nenê agora, quando tiver, arrumar uma casa, e arrumar um serviço pra mim eu pego, pego o nenê e vou embora de lá! Daí eu falei pro pai que se ele continuasse brigando com a mãe, eu não... , eu ia esquecer que tinha um pai. Daí a mãe um dia pegou e chegou pra ele "é isso aí que tá destruindo nossos filhos, são nossas brigas [... não deu pra entender]. Daí eu peguei e falei assim pra ele, daí a mãe falou assim pra ele se ele não parasse de beber ela ia pegar e deixar dele, e ia embora, e ia deixar ele. Daí ele pegou, daí ele sentiu, daí ele parou de beber. E aí, e agora ele arrumou um serviço pra ele.

⁴¹ Esta referência a tia e as bolachas, relaciona-se a oficina de bolachas desenvolvida pelo CEAMEM, com as adolescentes que na época estavam grávidas. Joana era a guria que mais participou, faltando somente uma vez. Com a renda, apesar de não ser muita, ajudava a comprar algumas coisas para o filho. Quando começou a oficina ela estava na rua. Com o tempo voltou para casa e teve o nenê acompanhada pela mãe, que depois quis colocá-lo em seu nome a fim de torná-lo seu dependente para fins de atendimento de saúde. No

N - Tu achas que é melhor pra ele tu ficares longe dele? (do filho)

J - Não é melhor, mas...se eu viver nessa vida assim, vivendo brigando assim... eu não quero, eu não quero ser culpada de, perder minha mãe, por causa de brigar com ela todo o dia. Eu só saí de casa porque eu tenho medo de perder ela!

N - Por que?

J - Ela, ela sofre do coração! Pode dar um desmaio nela. Eu falei pra ela assim, ó mãe, chorei ainda, pedi perdão pra ela, tudo que eu fiz, mas acho que ela não aceitou! Dai um dia lá, eu não sabia fazer oração, daí eu peguei me ajoelhei lá, comecei a orar, e falei pra Deus, que se um dia eu fiz alguma coisa de errado pra minha mãe que ele me perdoe. Dai... abracei ela forte e falei assim: se ela me perdoa, daí ela falou assim... eu não tenho nada que te perdoar, quem tem que perdoar é Deus. Dai, eu peguei fiquei um tempo, e parece que não adiantava. Pegava a hora que ela vinha discutir comigo, pegava saía de perto mas não adiantava. Dai eu ia na máquina lavar roupa, porque eu tinha que fazer o serviço lá, daí tinha uns caras lá,... que assobiavam lá, daí ela pensava que eu tava me fresqueando e me mandava pra dentro. Dai eu ia lá fazer o almoço e parece que não adiantava, vinha encher o saco lá. Dai eu ia pro quarto e olhava televisão. Dai se acaso o guri chorava o meu irmão reinava lá, falava não sei o que, que eu não sabia, às vezes o guri tinha cólica, dor de barriga, daí ela ficava olhando, daí a mãe, a mãe já se queimou pelo guri. "Faz esse guri ficar quieto", falei assim, "ficar quieto não! Deixa o guri ôh, o que vou fazer, não tem nenhum remédio". O único remédio que eu tinha, às vezes tinha que toda a hora pedir. Dai eu recebi dinheiro das bolachas... comprava as coisinhas pro nenê e dava o resto do dinheiro pra ela, dava quinze real e ficava com dez só, comprar as coisas pro guri. Dai... ai, ai, daí ela falava sempre, botava na cabeça assim que, que, eu saía porque eu tava louca pra, pra voltar pro centro né. Eu falei assim "que se eu quisesse voltar pro centro eu tinha voltado. Mas eu acho quem quer me ver longe no meu filho é a senhora. Só por causa que eu não aceitei de passar no nome dela, que eu não tinha condições, pra ela botar o guri no IPASEM". Eu não aceitei e pronto! Dai ela não gostou, e não pode ter incomodação, e nem precisava do dinheiro dela!...

J - ... Ah, se eu morrer um dia antes, eu só quero que meu pai vai lá no caixão e me perdoe e que meu filho me perdoe porque eu amo muito eles.

Quando eu encontrei a Joana no centro e fomos até o *mocó* para conversarmos com a Mariana, Renato estava junto. Não o conhecia. Perguntei o motivo de estar na rua, mas foi difícil entender na gravação o que disse, pois as gurias falavam ao mesmo tempo e ele estava distante do gravador. Ele também refere dificuldades na família e o uso de drogas. Aparece novamente o *filho adotivo*.

R - Eu tô na rua porque, ... porque eu sou adotado, só que a minha irmã e a minha madrinha, só que eu tive que sair de casa _____ nas drogas _____ tive que sair de casa. Dai não deu certo. Só o pai que me ajudava, mas agora...

N - Mas tu tá há pouco tempo na rua agora?

R - Eu vim da minha mãe verdadeira, mas ela não aceita que eu fique.

depoimento da Joana é possível ver a revolta que isso lhe causou. A oficina terminou pois o CEAMEM perdeu o financiamento que mantinha com a prefeitura, necessitando demitir metade das/os educadoras/es, entre elas a que trabalhava com as gurias.

N - Por que não?

Joana - Porque ela pensa que ele não é filho dela..., dela...

N - Ah!

R - Ela não me criou né, quem me criou foi a outra. Daí ela pensa, ela diz que eu não sou o filho dela. Que mãe é quem cria. Como ela não me criou, ela diz que não sou o filho dela...

Mesmo que Renato não falasse muito, apareceu novamente a discussão sobre ser filho biológico ou não, qual a mãe que vale, a que cria ou a que *pariu*. Quando não dá certo com a família adotiva, a gurizada recorre aos pais biológicos, pelo menos é o que se observa tanto no caso da Rose como no de Renato. No tempo em que trabalhava no Conselho Tutelar, sempre buscava-se a alternativa dos pais biológicos em caso de filhos adotados brigarem com os pais. Como diz Cláudia FONSECA (1995) *o sangue puxa*.

Continuando com o Renato, ele fala um pouco mais da família adotiva, até quando ela o agüentou:

R - Eu já tive, na outra vez eu tava na rua.

N - Quando tu era menor?

R - Não, eu tava com 17 anos. Só que daí as minhas irmãs adotivas elas me dão muita força. Daí elas falaram com o pai, falaram com a mãe e aí tá. Daí peguei fui lá pra praia, eles tavam lá na praia né. Eles vieram aqui me buscar e levaram pra lá. Mas daí lá [não deu para entender] "ligação, e dá "ligação" comecei a fumar. [Mariana e Joana falavam alto, vendo roupas e se trocando]. Fumar, cheirar, e, e aí entrei nas drogas. Aí comecei a vender, comecei a roubar, comecei a vender as coisas. E aí foi isso! E agora tô na rua. Só que agora eles falaram que apoio, apoio pra mim eles não vão dá mais. E aí a minha mãe me disse que quando eu sai de casa não era pra mim mais pedir ajuda pra eles. Daí quando eu vim pra cá, eu fiquei umas três semanas assim, sem vício. Daí peguei e fui lá e falei com eles. Aí ela pegou e falou comigo. Aí ela falou que se eu ficasse na rua não era pra mim mais ir. [aí falou sobre a mãe que não foi possível entender].

Não, eu tô limpo, eu tô aqui porque ela vai me ajudar.... Ela agora vai me dá uma sacola de roupa.

O Jerson, em sua fala, defende a família, responsabilizando-se pelo fato de estar na rua, mas a família recebe a sua parcela de culpa também, de acordo com seu depoimento:

J - A culpa não é de ninguém sabe? Ninguém tem culpa de um guri ir pra rua. Que os pais, como já falei esses dias, os pais correm atrás, sabe, é filho! Tem pai que não vai atrás. Olha aqui oh, saiu do portão pra fora oh, não precisa voltar mais. E não deixa voltar mesmo sabe! Tem gente que é assim, sabe? Mas no geral assim, sabe, as pessoas vão atrás, vão atrás, até que chega um tanto que não dá mais. Só se incomoda, se incomoda, a polícia na frente da porta sabe, que ele fez isso, que fez aquilo. O vizinho reclamando que tão roubando minhas coisas! Daí, sabe, desbaratina e oh, não vou mais atrás dele. Eu trago ele embora e só apronta no bairro e daí depois larga fora e aí quem tem que arcar com as consequências sou eu né?...

Eu fui menino da rua, eu ajudei minha família e eu acabei gostando das ruas. E de menino da rua eu passei a menino de rua. Não queria mais voltar pra casa, sabe. Ah, não preciso mais ficar ah... apanhando, às vezes, porque eu faço uma coisa errada eu apanho, na rua não! Mas enquanto a gente é pequeno não. Depois a gente começa a crescer e começa a fazer pancada e as coisas mais erradas que a polícia entra né! Aí sabe, aí a gente vai ficando cada vez mais revoltado. E a gente culpa família, e a família na realidade não tem nada a ver. Não tem nada a ver...

Ao mesmo tempo em que constata que sofre violência em casa, que apanha, afirma a família não tem nada a ver, não é culpada pelo fato dele estar na rua. Fala da sociedade como uma pirâmide, e nesta, a gurizada de rua é uma *intrusa*. Por isso perguntei se ele achava certo isso ou não, por que uns eram intrusos e outros não. Novamente a responsabilidade sobre a família:

J - Aí depende muito, isso depende muito, sabe, da família, sabe, isso depende da família. Porque se ele começa, se ele sai de dentro da família, isso depende da família, sabe?

N - No teu caso tu acha que foi da família?

J - No meu caso eu não acho que foi da família. No meu caso eu, no meu caso fui eu, sabe. Não o culpado, mas eu quis ser liberdade. Eu quis ser, sabe(...) Supõe que em casa o pai bebe, sabe, aí o mano mais velho fuma um baseado. Muitas vezes os gurus saem de casa conhecendo tudo já. Aí já chega lá de malandrão né? Aí já, e muitas vezes eles começam já, ele chega a passar da família para comunidade: escola, as outras comunidades. Aí ele, ele começa, supõe que, começa a roubar sabe. Todo mundo tá confiando nele né, bah, acham que vai ser um grande cara né. E ele tá... E aí eles suspendem. Mandam de voltar pra família e "oh, não queremos mais ele aqui sabe, oh, esse cara não entra na porta da minha casa". Aí bã, bã, bã, bã, ele chega em casa e apanha então, ele larga a porta. Quero ser livre, né cara, não tem que tá!

Como pode ser visto, ele sempre defende a família. Da mesma forma que a Rose fazia, nunca falando nada contra ela. Mas pelo relato do Jérson é possível fazer uma previsão a respeito da família sobre a qual ele fala quando *supõe* um pai bêbado e um irmão mais velho fumando baseado. Também Mariana, Luísa, Fera, não costumam falar de suas famílias, e quando o fazem, é com bastante respeito.

Na entrevista com a Luísa e o Fera, dois amigos de Rose, que saíram da rua quando Luísa engravidou, fazem referência ao Élio, relacionando o fato de estar na rua com sua família:

F - O Élio tava em casa num tempo que não tava na rua. Depois começou a vir de novo . Foi uma vez depois foi pra rua, ficou um tempo depois foi pra casa, ficou um tempo e depois voltou. O pai dele batia muito nele.

Ziebell, (In BECKER, 1992, p.65), trabalhando com a gurizada de rua, assim entende a família:

Se entendermos a família, não como núcleo isolado, mas como uma das instituições contraditórias que reflete em seu bojo a sociedade patriarcal e as necessidades de reprodução de mão-de-obra barata para o capital, teremos uma posição não de culpar esta família, mas de entender mais globalmente esta realidade.

Junto com a falta de afeto que algumas vezes aparece nas entrevistas, também existe muita presença, o *buscar na rua, o tentar colocar limites.*

Concluindo, tanto a família desestruturada quanto a prática de maus tratos, também não justificam o fato de permanecerem na rua, pelo menos para a gurizada entrevistada.

4.1 - Quem era a Rose

O que existe em comum nos depoimentos tanto das/os educadoras/es como dos adolescentes entrevistados, é a personalidade forte da Rose e seu sentimento de proteção. Era ela quem recebia as/os novas/os na rua, quem os defendia, quem dizia o lado para ir, o banco para sentar, providenciava o loló para cheirar.

Essa liderança na rua geralmente é exercida pelos homens, as mulheres dificilmente assumem um papel de chefia⁴².

Entre os depoimentos sobre sua personalidade, está:

Mariana - ... ela era uma guria guerreira né tia?

N - Líder?

⁴² Sobre o tema gurias de rua, fiz um artigo em conjunto com Alda Prates, onde discutimos grupos, gangues, e o papel da mulher nesse meio. (PRATES, FRIEDRICH, 1996)

M - É, ela ajudava a gente, ela era assim, ninguém batia nela, ninguém mexia com ela. Volta e meio nós discutia, brigava, mas ela nunca brigou comigo assim... Sei lá, ela se dava legal com todo mundo, ela era uma guria tri, sabe, mas quando ela não tava chapada tia, porque quando ela tava chapada ela se possuía, sei lá, ficava muito louca...

N - O que é que ela fazia daí?

M - Ah, ela mexia com todo mundo na rua, né tia, assaltava todo mundo que via, mexia com os brigadianos, apanhava... Mas ela era legal, ela se virava legal, ela era uma guria tri. Eu sempre gostei dela de montão. Mas elas eram assim, umas gurias, como é que eu vou te dizer, a gente era muito amiga né; tia, e naqueles tempos éramos só nós, daí depois foi chegando as outras gurias, e como eu era acostumada, eu fui tirando amizade com as outras e ela parecia que ela tinha ciúme da gente. Que como a gente tinha amizade com elas, não queriam que tivesse com outras. E no fim elas acabavam brigando. Elas tinham ciúme de mim, tia. Muitas vezes quando eu ia pra Tramandaí, eu ia com a Sara, não sei se a tia se lembra da Sara.

N - Não me lembro

M - Era uma guriazinha que sempre vinha aqui na praça, e quando ela vinha a Rose já sabia que ela ia me levar pra Tramandaí, que eu sempre ia. E antes de eu ir ela sempre dava um pau na guria, ela dizia pode levar a Mariana, mas tu vai apanhar primeiro. E antes de eu ir pra Tramandaí ela sempre dava um pau na guria.

O líder da rua manda em tudo e em todos. Define quem *cheira* e como *cheira*. Assim como diz quem fica ou quem vai embora.

Zuêra, que já está com mais de 18 anos, e que foi namorado da Rose, sendo dos primeiros gurus a ficar na rua, assim a definia:

Z - Ah, ela era conhecida aqui em cima como um sargento né, porque ela gostava de mandar né! Gostava de mandar em todo mundo, mandar, mandar e bah. Daí nós chamava ela de Rose sargento, daí ela não gostava, mas era assim! Ela ia nos mocó, ficava as vez, fazia os programa dela, porque ela fazia programa as vez né, fazia os programa dela mas... Mas não era muito ruim os papo com ela, assim, conversar com ela, não era ruim. Como camarada. Todo mundo quase concordou com ela, aí acho que não era ruim. Era legal o jeito dela.

...Porque ela era mais mandona né, ela era a Rose, sempre chamavam ela de Rose. Ela ficava assim, se achava que alguma coisa tava errada ela cobrava na hora, ou... ela não... já cobrava brigando, ela não cobrava assim só... falar, ela já cobrava nas pancadaria. De repente é por isso que se deixemos um pouco.

N - Uma coisa que eu queria saber. Vocês chegaram a namorar né? Como é que foi isso de namorar com a Rose, como é que a gurizada de rua namora? São fiéis, não são fiéis, não existe isso, como é?

Z - Olha, a gente fica né, que nem, homem é homem né, homem é tudo a mesma coisa né, (risos meus e dele). Não, homem é homem né. Homem pega e se a mulher der pra trás ou queimar o filme o cara já cobrava, eu cobrava dela, batia nela sabe, batia, dava nos "corno", ela também batia em mim se eu fizesse errado!

N - Eram iguais, os dois?

Z - Era, era igual. Com ela era igual, naquela época ela era sargento, ela não gostava só de levar soco, ela queria dar também. Ai, eu pegava e cobrava dela. Mas ela fazia isso porque é pira dela né. Quando eu tava por perto, ao menos, ou se eu tivesse em Novo Hamburgo ela não fazia nada, só se eu fosse pra São Leopoldo, pra outras bandas, ou ela ia pra lá, às vezes, pra dar uma traidinha né, ai ela ia né (risos). Se o cara gosta, acho que é a mesma coisa né, se é da rua se não é da rua. Gosta, gosta mesmo. Que não tem. Vê o Miguel e a Rafaela, tão na banda, mas se gostam né. Que nem a Rafaela dá várias bandas comigo aí às vezes, por aí, quando ele não tá na banda, ai ela dá banda, mas, eu também, nunca. Eu também não acho certo né, dá bocada na mulher dos outros, mas fico frio né, não gosto que dão bocada na minha. Eu acho que não era não. Só que a gente brigava um monte, se cobrava. Se cobrava nas pancadas. Só isso. Acho que era assim.

Na relação com o Zuêra aparece a relação de gênero entre a gurizada. Não foi possível aprofundá-la durante a pesquisa. Na experiência que já tive com a gurizada, não foi possível definir um padrão claro nesse tipo de relação. Muitas vezes são extremamente machistas como o Zuêra, quando diz que “dá várias bandas” com a Rafaela, mas não acha certo “dá bocada na mulher dos outros”. Mas, como diz, “homem é homem né”. Algumas adolescentes mantêm relações extremamente submissas com seu companheiros. A Rafaela costuma apanhar do Miguel, mas acaba ficando com ele ou pelos filhos ou pelo afeto que possui. Já outras como a Joana ou Mariana, não permitem que seus companheiros as espanquem. Pelo menos são os seus discursos.

Conversando com Luísa e Fera, falaram da mulher do Haroldo⁴³ que bate nele

F - ... dava nele assim “Ô Haroldo, não vai pra rua” (o resto não foi possível entender).

N - A mulher dele é?

F - É, apesar de que a Joana era um toquinho perto dele né?

N - A Joana também batia nele né? Ah, eu me lembro quando a Joana dizia que batia no Haroldo. Em me lembro da cena, imagina.

Quando estava no *mocó* entrevistando a Mariana a Joana e o Renato, observava a forma como as gurias relacionavam-se com ele, pedindo por favor para ele buscar água. Mas um pedido em tom afirmativo e autoritário, a que ele respondia prontamente

⁴³ Haroldo, é um rapaz negro, bastante grande, que tem quase o dobro do tamanho, da Joana e que apanhava dela. Era uma relação bastante interessante. Ficou durante anos na rua em Novo Hamburgo. Ele e seu irmão vieram de Sapucaia. Por algum tempo estiveram na Casa Abrigo Infante Juvenil, depois foram para a rua. Faziam parte dos “trinta” que haviam na rua no tempo em que estive no Conselho Tutelar. Pelo relato do Fera agora ele está em casa, casado, assim como seu irmão. Naquela época já tinha quase 18 anos, e era odiado pela polícia. Tinha um inspetor de polícia que dizia estar louco que ele completasse 18 anos para mandá-lo para o presídio, ou matá-lo, pois daí não teria a proteção do Conselho Tutelar. Demonstrava muito racismo, utilizando apelidos discriminatórios.

Voltando ao tipo de personalidade da Rose, é preciso entender que o líder não se faz somente pela força, como também pela proteção. E este aspecto era muito relatado no depoimento da gurizada. Também o sentimento de ser especial para aquela que os protegia. Como fala Joana:

N- Ela te defendia?

J- Aã, Ai foi assim, ai um dia, o último dia que nós nos vimos ela falou bem assim pra mim, que... eu podia brigar com ela, mas ela nunca ia brigar comigo e que gostava muito de mim e que nunca ia me esquecer. Dai no outro dia eu não vi mais ela.

Também a responsabilidade do líder em não deixar nada de ruim acontecer ao seu grupo. Como Mariana relata o fato de ter brigado com a Rose por ter “caído na FEBEM”, e que ela havia dito para se cuidar. Acaba sendo uma posição contraditória da Rose, uma vez que ela também estava lá. Parece que a Mariana deveria ter assumido papel dela na ausência, o que acabou não fazendo.

N- O que é que tu achas que levou ela a ir pra lá? (viver com os traficantes)

M- Eu não sei... eu não me dava legal com ela mais, sabe tia. A gente tinha discutido, eu nem me lembro por que, ah, por causa do tempo da FEBEM. Ela não queria que eu caísse na FEBEM, e daí a gente começou a se dar mal. Que ela sempre me avisava. Eu me lembro que eu sempre visitava pra mim me cuidar pra mim não ir pra FEBEM. De lá ela ficou braba comigo.

Outras/os adolescentes relatam a iniciação que tiveram na rua com a Rose:

N- Tá, e nesse tempo que tu estavas na rua tu conhecestes a Rose?

Fera - Conheci.

N- Quando? Tu lembra como foi, a situação em que vocês se conheceram?

F- Ah, a primeira vez que eu vi ela, eu cheguei no centro, daí ela tava, (...) a primeira guria amiga que eu tive foi a Rose, e a Mariana. A Mariana né, a Rose e a Mariana né. A Rose já foi me apresentando as gurizada, e, daí ela tinha um cheiro, e daí ela me convidou pra cheirar, eu nem quis, que eu não cheirava, naquele tempo né, era tri caretão né! Daí eu não cheirava quando conheci ela. Daí foi a primeira guria que eu conheci na banda. Ela não deixava os guris se “arriá” na minha assim, o Haroldo, o Clairton, os guris queriam tudo me pegar e ela não deixava.

N- Por que tu eras menor ou por que?

F - Claro que era! Claro, eu não conhecia nada, não conhecia ninguém. Podia chegar o Léo, qualquer um antigamente, eu apanhava de qualquer um né, podia chegar em mim, me apertar e se eu tivesse um bagulho eu dava. Agora não tem isso aí. Agora...

N - Ela era assim com todo mundo?

F - Ela era legal, era tri!

Na segunda entrevista com o Fera, quando estava em casa, relata a mesma atitude da Rose em relação ao seu início da rua, mas surge mais forte o componente afetivo. Também nos depoimentos da Rafaela (amiga da Rose, atual “mulher” do Miguel, pai do filho da Mariana) e Joana:

F - A primeira vez que eu conheci a Rose eu dei um tempo, fugi de casa, daí quando vi, ela me viu assim, ela já me abraçou. E daí o Haroldo e o Clairton começaram tirar minhas roupas, daí ela falou que não era pra tirar minhas roupas, que eu tava, que tava com ela, que ela tinha mais conhecimento né? Mas foi assim. Ela era muito minha amiga!

Joana - Eu conheci ela quando eu era bem pequena e eu me perdi no centro, numa parada e daí ela me levou pra casa dela e disse se então eu não queria posar lá, e me levou pra casa dela. E nós fomos indo e daí minha mãe foi lá pra me pedir pra voltar para casa. Nós ficamos mais um tempo junto, daí. Foi bom ficar com ela né, daí eu não queria mais sair de perto dela. Saía junto. Ela comprava o que eu queria. Quando eu tinha dinheiro eu comprava o que ela queria. E, era muito legal. Mas tinha outras gurias que não gostavam dela.

Rafaela - E lá (em Canudos) a gente começou a cheirar cola né, começou a cheirar cola, daí ela me ensinou a cheirar cola, e nós sempre fomos sempre bem amigas né. E “fiquemo” um tempão assim. Daí depois eu engravidei (algo que não foi possível entender) depois eu engravidei, daí fiquei morando lá...

No depoimento das/os educadoras/es também surge o fato dela assumir uma liderança e proteger a gurizada que estava com ela:

João⁴⁴ - E, ela até tinha esse espírito de liderança na turma dela, mas em função da idade dela. Até por ser mulher e a mulher amadurecer mais rápido do que o homem, então ela tinha isso aí, ela era líder, mas o fato de ser líder tu não pode olhar assim como uma coisa negativa. Ela não instigava, por exemplo, nenhuma revolta ou tumulto. Ela não liderava, instigava ou planejava qualquer ato infracional. Ela cuidava daquela gurizada. Era bem mãezona ali dos guris, não sei se tu te lembra. Ela tinha assim essa coisa.

Anete⁴⁵ - O que me marcou, eu acho que ela era um pouco líder assim, no grupo, no meio das outras meninas assim. Tinha toda uma questão de respeito por ela assim. Não tenho certeza se ela era mais velha do grupo. Mas ela tinha uma questão de liderança. Ela era grande, alta, também pela questão física. Mas tinha toda uma questão de respeito, pelo respeito com a Rose, das outras meninas né. Bem nessa questão da liderança, no grupo e de afeto. Eu acho que as meninas tinham uma relação afetiva bem boa com ela. Ela ficava num lugar meio de mãe também, de cuidar das outras meninas menores que eram a Negrinha, a Cristiane, a Joana e a Maira né. Ela tinha assim, um pouco de rivalidade com a Maira na época né, porque a Maira era bem braba, daquele jeito e a Rose era mais intuitiva.

⁴⁴ Trabalha no judiciário, acompanhou a Rose quando ela foi para FEBEM, e acompanha os processos infracionais da gurizada.

⁴⁵ Era a psicóloga da Casa Abrigo das Meninas quando a Rose esteve lá.

N - E tu acha que essa história de liderança ela tinha pelo fato de ser mãe, ou como ela conquistava essa liderança?

A - Não é que ser mãe, no sentido da palavra mãe que a gente conhece. Mas era no sentido de proteger um pouco as meninas, pela própria questão da rua, de estar na rua, perigos. Era meio no sentido mais de proteger, de cuidar com relação a quando eles estavam na rua né. **E uma liderança por aí, tipo pra onde nós vamos, o que nós vamos fazer, né.** A Rose dizia "não, vamos lá pra rua" e a coisa meio que ia (...) Ou "vamos fazer tal coisa". Nesse sentido assim de **dirigir um pouco o grupo.** O cuidado, mas assim de saber onde é que as meninas estavam, o que é que estavam fazendo, assim, **da proteção dos perigos da rua né.**

N - E no abrigo, não teria essa necessidade de proteção?

A - Não, não teria essa necessidade. Mas igual tinha essa liderança. Das meninas sempre se reportarem a ela em determinadas situações do abrigo. Tinha uma coisa de **respeito bem grande** sim, se a Rose vai sair a gente vai sair junto. Se a Rose vai comer então a gente também come, sabe. Se a Rose vai pro quarto a gente também vai. **Uma coisa assim de liderança bem, bem forte dentro do abrigo também**

Gilberto - Depois o que eu lembro assim dela é que ela estava **sempre aloprando no centro, a gurizada, sabe, ela era a dona do campinho, ela "cagava as gurias a pau" né, [...].** Mas ela tinha uma coisa muito boa assim, eu tinha uma relação muito boa com ela, (...) porque nós tínhamos muitos problemas no albergue, com as meninas e com os meninos. Bah, meu Deus, era uma bomba né, era um vesúvio aquilo [...]. E eu lembro quando eu não podia com as coisas, quando eu via que não ia dar eu chamava Rose e ela botava ordem [risos].

N - Organizava?

G - Mas, com ela não tinha né, roupas que ficavam, as gurias deixavam nos baldes, esqueciam de propósito pra não lavar né, ali 3, 4 dias lá de molho, no sabão em pó, que chegava dar nojo no balde. E elas lavavam até pra ter uma ocupação né, e compromisso com as coisas delas. Eu dizia Rose, e esses baldes! Ela chamava as gurias assim "olha aqui oh, eu vou dar mais uns minutos pra vocês, se não sair isso daqui vou jogar tudo na rua". E ela jogava mesmo. Ela ia lá na frente da casa e jogava tudo na rua. E os carros passavam por cima [risos]. Mas era a maneira que ela tinha de liderança, de liderar o grupo. **E ela botava ordem.** As vezes estavam gritando e pulando e a gente dizia "Rose, olha a hora, os outros estão dormindo, dá um jeito nas tuas colegas". **Ela dava uma supimpa, ela dava uns gritos lá e iam tudo pros cantos e ela "cagava a pau"!**

N - E como é que as outras se relacionavam com ela?

G - Era assim, a Rose era assim, com as gurias era assim: quando era contra as outras, elas estavam abraçando e beijando a Rose; mas quando era contra elas ficavam furiosas né? **Mas elas respeitavam a Rose. Mas elas tinham um medo, não sei se por medo ou por, vamos dizer assim, por admiração que a Rose era corajosa, ela não tinha medo de homem, de mulher de ninguém.** E ela ia, nem sei quantas vezes ela deu empurrão na gurizada lá e botou ordem. E nós morriamos de medo deles, tínhamos medo mesmo né, eles usavam faca [...]. Eles eram mais de dar uns tapas uns nos outros, e acabou né. Porque eles eram assim né, **tipo uma grande família** né. Mas eles respeitavam ela, e acho que era mais, medo é **admiração** né, porque a Rose era corajosa. **Ela não era de se entregar pra ninguém assim tão fácil.** Ela fazia tudo quando, se ela queria ela fazia, também ela fazia tudo quando gostava de ti.

Eu tinha muita facilidade de lidar com ela. Nunca tive problema com a Rose. Porque a gente se conhecia há muito tempo [...]. Porque eu nunca, eu não me lembro nunca de ter que chamar atenção da Rose pra nada, pra nada, assim nada. Até sempre ela foi minha amiga. Ah Rose, ajuda aqui, e ela sempre estava né. Até assim as gurias não queriam lavar a louça ou secar louça pra ajudar a gente e ela era a primeira a botara as gurias a lavar louça. E ela vinha também, pegava vassoura, varria a casa!

N - E ela fazia as coisas ou só mandava?

G - Ela fazia também. Ela mandava e fazia né. E ela era querida. Eu acho que com todos lá do albergue ela foi legal né. Ela era nossa, nossa referência com as gurias. Tudo que nós não podíamos, nós pedíamos pra Rose e ela dava uma força, do jeito dela, meio gritando, empurrando.

N - E como é que tu achas que ela se enxergava?

G - Ah, ela tinha problemas sérios. Eu lembro que às vezes ela chorava, chorava, e se ela pudesse, se ela tivesse mais coragem, sabe, em relação, não sei se é coragem de se maltratar, se castigar a si próprio, mas às vezes eu acho que ela se dava uns tapas na cara dela mesma. Às vezes ela tava assim que a gente sentia que ela tava por conta de braba com ela assim. Mas ela também não falava tudo né. Não falava tudo que passava na cabeça dela pra gente. Mas eu lembro de vez assim que ela tava chorando e tu ia, a gente ia conversar com ela e ela empurrava, não queria falar com ninguém e ela dizia assim, hoje _____ de me matar, e me puxar, sabe, e ela ficava assim, parecia um bicho enjaulado. Ela tinha assim, eu não sei lá um trauma, mas assim tão íntimo que nunca soube nada. Ela nunca se abriu comigo.⁴⁶

Adão, apesar de não ter estado muito presente na vida da Rose, participou dos primeiros momentos com a gurizada, através do MNMMR. Quando a entrevista foi feita ele era presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente na cidade.

N - E assim, que tipo de liderança tu a classificaria?

A - Eu acho que a Rose era uma liderança positiva. A Rose ao mesmo tempo que exercia aquela liderança com a gurizada, com alguns ela impunha respeito, outros respeitavam ela, seguiam ela. Até por medo, eu acho, por ela ser forte. Mas no fundo eu acho que a Rose era uma liderança positiva, até porque ela era uma menina de fácil convivência. A gente fazia amizade facilmente com ela, apesar de, de repente a gente estar dizendo alguma coisa que ela não concordava muito. Tu sabia, no mesmo instante quando ela concordava ou não com o que tu estavas dizendo. Ela dizia na hora. Mas ela nunca criou maiores dificuldades pra essas amizades, pra essas conversas. Muito pelo contrário, ela sempre esteve disposta. Eu lembro que muitas vezes, em algumas vezes ela até representava a gurizada em alguns encontros, em algumas coisas. Então ela tinha um interesse. Mas só que eu acho que essa coisa de rua é muito forte na gurizada, difícil de tirar, e na época a gente também não tinha um apoio, uma retaguarda, para que a gente pudesse trabalhar mais com a Rose. Não tinha muita retaguarda. Não tinha muito a oferecer além daquilo que ela conhecia da rua, dos papos que a gente tinha, não tinha uma estrutura de atendimento, uma rede de atendimento, vamos dizer assim, pra oferecer pra Rose, pra ver se ela conseguia se sacar daquela vida. Não sei se a gente tem hoje, mas...

⁴⁶ Em Anexo 8 estão outros depoimentos de educadoras/es sobre sua maneira de agir, mas para não estender o texto, optei por deixá-los em anexo.

... Como eu te disse, ela era incisiva assim, ela não, ela era alguém que tinha sua opinião, alguém que dizia sua palavra, voltando ao Paulo Freire. Então não tinha vacilo. Dificilmente tu via a Rose vacilar. Eu acho era uma palavra que não saia da boca da Rose. Então era vamos pra cá, vamos pra lá, nós vamos fazer aquilo. Vamos correr, vamos parar. Não tem eu acho, coisa que a gente usa muito, eu principalmente. Não sei se isso coloca uma indefinição, ou se isso deixa transparecer que a gente não sabe de tudo.... Não sou um psicólogo pra analisar esse tipo de coisa. Mas com a Rose não tinha isso... Ela era incisiva assim. E eu acho que ela superava, ou ela nunca deu bola pra essa questão machista ou feminista, ela se inclui enquanto pessoa.

Na dissertação de CARVALHO (1989) *O discurso do menino de rua: Uma abordagem sociolinguística interacional* é descrita a forma de interação do líder com o grupo. Sua pesquisa foi desenvolvida junto à gurizada de rua em Goiânia. Para ela a interação líder com os demais elementos do grupo é assimétrica:

pois ele detém o poder da palavra, dos gestos, das atitudes sobre o grupo. É importante dizer que o líder não é escolhido pelos membros do grupo. Ele surge se impondo, provocando medo, em quem está em situação de desvantagem dentro do grupo, i.e, aquele que ainda não consegue sozinho a sua cola, sua comida, e a execução de roubos... (CARVALHO, 1989, p.44).

Continuando com a autora, “no grupo de MR lideram aqueles que provocam medo nos demais, batem, colocam fogo nos mocós, não se deixam apanhar facilmente pela polícia nem por elementos do próprio grupo. Aqueles que não delatam, tomam bagulhos, mandam roubar para si, organizam, controlam e dirigem assaltos (idem, p.44).

Pode-se observar que a forma de liderança da Rose possuía algumas especificidades. Talvez pelo fato de ser mulher, a construção da afetividade estava mais presente, ela conseguia misturar o ser mãe com o ser chefe.

A intenção de fazer tantas referências à personalidade dela e sua atuação na rua, serve para o entendimento das relações, e dos **sentidos** que podem ter certas atitudes. Se uma adolescente com a liderança que Rose tinha, com o seu envolvimento com o grupo, com sua necessidade de oferecer proteção aos mais fracos, fica restrita a um local fechado, sendo *protegida, privada*, é provável que sua personalidade seja afetada, bem como sua maneira de ver o mundo. É o que poderá ser visto nos outros tempos.

5 - .TEMPO⁴⁷ DE RUA E AFETO

Fui para a rua, pois todos me viravam a cara me negando ajuda.

Aí fiquei alguns dias na rua, até que um amigo meu me convidou para roubar.

Fui, pois não tinha outra escolha, era roubar ou morrer de fome. Fui tremendo de medo, mas quando vi que era fácil, não parei, daí fui um, dois, três assaltos.

Aluguei, uma casa, que mais parecia um bordel, era gente entrando e saindo toda hora.

Aprendi a dirigir, aí foi o caos, não deu outra, comecei a roubar carros, e não parei mais.

Sempre ia ver minha mãe, apesar de não morar com ela, gostava muito dela.

Ela sempre dizia te cuida não vai fazer coisa errada, eu claro sempre dizia, claro mãe eu sei me cuidar.

Mas até a noite de dia 4 de janeiro de 1996, quando ao reagir de um assalto, eu ferí um rapaz, que no outro dia me acusou de assalto, e assim me prenderam sem eu nem reagir de um assalto, e assim me prenderam sem eu me reagir.

Estava na casa do tio meu, dormindo quando dois policiais chegaram e me levaram.

Fui para febem, lá eu vi que a vida às vezes parece o inferno.

Lá eu vi morte, brigas, uso excessivo de drogas, homossexualismo.

Fiquei três meses e sai, mas voltei para a mesma situação, sem casa, jogando pelo mundo, pois na febem, tu não aprende nada.

Não demorou muito comecei a roubar de novo, até um dia, fui roubar um carro, eu e uns amigos meus.

Estávamos todos drogados, quando, de repente, eu vi um muro, e lá estava eu, deitado numa cama de um hospital.

Quando acordo olho para o lado, um homem todo de branco me pergunta, como está você? Eu tento me levantar e não consigo.

Jérson

Fui eleita como conselheira tutelar em abril de 1992. Tínhamos um grupo de conselheiras/os preocupado com a situação da criança e do adolescente. Mas não tínhamos o conhecimento do que iríamos enfrentar pois o conselho de Novo Hamburgo foi um dos primeiros a ser instalado no estado. Era preciso montar, equipar, brigar, *espernear*, numa relação com um poder público que era mais preocupado com asfalto do que com crianças.

⁴⁷ Trabalhando com a gurizada de rua aprendemos a trabalhar com o *tempo* presente. Não é possível ter pressa, não é possível a condução, nem a busca de soluções imediatas. É preciso que cada uma/m caminhe de acordo com o seu *tempo*. Como diz FISCHER (1996, p.100) "a partir das praticas, nossas reflexões levam-nos a acreditar que, quando se alteram lógicas e atitudes dos agentes em relação ao **tempo de espera** dos processos educativos, outras mudanças fundamentais poderão vir a ocorrer, não só com relação aos grupos diretamente envolvidos, mas também no que diz respeito a outras instâncias da sociedade".

Para o senso comum, os conselheiros tutelares estavam sendo eleitos, com o objetivo e a obrigação de *tirarem os menores das ruas*. Grande parte da sociedade cobra ações, serviços, mas não se propõe a ajudar em nada. Os cinco conselheiros são eleitos e precisam, em pouquíssimo tempo, resolver todos os problemas que estão colocados há anos e que não foram resolvidos, principalmente devido a falta de vontade política.⁴⁸

No exercício desse mandato, atendi a Rose pela primeira vez. Ela tinha então 14 anos. Já possuíamos um grupo de discussão sobre a situação da gurizada de rua. Era o início da formação da Comissão Local do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua - MNMMR. A vinda de Rose ao conselho, ajudou-nos bastante nos primeiros contatos que faríamos com a gurizada. Sentimos que ela possuía uma forte liderança no grupo. Deu-nos o endereço onde estava morando com amigos. Fomos procurá-la alguns dias depois.

O local onde estava morando era a casa de um amigo. Nesta reuniam-se crianças, adolescentes e jovens amontoando-se no chão, sobre cobertas e panos velhos. A casa ficava toda fechada pois alguns (ou algumas, não era possível saber) dormiam. Quando saíamos, vizinhos vieram dizer que os moradores da casa eram todos ladrões, viciados, que já fizeram abaixo-assinado para tirá-los de lá, mas não conseguiram.

Continuamos os contatos. Rose ficava algum tempo nessa casa e outro tanto na rua. Às vezes visitava a família que, então, morava na Vila Kraemer, uma vila periférica da cidade.

Não existia, na cidade, um atendimento específico para as adolescentes de rua. Quanto aos meninos, havia um abrigo construído há alguns anos para atendê-los. Com o passar do tempo foi-se alterando sua forma de atendimento, impondo novas regras e limites, de tal forma que afastaram os que eram de rua.⁴⁹

⁴⁸ No Anexo 4 estão diversas reportagens sobre esse tema.

⁴⁹ Um estudo necessário de ser feito, mas que não será possível abordar nessa dissertação, são os caminhos percorridos pelas entidades de atendimento da gurizada de rua. Em Novo Hamburgo temos experiências com dois abrigos e uma escola mantidos pelo poder público, e dois abrigos mantidos por entidades religiosas, que iniciaram seu funcionamento para atendimento das crianças e adolescentes de rua, e com o tempo, foram modificando suas *regras*, colocando limites como controle do horário de entrada, o uso de drogas, etc que acabaram por excluir a gurizada que deveria ser atendida. Numa experiência de São Leopoldo, de Casa Aberta, ocorreu a mesma coisa. Durante a ANPED, conversei com Lilian RAMOS (1997), após a apresentação de seu trabalho, na qual pesquisa entidades no Rio de Janeiro. Ela entrevistou doze educadores de entidades diferentes que atuam na área. Somente uma entidade trabalhava com o tipo de população na qual a gurizada de rua faz parte (grupo envolvido com drogas, infrações, etc). Estes se autodenominam educadores populares. Este trabalho, segundo ela, é difícil de se manter, pelas dificuldades de financiamento. Tudo isso porque os *resultados* não aparecem. Falava que o educador entrevistado, ao falar dos *resultados*

Em 1993 assume um prefeito que proíbe a permanência de qualquer criança e adolescente na rua. Nasce a discussão entre o *direito de ir e vir*.⁵⁰ Com esta proibição, o poder público viu-se obrigado a criar recursos que acolhessem a gurizada que estava na rua. Pela primeira vez na história da cidade, as meninas receberam um atendimento durante a noite.

5.1 - Casa x Rua

Não aprofundarei neste espaço, o significado da casa e da rua para a gurizada, uma vez que diversos trabalhos, artigos e pesquisas já o fizeram, e de diversas maneiras: antropológicamente, sociologicamente, etc. Buscarei apenas ver o contraditório, o paradoxal, na fala da gurizada entrevistada. Para MARQUES (1996, p.154) a rua é um lugar de medo, da violência e do abandono. E acredita que a *liberdade total* da gurizada é um mito criado pelas classes dominantes para justificar a contenção e o enquadramento dessas crianças. Acredita, porém, que ela é escrava da fome, da luta pela subsistência e que este embate custa-lhes muitas perdas.

Cita Medeiros (p.154) que comenta sobre a *liberdade*:

O viver na rua, pela praça, comendo pelos bares, dormindo quando já é de madrugada supõe uma liberdade que os meninos sabem ser fictícia, mas da qual não conseguem mais prescindir. Obedecer a ordens, horários, disciplinas, normas, não cabe mais a quem já se acostumou a ser dono de si. Mesmo que o preço seja alto.

PEREIRA JÚNIOR (1992, p.30) acredita que não existe um espaço propício e positivo para as crianças de classes populares ficarem onde seus direitos sejam respeitados. Por isso acha que estar na rua não seja uma opção, mas sim uma contingência colocada, pelo fato de “prematuramente terem de lutar por seu sustento num meio adverso. É a forma que estes meninos e meninas encontram de se inserir no espaço urbano em busca dos ganhos possíveis”.

Conversando com a gurizada, sobre a diferença da casa para a rua, surgiu o seguinte:

Mariana⁵¹: - É, porque eu vou ir né, porque eu não gosto de tá aqui tá. Eu, o meu lugar é Tramandai. Eu vim pra cá pra ver o Rafael só(...) Dá eu vou voltar pra lá, porque lá é mais legal, lá eu não fico na rua, lá tem casa lá onde eu moro, lá tem um monte de amigos. Aqui eu também tenho mas eles são tudo da rua né, lá eles não são! Não sei até quando eu vou viver aqui né? Sei lá!

disse que no ano passado atendera 100 meninos. Hoje só tem mais 80 daqueles. Vinte morreram. A mesma história acontece com a Turma do Cachorrinho em Porto Alegre, cujas reportagens estão no Anexo 9.

⁵⁰ No Anexo 4 matérias do jornal local onde aparece a preocupação dos governantes em relação à gurizada.

⁵¹ Primeira entrevista, antes de voltar para rua.

Renato - Viver na rua é normal né, mas acho que em casa é melhor ainda. Só que agora, eu já tive... Essa é a 2ª vez que eu tô na rua.

Jerson - Tem dois tipos de menino: o menino da rua e o menino de rua. O menino da rua é aquele que sai pra, pra pedir, sai pra vender, engraxar sapato. Ai muitos falam assim "ah, o menino da rua é um guri legal que ele trabalha e ajuda a família dele", mas não! Eu fui menino da rua, eu ajudei minha família e eu acabei gostando das ruas. E de menino da rua eu passei a menino de rua. Não queria mais voltar pra casa, sabe. Ah, não preciso mais ficar ahapanhando, às vezes, porque eu faço uma coisa errada eu apanho, na rua não! Mas enquanto a gente é pequeno não. Depois a gente começa a crescer e começa a fazer pancada e as coisas mais erradas que a polícia entra né! Ai sabe, ai a gente vai ficando cada vez mais revoltado. E a gente culpa família, e a família na realidade não tem nada a ver. Não tem nada a ver...

O que transforma o menino da rua... para o menino de rua é, é que ele acha que tem mais liberdade. Porque no caso tá na rua pode ir onde ele quiser sabe. Pode falar o que quiser sabe, pode correr sabe, pode ir longe, pode se deslocar de uma cidade pra outra né? E a gente ser independente sabe! Independente da família né? Mas no início com medo! Por isso que o menino da rua ele demora muitas vezes pra se transformar no menino de rua, porque ele tem medo. Ai não, o menino da rua eles conhecem os meninos de rua, ele aprende a conhecer os menino de rua, não sabe, conversa, e tal. Daí, hoje, daí tem os amigos e eu vou parar na rua hoje. Amanhã eu vou embora. E assim começa. Quando vê tá na rua e não quer mais, ai a família não segura mais.

Fera - Eu vou pra rua, o cara tu podia caminhar pra tudo que é lado, não tinha ninguém que mandasse!

Luisa - E na rua não tem, tia porque olha. Em casa a gente dorme, a gente deita e dorme né? E se a gente tá dormindo no mocó podia chegar os brigadianos, qualquer um, a qualquer hora, né, a gente sempre tinha que tá ligado, qualquer um, pra fazer qualquer coisa.

Zuêra - Eu acho que... na rua não é bom, mas ...melhor que em casa, se o cara vai leva corno né! Porque eu acho que se tiver que ficar apanhando né ooo Neidi, se tiver que apanhar então rouba porque tá, apanha porque tá robando, não porque tu não tá fazendo nada, tá em casa, tá estudando, e tá levando corno. Não é por aí... né? Se tu tá em casa, tá certo, mas se tiver ruim, vai pra rua, daí na rua só apanha se rouba. Às vezes não também né! Às vezes apanha e é inocente, e não sabe de nada. Né...

Quanto aos educadores entrevistados, também trazem alguns aspectos importantes para o entendimento da questão Casa X Rua:

Cláudia T. Magni⁵²: Outra questão, eu acho que o modo de vida que tu leva dentro de uma casa, ele passa por todo um disciplinamento e tu aprende desde o nascimento, desde a infância, e é um **disciplinamento que não existe na rua**. Então, todas as implicações que tem em ir morar numa casa. Ir morar numa casa não é só direitos, tem deveres também, tem obrigações. Tem uma série de normas, de regras, de disciplina que tu não costuma ter na rua, então tu morar numa casa implica em modificar todo um modo de vida, toda uma visão de mundo inclusive. Então eu trabalho um pouco com a idéia de sedentarismo e nomadismo. E bom, não é dentro de uma visão evolucionista que eu vejo o nomadismo, ou seja, eu não vejo o nomadismo como uma forma mais primitiva, mais atrasada, mas como uma forma diferente. E a nossa sociedade ela vive tão imbuída desse sedentarismo que a gente não consegue mais diferenciar o que é uma norma que advém do sedentarismo ou não. Porque é um sistema que está estabelecido a milhares de anos. E isto influi, quer dizer, eu me baseio na premissa do Leroi-Gourhan, é um pré-historiador, que é teólogo também, e ele fala assim, que a partir do momento que os homens tornaram-se sedentários, eles começaram a perceber o mundo de uma maneira diferente. O nômade, ele percebe o mundo a medida que o percorre, então no movimento dele ele vai percebendo o mundo. Ele não se fixa, ele vai percebendo o mundo. Enquanto o sedentário ele se fixa num ponto e a partir daí ele começa a ver o mundo a partir de círculos concêntricos que convergem pra ele ou divergem dele. E isso influenciou de tal forma a nossa maneira de pensar, a nossa idéia de religião, de ciência, de estado inclusive, o estado se forma a partir do sedentarismo, que a gente não consegue mais desmembrar uma coisa da outra. A gente não consegue mais perceber a influência deste modo de vida sedentário nas nossas percepções de mundo. Quer dizer, **tu entender uma, tu trabalhar com alteridade, tu trabalhar com a perspectiva do outro, de um diferente, implica tu experimentar um pouco da vivência dele**. E pro Leroi-Gourhan, as pessoas mantêm essas suas maneiras de ver o mundo tanto dessa maneira itinerante como da maneira irradiante como ele chama. Mas uma prevalece sobre a outra, dependendo da forma como a sociedade se concebe. Então, essas duas maneiras de ver o mundo elas são freqüentes em qualquer sociedade, só que uma prevalece sobre a outra. Então eu acho que a gente tem dentro da gente, nós sedentários, temos um pouco dessa visão nômade. O que falta, seria aguçar um pouco essa perspectiva, na intenção de entender o outro, esse diferente, e desenraizado, ele não se fixa. Então quer dizer, que tu passar a viver dentro de uma casa, não implica só em ter a proteção de uma casa, implica em toda uma visão de mundo que é diferente, uma concepção de mundo, que é difícil de cultivar. Ela tem regras, tem normas, tem exigência também. E que ele se habituou, vivendo na rua.

Cláudia relata sobre a Turma do Cachorrinho, grupo de rua com quem trabalhou por algum tempo, quando chegaram a escrever um livro - Letras na Rua. O grupo ganhou uma casa para morar, e ela fala da ida deles para lá, a morte do Jaison (um dos rapazes do grupo) pelo irmão do André,⁵³ fato que fez o grupo pensar em vender a casa, pois o irmão do André prometeu matá-los. Mas escutaram boato que o irmão havia sido morto no presídio. Se isso se confirmasse eles ficariam na casa. É uma casa na periferia, uma *república*, sem nenhum adulto, sem água, sem luz, distante do local do trabalho. A casa não apresentava uma melhoria em suas condições de vida, segundo visão de Cláudia, ao que eles responderam:

C - Sim, apresentava uma diferença. Que de noite, tu queres dormir, tu não consegues dormir, por causa da luz, do barulho, tu sentes medo..

N - Frio?

⁵² Cláudia é antropóloga, foi entrevistada um dia antes de viajar para França onde foi fazer doutorado em antropologia.

⁵³ No Anexo 9 reportagens do jornal de Porto Alegre sobre a Turma do Cachorrinho.

C - Frio é uma coisa que eles nem falam muito. Acho que eles se habituaram muito. Então, eu, ao longo desse tempo, desde 1993, quatro anos. Ao longo desse tempo eu já vi eles pararem em outras casas, mas não eram casas deles. Era uma situação diferente. Eram casas em bairros centrais, uma foi a pizzaria Milano, que eles ocuparam, que estava a venda, outra foi uma casa na Ramiro Barcelos, casarão que estava em demolição e eles passaram a ocupar. E essa da Ramiro era muito louca, cada vez que tu chegava lá tinha uma peça a menos na casa. Então eles tinham que se restringindo mais ao espaço. Então assim, eles até eles falavam no casarão, eles tem algumas experiências de casa

N- Era Mocó

C - É, eles chamavam de castelo. Eles tinham uma referência. Mas nunca é uma situação de casa como a gente conhece - o lar - como referência - o lar. Que na verdade é uma idéia que foi concebida historicamente por um processo até meio recente [...].

Após ela continua falando sobre o nomadismo e características da gurizada:

Cláudia- Essa questão do nomadismo, acho que tem uma raiz muito profunda, que está latente na sociedade, inclusive, que é uma coisa dos primórdios da sociedade. Os nossos ancestrais, por mais longínquos que foram eles foram nômades(...) Eu acho que resta alguma coisa latente no inconsciente coletivo, sei lá, algum apelo muito forte que puxa pra errância, pra não fixação. E as pessoas que não lidam com isso, que olham de fora, principalmente os administradores, responsáveis pela política, eles acham, bom, que a casa só é positividade, só tem positividade.

5.2 - Por que estão na rua e o que a rua representa

Apresentam-se a seguir alguns depoimentos que representam os mais diversos motivos que fizeram da rua um bom lugar para ficar:

Mariana - Eu, eu vim pra rua porque eu não me dava com a minha mãe. Não me dava com a minha irmã, daí nós "brigava" muito e daí eu vivia fugindo de casa. Daí a mãe pegou e disse que se eu quisesse ... (não entendi) daí ela pegou e disse quer ir embora tu vai!. Daí eu encontrei uma amiga minha e vim. Foi quando eu conheci o centro. Daí eu fiquei pelo centro com a guria. Daí eu trabalhei num apartamento, daí eu vinha na praça no fim de semana e fiquei conhecendo as gurizadas. Daí eu larguei do serviço e comecei a ficar no centro, cheirar cola, usar droga, fazer programa!

M⁵⁴ - Daí ele voltou pra rua, quando eu larguei dele ele voltou pra rua. Daí um pouco depois ele ficou com a Rafaela, um pouco depois ele levou o acidente, aí ele começou a me incomodar, me incomodar, dizendo que ia me matar, daí eu fui embora. Eu fui embora e deixei o nenê com a mãe, porque eu não tinha como levar o guri embora, eu não sabia como eu ia ficar lá. Daí agora eu me ajeitei legal lá, e daí eu vim buscar o guri! E ele disse que vai voltar pra rua de novo. Eu levando o Rafael ele não tem porque ficar em casa. E ele vai voltar pra rua de novo!

Mariana relata porque foi pra rua, falando da família; o conhecimento da gurizada, droga, *programa*, etc. Também mencionando o Miguel, que foi para rua quando ela "largou" dele ou quando não tiver mais sentido ficar em casa, pois levará o filho embora.

⁵⁴ Mariana antes de voltar pra rua.

Em quase todos esses depoimentos transparece a diferença casa x rua, onde a rua é sinalizada como o espaço da não violência, da não briga. Não abordarei aqui novamente o tema família, o que já foi feito. Quero apenas ressaltar porque, na visão delas/es a rua é melhor.

N - Por que é que tu foste pra rua?

Rafaela - Por que? Por causa que eu brigava muito em casa, tinha muito problema em casa. Daí eu saí de casa.

N - Com quem tu brigavas?

P - Com meu pai, com minha mãe, com meus irmãos.

Fera - Ah, eu quando eu vim pra cá pra rua, foi eu discuti em casa. Discuti com a mãe em casa e vim pra rua. Daí fui conhecendo as gurizada, daí gostei de ficar na rua e fiquei na rua.

N - E por que tu veio pra rua?

Zuêra - Por que? Porque eu não me dava com meu padrasto! Ele era muito arriado, comia minhas irmãs e eu não achava certo.

Em relação aos educadores, apareceu:

Gilberto - O que eu vejo eles na rua eu acho que eles buscam a vida. Porque em casa falta comida, eles dormem mal, comem mal, vestem mal, sabe. O pobre, a criança pobre eu estou falando. Moram onde não tem nada, eles não tem banheiro dentro da casa né, em alguns lugares luz e água até já tem, mas moram lá, é péssimo. Daí assim ela vai ficar fazendo o que lá? A única coisa que tem é a escola. Mas também não tem estímulo pra escola. Então acaba a criança vindo pro centro. Ah, o centro atrai, o centro tem o Shopping, tem luz, tem vitrine, tem a praça. Tem um monte de coisas que deslumbra eles. Eles vem buscar é viver mesmo. Eles querem ver uma vida melhor, nem que seja fantasiosa, ilusória, cheirando loló. Ao mesmo tempo eles tão na rua, eles tão vendo gente bonita passar. Né? Cheiram loló e esquecem da fome, e esquecem daquela mãe que bate e daquele pai que bebe...

N - Mas eles não passam fome na rua?

G - Ah, passar passam né, mas eles também pedem, outros roubam. Eles tão tentando sobreviver a maneira deles né? Sabe, então assim, é o que eu te falei no início, se eles tivessem uma estrutura melhor, um pouco melhor estruturados, se tivesse oportunidade pra criança estudar, ter opção de lazer, de estudo, os pais tivessem onde trabalhar, uma residência mais digna, uma casa melhor, alimentação. Que o social fosse melhor né? Se não tivesse a aberração de tanta pobreza em Novo Hamburgo, exploração de mão de obra infantil, e não só mão de obra infantil, os pais também são explorados né, as mães. Então eu acho assim, se tudo fosse melhor. Se o rico fosse mais sensível ao problema do pobre, se o governo, principalmente também desse atenção, não ficasse nas promessas de campanha eleitoral né, as coisas iam melhorar. Porque eu vejo assim, não adianta atender os meninos que estão na rua, no centro. Tem que atender eles lá na vila pra não virem pro centro se marginalizar. Sabe, tem que criar, digamos mais núcleos de CEBEM, uma escola que atraia, não essa escola tradicional que é 1+1=2, 2+4+...decorar tabuada, não. Que a criança se empenha ... E eu acho que eles vem (pra rua) **atrás de ser feliz mesmo**. Olha, porque tu conversa com eles, tu vê eles sempre alegres, correndo, brincando, se tapeando, se batendo, mas é a alegria deles né, eles não pensam na vida né?

N - Mas se a gente vai pensar nessa questão da violência, da miséria, tem pouquíssimos que moram na rua mesmo, e que não reflete a miséria e a violência, né?

G - Eu acho que praticamente, não vou dizer 100%, pra não exagerar, mas 99% eu acho que é por causa da miséria em casa. Porque tu pergunta pra eles, por que tu tá na rua? Ah, porque meu pai me bate, nós ganhamos mal, tem mais 5 irmãos em casa, não tem comida, o meu pai me manda pedir, a minha mãe me manda pedir esmola, ou não tem onde trabalhar, e lá em casa não tem onde trabalhar, não tem como ajudar em casa. Não tem como suprir as necessidades deles tudo. E eu acho que quem tem que melhorar é o social. O governo tem que dar um jeito de melhorar, mais empregos, porque o desemprego é muito grande. O desemprego é horrível. Já ganham pouco e desempregados... Então como vai ser, vão comer o que? E se tu pergunta pra eles que estão na rua, o que tu gostaria, ah, eu queria ter uma casa, eu queria estudar, eu queria sair dessa vida. Todos são, praticamente todos dizem a mesma coisa, eu gostaria de estudar, eu gostaria de ser alguém, eu queria ser médico, eles tem uns sonhos bem grandes assim né, médico, engenheiro, ser empresário. Eles falam coisas bem. Eles não dizem eu quero ser lixeiro, gari...

N - O que a sociedade imagina pra eles!

G - E, que é o bom pra eles. Médico soa bem advogado, juiz. Mas eles não tem como diferenciar dessas coisas, porque pra eles, vêem como médicos, advogados, como pessoas bem sucedidas. A gente sabe que nem sempre é. é a busca deles se encontrar. A carência deles é tão grande, começa tudo por aí né, falta de comida, falta amor, falta ...

Miséria, violência, o social interferindo diretamente na vida dessa gurizada, segundo a visão do Gilberto. Ela busca na rua a felicidade, a vida, que parece não ter em casa.

N - Que é que tu consideras dessa questão... Porque é que tu achas que eles vão para rua? Mais que isso, que eles moram na rua, que optam de ir na rua como local de moradia?

Wilma - [Assistente social do fórum] Eu posso estar errada, né, porque eu nunca trabalhei diretamente com os meninos na rua, mas eu acho que tem, eu acho que eles saem de casa, a moradia por **espancamento**. Acredito que uma das coisas seja **maus tratos**. Começa ou a mãe ou o pai que iniciou o maltrato, ou a **família, que se desestrutura, de repente a separação do pai e da mãe**. E o menino que fica com a mãe e o padrasto, não o aceita. No fundo, também tem, é uma consequência, depois do maltrato não só físico, mas psicológico, né. Basicamente eu acho que seriam esses os motivos. Seriam desestrutura da família e maltrato. Claro que **a pobreza também tem muito a ver**. Carência material tem muito a ver, mas não é fundamental. Acho que carência material não é fundamental, porque tem tanta família pobre que consegue manter seus filhos em casa, né? Acho que o fundamental é a desestrutura e o maltrato. Eu nunca entrevistei um menino da rua pra saber porque é que ele saiu de casa. Acho que tem muito mais...

N - Mas no fórum tu atendia muito mais crianças que estivessem em situação de maus tratos. Nem todas as situações levavam pra rua. Por que tu acha que uns escolhem ir para a rua e outros não?

W - Mas aí é a família, porque a família, às vezes a criança é maltratada por um membro da família, mas a outra parte da família sabia e assume. E num caso desses que eles optam ir pra rua ele foi maltratado pela mãe ou pelo pai ou pelo padrasto e as outras pessoas são omissas e acabam permitindo essa situação e não procuram resgatar. Então eu vejo muitos casos que eu atendi de maus tratos, em que a mãe denunciou o pai. Ela foi omissa em algum tempo, mas chegou a um certo ponto que ela mesma denunciou. E ela toma uma atitude. Ela defendeu o filho e não apoiou o marido. A maior parte dos casos a mãe fica com medo e apoia o Marido e aí, o que acontece, o menino não tem mais quem é que vai amparar essa criança. Ele vai pra rua, um amigo puxa, né, aí ele vai. O caminho é livre né. E a mãe não faz nada pra trazer de volta. Agora tem muitos casos que, realmente a mãe prefere ficar com o Marido do que ficar com o filho, ou com o companheiro. Às vezes ela já se separou e então tem medo de assumir sozinha e acaba permitindo que o companheiro espanque. Às vezes não é nem maltrato físico, às vezes é, é psicológico, né, que leva criança a ir pra rua!

N - O que tu achas que busca a criança a ir pra rua?

W - O que a criança busca na rua? ...Eu acho que ela busca muita coisa. Não é só sobrevivência dela, que é o mais difícil, que na rua é a sobrevivência. Eu acho que ela busca alguma coisa que não tem dentro de casa né. Que na rua ela sempre vai encontrar um **amigo** que vai ajudar. Ela sempre vai encontrar **alguém igual** a ele, que também saiu de casa que tem o mesmo problema, ou problemas parecidos, semelhantes. Que vai entender ele.

N - Tu achas certo isso?

W - Certo, toda vida. O parceiro que vai talvez só repartir o sanduíche, ou alguma coisa com ele, ou vai repartir um pedaço de jornal de noite pra dormir já é uma demonstração e carinho né, que em casa ela não tem!

N - Mas e essa violência que ela sofre na rua, da polícia, tu acha que é o outro lado? Que esse afeto que ele recebe do grupo supera a outra violência? Porque na rua também tem a violência da polícia, tem a violência da sociedade que te ignora, vira a cara, te xinga. Então essa violência é menor que o afeto que a criança recebe dos amigos? Porque tu dizes que ela vai na rua receber afeto, mas ela sofre violência também!

*W - Olha, eu acho que não é que seja que o afeto que seja. Acho que se ela, ela tem medo depois que ela tá na rua, de voltar pra casa. Eu acredito que a criança tem muito medo depois que ela tá na rua, de voltar pra casa, de como ela vai ser recebida. Então às vezes até ela tenta voltar, e tem casos de que nos retornos ela permanece. Tem casos que são trabalhados, em que a família é trabalhada. Eu acho que o principal... é o que eu tô te colocando, eu nunca entrevistei uma criança de rua pra saber, mas acho que ela tem medo de voltar pra casa da reação dos pais, de apanhar mais ainda por ter ficado fora, dormir fora. Embora lá na rua ela apanha também da polícia, ela apanha sei lá, do próprio... não, é do próprio outro menino de rua, rival, que bate nela. mas eu acho que elas se protegem lá na rua. Elas **formam a família dela**, a segunda família. E aquilo ali acaba sendo uma proteção. Ela não sabe, que se eu voltar pra casa hoje vou continuar apanhando ou vou ser bem recebida. Aqui, embora eu apanhe da polícia mas eu tenho meus amigos que vão me ajudar, que vão me defender quando eu tô com eles. Não sei se é isso. Imagino, imagino que seja isso!*

Anete diz não saber o motivo que levou Rose para a rua, pois ela não falava. Acredita que sejam os mesmos que levam a gurizada em geral: miséria, migração, famílias divididas:

*A - Eu acho assim, oh, é como se a gente ficasse repetindo as histórias. As famílias ficassem repetindo geração após geração a mesma história. Então assim, as gerações atrás muitos vieram do interior, da migração, do êxodo, vieram pra cidade e tipo assim, se tu fores olhar a história dessas meninas é sempre, tem uma história anterior da família desestruturada tipo assim, ah, a mãe prostituta, o pai bebe, ou contrário, ou alguma coisa que não dá suporte, que não dá esse pilar. Só que se tu for ver, a mãe, a vó, já tinha toda uma questão de não ter conseguido segurar, dar um suporte suficiente pra mãe das meninas, entende. E daí agora as meninas, com toda desestrutura, então agora para as filhas. Daqui a pouco a gente vai ver os filhos na rua. é como se tudo se desse em cadeia, geração após geração repetindo as mesmas coisas né. Que tem uma coisa muito maior que é a **pobreza, a estrutura social** que a gente vive que não ajuda em nada. E uma coisa é tu interferir, fazer uma intervenção numa família que tem base, que é a sua casa, água, luz, saneamento, higiene, educação e saúde. Pode ser tudo pouquinho, na vila, mas ter isso básico. Quem não tem isso básico, que é direito do cidadão, aí a família se desestrutura, por um motivo ou por outro, por mãe que não consegue proteger os filhos, que não conseguem ter um cuidado maior que o cuidado que só dar o banho e a comida, entende, que é assim. Quando tu tem um filho é o cuidado básico, dar banho, dar comida, trocar de roupa. Só que tem um outro lado que a gente fala, que chama de instinto materno, tem um monte de nome, mas é que é aquele lado assim, de poder olhar pro filho, de poder **amar** o filho, de poder **desejar** alguma coisa pra esse filho. De poder **construir** um futuro pro filho né. Vai construindo junto com o filho. Então isso falta, sabe, então isso falta sabe, um olhar dos pais por esse filho, um desejo por esse filho, um construir algo para esse filho. Tanto que eu me lembro dos discursos assim, era tanto faz pra tudo que era lado entende. "Tanto faz que tá na rua", não tinha muita preocupação. "Ah, pois é, tá se prostituindo, mas o que é que eu vou fazer né?" Não tinha um desejo por aquele filho pra crescer, já algo diferente de mim. Um cuidado que ultrapassa o cuidado do filho. Daí assim, se tu não aprende isso quando tu tem teus filhos tu normalmente repete, a mesma falta de proteção, de olhar, de cuidado.*

N - Mas o que justificaria a questão da rua? Por que um pequeno número de adolescentes nessa situação escolhe a rua e não escolhe a prostituição, bordel, ou menino entrar em gangue de traficante? Por que escolher a rua?

*A - Eu acho que é uma tentativa sabe, de sair disso. Só que é uma tentativa de sair de toda essa situação de **não ter o afeto, não ter o carinho, não ter as coisas básicas**. Não sobrou nada, então eu vou pra rua, pra ver o que sobra lá. Que a rua também não tem nada pra oferecer. Só que eu entendo que talvez seja a rua uma tentativa, uma coisa de, tipo assim, é um grito de socorro né, na minha casa não tá dando, não tem o básico, não tem o mínimo, por toda a miséria e tal, não tem nada de afeto, não tem o mínimo de cuidado, então eu vou pra algum lugar a nível de sobrevivência eu acho, sabe. **Fugir dos maus tratos, fugir do abuso, da violência, da miséria, da falta de comida, da falta de cuidado...***

N - Tu achas que eles estão na rua por falta? Qual é o motivo, digo assim, sempre pensando naqueles que moram na rua, não naqueles que estão trabalhando, que vão pra sua casa. É sim aquela minoria. Que o CEAMEM fez a pesquisa e deu 10%, os que moram na rua. Melhor, era mais, de 54 eram 7. Mas é o que mostram as pesquisas, menos de 10 % dos que estão na rua, são os que moram na rua. Então a pesquisa é sobre esses, sobre essa minoria. O que tu consideras, porque tu achas que eles moram na rua? Por que uns moram e outros não? o que é que tu colocarias como diferente?

Surge, no depoimento da Anete, outros fatores importantes além dos sociais como miséria, falta de estrutura mínima de casa, que muitas vezes estão associados a *desestruturação* familiar. Aparece com maior força o afeto, amor, carinho, e a falta de tudo isso.

Adão também tece uma série de motivos que podem levar ou não a gurizada a escolher morar na rua:

Adão - Sei lá, tem, tem uma série de coisas assim que a gente poderia considerar. Eu acho que a gente poderia fazer até uma análise sociológica e antropológica quando fala nessa questão. Começando pelo sistema de desenvolvimento perverso que a gente tem a nível desse país, que exclui a maioria da população de direitos básicos. Começando pela falta de cultura, vamos dizer assim, pela falta de acesso ao conhecimento, ou um pouco mais de conhecimento, que é negado as pessoas e aí aos pais dessa gurizada. E isso é evidente nesse país quando a gente abre o voto ao analfabeto. Que é mais fácil o analfabeto votar do que alfabetizar as pessoas. E aí a desestrutura familiar, e aí a consequência desse modelo perverso, a questão do desemprego, as doenças sociais vamos dizer assim, o alcoolismo, a falta de respeito entre as pessoas, a falta de convivência, a falta de, as necessidades mais básicas da população. O morar mal, não conseguir a escola, muitas vezes a questão de ir a escola e aí a questão de não ir a escola. As crianças acabam não indo mais a escola ou evadindo. Não gosto de usar este termo pois coloca a responsabilidade todinha em cima da criança. Ou não participando mais do grupo escolar, na grande maioria das vezes nem é pela dificuldade de ensinar o currículo. Na grande maioria das vezes é por não ter um sapato, é por se sentir rejeitado, ou é por estar um pouco sujo, ou é por ter uma, uma frequência maior a piolho, a sujeira. O abandono real, o abandono social das famílias dessas pessoas. Que acabam, daí, transformando a vida dessas pessoas num inferno. Viver em família na maioria das vezes é um negócio muito complicado. Comecei alguns trabalhos assim a nível de família quando eu tava no SESI. Eu consegui conviver um pouco assim com o pessoal do Morro da Formiga. E, as vezes eu olhava pra aquelas famílias e ah... Ah, se eu fosse filho daquele pessoal, e acho que eu tava na rua.

N - Por que uns optam por estar na rua e outros não?

A - Isso fica evidente quando tu visita as famílias. Fica evidente que é uma questão de afetividade, uma questão de carinho, de amor, questão de troca, de cumplicidade. Na grande maioria das famílias, o diálogo que existe é na base do grito. Não é na grande maioria, mas na família, nas famílias que produzem o menino que vai pra rua. Não existe conversa, não existe diálogo, não existe afetividade. Falta aquela coisa de conversa, de afetividade. Falta carinho, falta amor. Eu acho que é a pior coisa que existe na vida do ser humano, esta coisa de afetividade mesmo, assim de tu chegar e ver uma mãe que diz pô, mas sabe, um exemplo concreto. Sabe, eu visitei a casa de um menino que morava na rua. Visitei, se não me falha a memória, no dia das mães. Na verdade foram duas casas e uma casa eu me surpreendi. A casa não era tão ruim, não moravam tão mal. A mãe tava em casa e tinha mais família em casa. E o menino chegou, a gente levou um rancho. E aí ela dizia "meu filho, tu ainda tá na rua, por que tu não volta pra casa, e tal" Ele dizia não dá. E tem essa coisa muito da rua também. Eles sentem um aconchego, uma família, uma coisa de se sentirem alguém, por alguém. Porque no grupo deles. E pensei, por que esse cara tá na rua. E aí comecei, e aí eu me interessei mais pela vida dele, pela história dele, e tinha uma história de alcoolismo, uma história de separação, uma história de que, e aí eu volto pra questão da Rose, de como a Rose naquele momento, a mãe teve um lampejo de lucidez, que antes não tinha. Tinha aparecido várias vezes com marcas horríveis de agressão. A mãe tinha um padrasto, para ele a cada 2, 3 meses, ou a cada 15 dias, às vezes, que ele não conseguiu criar vínculo nenhum, nem com os pais. E isso fazia, até porque ele tava chegando na adolescência, e isso fazia com que o vínculo com a mãe dele ficasse muito mais frágil, e essa falta de vínculo mesmo, a falta de sentir na família, uma família. Acho que levou ele a rua. E acho que foi, também chorou copiosamente quando viu a mãe, se abraçou, chorou. Ficou em casa uns 5 dias e veio pra rua de novo (risos) Não agüentou, acho que exatamente, acho que por isso, essa falta de carinho, essa coisa agressiva.

Rosângela - Os motivos que levam crianças/adolescentes para a rua são para mim complexos. É sem dúvida uma questão social, isto é, de organização e estruturação social. Penso que da forma como nossa sociedade está estruturada, baseada em relações de exploração/exclusão, faz com que as famílias mais atingidas reproduzam essas relações.

Acredito que neste contexto as famílias que não conseguem se organizar enquanto tal, com papéis definidos na própria família e socialmente, não tem como cumprir com sua função de socializar seus membros. Parece-me que entender o "estar na rua em busca de vida ou morte" seria penalizar só uma das partes e isentar a responsabilidade social. Parece que só elas, as crianças e adolescentes seriam as responsáveis pela situação que vivenciam, negando desta forma a responsabilidade que todos nós temos. Até pode haver componentes mais psíquicos, mas não se sobressaem ao social e mais, vejo-o como resultados das relações que se estabelecem na família e na sociedade.⁵⁵

⁵⁵ No Anexo 8 estão outros depoimentos sobre a rua e o que ela representa.

6 - TEMPO DE INSTITUIÇÕES

Durante algum tempo, uma entidade não governamental - Associação Beneficente Floresta Imperial (ABEFI), ligada a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, realizou um trabalho com as gurias de rua durante o dia. Rose era uma das atendidas e, devido a sua liderança, muito ajudou na estruturação desta atividade.⁵⁶

Algumas situações específicas mostram a sua forma de encarar a vida e a sociedade. Como no dia em que encontrou uma mochila, na calçada, em frente a uma escola (particular mantida pela mesma mantenedora da ABEFI). Para Rose, “achado não é roubado, quem perdeu é relaxado”. Só que a mochila era de uma criança dessa escola e foi preciso a intervenção do Conselho Tutelar para a solução do problema. Conversando com os pais da criança que “perdeu” a mochila, Rose fez um acordo. Como em sua lógica, a mochila lhe pertencia uma vez que a *achou* na rua, propôs-se a trocar somente os livros e cadernos escritos por roupas usadas (calça de brim, moletom, etc.) Os outros objetos como a mochila, canetas, lápis, cadernos em branco não entrariam em negociação pois ela acreditava que o menino não necessitaria, e eram dela. A princípio a mãe concordou com a troca, mas depois quis voltar atrás e acabaram criando uma grande discussão, envolvendo a direção tanto da escola como da ABEFI, junto ao Conselho Tutelar. Os pais temiam represálias das adolescentes pois não queriam cumprir o acordo feito. Chegaram a propor o fim do trabalho desenvolvido com elas, temendo pela segurança das crianças na escola.

Avaliando-se o que passou é fácil notar que, se a situação fosse inversa, ou crianças da própria escola tivessem pegado a mochila, nada teria acontecido. O assunto logo estaria encerrado. Mas eram gurias de rua e devido a toda a discriminação, o problema acabou tomando maiores proporções. Elas estavam sendo vistas como ladras perigosas⁵⁷.

Apesar de toda a pressão, as atividades continuaram. Enquanto elas ficavam na ABEFI durante o dia, de noite dormiam no Albergue.

⁵⁶ No Anexo 4 tem uma matéria sobre o trabalho realizado pela entidade na época.

⁵⁷ A imagem da gurizada de rua sempre é vinculada ao crime. As notícias veiculadas pela imprensa dão destaque especial a estes atos, embora eles sendo insignificantes, se comparados ao volume e natureza dos crimes praticados na sociedade como um todo. A culpabilidade da vítima se constitui numa das estratégias da dominação (RAMOS, 1997).

Atendidas pela ABEFI durante o dia, recebiam atendimento noturno no Albergue onde pernoitavam. A permanência no Albergue foi o primeiro atendimento prestado a Rose por parte do poder público. Assim Gilberto, à época, diretor desse atendimento:

Gilberto: É, naquele tempo não tinha tanta menina na rua. Tinha era mais menino né. As que saíam pra rua elas voltavam pra casa a noite. Em algum lugar elas iam dormir. E naquela época se fazia aquela ronda noturna né, com o Conselho Tutelar, com a prefeitura Municipal. Antes nem era Guarda, era prefeitura e conselho. E assim depois que foi sentida necessidade da Casa Abrigo de meninas porque elas começaram a ocupar o albergue e não era um espaço pra elas. O albergue era um espaço pra adulto ser atendido né, adulto em trânsito, mendigo, alcoólatra, doente. Pessoal à margem da sociedade, os marginalizados. E com o tempo se sentiu a necessidade de criar a casa abrigo justamente por isso, porque elas usavam o albergue como dormitório porque não tinham lugar pra dormir né? Dormitório, guarda-roupa, guardavam os pertences pessoais todos.

N - Elas só dormiam lá?

G - Umas só dormiam, umas vinham de manhã, amanheciam na ferra por aí, tocando. Aí dormiam de manhã e a tarde saíam, lavavam as roupas delas, tomavam banho. Umas vinham outras não vinham. Umas iam na casa da amiga ou arrumavam namorado e iam na casa do namorado, durante o dia depois retornavam. Não era um compromisso de presença. Elas vinham quando queriam. Era aberto a elas.

N - E não tinha atividade no albergue pra elas?

G - Não, não, atividade de recreação, nada, nada, nada! Depois a gente tentou uma vez com pessoal voluntário mas não deu certo. O pessoal era muito despreparado pra atividade. Não era professor, mas não tinham essa qualidade de trabalhar com crianças de rua.

N - Até que a Casa Abrigo abriu?

G - É, até 93. Em fim de 92

[...] Porque nós tínhamos muito problema no albergue, com as meninas e com os meninos. Bah, meu Deus, era uma bomba né, era um vesúvio aquilo. E as gurias queriam dormir com os guris lá dentro, elas tinham os namorados delas e não podia, porque tinham os homens, de repente os homens também iam querer também, iam querer usar as gurias também. E a gente tinha já história de albergado abusado lá dentro e ia passar a mão nelas. E a gente tinha que estar atento de noite. Eu pegava de tardezinha até às 10 da noite e depois vinha outro. Eu não virava a noite. Então até essa hora que era brabo, porque depois elas iam dormir e se acalmavam ou iam pra rua, sabe, elas iam dar a banda delas até lá. F. eu lembro quando eu não podia com as coisas, quando eu via que não ia dar eu chamava Rose e ela botava ordem (risos).

Era um horror, hoje fico pensando o que a gente fazia era uma loucura viu? Não tinha cabimento nem pra nós funcionários, nem pra eles nem pros vovôs, nem pros albergados. Porque era um loucura. Era um galinheiro aquilo (risos). Chapado, galinha, pintinho, piru, gato, tudo junto, pelo amor de Deus. Mas não tinha outra saída, a gente não sabia o que fazer também né? E foi o início de tudo né, o início desse atendimento e início de Conselho Tutelar. Era tudo no início né, todo mundo perdido, procurando achar a saída. Ah, que se fosse que nem hoje é bem mais fácil de trabalhar, tem um monte de trabalho já desenvolvido né, já é a segunda gestão do Conselho Tutelar. Mas já tem tantas casas, já tem parcerias, já teve seminários sobre a criança né. Meu Deus, hoje é uma facilidade em tudo. Hoje vem pessoas de fora buscar projetos aqui de Novo Hamburgo, de Casa Abrigo, de Conselho, de atendimento né. Bah, isso é bom.

Como relacionar a pouca preocupação do poder público com os resultados positivos obtidos nesse atendimento? A intenção era tirar a gurizada da rua, e acreditavam que tendo teto, comida e banho não necessitaria mais nada. A gurizada mostrou, na força e na coragem, que é preciso muito mais que isso, em primeiro lugar é preciso afeto e fazer **sentido** o atendimento, **sentido** para suas vidas. Considero que essa capacidade afetiva de alguns servidores públicos e funcionários garantiu o sucesso que Gilberto apontou nesse seu último depoimento. Foram essas pessoas que garantiram esse relativo sucesso, considerando-se que outros fatores (econômicos, pedagógicos, políticos) justificariam plenamente os fracassos obtidos no atendimento.

Em junho de 1993, a prefeitura criou a Casa Abrigo para Meninas de Rua, que passou a atendê-las dia e noite. A educadora que trabalhava com elas na ABEFI passou a trabalhar na rua.

No início elas ficavam na casa, participavam das atividades, tudo era novo. Com o tempo, com a falta de estrutura da Casa (poucos profissionais, alguns não qualificados para a função), e com a colocação de regras mais rígidas e novas limitações (horário para entrar, não poder estar drogada, etc.), elas foram evadindo do atendimento. A droga e o grupo dos meninos que ainda estavam na rua também influenciavam muito as suas não permanência na instituição.

Não é possível, entretanto, culpar somente as adolescentes pela não permanência no abrigo. Pelas entrevistas com alguns educadores e mesmo as gurias, é possível verificar outras deficiências, onde encontramos a falta de capacitação das/dos educadoras/es para função de atender a gurias de rua. O aspecto da drogadição, sem um acompanhamento adequado é outra dificuldade da entidade. Segundo MORONI (1993, p.21) a drogadição, assim como o

atendimento a infratores, a prostituição, a negligência e a consolidação dos vínculos familiares necessita de serviços especializados, não podendo ser feitos de maneira amadora.

Esses serviços especializados necessariamente seriam mantidos pelo poder público através de serviços próprios ou conveniados. Para evitar a sua burocratização e processos de institucionalização, tais serviços necessariamente seriam fiscalizados pelo Conselho Tutelar. Do lado dos especialistas estaria a legitimidade profissional e científica. Do lado dos conselheiros estaria a legitimidade produzida pelo desejo e afeto de trabalhar com essas crianças e adolescentes e pelo reconhecimento público obtido nas eleições.

Também Mário Volpi, em entrevista concedida a Nova Escola, reforça a necessidade de um atendimento profissional com a gurizada. Afirma que quase todos os programas sociais que se destinaram a atender a gurizada, partem da idéia de que é opção dela estar na rua. Frisa que alguns destes programas pecam pelo assistencialismo e pela falta de sistematização. Baseiam seu atendimento numa política de doação imediata, que não se preocupa em oferecer a gurizada opções concretas de construção da cidadania. E o fato de trabalharem com voluntariado acaba agravando a dificuldade no atendimento, pois não possuem uma equipe permanente, profissionalizada, que assegure uma continuidade no trabalho. (OLIVEIRA, 1994, p.15)

CRAIDY (1993, p.17) reforça a falta de atendimento em alguma áreas como: drogadição, infratores, maus-tratos, defendendo que na pedagogia adequada uma das dimensões deveria ser a questão da profissionalização.

Entre os depoimentos da gurizada em relação ao abrigo, encontramos:

Joana - falando sobre o que fazia na Casa das Meninas

J - Nós, nós fazíamos um monte de coisas e daí, costurava, fazia bonequinha pra nós, às vezes nós tínhamos que fazer atividades.

N - E o que tu achavas destas atividades?

J - Legal. Só saí de lá por causa que eu briguei com a Gertrudes⁵⁸.

N - Por que tu brigaste com ela?

⁵⁸ Diretora da Casa Abrigo no início de seu funcionamento.

J - Por causa que ela tava defendendo aquele guarda municipal.

N - O que o guarda tinha feito?

*J - Ele, nós estávamos vendo televisão num canal, né, daí nós tínhamos ligado primeiro que ele né. Aí, quem chega primeiro é o que olha a TV né, daí ele foi, pegou e desligou a televisão e queria olhar jogo e nós não queríamos. Daí nós pegamos, aí ele pegou e me deu um empurrão e eu pulei nele, arranhei todo ele daí. Ele pegou, a Gertrudes desceu ali e perguntou porque eu tinha feito aquilo. Aí, se eu continuasse ela ia me expulsar dali. Eu falei assim pra ela, que, que, mandei ela ir a merda, ela tava defendendo aquele guarda, **porque ela não defendia nós?** Daí ela pegou e foi embora. Daí eu peguei e desci de lá, joguei o copo de canjica no chão e sai de lá.*

N - Depois tu não voltaste mais ?

J - Voltei...voltei, fiquei mais um tempinho lá. Depois aí eu não fui mais.

Mariana - [Quando fala do abrigo, também fala da diretora] É, aquela também, nunca fui com os cornos dela, mas as outras sempre me dei legal. As tias entendiam a gente, e as outras não. A Gertrudes já pensava em bater, como ela fazia, ... a Gertrudes foi querer botar o dedo na minha cara né, e eu não aceitei, capaz que eu ia aceitar, eu chapada! Queria me botar pra fora da casa, eu não quis ir, não vou, tava muito chapada. Ela me botou no banheiro eu peguei o cobertor e me deitei. (não dá pra entender, algo sobre as tias), as outras tias não, sempre entendiam a gente.

A forma como as/os educadores atendem a gurizada é fundamental para a sua permanência ou não nas *casas*. No tempo em que era conselheira tutelar, queixas sobre profissionais era constante, geralmente sendo o motivo das evasões das instituições. No Livro de Ocorrências da Casa Abrigo, encontrei uma frase escrita por uma educadora que demonstra que também existe muito afeto entre os que trabalham com essa gurizada: "Apesar dos 'apesares' gosto destas meninas, sei que é difícil elas mudarem mas nós faremos o possível para dar certo. Sei que carinho e respeito por elas eu tenho e dou. Elas me tratam melhor que meus familiares. Filhas estou com vocês. Tia e monitora - Vera".

O depoimento das/os educadoras/es em relação a Casa Abrigo não é muito positivo, mesmo de alguém que trabalhou lá, como o caso da Anete que inclusive questiona a existência de abrigos:

A - Mas eu não sei se a situação é o abrigo entende. Na verdade eu penso que a situação não se resolve com o abrigo. Na verdade assim, o que é que resolve? Resolve a gente poder ter uma mudança na estrutura social. Isso é um sonho, bem utópico, assim, né. Mas eu acho que eu não vou tá aí pra enxergar isso. Mas isso resolveria. Porque aquela coisa que eu te disse, bom, pra alguém ter tem que ter o mínimo, ter uma casinha, casinha, pequeninha, mas tem que ter, casa, saneamento, luz, tem que ter o mínimo assim né. Tem que ter escola, a saúde que passa assim por uma questão de estrutura social que é muito grande pra gente pensar. Mas assim, se os vínculos já estão tão fragilizados, se já não teve o mínimo na questão mais concreta, se não teve o mínimo de afeto, não é tu rompendo o que sobrou né, e botando lá num abrigo por um tempo. Eu enxergo o abrigo assim oh, na verdade é uma sacanagem que se faz com o adolescente né, uma coisa perversa nossa. assim. Pois o que é que tu faz, tu enxerga o adolescente lá numa situação super precária, em todas essas questões né, por violência, por abuso, por tudo. De repente "ah coitadinho, ele não pode ficar aqui né, vou ter que eu na minha imensa bondade de levar ele pra um lugar pra cuidar dele né, esse adolescente ou criança, pra que ele fique bem, porque ali com a família é horrível, não dá conta dele né!" Daí tu tira ele daquela família horrível pendura, literalmente pendura no abrigo, daí tu tira ele completamente da realidade. Ele não passa fome, mas também não sabe mais nada do que é a realidade dele que é essa vida miserável que eles vivem né. E daí ele fica lá por um tempo até que o abrigo tolere, até que a criança tolere ficar lá dentro né, ou até que complete 18 anos. Quando daí tu tira ele do cabide e daí diz, bom, agora acabou teu tempo aqui e tu volta lá pra tua realidade. E aí tu vai fazer o que? Ah, tu vai casar, vai ter filho e provavelmente vai mandar os filhos pra rua e assim vai o ciclo. Do jeito que os abrigos estão estruturados, eles não resistiriam. Eles não fazem efeito. O que faria efeito, faria efeito tu poder fazer essa mudança de estrutura que eu não sei como a gente vai fazer né, mas bom, se não tem isso, como é que tu vai fazer, com que essa criança possa restabelecer algum tipo de vínculo com a história dela né, que é isso que tu falava da Rose, bom ela tinha uma vontade de conhecer a mãe verdadeira né. E o que é isso, é poder resgatar a história. Todo mundo quer saber da sua história, quem é meu pai, minha mãe, meus avós, meus irmãos. Que é essa coisa de se historiar no tempo, no espaço, no mundo. Então em vez de ter um monte de casas abrigos, talvez tivesse um monte de pessoas trabalhando lá na vila, entende, num centro comunitário, num posto de saúde, junto com a escola, sabe. Tentar fazer um trabalho junto com essas famílias sabe, se organizar pra ter saneamento onde não tem, entende, pra ter até um atendimento psicológico, pra casos em que a estrutura da criança tá comprometida, mas lá no meio da vila, com eles, entende. Tentar chamar essa mãe, juntar com o filho, pra ver o que é possível entende, acho que é isso.

N - Que teria mais efeito!

A - Claro, tu não tá dizendo pra ele, que aquilo ali tá uma merda, e que agora tu vai dar uma coisa boa pra ele. Não, isso aqui tá uma merda mesmo, mas vamos ver como é que tu vai viver com essa merda, entende. Assim oh, a estrutura é assim, a sociedade capitalista é assim, é horrível, tá errado, tá. Então vamos pensar um jeito de mudar essa estrutura. Porque o que se faz com o abrigo é negar aquela realidade que ele vive, como se ela não existisse né, até faz, algumas intenções, uma visitinha domiciliar. Mas tu nega, porque é horrível. Aí tu guarda eles numa caixinha durante um tempo e depois que acabou o tempo tu devolve eles pra lá. Em termos de alteração, não altera nada. Então eu penso que a forma de alterar é falar, não negar a realidade, mas tá junto, num programa lá no meio da vila. Poder ver assim, como é que a gente vai lidar com essa vida, que a gente tem aqui. Criar, sei lá, um CIP [Centro de Iniciação profissional para adolescentes] lá na vila, né, que possa dar conta da questão do trabalho, sei lá de outras formas de trabalho. Porque o CIP acabou ficando só de 4ª série pra cima. Acho que é por aí, porque quando eles vão pra rua, assim como quando vão pra prostituição, ou grupo de drogas, sempre é um grito assim, é um sintoma assim de que a sociedade tá horrível né, que a vida tá essa merda e eles dizem assim, quero sair de alguma forma, pedindo socorro, eu acho.

Wilma também tem críticas ao atendimento, prestado no abrigo, no que se refere às gurias, e em especial a Rose:

N - ... Como é que tu considera assim, esse tipo de atendimento pras meninas, também, porque as outras também passaram pelo abrigo, né?

Wilma - Eu acho que foi muito ruim, acho que foi uma **experiência muito negativa** pra elas, essa passagem. Eu acho que não ajudou, acho que não. Porque na época, acho que o trabalho não era bem estruturado. Eu não me recordo muito bem como é que era na época. Eu visitei o abrigo em Hamburgo Velho. Mas assim, tinha muita, muita crítica. Pessoas que trabalhavam lá dentro e também se posicionavam assim, muito contra as meninas. Porque as meninas quebravam, porque as meninas destruíam, porque as meninas são umas pestes, né. Então, os próprios funcionários não estavam preparados pra atender aquelas meninas, na época. E eu acho que não foi bom. Acho que foi uma experiência ruim de abrigo pra elas. Se tivesse um abrigo com preparo melhor né, talvez até que ela tivesse se adaptado. Eu acho que ela não se adaptou. A Mariana também chegou a ficar um tempo, e também não se adaptou. Eu acho que na época era muito mal conduzido. Não tinha um trabalho técnico, acho que no abrigo. Acho que era mais assim um local pra, é como tu diz, tinha que recolher as meninas da rua. Ninguém podia ficar na rua, então vai pro abrigo. mas acho que não tinha um trabalho efetivo ali com essas meninas. Porque assim, eu me lembro que eu conversei com uma servente na época, e ela tinha me contado um episódio de que tinha acontecido no fim-de-semana, que elas tinham recebido autorização pra sair e voltaram de madrugada, drogadas e destruíram um sofá, rasgaram todo um sofá, quebraram vidraças e tal... Então eu acho que foi ruim ali. A experiência dela foi ruim ali.

W - [Pergunto se modificou algo após a mudança de direção]. É, eu acho que teve algumas melhorias, né. Mas eu tenho ainda muitas restrições contra, né, o atendimento daquela época. A gente tinha muita dificuldade de relacionamento com a Gertrudes. A SEMSAS [Secretaria Municipal de Saúde e Ação Social] até ficou pouco tempo lá dentro, né, então eu acho que ela colaborou lá dentro. Mas o tipo de pessoa que é a Gertrudes né, eu acho que é... O que ela queria das meninas, estava fora do trabalho, né. Ela queria uma conduta, que num menino de rua não, ela não queria receber, porque já tinha o perfil tal, não pode entrar na casa, né, porque daí estraga as outras. Acho que teve melhorias, até o espaço físico, acho que melhorou. O fato de ter uma assistente social, de ter uma psicóloga que dava assessoria. Acho que melhorou bastante, mas ainda não. Acho que não foi o ideal, né?

N - Porque a casa, quando foi feita, foi pras meninas de rua né?

W - Foi, foi. E depois eles começaram a atender assim, as mais comportadas, né. A menina de rua trazia problema, a menina de rua nós não podemos trabalhar porque ela não tem família, né, a menina de rua vai atrapalhar aqui dentro, né. Então eu me recordo de casos, assim que eu discuti com a Gertrudes e que ela disse assim, não eu não vou atender, porque eu não tenho como trabalhar essa menina.. Não dá, o objetivo nosso é devolver as meninas pra família, essa menina não tem mais vínculo com a família, eu não vou receber. Então eu acho que desvirtuou o objetivo da casa, e eu não sei se elas se beneficiaram também, ficando lá. A Maria do Carmo Principalmente, acho que ela tinha, ela queria um perfil de criança mais comportada, né, de adolescente mais obediente, que fosse fazer o que ela determinava, né. E como tu disseste, o objetivo foi pra atender meninas de rua, né. E ficou, e hoje também continua,, não atende mais as meninas de rua. é uma extensão da Casa de passagem, praticamente né/

N - é, esses dias eu fui lá, e ainda perguntei, porque até o nome mudou, né. Era Casa Abrigo para Meninas de Rua, hoje é Casa Abrigo de meninas. Mas aí a diretora disse que não, que se for uma menina de rua lá, vai ser atendida sem problemas, né. Eu acho que, apesar da Leticia ter um outro tipo de vida, não era uma menina de rua muito tempo, né/

W - É, é, a Leticia ficou pouco tempo na rua. Mas eu me lembro de casos assim, que elas aceitaram na época da M. do C. Aceitaram, mas com determinação judicial né, porque elas não aceitavam. Tinha casos assim, que, agora eu não me lembro assim do nome das meninas, mas que contatava com ela, conversava com ela e ela dizia, não, não, não. Essa aí já passou por aqui, essa aí não volta mais, essa aí não tem jeito. Aí eu apelava pro juiz. Aí o Juiz determinava e ela aceitava. Aceitava, mas, a rejeição não fazia nada pra menina ficar. A rejeição estava em evidência ali, né. E ela não aceitando os funcionários também não aceitavam, porque ela tinha a liderança lá dentro né, Ela era a diretora da casa, acabava todo mundo rejeitando. é uma pena, porque o propósito da casa era pra atender adolescentes, meninas de rua.

Anete - Eu acho, que isso era geral, todas elas ficavam brabas era quando a gente queria que elas ficassem dentro do abrigo e elas queriam ir pra rua. Porque às vezes, na época a gente tinha uma idéia meia assim de que ficar dentro do abrigo era o melhor pra elas, né? Então tinha que ficar. Não respeitava muito esse período da transição assim né. De que tinha que ir um pouco pra rua, pra ficar um pouco dentro do abrigo né. Ficava muito firme assim, não pode sair, não pode sair. E acho que isso era uma coisa que deixava todas meio brabas assim. E a Rose também. Às vezes eles tinham, sei lá, coisa do grupo, marcado encontro com o grupo, momento pra se encontrar com os meninos, e uma coisa que era saudável, até deles, e a gente não queria que elas sassem. E aí isso era uma coisa que elas se revoltavam.

Sobre essas limitações que Anete coloca, é interessante avaliar uma “Advertência” que uma adolescente recebeu no abrigo, e os motivos dessa advertência:

Termo de Advertência:

Eu, M. M. da S. estou sendo advertida pelos motivos que seguem

** Tomou banho ao meio dia de 05/09 sem consultar ou pedir autorização (devido a ser fora de horário), tendo posteriormente desacatado a plantonista.*

** Não auxiliou na cozinha no preparo de alimentação quando era sua escala dia 02/09.*

** Entra nas salas sem bater e pedir licença*

** Se negou a secar louça na sua escala noturna dia 05/09, tendo posteriormente desacatado a plantonista.*

** Usou de má fé com a Tia Anete pedindo pra ela uma calça que estava guardada na secretaria, sendo que, esta calça não podia ser retirada da secretaria até ser apresentada a nota.*

A reincidência dos fatos relatados acarretará em perda da vaga da Casa Abrigo de Meninas.

06.09.94 - Documento foi assinado pela adolescente, diretora, educadoras e técnicas que trabalham na casa.

Quando fui até o abrigo pesquisar o que existia registrado sobre a Rose, espantei-me. Não havia nada escrito sobre ela, ou sobre sua estada na Casa. Havia somente cópia do que existia relatado no Conselho Tutelar, documentos, registro de nascimento, duas carteiras de

trabalho, carteira de saúde e fichas de atendimento nos postos de saúde. Nada mais. Pedi os livros de ocorrência e só tinha o de 1993 e 1995. 1994, o ano em que ela mais permaneceu no abrigo não estava na casa. A diretora disse que só possuía aquele dois. Ela também não trabalhava na casa naquele período, nem conhecia a Rose.

Quando ela foi para FEBEM, encontrei um pequeno registro no livro de ocorrência, em meio a diversas ocorrências no dia:

“30/6/93 - Às 9: saímos para capoeira. Por lá tudo normal. Encontramos a Rose, a Denise, Maira, Joana que vieram conosco. Eram 12:00 quando a Denise entrou no quarto com uma faca e deu um pontapé na Ângela. Dizem que a Nair a empurrou de propósito. A Gládis foi tirar a faca da Denise e a mesma foi para a rua, a Gládis foi atrás e ela escondeu a faca.

A vizinha da frente veio com o guarda PM reclamando que as gurias roubaram roupas no varal dela, e reclamou de bagunça. Nesse meio tempo um Guarda Municipal. veio também. A confusão foi geral. A Maira estava com o tênis da Ângela nos pés, foi chamado o Gigante e ele tirou os tênis dela. A Rose foi encaminhada para a FEBEM. Deve ir amanhã, motivo pelo qual deu toda a confusão.

A Ângela chegou às 4:45 com o comunicado que tinha sido despedida.

A Tati também fez o seu show.

Tati, Marianinha e Rafaela brigaram com a Nair. Vizinho fez reclamação das gurias.

Marianinha afrontou o Guarda Municipal.

(não está assinado o relatório no livro de ocorrência)

Jerson faz referência ao início de um atendimento, e como a sociedade comporta-se com isso. Também defende o atendimento ao qual ainda está ligado, que é uma entidade pentecostal, que acredita que a saída é uma instituição total (com todos os recursos dentro do próprio atendimento: escola, lazer, esporte, profissionalização etc). com aulas, oficinas, teatro, esporte, tudo dentro da mesma. E faz uma comparação com a Casa Aberta, onde eles dormiam e durante o dia participavam de atividades externas e estudavam na Escola Aberta.

Jéerson - Ai eles perguntam pelo pai, pela mãe, sabe. Ai os gurus se juntam e montam uma casa abrigo lá, sabe. Bom, agora a gente não precisa mais dar comida pra eles, né? A gente dando uma casa lá, bota um pessoal trabalhar lá dentro lá, tendo comida sabe, eles vão ter o que eles querem. Mas ai, antes deles montar essa casa os gurus já conhecem as drogas, sabe. Sabe, e ai eles não vão querer ir pra lá. Podem até ir pra comer, beber, dormir, sabe. Ai é que tá, o que acontece nas casas, que se vai e volta assim, que vai e volta dos gurus sabe. Por causa da droga sabe? Ai que entra a droga nisso. Ai, daí, ai agredem mais a sociedade ainda!

Eu acho que é isso aí né, e a sociedade, a sociedade ela não, não, ela não encontrou um meio né? E agora né, cara, esse trabalho da Casa Ama⁵⁹ né, cara, o trabalho da Casa Ama é um trabalho que eu nunca vi, sabe, não tem igual. Porque incluído nesse trabalho tem escola, mas escola dentro. Supõe meio período de aula, meio período de futebol, sabe, um outro período. Aí o cara vai lá, lancha, tudo lá dentro sabe. O cara faz _____ matemática, e aí logo o cara faz computação na ACI. Aí de tarde vem pra ACI, aí volta embora sabe. Aí a gente começa a entrar na sociedade, sabe.

N - E tu achas que lá no Ama tu está conseguindo essa estrutura?

J - Eu consegui montar essa estrutura, né, porque eu precisava de muito sabe, não _____ Casa Aberta ela, não vou falar mal da Casa Aberta, valeu a pena. Foi legal tá lá, o trabalho deles eu acho bonito, trabalho deles é legal. O pessoal que trabalha na rua também, mas era da escola à casa, e os guris cheirando, sabe. E eu convivendo sabe, fica abatido e volta, e volta pra lá e desacostuma sabe, em ambiente totalmente diferente sabe, aí chega a hora que o cara não se segura e vai usar droga!

N - E lá no AMA não tá acontecendo isso, os guris não estão usando droga lá dentro ou estão indo e voltando com essa questão da droga?

J - Olha, a questão da droga na casa AMA, os guris tem fim-de-semana pra ir embora. Tem que ficar lá dentro a semana toda e tem fim-de-semana são liberados pra ir embora. E muitos saem em busca, pra usar droga né. Mas depois, eles vão ver que não vai ser mau pra ninguém, a não ser pra eles. Porque vai terminar o tempo deles né, chegar, um vai completar 18 anos, outro vai ter que se alistar no quartel e tal, e vai perder a oportunidade sabe, aí vai se transformar num..., na... E a sociedade considera o futuro de um guri de rua como ameaça né, ladrão, assaltante de banco, sabe.

Na primeira vez que fui até a Casa Ama conversar com o Jérsen, fiquei aguardando numa sala da entrada, quando foram procurá-lo. Sobre a porta havia um cartaz com os seguintes dizeres: **“Submeter-se a Autoridade, não é submeter-se a uma pessoa. É submeter-se à unção sobre a pessoa que Deus estabeleceu como Autoridade”**. Achei bastante significativo o cartaz, tendo em vista que as avaliações feitas sobre o trabalho refletem um centralismo e autoritarismo muito grande do diretor.⁶⁰

⁵⁹ Quando a Casa Abrigo Infante Juvenil, primeiro abrigo para guris de rua em Novo Hamburgo, mantida pelo poder público começou a modificar seu atendimento, e os guris voltaram para a rua, foi criada a Casa Aberta, mantida pelo CEAMEM. Esta funcionou por um ano e meio quando fechou por pressões da comunidade e falta de recursos financeiros. A gurizada que estava na Casa Aberta deveria retornar para a Casa Abrigo, mas a prefeitura acabou cedendo o local para um grupo ligado aos pentecostais atenderem os guris. Os adolescentes não ficaram muito tempo nesta casa (não podia fumar, era preciso participar dos cultos, poucas atividades, e falta de profissionais). O trabalho era desenvolvido somente com voluntários. Após um ano outro grupo assumiu o abrigo, ligado a mesma religião, só que divergente. Em seu discurso na reunião do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente em que eu estava presente, o então diretor afirmava que o atendimento não teria um caráter doutrinário, teriam técnicos trabalhando junto, etc. Com o tempo os técnicos voluntários foram afastando-se, restando um pequeno grupo de voluntários junto com jovens e adultos de rua que passaram a ser monitores na casa, como no caso do Jerson. Esse trabalho sensibiliza bastante a comunidade apresentando teatros em escolas, e instituições, recebendo apoio da burguesia.

⁶⁰ O Setor de atendimento à criança e ao adolescente (SEACA) ligado a Prefeitura Municipal fez uma avaliação do trabalho da entidade, considerando-a incapaz de um atendimento adequado a gurizada atendida, sem um perfil claro da clientela atendida, e “instituição total” não seguindo o que preconiza o ECA. A avaliação foi encaminhada ao Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente que encaminhou a promotoria. O trabalho ainda continua sendo desenvolvido. Diversas “personalidades” da sociedade auxiliam a entidade.

Luisa também fala dessa casa, onde o seu irmão estava, bem como outros meninos que saíram da Casa Aberta. O abrigo deverá modificar seu atendimento ou fechar, justamente por ser uma instituição total, e não existir nenhuma proposta pedagógica para o atendimento, somente uma certa leitura da Bíblia e o trabalho voluntário.

L - Mas e agora tia, que vai fechar aquela coisa lá em cima, também vão voltar todos os guris pra rua de novo. Olha bem o Israel né, tá tri grande, o Cidy também já estava bem. Estava ficando tri bonitinho. Agora vão vir pra rua e vão ficar feio de novo.

Fera foi o único adolescente da Casa Aberta que foi desligado por não ser mais possível a sua convivência com os outros guris. Como era forte e maior, machucava os pequenos, agredia fisicamente as/os educadores, não respeitava limite nenhum em relação ao uso de drogas dentro do abrigo, violência física, etc. Por causa dele alguns guris estavam deixando o abrigo para não serem agredidos -

N - O que a Casa Aberta representou pra ti?⁶¹

F - Ah, representou que eles quiseram me ajudar e eu, desperdicei uma oportunidade né, tia, que... que, desperdicei uma oportunidade que podia tá trabalhando, tá legal, e não quis aproveitar e tô aí né tia. A Casa Aberta foi uma boa, mas eu não soube aproveitar!

N - E ela fechando agora...

F - Á?

N - Tu acha que vai ser ruim?

F - Pra quem é da casa eu acho que vai ser ruim né tia! Porque vai ficar na rua, e vão apanhar dos brigadianos e dos guardas... Mas faz tempo que eu sai da Casa Aberta... Ficou uma chave fechar a Casa Aberta! Mas, fazer o que né tia?

N - Pra ti tanto faz?

Élio - Pra mim tanto faz, fechou não fechou.

Fera - A casa fechou, por motivos [não dá pra entender, Fera também já está bem chapado] a gurizada aloprava demais, na casa, cheirava demais, e o motivo foi fechar a Casa Aberta (fala com entonação de repórter policial). Agora não posso lembrar que a Casa Aberta fechou, vai abrir outra casa um dia, só pros velhinhos, Zuêra, Fera, os velhinho de muleta, Zuêra, Fera e mais uma cambada, Miguel R., .. [muitos risos]: O Miguel queria ir para, o Miguel queria ir para a lua [risos], a lua....

⁶¹ Estas entrevistas foram feitas em dezembro de 1996, mês do fechamento da Casa Aberta.

Em relação a Casa Ama, citada pela gurizada, um técnico entrevistado defende o atendimento, dizendo:

João - ... tem uma casa muito interessante que o pessoal da Casa Ama. Eles têm uma filosofia e uma mentalidade própria. A sistemática de trabalho é própria, é deles mesmos. E por isso eu não conhecia aqui. E está dando muito certo. Eles usam o prédio do Bairro Primavera, da Casa Abrigo. E a Casa Abrigo antes, da prefeitura, não tinha o menor controle, não tinha nenhuma proposta pedagógica. Hoje essa gurizada tá curtindo demais fazer teatro, eles têm oficina de teatro, têm oficina de dança, de canto que agora está saindo e tem até uma certa antipatia ao que eles estão fazendo. Então, conhecendo tu fica sabendo que eles estão trabalhando bem pra caramba...E eles lá sobrevivem sem nenhum recurso do município...

Continuando com a história da Rose, enquanto ela estava na rua, cometeu algumas infrações recebendo uma medida judicial de Liberdade Assistida. Esta medida, de acordo com o art. 118 do ECA “será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente”.⁶²

Ela devia, regularmente, comparecer ao fórum para uma entrevista com a assistente social que a acompanhava. Tanto nestas entrevistas quanto nas audiências marcadas com juiz ou promotor, ela sempre comparecia. Algumas vezes estava drogada, outras não. Sempre com seu boné na cabeça (sua marca registrada). Também não parecia temer depor contra policiais ou guardas municipais que tivessem agredido companheiras/os suas/eus, pois sempre estava presente.

⁶² Entre as medidas sócio-educativas aplicadas aos adolescentes infratores encontramos: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços a comunidade, liberdade assistida, inserção de regime de semi-liberdade, internação em estabelecimento educacional ou qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI do ECA.

7 - TEMPO DE "SE TRATAR"

CLARISSE

Dado Villa-Lobos/Luís Russo/ Marcelo Bonfá
Estou cansado de ser vilipendiado, incompreendido e descartado
Quem diz que me entende nunca quis saber
Aquele menino foi internado numa clínica
Dizem que por falta de atenção dos amigos, das lembranças
Dos sonhos que se configuram tristes e inertes
Como uma ampuheta imóvel, não se mexe, não se move, não trabalha
E Clarisse está trancada no banheiro
E faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete
Deitada no canto, seus tornozelos sangram
E a dor é menor do que parece
Quando ela se corta ela se esquece
Que é impossível ter da vida calma e força
Viver em dor, o que ninguém entende
Tentar ser forte a todo e cada amanhecer
Uma de suas amigas já se foi
Quando mais uma ocorrência policial
Ninguém entende, não me olhe assim
Com este semblante de bom-samaritano
Cumprindo o seu dever, como se eu fosse doente
Como se toda essa dor fosse diferente, ou inexistente
Nada existe p'rá mim, não tente
Você não sabe e não entende
E quando os antidepressivos e os calmantes não fazem mais efeito
Clarisse sabe que a loucura está presente
E sente a essência estranha do que é a morte
Mas esse vazio ela conhece muito bem
De quando em quando é um novo tratamento
Mas o mundo continua sempre o mesmo
O medo de voltar p'rá casa à noite
Os homens que se esfregam nojentos
No caminho de ida e volta da escola
A falta de esperança e o tormento
De saber que nada é justo e pouco é certo
E que estamos destruindo o futuro
E que a maldade anda sempre aqui por perto
A violência e a injustiça que existe
Contra todas as meninas e mulheres
Um mundo onde a verdade é o avesso
E a alegria já não tem mais endereço
Clarisse está trancada no seu quarto
Com seus discos e seus livros, seu cansaço
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
E esperam que eu cante como antes
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
Mas um dia eu consigo resistir
E vou voar pelo caminho mais bonito
Clarisse só tem quatorze anos

OITERAL (1994, p.42) em seu livro sobre a adolescência, afirma que a droga sempre existiu ao longo da história da humanidade e em todas as culturas e que os homens, para buscar o prazer ou para atenuar o sofrimento psíquico ou físico, “utilizam substâncias que lhes produzem um estado artificial de bem-estar. Assim foi, assim é e assim será, é importante que tenhamos isto bem claro para não adotarmos nem a negação do problema, nem tampouco um exagero que nos afastará de uma visão racional e científica”.

Mesmo que a droga tenha sido utilizado durante toda a história da humanidade, é preciso uma preocupação específica em relação aos adolescentes. Para o autor citado acima, “os adolescentes, por viverem um corpo e uma mente em transformações, o que ocasiona uma menor ou maior dor (sofrimento) psíquica (na dependência de sua personalidade anterior à adolescência), constituem uma população de risco em relação a droga” (idem, p.42)

Como toda a gurizada de rua, Rose também tinha muitas dificuldades para deixar a droga, bastante utilizada por ela. Mariana, em sua primeira entrevista, conta que antes de Rose vir para a rua com ela, quando estava “lá embaixo”⁶³ utilizava cocaína:

M- Quando eu conheci a Rose ela tomava tia, ela tomava que às vezes ela pedia até pra mim aplicar nela né. Perguntava pra mim se eu queria né, eu sempre nunca quis porque eu tinha medo de agulha, tinha e tenho até hoje.

Perguntei aos educadores entrevistados a forma como a Rose ficava quando chapada, e o que, na opinião deles, a droga representava na sua vida. Gilberto, quem primeiro teve contato com ela dentro de uma instituição fechada, responde:

N- Em relação a droga assim, ela estava sempre chapada no albergue ou não? Por que antes quando ela estava na rua, estava sempre chapada?

⁶³ A gurizada costuma referir “os lá de baixo”, que é o local próximo a antiga rodoviária, onde permanece o grupo mais ligado a cocaína, e onde as gurias prostituem-se. “Os de cima” que são os de rua, da praça, utilizam mais loló e cola, como pode ser visto na pesquisa do CEAMEM, no Anexo 3.

G - É, mas aí ela estava na casa da mãe. Quando ela fugia da casa da mãe. Daí ela ia lá pro centro. Ela morava com a mãe e daí ela saía, tomava xaropinho, a gurizada tomava mesmo né, e voltava. Depois quando ela veio pro albergue já estava bem né, aí já se prostituía, já estava na rua mesmo. A casa dela era a rua mesmo. Não pousava em outro lugar. E na época eu, eu nunca vi ela com droga. No albergue ela nunca se drogou. Ela vinha "pronta" né. Sei lá se era loló. Loló eu tenho quase certeza que era que sentia o cheiro de longe né? Maconha eu acredito que não. Mas era droga: porcaria mesmo né, loló, comprimido, cola, sabe. Que cocaína é coisa cara né, eles não tinham acesso. E maconha é uma coisa que eles não curtiavam muito. Nem cigarro quase elas não fumavam, cigarro de papel... O que elas cheiravam era loló bastante, cheiravam cola, loló e tomavam "panca" que elas chamavam, boleta, comprimido, sei lá do que era. Mas lá no albergue difícil. Nós não tínhamos problemas com elas. Uma vez nós tivemos problemas com as Loureiro que roubaram e esconderam o roubo lá no albergue (risos). E a polícia bateu lá e deu um bafafá terrível, Jesus!... E assim, é gozado que elas não usavam droga no albergue. Vinham chapada, quando elas estavam bem "dã" elas iam dormir, elas iam comer. Elas se atiram. Porque quando elas vinham pra o albergue chapadas, é porque elas estavam na rua e não se agüentavam mais em pé, e aí as gurizadas arrastavam elas né. Levavam, ah, eram tudo solidários. Tá mal, tá mal, faziam um tendêu assim sabe, faziam um cerimonial "ah, bah, o fulano tá mal". Eles acham o máximo contar. E quando elas vinham normal elas vinham tranquilas, jantavam, almoçavam conosco né, tomavam café da manhã.

Anete faz a ligação direta existente entre rua e droga. Difícilmente um guri que mora na rua não utiliza droga:

Anete - Eu acho que a droga é tipo assim, aquilo que a rua pode oferecer. O que a rua oferece, oferece desproteção, oferece a droga, oferece o aliciador. Droga é uma das coisas que a vida oferece. E que assim, eu tô na rua, tenho que sobreviver na rua. A droga fica sendo usada como uma forma de sobrevivência mesmo. Tanto a questão da fome, do medo, né, pra não sentir medo, não sentir fome, ficar forte. Por que a droga dá uma ilusão assim, fica fora da realidade. Dá uma ilusão de poder dar conta dos perigos, das coisas inerentes da rua. Acho que essa é a relação.

N - E tu achas que eles acabam se viciando na droga ou acabam parando quando quiserem?

A - Não, eu acho que pode acontecer assim de alguns ficarem viciados mesmo. Que começa como usuário né, vai usando, por esses motivo que eu falei antes mas a gente sabe que a droga tem um efeito assim. E daqui a pouco passa a ficar dependente mesmo né. E daí que é o problema, porque não consegue. Mesmo saindo da rua fica difícil de largar, quando ele se torna dependente. Mas isso também vai depender muito de cada um também. Porque alguns se viciam e outros não né. Uns param e outros não conseguiam.

Jerson fala da cegueira que proporciona a droga, o que é visto muito na gurizada, principalmente quando já estão na cocaína. Eu estava filmando a gurizada para a apresentação do trabalho, e entrevistando-os, e dois gurus, que usavam cocaína e agora não usam mais, falavam dos problemas do seu uso. Citavam muito o fato de vender coisas da família, pegar dinheiro dos pais, etc. É a "cegueira" que o Jerson fala:

J - O cara tá na rua e usa droga, a droga, ela fecha os olhos, é a mesma coisa que a gente, é um marionete. A gente não sabe de quem, a gente não existe, é a gente não quer saber de nada é isso. E depois tu não, tu desconhece o que tu fez sabe. Muitas vezes eu fiz cada coisa que até eu, eu sei lá, sabe, me apavoro hoje como é que eu consegui fazer certas coisas sabe?

A gurizada que vai pra rua, geralmente inicia-se na drogadição com os solventes, loló e cola, que são mais baratos e mais fáceis de conseguir. Como é preciso ter mais de 18 anos para comprar o solvente utilizado, geralmente conseguem algum adulto que compre, em troca de favores que podem ir de pequenos furtos ao uso do corpo. Estes tipos de drogas são classificados como Depressores do Sistema Nervoso Central. Estão no mesmo grupo que o álcool, ansiolíticos, hipnóticos, barbitúricos, opiáceos e outros analgésicos narcóticos.

Na Tabela 29 é possível verificar que entre os jovens que utilizam drogas no centro, 53,12% recorrem aos inalantes (CEAMEM), e 3,13% utilizam cocaína. Mas é preciso observar que na pesquisa do Governo do estado esta droga aparece entre 30,30% dos consumidores. Por isso foi referida também na tabela.

O Quadro a seguir apresenta os efeitos dos inalantes e da cocaína (OUTEIRAL 1994, p. 53-57). Através dele é possível observar que entre os efeitos estão a redução do apetite, a agressividade (principalmente no caso da cocaína), sensação de poder, irritabilidade. Muitas vezes a sensação de poder faz com que a gurizada não tema roubar ou assaltar, fato que aparece mais nos que utilizam a cocaína. A gurizada que utiliza somente inalantes geralmente não é violenta, faz parte da gurizada de rua (CRAIDY, 1996).

DROGA	EFEITOS PRINCIPAIS	EFEITOS DO USO CRÔNICO	EFEITOS DA FALTA (Sintomas da Abstinência)
Exemplos: Colas Solventes: Acetona, vernizes, tintas, tiner, gasolina, fluido de isqueiro, corretivos líquidos (Error-ex) Inalantes: Éter, clorofórmio (cheirinho, loló, lança- perfume)	Euforia, tendência ao riso, sensação de flutuação, tontura, visões coloridas, alucinações visuais e auditivas, distorções da sensopercepção, sensação de estar sonhando, alterações da noção de tempo, sentimento de foria e poder. Parece "bêbado"; pupilas dilatadas, secreções excessivas (nariz escorrendo, olhos marejados); diminuição do apetite; diminuição das inibições, fala arrastada, confusão e desorientação, torpor, convulsões; morte por sufocação pode ocorrer quando inalado de um saco plástico (cola). Doses maiores de inalantes podem ocasionar morte por disfunção cardíaca.	Dependência; exposição crônica pode levar a dano hepático e renal; lesões irreversíveis no córtex cerebral e na medula óssea (aplasia); doenças pulmonares, parada cardíaca; estados confusionais e psicoses em pessoas predispostas; pode induzir agressividade e atos anti-sociais; estados depressivos.	O indivíduo pode apresentar ansiedade, inquietação, irritabilidade, insônia, cefaléia, tonturas, tremores, náuseas, vômitos e convulsão.
COCAÍNA Exemplos: Cocaína, Pasta de cocaína, crack	Efeitos dependem do grau de pureza do pó de cocaína. É um potente anestésico local; pode causar um comportamento errático, bizarro, e por vezes, violento. Psicose paranóide, que desaparece com a descontinuação do uso; por vezes, sensação de algo "caminhando" debaixo da pele. Efeitos similares à anfetamina: redução do apetite, aumento da energia e postergação da fadiga, com redução da necessidade de sono; hiperatividade, excitabilidade, euforia, inquietação; loquacidade, liberação das inibições, irritabilidade; dilatação das pupilas; boca, lábios e nariz secos; respiração mais rápida; aumento do batimento cardíaco e pressão arterial; com doses maiores: inquietação, senso de poder e superioridade, potencial agressividade e violência; delírios e alucinações ocorrem com frequência. Sobredose: tontura, tremores, irritação, confusão e desorientação mentais, alucinações, palpitações, dor no peito, hipertensão, arritmias cardíacas, febre, convulsões, choque, morte.	Tolerância e forte dependência; efeitos do uso crônico muito semelhantes a anfetamina: perda de peso, depressão, desnutrição, com o uso crônico, desenvolvimento de suspiciência, sensação de estar sendo vigiado, preocupação com seus processos de pensamento, paranóia, delírios e alucinações auditivas, visuais e táteis; reações de temor e susto exageradas, discinesia e anormalidades posturais; potencial para dano cerebral; destruição do septo nasal, hemorragias nasal e gengival e coriza.	Depressão. Tendência suicida. Letargia, apatia. Fome e sono prolongado com perturbações. Irritabilidade, delírio, alucinações, surto psicótico com pânico.

Quando eles ficam na rua, existe todo um ritual de iniciação, sendo que em alguns momentos, a Rose encarregava-se de iniciá-los nesse espaço. Ao mesmo tempo que os protegia, era ela quem lhes oferecia a loló ou a cola, como é possível verificar no depoimento de alguns adolescentes:

Fera⁶⁴ -[...] A Rose já foi me apresentando as gurizada, e, daí ela tinha um cheiro, e daí ela me convidou pra cheira, eu nem quis, que eu não cheirava, naquele tempo né, era tri caretão né! Daí eu não cheirava quando conheci ela.

Mais adiante, fala novamente de sua saída para rua:

⁶⁴ Entrevista feita quando estava em casa, fala da Rose, de como a conheceu.

F - Quando eu saí primeiro pra rua, eu não sabia o que era loló. Sabia o que era loló, mas só de falar. Mas aí a Rose tava na _____ me oferecia assim, eu me lembro como se fosse hoje, eu não cheirava. Daí outra vez tava com o Garça e o Léo. Daí num negócio de fazer madeira tinha cola né, e daí nós "cheremo". Eu cheirei aquilo e, eu sei dizer que eu dormi. Tinha uns postes ali em frente a casa do Samuel. Quando acordei tinha uma tontura na cabeça. Daí acordei e comecei a cheirar cola, até hoje. Até hoje não, hoje eu não cheiro.

Rafaela - Eu conheci a Rose né, eu conheci ela, mas eu não tinha vindo pro centro ainda, eu conheci ela lá na vila onde ela morava.

N - Qual é a vila?

R - É a vila Kremer. Daí a minha irmã era amiga das irmã dela e eu fiquei amiga dela! Daí no fim de semana a gente veio pro centro, ainda tinha um parque aqui né, nós "fiquemo" nesse parque até de noite, e "fiquemo" a noite inteira no centro. Daí a gente começou a ficar no centro, a posar no centro. E, tinha no tempo aquele, tinha um banheiro aqui sabe, que funcionava, daí a gente posava ali dentro do banheiro. Daí a gente conheceu a Mariana também né, daí era sempre nós três. Depois veio a Rose Moreninha. Daí "era" nós quatro né. Mas eu ficava mais era com a Rose. Daí a gente foi mora lá nuuu, lá em Canudos, na casa do Seu Maçanico. Daí lá a gente tava de dia e de noite nós "vinha" pro centro fazer folia no centro. E lá a gente começou a cheirar cola né, começou a cheirar cola, daí ela me ensinou a cheirar cola, e nós sempre fomos sempre bem amigas né. E "fiquemo" um tempão assim. Daí depois eu engravidéi (algo que não foi possível entender) depois eu engravidéi, daí fiquei morando lá ..

Os rituais de iniciação estão presentes em todas as "passagens" que ocorrem nos grupos humanos. Como exemplo podemos assistir os trotes em calouros nas universidades e escolas. "O adolescente para ser aceito no novo grupo tem que se submeter às novas regras, por vezes violentamente, e assim ser considerado um 'novo membro'. Os 'ritos de iniciação' são variados mas têm muitos elementos em comum: submissão, aceitação das regras do grupo, alguma exigência de sofrimento físico estão sempre presentes... (OUTEIRAL 1994, p.69).

Voltando a situação da Rose, era necessário que ela fizesse uma desintoxicação, e ela estava disposta a isto. Buscamos (Conselho Tutelar, junto com a Wilma⁶⁵ do fórum) uma possibilidade de desintoxicação. Este tratamento auxiliaria em seu processo infracional, pois demonstraria vontade em recuperar-se. Quando ela aceitou desintoxicar-se, iniciamos uma busca a atendimento especializado. Não encontramos nenhuma entidade pública ou filantrópica que atendesse adolescente mulher, drogadita. Todos os recursos atendiam somente homens, ou eram pagos. A única possibilidade que encontramos (após alguns dias de pesquisa) foi interná-la no Hospital Psiquiátrico São Pedro, onde ficaria na ala feminina. Segundo informaram a Wilma, faziam desintoxicação neste local. Nesse meio tempo, houve audiência com o promotor. Conforme consta no relatório do Conselho Tutelar, o “promotor defende a tese que deve ser segregada da liberdade pois existe outra ocorrência de Rose, assalto com tesourinha,⁶⁶ onde estavam juntas outras adolescentes”. Sentimos que a sua ida para a FEBEM era questão de dias. Por isso optamos (com ela) pela desintoxicação no São Pedro.⁶⁷

Combinamos o dia e de manhã ela esperava no abrigo para ser levada com a viatura do Conselho Tutelar. A assistente social da Casa Abrigo das Meninas levou-a. Na volta a técnica do abrigo disse que a situação de Rose no São Pedro era muito difícil, que tiraram suas coisas, seu boné, ela ficou trancada com pacientes psicóticas. Não havia nenhuma adolescente na unidade. No dia seguinte, a psicóloga do abrigo, Anete foi junto visitá-la. Elas voltaram mais decepcionadas: nenhum médico a tinha avaliado, não estava fazendo nenhum tratamento e não conseguiu dormir à noite pois outra paciente tirou-a da cama onde estava. Primeira privação.

Segundo o relato das técnicas, ela havia chorado muito, (*durante a visita*) que outras pacientes também choraram, que chefia da unidade mandou-as retirarem-se.

No outro dia fui junto ao hospital, bem como a Wilma. Custamos a encontrar o local onde ela estava. Era uma prisão, com uma grade na frente, um local sombrio e úmido. A situação era a mesma. Nenhum médico a tinha avaliado, havia uma atendente para 33 pacientes

⁶⁵ Como Assistente Social do Judiciário, Wilma acompanhava a Rose em sua medida de Liberdade Assistida. Uma vez por mês Rose deveria ir conversar com ela.

⁶⁶ No Tempo de FEBEM relatarei os crimes que ela cometeu, passíveis de internação.

⁶⁷ Na época em que Rose estava na rua, conversávamos muito sobre seu processo infracional. Sentávamos no escritório da Yara (advogada que a defendia, e primeira presidente do CEAMEM) e discutíamos sua situação, quando precisava apresentar-se ao promotor, quando tinha audiência, as opções que ela possuía ou não. Em todas as decisões havia muito sofrimento, desde a desintoxicação até a privação da liberdade. Sempre foram atos conscientes e decisões compartilhadas.

e ela só seria avaliada na segunda-feira (dali há três dias). Quando a vimos, estava encostada numa parede, parecia uma doente mental. Estava chupando bico, não nos olhava. É interessante notar como estes locais em vez de ajudarem, podem, muitas vezes, prejudicá-los. Não suportamos vê-la naquele estado e solicitamos sua alta.

Levou algum tempo até que ela conversasse novamente como antes. Acredito que aqueles três dias marcaram muito sua vida. Ela nunca mais falou sobre a internação. Foi a primeira privação que ocorreu.

No relato de Christiane F, (HERMAN; RIECK, 1982) história de uma drogada, que não consegue largar o vício, encontramos uma passagem em que ela opta por internar-se numa clínica de desintoxicação. Acabou quase enlouquecendo

Na vida dos adolescentes de rua a desintoxicação é uma constante. São indas e vindas, tentativas geralmente frustradas. Como para as adolescentes não existe recurso específico, acabam não tendo opções, e quando as têm, são por demais traumáticas. Um jovem de rua, certo dia me falando de sua internação, que não durou uma semana, referiu “que se é pra comer arroz e feijão, ele prefere a rua”. Para ele, a tentativa de libertação da droga, deve vir junto com o prazer de uma boa refeição. Este mesmo jovem já havia, em outras ocasiões, internado-se em outro hospital, também para desintoxicação, mas na volta sempre dizia que não agüentava ficar mais tempo pois a comida era muito ruim.

Conversando com a Wilma, sobre o que deve ter representado para Rose aquela internação, ela disse

W - Bom, eu acho que o São Pedro não ajudou em nada a Rose, ela estava no lugar errado. Não era ali que ela devia estar né? [...] 4 dias. Ora, eu não sei também se ajudou muito a gente ter ido lá, ter requerido a alta dela. Não sei, eu não sei o que é que ela manifestou depois, porque eu não conversei mais com a Rose, depois disso. Eu não tive mais contato com a Rose.

N - Ela nunca falou nada sobre isso!

W - Eu não sei como é que ela encarou isso aí, esse empenho no caso de tirar ela de lá, porque foi um erro ter colocado ela lá. Acho que foi um erro e de certa forma acho que foi, por iniciativa tua. Você quis reparar esse erro, mas eu não sei como é que ela viu isso, como é que ela avaliou isso aí. Porque eu não tive mais contato com a Rose depois.

Anete lembra-se melhor da situação, talvez por tê-la chocado mais, por ser um atendimento ligado a sua área de conhecimento

A - Foi horrível. Eu acho que aquilo foi uma coisa horrível, até porque ela foi pro São Pedro numa ala de internação pra psicóticos né, e a Rose não era psicótica. A questão era desintoxicação da droga né. E eu nem me lembro assim exatamente como é que ela foi parar naquela ala. Eu sei que fui fazer uma visita e voltei completamente apavorada porque ela foi colocada numa ala fechada, numa ala quase como uma prisão pra psicóticos assim, pra pessoas que estão em surto, completamente fora da realidade, e não era o caso dela. Acho que foi extremamente inadequado essa ida pra lá, pro São Pedro. Porque foi horrível, extremamente traumatizante pra ela ser largada lá, no meio de um monte de gente que ela não conhecia e um monte de gente louca, pessoas que estavam sob efeito de medicamentos e fora da realidade. Foi horrível.

N - Quer dizer, efeito positivo nenhum?

A - Nenhum, aquilo não é positivo nem pros psicóticos, que estão lá, entende, que precisam de uma contenção, que estão correndo risco de vida, de suicídio, né, e por isso são internados lá. Aquilo não é bom pra eles que estão precisando de uma contenção, quanto mais pra Rose. Foi completamente atrapalhado esse encaminhamento. Acho que até podia ter encaminhado pra uma desintoxicação, mas não lá, naquele local, naquela unidade. Foi atrapalhado.

Quando uma/m guria/i sai da rua, a forma como se refere a droga modifica, parece que ela/e assume uma postura de educadora/or, como o Jerson, que, mesmo tendo recaídas em relação a ela, continua afirmando que depende da vontade de cada um poder ou não parar com o seu uso.

8 - TEMPO DE FEBEM

Entre rua e abrigo, sem chance de um tratamento, ela acabou indo para a FEBEM. Ela poderia ter fugido, não se apresentado, não comparecido às audiências. Mas não. Parece-me que o fato de assumir uma liderança no grupo, de representar a gurizada em Porto Alegre, junto ao MNMMR, ser amiga de uma advogada e de Conselheiras/os Tutelares, exigia uma responsabilidade de também assumir os seus erros e de corrigi-los. Aí não estava mais a “Rose Careca”. Aí já estava nascendo uma Rose, que até pensou em fazer algo no futuro. Por isso comparecia a todas as notificações.

Na pesquisa que realizei no fórum, encontrei diversas pastas arquivadas, sobre o caso da Rose, onde havia: 5 processos contra o patrimônio, 2 Liberdades Assistidas e 1 Guarda. Na verdade eram seis processos contra o patrimônio, mas o último foi julgado depois que ela já estava na FEBEM, apesar de ser utilizado, o fato, como agravante para sua internação. Como cada processo tem suas próprias audiências, medidas, interrogatórios, farei apenas um resumo das infrações e posicionamento do promotor.

Rose cometeu 6 infrações:⁶⁸

3.1.91 - Pela tarde, com sua irmã e uma amiga. Atacaram uma adolescente, segurando em seu braço e cabelo, pegando seu relógio. Como a adolescente gritou e estava perto de sua casa, as gurias foram presas e devolveram o relógio.

01.9.92 - Ocorrência de roubo de relógio com arma de plástico. Rose estava embriagada, a vítima reagiu e prenderam a Rose, que devolveu o relógio, ou melhor, nem chegou a roubá-lo

1.9.92 às 22 horas - Foi roubado um relógio de pulso marca Citizen. Foi registrada ocorrência, pois a vítima sabia que Rose havia sido presa. Ele registrou em 8.9.92. Rose utilizou um revólver de brinquedo. A vítima foi até a delegacia e o relógio já havia sido entregue a outra pessoa.

7.9.92 - Rose (14 anos) e Mariana (15 anos), às 21:30 h, em Hamburgo Velho, com mais cinco (gurus) “emprego de violência e ameaça eles seguraram os braços do rapaz e da namorada”. Retiraram o relógio Cartier, um moletom, uma corrente de ouro e CR\$ 35,00”.

11.9.92 - Nova ocorrência de Rose e Mariana. Dois gurus assaltaram e elas estavam atrás. Um par de tênis, uma camisa, e uma carteira com documentos. Os gurus fugiram e elas não conseguiram, sendo presas.

⁶⁸ Dados retirados dos processos arquivados no Fórum. Nos processos estão ocorrências policiais, defesa da advogada, acusação do promotor, determinação do juiz. Busquei resumir o que encontrei, a fim de um melhor entendimento dos processos, por isso não haverá uma especificação da fonte de onde foi retirada a citação.

25.4.93 - 0:30h: *Ela e mais "sete menores mediante o emprego de grave ameaça eis que Rosemeri e outra infratora portavam tesouras que apontavam para as vítimas, as acusadas subtraíram para si. 2 correntes de ouro, um anel de prata com pedra de rubi, 1 anel de plaquê, 1 isqueiro, e 1 batom, conforme o auto de avaliação indireto em anexo".*

Como é possível observar pelas ocorrências policiais, as infrações não podem ser consideradas graves, todas foram contra o patrimônio. Na mais grave foram utilizadas tesourinhas⁶⁹. Uma infração foi em 1991, 4 infrações em dez dias, em setembro de 1992 e a última em abril de 1993.

Na época não havia nenhum tipo de atendimento para as meninas. O Conselho Tutelar começou seu funcionamento em abril de 1992, o Albergue começou a atendê-las em janeiro de 1993 e a ABEFI iniciou suas atividades na metade do mesmo ano. A Casa Abrigo começou o funcionamento somente em junho. Todas essas colocações foram feitas em seus processos pela Yara.

Foram encaminhados diversos relatórios informando do procedimento da Rose, da melhora em sua conduta como segue:

ABEFI - 25.5.93 - Encaminhou avaliação onde relataram:

"Tem apresentado grandes avanços, é disposta e carinhosa com as crianças na creche. Trata suas colegas com educação e da mesma forma com a educadora.

Através de diálogos percebe-se que Rose está mudando de atitudes e idéias. Por iniciativa própria pediu encaminhamento para desintoxicação, o que vem sendo agilizado pelo Conselho Tutelar.

Assistente Social do Albergue - Eunice Tormann - 4.3.93

"O comportamento é bom e atualmente apresenta maior colaboração nos trabalhos da casa, organizando melhor seus pertences em higiene pessoal. Demonstra interesse por assuntos referentes à prevenção de sua saúde pessoal.

Procura respeitar os horários de entrada, de refeição e se mostra menos agressiva para com suas colegas e funcionários."

Assistente Social do Fórum - 19.9.93:

⁶⁹ No auto de apreensão da delegacia, aparece o termo tesourinha. O promotor utiliza o termo tesoura, agravando assim a culpa de Rose.

...em relação à família, verificou-se que não há interesse algum em apoiá-la. Os pais mudaram para a localidade de [...], próximo à Soledade e os irmãos (1 irmão de 17 anos, 1 irmã de 16 e 1 irmã de 20 anos) não querem receber Rose em casa. Segundo informações de vizinhos que não quiseram se identificar, na casa aonde residem esses irmãos há concentração de prostitutas e drogaditos. As 2 irmãs têm bebês de poucos meses e convivem nesse ambiente. Na ocasião da visita domiciliar Ana, a irmã, não permitiu nosso ingresso na casa. Disse que nada devia à justiça e não permitiria 'intromissão' na sua vida. Agrediu-nos verbalmente e disse que não tinha interesse algum em ajudar Rosemeri pois ela optava em morar na rua e não era dela a responsabilidade. Disse também que Rosemeri não é sua irmã de sangue, porque foi 'adotada' por seus pais quando era pequena". O pai e a mãe foram embora daqui para não serem mais incomodados por causa da Rose.

Após, Wilma encaminha outro ofício informando da desintoxicação mal sucedida, e do novo atendimento da Casa Abrigo:

... No dia 9.6.93, averiguando através de visitas, a especificidade do tratamento prestado pela referida unidade que tem como objetivo atender psicóticas adultas em surto agudo, percebemos que este tipo de tratamento não atendia aos objetivos a que se propunha a internação, visto que Rosemeri é uma adolescente fazendo uso de substância química. Tendo em vista que a partir de 1.6.93 a cidade de Novo Hamburgo conta com um serviço especializado de técnicos no atendimento às meninas de rua, denominado 'Casa Abrigo de Meninas de Rua', sito a rua Maurício Cardoso nº 132, bairro Hamburgo Velho, entendemos que a referida adolescente terá o atendimento adequado juntamente com o acompanhamento da Casa de Saúde Mental"...Ass. Wilma

Ministério Público - Promotor: 15.6.93:

... "Ocorre que tal menor já teve sete processos nesse juízo, todos pela pratica de ato infracional contra o patrimônio, sendo que 3 estão arquivados e em 2 foi aplicada a medida sócio-educativa da liberdade assistida.

Pelo exposto, apreende-se que a única medida que não lhe foi aplicada até esta data, fato que inclusive deve ter concorrido para a sua ascendência no mundo do crime, foi a internação.

*Nestes termos, observa-se que a complacência judicial com as gravíssimas atitudes por ela praticadas - **inúmeros assaltos à mão armada** - nada ajudou na sua recuperação. Pelo contrário, inclusive fomentou a sua audácia.*

Sua última façanha foi um assalto a mão-armada - com o uso de tesouras par intimidar duas senhoras no centro de Novo Hamburgo.

Trata-se de crime grave e de jovem portador de periculosidade, não há como deixá-la em liberdade, devendo ser recolhida em cela especial de cadeia pública, pois que não se pode é deixá-la livre.[...]

Advogada: Yara Hendges

...são cinco e não sete os procedimentos judiciais. À exceção do último, todos ocorreram quase que simultaneamente, com intervalos de dias entre um e outro, há mais de seis meses passados, quando não havia se iniciado nenhum trabalho de acompanhamento à menor.

Importante ressaltar, também, que a adolescente apresentou-se à autoridade judicial, nos procedimentos referidos pelo representante do MP espontaneamente, depois de estabelecido o vínculo com o Conselho Tutelar da criança e adolescente, em atitude de conscientização, por não querer permanecer foragida, eis que sabedora da existência de mandado de busca e apreensão de sua pessoa em poder da Polícia Civil e Brigada Militar ...

Apesar de todos os relatórios, todas as defesas feitas, não foi possível evitar sua internação, que ocorreu dia 01 de julho de 1993.

Na entrevista que Rosângela respondeu, onde havia uma questão sobre uma situação marcante com a Rose, ela escreveu:

R. - Mais tarde, em 1993, como assistente social no Conselho Tutelar da Criança e Adolescente identifiquei Rose, menina de rua, como aquela menininha pequena e tímida, irmã de Ana, de quem eu tinha mais proximidade. Porém no Conselho Tutelar, meu contato com Rose foi bastante superficial. Entretanto tenho gravada uma cena que me marcou muito, lembro do dia em que ela foi levada para a FEBEM por determinação judicial; ela e um grupo de meninas no Conselho, a maioria adolescentes todas usando bico/chupeta foram despedir-se dela, a cena foi muito comovente. O grupo foi realmente afetado com o afastamento dela. Esse momento fez com que eu me confrontasse com um sentimento de impotência muito grande perante o sistema, fazendo lembrar daquela família conhecida de muito tempo, na qual não foi possível conseguir auxiliar em uma estruturação/funcionamento diferente que não fosse a baseada numa relação de exploração e irresponsabilidade dos pais com os filhos.

Perguntei ao João, o que ele achava da Rose, até para poder entender a visão de alguém do judiciário⁷⁰, sem ser o promotor que estava na época em que Rose foi internada:

J - Pra te dizer assim, como um relatório sistemático eu não lembro. Lembro do atendimento né. A Rose era uma menina de rua, seriamente comprometida com a rua né, com uma certa estabilidade até familiar, mas tinha um comprometimento com a rua. E ela teve o azar de se envolver com a droga, com droga injetável, e aí contraiu o HIV, e veio a falecer, agora, há pouco tempo...) Em relação a Rose, a Rose erroneamente até ela foi aqui até, por medida judicial, ela não tinha nenhuma medida por infração penal. Pelo fato, às vezes de não comparecer a uma audiência ou coisa assim, meio que seja até cassada, a bruxa, que venha até a prejudicar o serviço que havia sido feito na época com ela. E ela, na cabeça dela, ou de um adolescente, qualquer adolescente, e às vezes até um adulto, mal preparado não entende as coisas também. E quando vê tá com uma ordem judicial de busca aí, por causa de uma coisa proibitiva. Uma coisa que nós viemos tentando mudar com o tempo.

N - Porque na época da Rose, o promotor era o L. ne', e ele não gostava da Rose né, ele dizia que ela era uma líder...

J - Uma má influencia.

N - É que ela era a cabeça de tudo...

⁷⁰ A minha intenção era entrevistar o Juiz que acompanhou o processo da Rose, pois o promotor já havia sido transferido. Após fazer diversos contatos ele falou que não poderia responder uma entrevista pois estava sem tempo. Havia sido transferido para outra cidade. A promotora atual é bastante nova, não conhecendo o processo da Rose, que já está arquivado. Por isso resolvi entrevistar o João, por ele ser responsável pela condução, busca, apreensão, etc. de todos os adolescentes infratores. Está há bastante tempo trabalhando no fórum de Novo Hamburgo, o que faz dele um conhecedor da realidade da guriçada, possuindo uma visão do judiciário.

J - E', ela até tinha esse espírito de liderança na turma dela, mas em função da idade dela. Até por ser mulher e a mulher amadurecer mais rápido do que o homem, então ela tinha isso aí, ela era líder. mas o fato de ser líder tu não pode olhar assim como uma coisa negativa. Ela não instigava, por exemplo, nenhuma revolta ou tumulto. Ela não liderava, instigava ou planejava qualquer ato infracional. Ela cuidava daquela gurizada. Era bem mãezona ali dos guris, não sei se tu te lembra. Ela tinha assim essa coisa. E a sensibilidade na época né, desse promotor, também, não sei se ele não estava preparado ou não queria se preparar pra isso.

Quando eu perguntei a Wilma se ela considerava que o promotor acreditava que a liderança da Rose era negativa, ela respondeu:

W - Ah, sim, o promotor sim. Eu acho que na época que ela foi pra FEBEM, eu imagino né, que ele deve ter pensado, agora desarticulou o grupo. Deve ter desarticulado um pouco, né, com a saída dela.

Yara quando fala dos processos da Rose, e seu envolvimento no caso, faz uma avaliação do judiciário, e das dificuldades que decorrem quando pensa-se em humanizá-lo:

Y - Até na própria advocacia eu, se na época eu já era deslocada, hoje eu sou mais ainda. Porque eu não consigo ver as coisas separadas. Mas o Judiciário vê. Tu sabe que o Judiciário vê! E daí a gente, a gente sofre mais e não, e consegue menos. Menos, porque daí o lado profissional fica prejudicado, porque tu não consegue te isentar de emoção para discutir aquilo dali, da pessoa. Teu coração fica na mesa. Eu não sei se estou conseguindo te passar?

Rose foi internada, ficando 8 meses no IEF (Instituto Educacional Feminino). Algumas pessoas que a atendiam elogiavam-na e repetiam: "FEBEM não é para menina de rua". É preciso um outro atendimento. Nós do Conselho Tutelar e CEAMEM sabíamos disto, mas a quem iríamos recorrer?

A internação em instituições assistenciais com suas rotinas opressivas, contribuiria, segundo vários autores, para que a criança incorporasse as características de 'menor': uma pessoa na qual não se pode confiar, nem investir em educação, mas apenas controlar e reprimir" (KOSMINSKY, 1993, apud Violante, 1985, p.114; Bierrenbach, 1987).

Nas entrevistas eu questiono a finalidade da FEBEM para gurizada, e estas são as respostas:

W - ... Acho que a internação em determinadas situações tem que acontecer, porque acho que tem um limite né? Eu acho que adolescente, e uma das grandes coisas, uma das coisas que leva a dificultar o trabalho é a falta de limites... Então eu acho que tudo está ligado a falta de limites dentro de casa. Ele passa a não respeitar o pai, não respeita o irmão, aí depois não respeita o professor, não respeita a autoridade, não respeita a lei, então eu acho que a FEBEM, não a FEBEM em si, a medida restritiva de liberdade, em certas situações necessária. Mas eu não acredito que a FEBEM tenha ajudado alguém, no caso assim da Rose. Dentro da filosofia que é a FEBEM, não acredito. Se mudar a casa, regionalizar, como tá previsto né, talvez se consiga um trabalho melhor, porque o adolescente vai ficar perto da família, perto da comunidade dele. Então talvez mude alguma coisa. Mas na situação que é hoje, eles ficam isolados, muitos completamente isolados de tudo, porque a família nunca mais vai lá ver. Alguns até que saem de lá dizendo que foi bom é estranho isso, mas eu tive casos no fórum de adolescentes que saíram e disseram: "ah, foi bom, lá eu aprendi muita coisa, lá eu tive... Lá tem técnicos, tem atendimento..." eu estudei, eu fiz curso de datilografia, fiz isso, fiz aquilo, então"...

N - Eles tiveram uma importância que eles não tiveram em casa né?

W - Então alguns valorizaram aquela oportunidade pra aprender alguma coisa. Eles foram tratados como gente lá dentro. Mas o menino de rua, eu não sei se ele é tratado como gente, se ele tem essa... Porque o menino de rua, que vai pra lá, que a família que vai toda semana, acho que tem um tratamento diferenciado sim, porque a Assistente Social é que faz o trabalho com a família, então se a família vai toda a semana, o técnico pode trabalhar melhor com o adolescente, porque a família tá contribuindo também, a família tá trazendo informações. Agora é muito difícil, eu acho para o técnico lá dentro também, trabalhar um que ninguém vai visitar. Ela vai se basear só nas informações dele. Ela não vai ter informações... Tem um menino lá que tá internado, que a Assistente Social me ligou várias vezes, "escuta, mas tu não consegue localizar, nem que seja um tio, a gente não sabe nada, nada dele e ele não conta". Então ele nega o passado dele. Ele não conta nada do passado dele. E a gente não tem como trabalhar. Então acho que dificulta muito o trabalho do técnico. Eu acho que vai melhorar com as Casas Regionalizadas, vai melhorar bastante o atendimento. Não que seja o ideal, porque acho que a internação não é bom Pra' ninguém. Nem um internato de freiras.

Na classificação da CRAIDY (1996), existem três perfis de guris na rua: meninos de rua, meninos de gangue, e meninos infratores. Ela coloca que os de rua não cometem grandes infrações, praticam mais *atraques*. Para a autora,

...os meninos de rua são verdadeiros nômades urbanos que circulam constantemente entre uma população citadina sedentária. Como os nômades, vivem da coleta; não da coleta de frutos e animais que uma natureza generosa ofereça, como ocorria com os nômades das florestas e dos campos, mas sim, dos restos e sobras da população citadina sedentária que os cerca por todos os lados. Não sendo vistos como produtivos, são desprezados pela sociedade capitalista, que os considera "excedentes", ou seja, desnecessários e incômodos. Daí sua circulação não poder ser considerada como "normal", mesmo que se apresente como uma forma de socialização que contém muitos aspectos positivos. (CRAIDY, 1996, p.31-32)

Esta afirmação de CRAIDY, confirma o que diversos autores discutem sobre o tema. Como vivem de coleta, não utilizam formas mais violentas para conseguirem sua manutenção, a não ser quando o componente "cocaína" incorpora-se ao seu cotidiano. A partir de minha experiência considero ser possível introduzir mais uma categoria de gurizada de rua pelo tipo de droga que utiliza. Aqui em Novo Hamburgo tem os "guris da praça" que não utilizam

cocaína, somente cola e loló. Para o sustento deste tipo de droga não é preciso muito dinheiro, conseguindo-o com mais facilidade. Pode acontecer que alguns desses guris iniciem-se no uso da cocaína, mas acabam saindo do grupo da “praça”, como no caso da Mariana e da Joana. Ai vão fazer parte do grupo “lá de baixo”, que também são guris de rua, já um pouco mais velhos, alguns com mais de 18 anos, e que só utilizam cocaína. Para manutenção desse vício cometem assaltos, entram em casas e lojas. Mantém contato próximo com os “patrões” que transitam pelo mesmo espaço. É preciso um estudo maior sobre esse tema, mas acho fundamental fazê-lo, pois não classificaria esse grupo da “coca” como meninos infratores, segundo definição de CRAIDY. Estes, como os “meninos de rua” também são desleixados, descuidados, não acumulam bens, etc. Mas estes estão num estágio mais avançado de busca da morte, segundo minha avaliação. Possuem mais dificuldades de sair do espaço da rua, principalmente pelo envolvimento que já possuem com traficantes.

Avaliando esses dois grupos de guris de rua, questiono a medida de Privação de Liberdade aplicada a eles, como no caso da Rose. Tanto um quanto outro grupo, utilizam-se das infrações para a compra da droga (grupo da cocaína) ou sua própria manutenção (grupo da cola). Perguntei ao Adão, o que ele achava disso, referindo também as infrações da Rose que não eram graves, ao que ele respondeu:

A - não matou ninguém

N - Tu consideras correto aplicação de restrição de liberdade para esse tipo de infração?

A - Eu não considero, não considero mesmo, até mesmo porque eu acredito muito no ser humano e acho que no momento da elaboração do ECA, ele foi um apelo de lucidez que se teve no país. Penso muito nessa questão humana. Eu acho que essa Privação de Liberdade é o último processo, é o último estágio em casos de delito muito graves. E que 99% não são cometidos por meninos de rua. Na verdade o que os meninos de rua sofrem mais do que os outros é o preconceito social, é a sociedade que vê, a cidade com mais estética. Já dizia um ditado popular: é fácil amar a humanidade, difícil é amar o próximo. Então, eu acho que nós, e aí assumo a culpa, puxa pra gente, e até uma forma de planejar a atuação como Conselho de Direitos, enquanto Conselhos Tutelar, enquanto militante da área da criança e adolescência, da gente criar as estruturas necessárias pra se ter programas sócio-educativos até esse momento, pra evitar essa ida. Porque assim, o próprio estatuto a gente sabe do esquema que é: Advertência, Reparar ao dano, Liberdade Assistida, Serviços Prestados à Comunidade, Semi-Liberdade até a Privação da liberdade. Nós temos que criar condições pra que a gente tenha no município estruturas que possam cumprir todas essas, esses processos do judiciário até chegar na semi-liberdade e a privação da liberdade. Porque hoje não tem um órgão que possa fazer uma liberdade assistida ou um controle de Prestação de Serviço. Por isso precisa ter. E talvez aí esteja o maior pecado que o juizado acaba mandando essa gurizada pra FEBEM. Eu sou completamente contrário. Eu acho que Privação de Liberdade é aquele momento, quando vai ter que dar a sacudida mesmo, quando o cara tá realmente envolvido em assalto a mão-armada, pesado mesmo, tráfico de droga pesado mesmo, tráfico, assassinato, estupro, coisa assim, pesadas mesmas, que atentem contra a vida e não contra a sociedade, mas contra a vida. Ai eu acho que é um momento de reflexão. Ai sim. Eu acho que deve ter uma restrição da liberdade, não como uma prisão, mas sim

como uma oportunidade de reflexão, de engajamento de programa sócio-educativo de alterar essa perspectiva, essa visão de vida que essa gurizada tá começando a ter. É isso é um processo difícil.

N - Mas tu acha que eles não tem medo da morte, que tem mais medo de FEBEM do que da morte, tu acha que eles tem medo da FEBEM?

A - Eu acho que eles próprios cumprem um papel muito importante nessa história aí. Não sei se é importante ou meio contraditório. Porque a FEBEM lá é, tipo assim oh, o menino que foi pra FEBEM volta, parece que volta mais líder tipo assim "oh, eu tive na FEBEM, coisa e tal" Daí ele conta uma porrada de histórias e muitas vezes não tem muito a ver com a FEBEM mas ele conta pra si, pra aumentar o seu poder vamos dizer assim, em relação aos outros.

N - Pra ter status?

A - É, ter status, o que acaba amedrontando um pouco aqueles mais novos, e aqueles que ainda não tiveram por lá. E aqueles que tiveram, mesmo sabendo que aquilo não é verdade, tratam de colocar como verdade e até aumentar um pouco mais. Então há um amedrontamento. Agora, a gurizada já teve mais medo da FEBEM sim. Não estão muito ligadão não(...) Geralmente quando alguém vai pra FEBEM é porque o judiciário considera que este agrediu a sociedade de alguma forma. Agora eu acho que Privação de Liberdade ou semi-liberdade eu acho que... Eu sou a favor disso num determinado momento, não pra punir, não como um gesto de punição... Eu me lembro de um juiz que uma vez a gente teve num debate que ele falava que a gente tinha que fazer disso um ato de amor, porque acho que chega um momento em que tu tá numa situação tal, num estado emocional tal, que tu não vai ter a lucidez de parar pra refletir. E eu acho, que dependendo da gravidade do delito, eu acho que o privar de liberdade é como aquele segurar no braço o filho quando ele tá fazendo algo, dele parar pra pensar "cara, dá uma pensada o que tu tá fazendo?" Claro que é um negócio muito drástico, e por isso que eu acho que a Privação de Liberdade pra um adolescente ela não pode ser uma prisão, por isso que eu me empenho até nessa história de defender a descentralização da FEBEM, transformar a FEBEM num programa sócio educativo. A Privação de Liberdade também é um programa sócio-educativo, e seria um momento de reflexão. Temos que fazer disso um ato de amor, como aquela história de dar uma sacudida no garoto, pra ele dar uma pensada, o que tá fazendo, pra onde ele tá levando.

8.1 - Violência da gurizada de rua

Apesar das infrações cometidas pela gurizada de rua serem muito pequenas, elas existem e assustam demais, às vezes até mais do que as cometidas pelos adultos. A gurizada acaba sendo a culpada por tudo o que acontece na área onde se concentra. Tal culpabilização injusta gera a indignação da gurizada, que acaba revidando com violência as agressões e indiferenças que sofre.

Mariana - A gente, teve uma época, que saía nós e os guris, que não vou dizer quem é né, fica ruim pra eles, sai a assaltar na rua com revólverzinho de plástico, chegava dizia que era assalto, eles pensavam que era de verdade, e a gente tomava as coisas. E... depois em outros tempos, saía só nós, nós pegávamos as gurias que iam pro som, gurias que iam pro colégio, a gente roubava elas e agente batia nelas se elas não queriam aceitar, né, elas saíam correndo, a gente saía correndo atrás pra pegar elas. E a gente conseguia as coisas.

N- Mas arma de verdade, vocês não usavam?

M- Não, só a faca.

N - Só faca.

M- Só a faca, a gente batia também nas pessoas quando elas não aceitavam, tinham umas que eram brabas que pulavam na gente e a gente era obrigada a fazer um jeito né (e riu) .

Perguntei para Mariana se a Rose também era violenta ou não:

M- Ela brigava muito, era ruim ela. Rateava com ela, ela dava-lhe pau mesmo.

N- Tua acha que ela era assim por que? Porque na rua é preciso ser assim ou era o gênio dela?

M- Era o gênio dela, né tia. Ela é assim porque... (pausa) Hoje em dia eu sou assim sabe tia. É que a gente não pode deixar os outros e a gente ficar quieta. Daí quem vai apanhar é a gente né, daí eles se arriam na gente. Ah-é, tu tem medo, aí tu apanha. Acho que era isso que ela pensava, sei lá. Porque no começo ela não era assim sabe tia, no começo eu também não me dava legal com ela, às vezes eu chamava ela pra brigar comigo, ela tinha medo, não vinha. Daí depois não, depois ela perdeu o medo de mim, "se agarramo" no pau já muitas vezes, mas em mim ela não se arriava... Sei lá, de repente o jeito que ela vivia, também, aloprada do jeito que ela era .

Jerson, quando fala da violência da gurizada, faz referência ao preconceito da sociedade, pois na realidade não são tão violentos como pensam:

J - Menino de rua não é perigoso, mas a sociedade pensa isso, é só o medo (bocejando)

N - O medo do que possam fazer mas não o que fazem? Que medo?

J - O preconceito, o preconceito sabe. Porque eles não são que nem os outros. Mas porque não ficaram que nem os outros caras, tanto guri legal que me cumprimenta e esse cara aí, atiradão... De noite sai pra roubar aí. Como muitas pessoas que moram em vila: vem aí no centro roubam aí, e assaltam loja e tal e tal. Quando os guris de rua vão lá e toma, toma, toma (gestos de agressão) . Cadê os negócios, cadê as coisas. Pô, mas eu não roubei. Então vou lá roubar. Se eu apanhar vou apanhar com razão. Eles vão me bater e vão ter razão. Então é isso aí. Tudo o que acontece no centro da cidade é quem vive ali sabe, e o menor, o menor paga por todôs, pelos maiores né, sabe. Que os caras que fazem já tão lá, gastando né? Vieram de lá pra fazer aqui os que tão aqui que paga pelos outros. É esse tipo de coisa sabe, é o preconceito que as pessoas. As pessoas desconhecem, sabe, e se sentem ameaçadas né, ou talvez pelo futuro, desses caras sabe, não sabe o que pode acontecer. Ninguém sabe né?...

N - E por que tu acha que a sociedade não gosta dos meninos de rua? O que mais agride a sociedade?

J - O que mais agride a sociedade é uma porque ele é um intruso né!

N - Porque ele é um intruso.

J - Porque ele é um intruso sabe. Ele... o cara que tá seguindo essa sociedade sabe, então a sociedade é todos nós, seguindo essa sociedade. E o menino de rua tá andando bem belo na rua e ele vai lá e (faz um som soprando com a boca) puf, e puxa tua bolsa ou toma tua carteira sabe. Ou vai lá e rouba teu filho, sabe?...

N - E se ele não fizer isso?

J - Mas mesmo assim sabe, se ele não fizer nada disso sabe, aí ele não... Sabe, a sociedade não quer saber, sabe... Eu penso assim, se o cara _____ ele pensa, talvez ele pensa "bom, eu tenho dinheiro, eu tenho tudo, eu tenho que cuidar dos meus filhos. Eu não tenho que dar pão pra aqueles guris que chegam pedindo aí, né? Eu não preciso dar pão pra eles, sabe?"

N - Mas tu achas que está certo a sociedade agir desse jeito?

J - Bom.....

N - Como é que tu achas que deveria ser?

J - De certa forma a sociedade está certa. Só que eles não, eles não raciocinam como... os guris usam drogas. Eles montam um casa só que , ã, agride a sociedade porque os caras pensam assim: pô, mas nós mantemos uma casa pros caras e os caras não querem ir pra lá? Aí não pensa nessa situação que o guri tá, mas não é por fora, por dentro, sabe? Aí não quer saber tá ali. Tá tudo numa boa sabe, e os cara lá fazendo reunião pra fazer... Aí, aí que eles montam a tal, que foi montada a tal FEBEM, né. Vamos prender eles lá que eles tão roubando, tão fazendo bagulho errado, vamos botar eles lá dentro lá, e se ralam lá dentro né? Onde tiver que comer um come outro (risos).

N - Ahá!

J - E isso é que é pior, que isso que a sociedade pensa sabe? Eles não querem saber! Eles só não querem intruso, sabe. Quem participou continua junto, tá junto, sabe!

Joana e Mariana também revoltam-se pelo fato da gurizada de rua ser acusada por algo que não cometeu e acabam fazendo uma avaliação do que consideram uma injustiça da sociedade. Não negam que cometem infrações, mas não aceitam o fato de serem culpadas pelo que não fizeram:

J - Eu queria dar entrevista na televisão só pra falar umas coisas da gente.

N - O que tu irias falar Joana?

J - Ah, eu ia falar... (não deu pra entender)

M - é que nem tudo que acontece em NH é nós né tia. Nem tudo as gurias e os guris de rua, porque é assim tia, acontece um assalto ali em cima foi nós né, às vezes nem é nós.

J - Se eles chegassem em nós e falassem como gente mesmo, que eles assim falam "com nós" que nem um bicho. Se eles chegasse e conversasse eles iam saber que não é assim como eles pensam.

N - É que pra eles vocês moram que nem bicho. Imagina. Capaz que alguém ia imaginar viver que nem vocês vivem. Então eles acabam tratando vocês que nem animal, porque eles acham que vocês vivem que nem animal. Porque eles não conseguem imaginar alguém que não se preocupe em se arrumar, tomar banho, será que não é isso?

M - De repente né tia, eu não sei (falando bem lento) Eu acho já que eles são...

J - Muito orgulhosos!

M - Isso, eles acham que são os tal. Que nem o que aconteceu ontem de noite (não sei o que aconteceu, nem contaram)

J - "Ó tia, mas quem ajudou eles foi, bem dizer, que eles puderam subir na vida, foi com os escravos bem dizer né? Os escravos que construíram todo o Brasil. O que eles querem então? Eles subiram na vida por causa bem dizer de nós né, hã!

M - Eu não sou escrava (risos).

J - Eu sou, eu sou negra. Eu tenho orgulho de ser o que eu sou. Se eles não, se eles acharem que nós "semo" diferente deles, eles ficam com o pensamento deles. Se eles ajudassem um pouquinho mais nós, eu acho que nós não "taria" nessa vida!

N - Mas o que é que eles poderiam ajudar Joana?

J - Ó tia,, eles só dão emprego pra de maior, o que eles querem? Eles querem que a gente morra de fome? Menor acho que também tem que aprender alguma coisa, tem que aprender a trabalhar.

N - Mas hoje em dia tem desemprego até pros "de maior"!

M - Que nem assim ó, que nem assim ó tia. às vezes a gente tá na banda aqui, daí a gente vai pra frente do Shopping pra cuidar dos carros né, a gente não, os guris né...

J - Eles já pensam que vai quebrar os vidros!

M - Ou que vai assaltar! E chega ali e não deixam os guris cuidando de carro. Daí a gente pira, vai lá e mete a loja dele (risos).

J - Ou quebra um carro e pega o rádio!

M - É, é, é. é que nem esses dias nós fomos tudo em cana, quebramos um (risos) carro.

J - Bem no centro.

M - Bem no centro, os "home" pegaram nós, eu a Joana.... Mas é assim né, a gente pede numa boa eles não querem dá, querem encher o "braço", tem mais é que pegar é que meter os bagulho deles!

J - O que que custa eles dá uma esmolinha?

CARVALHO (1989, p.126) comenta sobre esse tipo de relação entre a sociedade (eles) e a gurizada. Para ela:

A relação estabelecida entre o grupo de meninos de rua e a sociedade parece realizar-se de forma conflitante e tensa. O primeiro agride através de furtos, assaltos, mortes. O segundo rouba do primeiro o direito à própria vida e também agride ao grupo de MR verbalmente e com gestos bruscos de empurrões, tapas, assassinatos. Acredito que isso ocorre principalmente devido ao próprio desencontro das duas realidades e devido à falta de conhecimento dos próprios direitos fundamentais da pessoa humana...

Observando as contradições no grupo, tem-se, por outro lado, uma visão mais nítida do conflito permanente em que vivem os MR, submetidos à cultura dominante e, ao mesmo tempo, rejeitados por ela. Esta visão nos ajuda a perceber especificidade e eficiência discursiva. Nesta conclusão, eu não os chamo de "pequenos marginais", mas de um grupo coeso de cidadãos, extremamente rico em sua cultura, com quem a sociedade não consegue conviver porque os vê com olhos etnocêntricos, preconceituosos e defensivos. A pesquisa que fiz autoriza-me a dizer que a sociedade rotula-os assim sem fazer um estudo sério a seu respeito. São crianças que a própria Sociedade produz e expulsa de seu convívio, negando o direito à escola, à socialização, e até, em muitos casos, à própria vida.

João refere dados sobre o número de infrações cometidas pela gurizada, que confirma o que diz RAMOS (1997, s.p.) sobre o pequeno número de infrações cometidas pela gurizada:

João - A violência do menino de rua, a nível estatístico né, assim bem aleatório, é o tipo de coisa que não tem um registro significativo. Nem aqui nem em outra comarca. Mas este menino de rua é muito estigmatizado né, se tu olhas assim, um cara sujo, cabeludo, eventualmente drogado, enfim, é o tipo de coisa não faz bem aos olhos da sociedade. Então a sociedade de repente imagina que sejam eles infratores em potencial o que não é verdade. Mesmo não tendo um número pra te mostrar agora, eu arrisco, bem aleatório, eu arrisco que procedimentos para apuração de ato infracional aqui na vara da infância, 2% são cometidos por meninos de rua. Nenhum deles contra a vida, nenhum deles contra a pessoa.

Um deles contra a pessoa indiretamente, foi um tapa pra pegar um boné, só, o que é nada. Pequenos furtos, então, como eu havia colocado antes, dizer hoje que menino de rua é um infrator em potencial é uma grande lorota. Não é, mesmo porque a mentalidade deles é outra né. Quem faz serviço de abordagem, quem os conhece, vai saber que eles tão a fim de repente de usar uma droga, tão a fim de jogar um futebol, rap, e coisas, sabe. Mas a infração, o crime propriamente dito não é a praia deles. É uma coisa bem diferente. É uma vida diferente dum guri que tem uma casa, que tem pais. Eles não tem responsabilidade. Se tu não dá responsabilidade, eles não crescem, se não tem responsabilidade, é claro, eles não vão adquirir isso em "moto próprio", espontaneamente.

...hoje o menino de rua eles tem todo um estigma mas a nível infracional eles representam 1 a 2% e não registram nenhum caso de meninos de rua que tenham cometido crime ou violência contra a pessoa. E todos, todas as infrações que tem aqui, do mais leve ao mais grave, todos eles tem família, em todos esses infratores eu posso te dizer, que não dá 2% são de famílias muito pobres, muito desestruturadas enfim. A maioria tem um padrão relativo até. Pobres, mas com um padrão relativo de vida.

Para Cláudia T. Magni, a sociedade quer transformar a gurizada em seres iguais:

C - Pois é, e aí eu acho que passa também por uma postura crítica perante o que a gente vive, o que a gente é, o que a nossa sociedade é. Tu vai querer que eles sejam espelho, ou melhor tu acha que a nossa sociedade é tão boa, que a nossa forma de viver é tão boa assim para querer que eles sejam iguais? Pra querer que eles sejam teu espelho? Sabe, é muito mais conveniente tu achar que é certo eles serem igual a ti, mas eu acho que no momento que tu aguça a crítica sobre a sociedade que tu vive, fica muito claro de entender por que muitas pessoas não estejam de acordo com essa forma de viver. Mesmo que isso não seja consciente...

Numa reportagem do NH (SANTOS, 1994), em anexo, o assunto Meninos de Rua é polemizado. O título “Problema social ou caso de polícia?” diversas pessoas são entrevistadas. O juiz da Infância e Juventude surpreende-se com o fato desse problema ser colocado como grave pelos comerciantes do centro. Afirma não lembrar-se da última vez que recebeu algum inquérito contra alguma infração cometida pela gurizada no centro, por ser tão inóqua. Na mesma entrevista a gurizada se defende. Rose é entrevistada e diz que os maiores furtos não são feitos por eles. “Os pequenos confirmam que furtam: ‘Mas só bolachas, coisas pequenas, quando estamos com fome’. Outra menina acrescenta: ‘A gente primeiro pede, mas ninguém dá nada’”.

O Juiz da Infância e Juventude, Siro Darlan, do Rio de Janeiro, afirma: “Graças a Deus, existe o menino infrator... O menino que ataca com um caco de vidro na mão está chamando a atenção para o seu problema. Se essas crianças estivessem só apanhando, ninguém iria se incomodar com elas. Deixaríamos que morressem”. Compara-as às crianças africanas que morrem de fome sem que o mundo se comova. Continua: “aqui, pelo menos, temos um povo que reage”. (ALVES FILHO, 1996, p.84)

Em maio de 1997, o juiz de São Leopoldo (cidade vizinha de Novo Hamburgo), encaminhou um fax ao repórter da Zero Hora em Novo Hamburgo. Neste ele informava o número de infrações cometidas por infratores em sua comarca. Nos números encontrava-se:

Tabela 39 - Número de Infratores e Processos contra adolescentes em São Leopoldo

ANO	Número infratores internados	Número de Processos
1995	12	127
1996	15	171
1997 (até maio)	07	71

Fonte: Juizado da Infância e Juventude de São Leopoldo

Justifica o acréscimo indicado pelos números na tabela porque “a criminalidade vem aumentando em todos os níveis nesta região. Os problemas sociais, o desemprego, a falta de

estrutura familiar e o uso de drogas por uma grande parte dos jovens têm contribuído bastante para o aumento das infrações”.

Na pesquisa que realizei no Fórum de Novo Hamburgo, encontrei os seguintes dados em relação ao número de adolescentes infratores:

Tabela 40 - Índice de infratores por faixa etária de jan./out. na Comarca de Novo Hamburgo

IDADE	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
Nº AD.	03	08	08	12	43	55	06	100	4	148

Fonte: Juizado da Infância e Juventude de Novo Hamburgo

Esses dados referem-se as 11 Comarcas atingidas pelo Juizado de Novo Hamburgo.

Entre as medidas estão:

Liberdade assistida - 5 adolescentes

Prestação serviços à comunidade - 15 ad.

População total cumprindo medidas não privativas de liberdade: 17 gurus e 3 gurias.

Ato infracional praticado por sexo: Homens: 190

Mulheres: 24

Total: 214

A maioria dos infratores são de Novo Hamburgo que é o maior município da Comarca. Não existe um controle feito por cidade, nem definido por gurus de rua, pois todos os infratores são cadastrados pelo nome dos pais.

VOLPI (1997, p.68) coordenou uma pesquisa sobre adolescentes privados de liberdade no Brasil. Os dados foram coletados entre outubro de 1995 e abril de 1996. Vinte e seis estados e o distrito federal responderam ao questionário enviado. Nos resultados apresentados é interessante avaliar como o Rio Grande do Sul apresenta-se em relação ao país. São 511 infratores privados de liberdade neste estado. Este número só fica abaixo de São Paulo que tem 2090 internos. Rio de Janeiro, cidade considerada pela mídia como violenta, possui 114

internados, ficando abaixo de Mato Grosso com 284, Paraná com 148, Minas Gerais com 145 e Distrito Federal com 116. O total no país de adolescentes privados de liberdade é 4.245.

De acordo com o rendimento familiar, dos infratores do estado 230 pertencem a famílias que recebem até 2 salários mínimos (45,01%), sendo que 233 (45,60%) não informaram. 464 adolescentes (90,8%) não freqüentavam a escola na época da internação, diferenciando o estado do resto do país, onde 61% de todos os privados de liberdade freqüentavam a escola e 39% não, no momento da internação. Outro dado importante relaciona-se ao uso de drogas, que não é especificado se é sua utilização antes da internação, ou na própria instituição. No Rio Grande do Sul 445 adolescentes (87,08%) são usuários, quando o total do país a média é de 52% de usuários. Outro dado que surpreende na pesquisa realizada, do qual não é possível fundamentar uma avaliação por falta de identificações maiores, é relacionado ao motivo da internação. Quando no país 33,33% foram internados por roubo, 23,75% por furto e 17,15% por “outros” o estado apresenta 10,57% por roubo, 16,83% por furto e 42,07% em “outros”. Infelizmente a pesquisa não refere o que está incluído neste ponto. (VOLPI 1997, p. 68-85)

8.2 - Os números da violência

O tema “Violência” é muito discutido, em diferentes épocas, por diferentes setores da sociedade. Todos tem alguma situação para contar em relação ao tema. VENTURA (1994) em seu livro *A cidade partida*, escreve sobre os “dois mundos”, ou as “duas cidade” dentro do Rio de Janeiro. A do morro, das favelas, dos pobres, e a do centro. Refere-se a um seminário que ocorreu na cidade em 1993 no Hotel Everest, tematizando a violência, tanto a pública, a doméstica como a do Estado. Na época os índices de violência eram alarmantes, o número de assaltos, chacinas, seqüestros, arrastões, saques, linchamentos, estupros. O seminário contou com diversos cientistas sociais, que refletiram sobre o tema de diversas maneiras:

...manifestações espetaculares dessa nova cultura, a Cultura da Violência, que já havia criado o que o antropólogo Luiz Eduardo Soares chamou de Cultura do Medo, um subproduto também perigoso.

Não o medo natural, indispensável como legítima defesa da vida e do patrimônio, mas o “medo reativo”, histórico, o medo transformado em paranóia e pânico, habitante de bunkers, condomínios fechados, cidadelas medievais.

Ao mesmo tempo dramático e rotineiro, o fenômeno apresentava também uma outra face, menos visível: a da violência não contabilizada nas estatísticas e não registrada nas delegacias - registrada apenas na alma coletiva da cidade. (VENTURA, 1994, p.139)

A conclusão do seminário foi o de que a solução para os problemas estaria no conhecimento das “duas cidades”.

Mas para isso, era preciso descobrir e entender as cidades contidas na 'outra cidade', principalmente os dramas e tragédias: a exclusão, a violência cotidiana, as drogas, o tráfico, a miséria. A cidade só poderia ser uma quando conhecesse o 'outro lado'- aquele que antes era percebido pelo carnaval e o samba e que agora o era pela violência. Temia-se que o morro deixasse de descer para divertir e prestar serviço e passasse a descer armado.

Estava se generalizando o preconceito de que o “lado de lá” só fabricava violência. A sociologia e a antropologia se uniram para derrubar essa impressão. Luiz Werneck Viana e Gilberto Velho foram os primeiros no seminário a chamar a atenção para o risco de se associar, precipitadamente, violência e classes populares. “Não se deve ver o popular apenas como tema de crise”, advertiu Werneck, reivindicando que se contemplasse também “o que na vida popular aparece como solução e não como problema”.

Não havia dúvida porém de que era um universo em crise. Às micronações estão vivendo momentos de tensão”, disse Carlos Lessa, um economista que há tempos vinha produzindo diagnósticos sobre a Cultura da Pobreza. (idem, p.143)

Mas para os expectadores do seminário, o que causou mais espanto, foi a descrição dramática “da outra cidade” por um favelado e intelectual comunitário, Itamar Silva, 38 anos, que falou da força dos traficantes, e das mudanças que ocorreram desde que iniciaram seus domínios nessas comunidades. Ele coordenou por dois anos pesquisas, detectando o momento das mudanças nos anos de 1987/88 quando começaram as guerras de quadrilhas e o morro conheceu o advento de um novo personagem: o traficante de drogas em nova escala: bem armado e indiferente a valores, obrigações, vínculos e compromissos tradicionais.

Como consequência, as lideranças antigas passaram a se sentir ameaçadas e as associações de moradores foram acuadas até perderem a legitimidade. A situação, segundo Itamar, não oferece muita saída. “De um lado, o medo constante e mudo. O medo solitário e resignado. De outro lado, a eloquência sedutora do poder bandido, fácil e efêmero, prometendo a glória a quem não espera nada da cidade”.

O líder comunitário explicou que o problema não se resume à dimensão econômica: há em jogo elementos culturais e simbólicos extremamente importantes. “Precisamos oferecer alternativas atraentes aos jovens favelados.” (VENTURA, 1994, p.143)

Luiz Eduardo, outro cientista social que participava do encontro trouxe mais um argumento:

“Não há canhão ou bazuca capazes de vencer o mercado”, disse, pensando no tráfico de drogas. “o nervo mais fundo e sensível da problemática da violência e da criminalidade no Rio.”

De fato, ninguém teve dúvidas de que a mais sistemática e corrosiva forma de violência era a promovida pelos traficantes, cuja ação, estendendo-se dos morros e periferias aos jovens pobres e, como fonte, a guerra permanente pelo controle do mercado clandestino. "Toda a cidade paga o preço e é responsável, até porque consome o produto que anima todo o conflito", disse Luiz Eduardo. (VENTURA, 1994, p. 143-144)

GRACIANI (1994) que coordena o Núcleo de Trabalho Comunitário da PUC de São Paulo, através de um profundo estudo sobre gangues urbanas, tematiza a violência através da Teoria Crítica, fundamentada por Habermas e a Escola de Frankfurt. Para a autora:

Esta teoria crítica, distingue violência de agressão; a primeira estaria vinculada a cultura e a segunda à natureza. A violência é reconhecida como social, histórica e principalmente política, portanto pode ser controlada caso haja intencionalidade por parte dos governantes. Ela precisa ser contextualizada, ou seja, compreendida no âmbito dos processos, estruturas e determinações sociais específicas vinculadas a condições objetivas, históricas e culturais da sociedade onde se insere. (GRACIANI, 1994, p.10)

A autora faz uma análise da sociedade brasileira, como sendo portadora de desigualdades em termos sócio-econômicos; "discriminações, racismo e xenofobia latente, porém explícita; prática de violência passiva e ativa nos conflitos urbanos/rurais, contra menores, mulheres, indígenas [...]; que dissimula o poder do branco em relação aos negros...(idem, p.11)

GRACIANI acredita que a violência é construída pelo homem e não fruto de herança biológica como afirmavam teorias mecanicistas.

ela é constituída pela interação entre fatores individuais, sociais, culturais e históricos de uma dada Sociedade. É necessário pois para aprofundar este tema levar em conta as suas estruturas, seus determinantes, os padrões de relações mantidos a nível histórico/social/psicológico, para desvelar o objeto de pesquisa, operacionalizando categorias capazes de captar o fenômeno em todas suas amplitudes a abrangências. (GRACIANI, 1994, p.11)

Dia 11 de maio de 1997, a Zero Hora de Porto Alegre traz como manchete: "SINAL VERMELHO: A explosão da criminalidade no Vale do Sinos atormenta a população e torna a região uma das mais violentas do país". (PELIZZARO, 1997) Durante três dias o jornal divulgou dados, entrevistas, situações ocorridas nas duas principais cidades do vale (Novo Hamburgo e São Leopoldo). Segundo esses dados, o número de crimes era percentualmente maior do que o de metrópoles como São Paulo e Porto Alegre. No primeiro trimestre de 1997, ocorreram na região 17,1 assassinatos por mês para cada grupo de 100 mil habitantes. Em São Paulo este índice foi de 14,1 e, em Porto Alegre, 13,5.

E a responsabilidade de toda essa violência, acabou recaindo sobre a juventude pois uma das matérias principais era sobre o assassinato de um taxista por um adolescente de 13 anos. Conta a história trágica da família que só possui mais duas crianças em casa, os outros estão presos. No tempo em que estive no Conselho Tutelar, acompanhei esta família. Eram adolescentes lindos, sensíveis. O que faziam era *entrar* nas casas, furtar e vender o furto para comprar drogas. No local onde moravam, e moram existe muito consumo de cocaína. Eles roubavam para sustentar o vício. Um dos adolescentes, cheguei a visitar na FEBEM. Estava na enfermaria, porque ficou muito debilitado. Atrás das grades da enfermaria, conheci aquele que era considerado o *temor do morro*, o principal integrante da “temível gangue dos Baixinhos” (PELIZZARO, 1997, p.56). Conversei com ele, olhos verdes, rosto moreno, muito pequeno e franzino, parecendo ter dez anos. Chorava e pedia para sair dali. Dava vontade de pegá-lo no colo e niná-lo, tal sua debilidade e tristeza.

Este caso e o de Rose podem fundamentar uma reflexão sobre um local para infratores longe da família e de sua comunidade ser eficaz para educar ou socializar um adolescente infrator. A cada dia que passa, sinto que mais adolescentes estão perdendo suas juventudes para nada, pois é evidente que os atendimentos devem estar inseridos em suas comunidades. Esse adolescente esteve por diversas vezes internado na FEBEM. Tinha um ótimo comportamento, era um guri adorável. Permaneceu sem utilizar droga durante o tempo de internação. Voltava para casa, no “meio do pó” não conseguindo manter-se sem o vício. Novamente cometia infrações e acabava sendo internado novamente. Um triste círculo vicioso. Ele não chegou a utilizar arma, mas seu irmão menor o fez, e acabou matando o taxista.

No trabalho organizado por VOLPI (1997, p.13) é tematizada a problemática do adolescente e o ato infracional. Entre os motivos do estudo está

A existência indiscutível de atos infracionais graves, de relevância atribuídos a adolescentes, apesar de quantitativamente reduzidos se comparados com os cometidos por adultos e com o universo das infrações, conquanto distribuídos de forma desigual nos diferentes estados...(grifo meu). (VOLPI, 1997)

A publicação citada acima, traz um conjunto de informações e reflexões sobre o tema do adolescente infrator. Busca eliminar preconceitos e estigmas sobre o tema, apresentando novas abordagens. O trabalho foi realizado por uma série de cientistas sociais, ativistas, militantes na área da criança e do adolescente, entidades governamentais e não governamentais. Uma das preocupações dos autores, é que “crescem os preconceitos e

alastram-se as explicações simplistas, ficando a sociedade exposta a um amontoado de informações que no fundo não passa de uma estratégia de criminalização da pobreza, especialmente dos pobres da raça negra”. (VOLPI, 1997, p. 9)

Os adolescentes infratores dificilmente encontram defensores de seus direitos de cidadãos. A sociedade tem muita facilidade de mobilizar-se para defender vítimas de possíveis agressores, quando uma criança está indefesa e precisa ser ajudada, o mesmo não acontece com os infratores. (idem, 1997)

...pela condição de terem praticado um ato infracional, são desqualificados enquanto adolescentes. A segurança é entendida como a fórmula mágica de “proteger a sociedade (entenda-se, as pessoas e o seu patrimônio) da violência produzida por desajustados sociais que precisam ser afastados do convívio social, recuperados e reincluídos. É difícil, para o senso comum, juntar a idéia de segurança e cidadania. Reconhecer no agressor um cidadão parece ser um exercício difícil e, para alguns, inapropriado. (idem, 1997, p.9)

Novo Hamburgo parece ser uma cidade muito *sensível* aos problemas dos *menores*, buscando soluções rápidas, tais como a proposta de colocar todos os “*menores*” numa casa bem fechada em Lomba Grande (bairro rural, distante do centro da cidade). Há muito tempo o município deveria ter construído um Centro da Juventude, que seria uma casa para infratores. O poder público municipal doaria o terreno e o governo do estado construiria a casa e a manteria. O problema dos infratores assemelha-se ao da colocação do *lixo* que todos criaram mas que ninguém quer ver na frente de sua casa. Em junho de 1997 o executivo mandou para o legislativo um projeto para doação da área. Somente no final do ano o mesmo foi aprovado, com destinação de outra área, diferente da inicial que era no Bairro Boa Saúde. O vereador Luiz Carlos Schenlrte do PMDB, em seu discurso na Câmara de Vereadores, era contrário à instalação da FEBEM no Bairro Boa Saúde por temer que o número de *menores* seja bem maior do que o proposto no projeto e que isso poderá ocasionar motins e muitos problemas. Além disso questionou “por que a cidade de Novo Hamburgo foi a escolhida”. (Ata nº 44/12L/97 do dia 16.06.97)

MENDEZ (1995, p.10) defende que qualquer proposta pedagógica com jovens infratores deve enfrentar dois aspectos óbvios de natureza diversa. Em primeiro lugar deverá buscar identificar e reduzir os efeitos negativos da privação da liberdade. E em segundo lugar todos os esforços deveriam dirigir-se para uma reintegração, a mais rápida possível, dos jovens privados de liberdade ao mundo exterior.

Para o autor citado acima, é preciso reverter a cultura das instituições totais, que em possuir *todos* os serviços necessários para os adolescentes privados de liberdade. Ele entende o *princípio institucional incompleto* que tende a ressaltar a normalidade do adolescente infrator, uma vez que no modelo institucional completo (ou total) o “menor” condenado ou delinqüente é considerado portador automático de patologias mentais. Como na,

no contexto de uma cultura garantista, não só se é inocente como também se é sadio da mente até que se demonstre o contrário. Qualquer informação que identifique o ato de violar a lei com um distúrbio mental, expressa, na melhor das hipóteses, uma profunda ignorância sobre o funcionamento real dos sistemas e subsistemas da justiça penal. (idem, p.11)

Num documento do Ministério da Justiça são colocados os princípios preliminares para a qualificação e melhoria desse atendimento público ao adolescente autor de ato infracional. Destaca-se um ponto que é considerado imprescindível em relação as unidades de internação e semiliberdade:

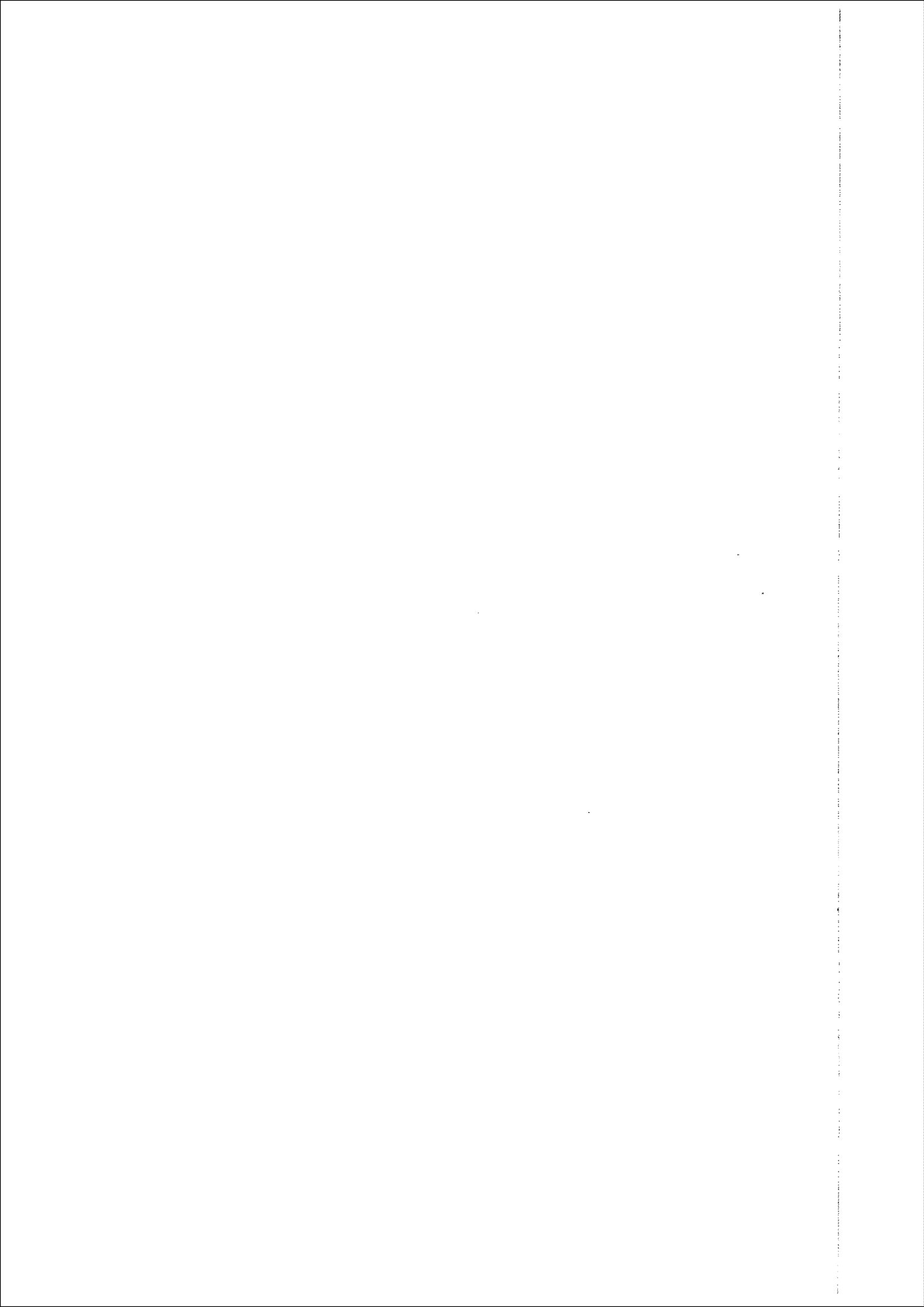
devem abandonar radicalmente o modelo de ‘instituição total’ tradicional, isto é organizadas para proteger a sociedade contra os ‘malfeitores’ percebidos como intencionais, ou pessoas incapazes que oferecem riscos ainda que não voluntários. Para isso as unidades devem manter apenas o essencial a sua “atividade sancionadora e educadora”. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1997, s/p.)

Concluem dizendo que a melhoria e qualificação desses serviços está diretamente relacionada à “incompletude institucional desses serviços, dessas unidades”. (idem, s.p.)

Na minha primeira visita a Rose na FEBEM quando de seu internamento, imediatamente notei o fato dela não estar usando o boné. Perguntei o que havia acontecido, ela me disse que era proibido o seu uso. Fui conhecer seu quarto, todo arrumado, com armário, guarda-roupa e enfeites. Quando ninguém nos olhava, ela mostrou-me um bico que a Rafaela havia escondido antes dela vir para a FEBEM. Ela o mantinha seguro para chupá-lo de madrugada, sozinha em seu quarto.

Perguntei a uma funcionária o motivo da proibição do boné, ela explicou que são as orientações de cima, eles temem que o boné relacione-se ao homossexualismo”.

PEREIRA JÚNIOR (1992, p.28) avalia a dificuldade encontrada pela garizada para lidar-se aos diferentes grupos com os quais convivem, que estão presentes também na vida de Rose. Para ele, desde pequenos são obrigados a lidar com uma multiplicidade de interlocutores. “Nas ruas precisam se ‘virar’, ser malandros e sagazes, no internato precisam



ser submissos e dispostos a se regenerar. Uma tensão constante vivida em um meio social adverso.”

Quando conversava com a Yara que defendia Rose em seus processos judiciais, ela contou-me que a adolescente havia ligado e informado que fez o exame HIV sendo que o resultado foi positivo, isto é, ela era portadora. A FEBEM tinha por norma fazer o exame em todas as adolescentes internadas. Esta notícia abalou bastante tanto a Rose como nós que estávamos envolvidas com ela.

Eu costumava visitá-la nos fins de semana, muitas vezes levando meus três filhos junto. Ela gostava muito deles. Era muito apegada a crianças pequenas.⁷¹

A ligação entre nós tornava-se cada vez mais forte. A cada visita, uma nova descoberta. No Natal ela foi liberada para passá-lo em nossa companhia e na casa da Yara, sua advogada. Foi um encontro maravilhoso. Era a primeira vez que ela saía da FEBEM. Houve muita expectativa. Ela passou o dia 24.12 com a Yara, vindo para minha casa dia 25 quando festejamos o Natal com a família do Paulinho. Levei-a de volta na segunda-feira, mas a esperança de um novo retorno havia, seus olhos brilhavam⁷².

Ela escrevia muitas cartas pedindo ajuda, dizendo que não ficaria mais na rua, mas não queria voltar para o abrigo. Queria morar comigo. Discutíamos muito sua situação⁷³.

Segundo KOSMINSKY (1993, p.174) “todos querem ser ‘um outro’. Ter casa, família e profissão. Andar livremente pela cidade. Ser gente.”

Como era portadora do vírus HIV, temíamos pela sua vida caso retornasse para a rua novamente. Férias, janeiro de 1994, muitos questionamentos. Conversava com meu Marido e filhos sobre a possibilidade de solicitar sua guarda a fim de que viesse morar conosco.

⁷¹ Um dia, antes de ir para a FEBEM, pediu-me que a acompanhasse até sua irmã para que pegasse suas roupas pois estava com medo de ser agredida por ela. Chegando na casa onde morava, o cheiro de maconha era bastante forte. Estavam duas irmãs e dois irmãos. A casa toda fechada, muita sujeira. Pedacos de aparelhos eletrônicos espalhados numa mesa. Uma das irmãs amamentava uma criança. A outra irmã também com uma criança no colo. Quanto a terceira criança, disseram que estava dormindo. Três crianças em meio a desordem e a droga. Rose olhava pra mim, agora com a sobrinha no colo, (enquanto os irmãos estavam no quarto) e chorando dizia: “viu tia, eles estão fumando maconha no meio das crianças”. Foi um pedido de socorro. No outro dia informei a assistente social. do fórum que falaria com o promotor. Mesmo a Rose sendo drogadita, parecia não admitir o uso de drogas junto às crianças.

⁷² No Anexo 10 foto dela conosco no Natal e com o Thiago no colo.

⁷³ Não possuo as cartas comigo pois foram utilizadas no processo judicial, quando pedi sua guarda.

Sabíamos ser uma decisão bastante difícil. Optamos por assumi-la. Com o pedido de guarda acreditávamos que ela seria liberada rapidamente.

Diversas pessoas questionavam-me sobre esta decisão. Preocupavam-se com as crianças em casa, se não seria *perigoso* para elas. Eu estava bastante tranquila em relação a isso. Conversei com juiz de Porto Alegre o que ajudou a agilizar sua saída. Considerava então, que era uma luta contra o tempo.

O tempo em que ela esteve na FEBEM foi extremamente angustiante, pois fugia a todos os padrões de vida que tinha levado até ali, a liberdade de ir e vir, a relação de proteção. Acredito que ela mudou muito quando foi para lá, e principalmente quando ficou sabendo ser portadora do vírus HIV. Ela não havia pedido para fazer o exame, não havia pedido para saber o resultado. Assim como a Mariana. De que adianta fazer o exame numa guria que vai voltar para rua? De qualquer maneira a FEBEM não tem o direito de divulgar que o interno possui o vírus. De que adiantou então?

Quando entrevistei a Yara, aprofundamos sobre esse assunto, pois foi para ela que a Rose contou ser portadora. Neste momento questionamos valores como liberdade e saúde, o que é mais importante?

N - Eu me lembro, quando tu falaste que ela era portadora, a gente ainda comentou né, se é melhor estar com o vírus e estar presa mas com saúde ou estar com o vírus em liberdade. Nós achávamos que era melhor estar livre e tirá-la de lá!

Y - E, te lembra da angústia dela, o que me impressionou aquela vez quando a gente foi a primeira vez lá, foi como ela teve a capacidade de se controlar né? Ela só chorava baixinho, te lembra, que ela chorava e dizia " eu não quero mais ficar aqui!" Ela já sabia que se ela aprontasse... Ela já era outra, não era a Rose né? Eu fiquei muito chocada. E quando ela veio no Natal, de novo não era a Rose lá em casa, lá na mana. Ela chorou, ela não conseguiu. Eu acho que depois que ela entrou pra FEBEM ela não conseguiu mais ser aquela Rose solta!

Anete também relata sua impressão sobre o sentimento da Rose sem liberdade, e sobre o sentimento que nos abatia pelo reconhecimento de nossa impotência para mudar uma situação.

A - Eu fui duas vezes eu acho lá na FEBEM. na época ela ficou sabendo que tinha AIDS, né, que fez o exame. AIDS não, que era portadora do vírus né, o que é que eu me lembro de lá... Também né, aquela coisa que eu falava das instituições né. Não é por aí, porque se tira ela das pessoas próximas, das pessoas com quem ela tem vínculos, dos amigos que podem ajudar e tu coloca lá num local, completamente estranho e diz pro pessoal, tu tem que viver aí um tempo. Então assim, se a gente for pensar nos cuidados mais concretos, ah, ela tinha, tinha comida, tinha um quarto, tinha as coisas dela... Mas que não é isso que dá conta, é? Lá fica faltando todo o lado do afeto, das relações com as pessoas que gostam dela, eu acho que também é traumatizante estar lá. Lembro-me quando ela ficou sabendo o resultado do teste, de que ela chorou muito assim. Foi uma vez que eu fui sozinha lá falar com ela. Eu tinha ido pra Porto Alegre fazer uma outra coisa, mas acabei indo lá. E que ela estava muito, muito deprimida assim naquela visita né... Ela chorou muito, muito, foi muito difícil.

N - E ela estava chorando por que? Por estar lá?

A - Por estar lá, por estar com o vírus, um choro por tudo assim, sabe. Por estar longe das pessoas né, por tudo assim, por todas as questões juntas. Lembro-me que mesmo no tempo da FEBEM tinha uma questão de liderança com as meninas. De que as meninas quando a gente ia, mandavam recados pra Rose, cartas pra Rose, pra contar como é que estavam as coisas aqui fora. Que ela devolvia tipo uma coisa de ficar liderando o grupo mesmo estando afastada, dentro da FEBEM. Isso era muito interessante assim. As meninas ainda continuaram tendo ela assim.

N - Mas isso foi por pouco tempo né?

A - Depois deu uma briga, não sei te dizer assim, mas depois deu uma briga dela com as meninas. Teve vários momentos assim na FEBEM. Depois teve uma briga, teve um momento que ela não se importava mais, que era como se não se importasse mais com aqui fora, com as meninas daqui, de se separar. Que eu acho que era até pra suportar estar lá. Mas era como se ela tivesse ficado mais fria em relação ao grupo aqui. E que daí estava tudo bem assim. Tu chegava lá, parecia assim é, " não, tô bem aqui, tal". E depois teve um momento bem depressivo. Que esse foi a última vez que eu tive com ela lá. Foi dessa vez que eu tava sozinha com ela lá, e que ela chorou muito.

Dois adolescentes entrevistados estiveram na FEBEM, e outros que não estiveram, relatam o que sentem em relação a instituição, até por conviverem com quem já esteve internado. Mariana, que ficou por aproximadamente dois meses, no período em que Rose também estava lá, assim avalia a FEBEM:

N- Pra ti, a FEBEM surtiu algum efeito? Foi bom, não significou nada?

M- Olha, pra mim... (sinal negativo com a cabeça)

N- Não! Tu acha que adianta pra alguém de rua ir pra FEBEM?

M- Não adianta não. Tudo que eu fazia antes de ir pra FEBEM eu faço ainda. Foi bom o tempo que eu passei lá, que eu parei de usar drogas, que eu andava meio louca, espinoteada, sempre. Foi legal, aprendi, agora eu até já nem sei fazer mais que eu aprendi a fazer lá, aprendi a fazer pintura, eu bordava naquele tempo que eu tava na FEBEM. Um tempo pra mim foi legal ficar lá. Mas assim de mudar, acho que não tenho porque mudar. Não sei, eu não mudei!...

N - E depois que sai de lá tem que conquistar o espaço de novo!

M - É... Porque depois que a gente vai pra lá né tia, as pessoas que a gente andava já tão desacostumados, com a gente...Mas eu não mudei nada!

Mas considera que a Rose mudou muito, assim como a Joana, que fala da mudança mais física:

J- Ela só engordou mais. Engordou... e estava mais bonita. Não era aquela Rose de antes que era magrinha. Coisa assim. Ela estava com mais saúde. Mas depois, quando ela se juntou com esse cara aí, ela tava grávida de dois meses.

Mariana critica bastante a Rose, tanto pelo fato de ter ido para FEBEM e mudado, como por ter ido para minha casa e mudar seu comportamento em relação a gurizada:

N- Porque mesmo quando ela foi pra FEBEM né, quando ela foi todo mundo era muito amigo dela. E com o tempo o pessoal daqui já não estava mais gostando dela. A gente via, tinha a história do Toninho que a Negra namorava e ela era namorada dele antes de ir pra lá. Então eu acho que isso tudo, mudou muito a forma como quando ela voltou, a gurizada não ia aceitar muito ela né?

M- É

N- Bom, uma coisa era antes, ela conseguia, tinha uma liderança, mas isso eu acho que mudou no tempo que ela ficou na FEBEM, ficou lá em casa também.

M- Mudou, mudou, mudou muito depois que ela voltou. Mudou muita coisa.

N- E tu achas que ela melhorou ou não na FEBEM? Tu achas que ajudou ela ter ido pra FEBEM?

M- Não. Acho que não. Depois que ela foi pra FEBEM ela ficou rebelde, sei lá, uma coisa estranha. Ela mudou porque ela parece que ela ficou uma pessoa cheia, sabe tia, parecia que ela tava assim não sei, legal, tinha mudado ela. Ela quis ser mais que nós! Aí foi onde o erro dela, foi onde ela quis, que ela achou que tinha ido pra FEBEM e ninguém aceitou né tia, porque eu fui pra FEBEM também fiquei um tempo e sai antes que ela e eu voltei do mesmo jeito que eu fui. Do mesmo jeito que eu fui e sou até hoje. E ela não, ela voltou diferente. Ela, ela escolhia com quem ela andava, sabe tia, ela escolhia. Ela não foi que nem ela era, andava com nós, não interessava se nós estávamos bem arrumados ou mal arrumados. Depois não. Depois daquilo ela escolhia as pessoas pra andar, sabe. Ela se encheu do grau depois que ela foi pra lá, daí ela veio pra casa da tia, daí ela dizia que ela tava bem, que ela tinha onde morar, que ela tava legal, que ela tinha tudo que ela queria ..

N- Será que ela estava bem?

M- ... Pois é, agente não pode dizer né tia. Não sei se ela tava bem. Mas daí a gente foi mudando com ela, porque ela não aceitava nós e daí nós deixamos de aceitar ela também no nosso meio, né. Tanto nós quanto os guris

M- ... Sei lá, (barulho de carros, não deu pra ouvir direito) bem louca ela era, que saudades, nossa! Até que eu gostava, sabe tia, gostei muito da Rose, nossa, como eu gostava dela! Mas nos últimos tempos eu, depois dela morrer (deve ser depois de ter ido pra FEBEM), eu não gostava mais dela, ela tinha mudado demais, eu deixei de gostar dela. Ela ficou uma pessoa muito cheia, sei lá!

N - Ela deixou de ser uma menina de rua?

M - É, eu acho, ela deixou de ser uma menina de rua! Porque quando ela foi pra lá, tia, ela deixou de ser uma das nossas sabe. Quando ela escolheu ir pra Boa Saúde ela deixou de ser da nossa turma, ela não era mais da nossa turma. É a mesma coisa eu, eu não sou, eu não digo que eu sou da turma agora, porque eu larguei daqui, fui pra Tramandaí, minha vida agora é lá, lá tenho outros amigos, lá eu tenho amigos também de rua, que quando eu conheci, que quando eu tinha treze anos, quatorze eu fui pra lá, conheci, agora tão tudo lá. Mas eles lá são mais tri, eles tem casa lá. Os guris lá têm cabeça, também, têm cabeça. Não são que nem os daqui, passam o dia cheirando cola, todo o dia na rua. Lá eles têm casa, eles têm tudo lá.

Para Mariana, a Rose morreu quando foi pra FEBEM, morreu para ela e para a gurizada, deixou de ser uma gurria de rua. Ao mesmo tempo ela diz que os guris de rua “não têm cabeça”, pois passam o dia cheirando cola, todo o dia na rua. Em Tramandaí eles tem casa e por isso têm cabeça.

Lúisa notou poucas mudanças no comportamento da Rose após a vinda da FEBEM:

L - Se ela mudou? Só por uns tempinhos né tia, Depois não, né, ela começou a tomar. Daí depois... Por uns tempos ela mudou, depois piorou de novo.

L - Vamos dizer assim que mudou né, mas, tia, não mudou muito, eu não acho que ela mudou mais..

Além da Rose, outros adolescentes também estiveram na FEBEM, perguntei a eles se trouxeram ou não alguma mudança, se foi positivo suas estadas lá.

Fera já esteve na FEBEM, e passou 4 dias no presídio:

F - Uma coisa que eu também acho que a pessoa que tá “tomando” assim bastante, e vai pra FEBEM. Mas eu acho que não adianta, assim quando vai pra FEBEM assim. Vai parar, mas depois quando vai pra rua, vai ver um tomando...

N - Tu acha que a FEBEM te ajudou em alguma coisa?

F - Eu não sei, eu acho que me deixou mais revoltado. Quando eu tava lá eu, eu vejo que não é aquilo que o cara pensava dentro da FEBEM. O cara entra lá pra dentro, bah, o cara fica mais revoltado e, o cara só vê falar em roubo, só falava em sair, em meter e tem um bagulho pra fazer quando sair. E os monitores falam que, os monitores falam que o bagulho, sai agora e não fazer, outros não estão nem ligando, outros estão fazendo. Vai sair e puxar uma cadeia, pra não bagunçar né, sai pra puxar tua cadeia, não foi nós que te botamos aqui pra dentro, foi tu mesmo que veio aqui pra dentro. Outra vez que eu tava lá um gurizinho, assim, desse tamanhozinho oh, é, menor que eu, pegou e pisou um monitor alemão. E ele mandou ficar de joelho e botou coisa assim no pescoço dele, uns ferro, e abriu uma gaiola que tinha no meio, com umas tábuas. Porque ele não ia fugir, só tava lá por três meses, não ia fugir.

Fera antes de completar 18 anos falava dos riscos da idade e de ir para o presídio e que precisaria mudar de vida, essa entrevista se deu quando ainda estava na rua:

N - Então tu vais parar de fazer as coisas só por causa do presídio? Então agora podes fazer tudo sem problemas?

F - Ah, agora...

N - É, e agora?

F - Ah, agora que é de menor, pega de aproveitamento, pega FEBEM daí.

N - E a FEBEM, é bom?

F - FEBEM não, mas

N - Tu tiveste na FEBEM né? Neste tempo que tu tiveste na FEBEM não ajudou pra ti não querer ir pra lá de novo?

F - Ah, ajudou né tia, ninguém quer ir pra FEBEM! Ninguém gosta né tia!

N - Mas tu tá fazendo alguma coisa pra evitar de ir pra FEBEM?

F - Claro tia, eu tô... antigamente eu aprontava, né, a sra. sabe que eu aprontava um monte. Tinha bagulho que bah, não tinha eu não aceitava nem pra brigadiano, nem pra guarda municipal nenhum. Antes eu marcava. Agora eu sei que, tô ligado. Qualquer motivo, qualquer coisinha por causa duma camiseta, um boné, uma meia, qualquer coisinha o cara já vai pro juiz, o juiz já marca audiência pro cara e o cara vai pra FEBEM. Ai tem que me cuidar né tia.

N - Tu não está fazendo mais isso agora?

L - Agora eu tô me cuidando, só tô cheirando cheiro com a gurizada, de canto, e não tô aloprando muito né tia, como antigamente, quando eu era menor um pouco. Aloprava e xingava todo mundo, e queria brigar e, coisarada. Agora eu tô mais calmo.

Enquanto Rose esteve internada, foram encaminhadas avaliações ao judiciário dos técnicos da FEBEM que a acompanhavam. Em 9.7.93 a instituição encaminha uma avaliação, onde a Assistente Social ressalta a importância da Rose voltar para o convívio comunitário, acreditando não ser a FEBEM o local mais apropriada para guria de rua, o que confirma tanto o que a gurizada diz, quanto minha avaliação:

...A equipe técnica do IEF percebe, no entanto, que em face da vinculação da adolescente ao serviço comunitário de origem, a mesma poderia beneficiar-se com a medida de liberdade assistida. O IEF presta-se a um atendimento sistemático e orientado àquelas adolescentes que não possuem condições mínimas de convívio comunitário, sobretudo em função dos riscos de agressão e auto-agressão.

É importante salientar que o atendimento comunitário, apesar da fragilidade que apresenta em termos de limites, pode contribuir eficazmente nos casos de adolescente com vivências de rua, ao contrário do internamento, que possui e apresenta contribuição limitada ao tempo de internamento para os casos de adolescentes com vivência de rua ...

Ass. Soc. Marta Tandin

9 - TEMPO DE FAMÍLIA E RUA

E uma mulher que carregava seu filho nos braços disse: "Fala-nos dos Filhos".

E êle disse:

"Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da Vida por si mesma.

Vêm através de vós mas não de vós.

E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque êles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;

Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.

Podeis esforçar-vos por ser como êles, mas não procureis fazê-los como vós;

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com tôda Sua fôrça para que Suas flechas se projetem, rápidas e para longe.

Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria:

Pois assim como Êle ama a flecha que voa, também ama o arco que permanece estável." (GIBRAN, 1973, p.15)

Dia 9 de março de 1994, Rose foi liberada da FEBEM e veio para minha casa. Dormia no quarto com meus três filhos, pois não tínhamos um quarto para ela. Como só existia uma cama de solteiro, as outras duas eram berços, ela dividia com o Rafael o espaço do chão e da cama. No início ela sempre ficava com a cama, quando começou a chegar tarde em casa, foi ficando com o espaço do chão. Como a casa já estava pequena, optamos por aumentá-la, fazendo uma parte de cima, onde haveria um quarto para ela, o qual ela nunca usou.

A preocupação maior era em relação ao ócio. Era preciso que ela ocupasse seu tempo com algo que lhe desse prazer. Ocorre que não havia um emprego esperando-a. Ela possuía somente a primeira série completa, dificultando sua inserção no mercado de trabalho. Eu trabalhava o dia inteiro no conselho. Ela ficava em casa com a Senir (pessoa que trabalha comigo há vários anos) e o Thiago (o filho mais novo, então com dois anos). Os outros dois estudavam numa escola próxima a nossa casa.

Conseguimos matriculá-la no curso de alfabetização de adultos promovido pela SEMEC (Secr. municipal de Educação e Cultura). As aulas eram ministradas no centro da cidade e de noite.

Meu irmão iniciou um atendimento a gurizada que estava na rua, oferecendo um café em sua fábrica de móveis. Como necessitava de alguém para ajudá-lo, convidou a Rose. Prontamente ela aceitou. Sabíamos dos “riscos” deste trabalho. No momento que ela retomasse os contatos com suas/eus antigas/os amigas/os, a força do grupo poderia levá-la novamente para a rua. Mesmo assim, acreditávamos que ela conseguiria manter-se sem a droga.

Compramos uma bicicleta usada que ela utilizava todas as manhãs para chegar ao serviço. Eu também utilizava uma bicicleta emprestada para ir trabalhar. Ela passava no conselho após seu serviço, ao meio dia, e vínhamos as duas conversando enquanto pedalávamos. Ela gostava de andar ligeiro, não tinha cuidado, andava pelo meio da rua, fazendo com que eu tivesse que pedir para ela cuidar mais. Ria muito debochando de meus medos e inseguranças em relação a velocidade com que andava na bicicleta. Ela falava do trabalho no Nei (meu irmão), de sua responsabilidade, pois ele muitas vezes saía deixando-a sozinha com a gurizada. Sentia-se importante e valorizada. Em nossas conversas ela nunca me falou do *amores*, como falava para a Senir. Quando estava em casa, sentava na cozinha e contava a ela o que fazia, das paixões, das brigas, afetos e desafetos. Assim Senir escreve so o tempo em que ela esteve em casa e o que pensava da Rose:

A Rose era uma menina muito carinhosa, sensível e sempre preocupada com o bem-estar das pessoas. Ela procurava sempre defender os meninos, principalmente os pequenos. Muitas vezes trazia roupas para lavar em casa. Era amiga, e pelo que eu pude observar também era fiel as suas amizades. Dependia do dia, ela se apresentava ansiosa, como se tivesse algo importante a fazer. Outros dias se mostrava bem calma. A gente podia sentar e conversar.

A Rose era muito pura de alma, parecia não ter malícia no seu coração.

Ela chegou, isso era véspera do dia das mães, ela chegou do centro com um outro menino, que eu gostei muito também, chama-se Miguel. Conversamos um pouco, de repente ela tirou alguma coisa da bolsa e me deu um abraço e um beijo e me deu um diploma do dia das mães, assinado por ela. De sua filha Rosi. Guardo até hoje.

A última vez que a vi, fomos para o centro juntas, eu, ela e meu filho - Asafe. Ela amava os meninos, gostava de dar presentes. O meu filho ganhou dela uma camiseta e uma bermuda. As vezes ela ligava pra saber como eu estava, e eu mesma recebi uns dois telefonemas de amigos dela. Ela pedia pra eles ligarem pra mim, então eu os ouvia procurava dar algum conselho e sempre procurava animá-los a mudar de vida, mostrando que havia outra forma de vida. Eu acredito numa transformação de dentro para fora como eu acredito muito em Deus e em Jesus. Tenho a Bíblia como sendo a palavra de Deus e através dela encontramos a vontade do Senhor Deus para nossas vidas.

Infelizmente ela se foi muito cedo.⁷⁴

Rose gostava muito de escrever, mas tinha bastante dificuldade. Pouco se entendia do que escrevia. Incentivava-a a relatar sua vida, pois sua história poderia ajudar a outras adolescentes. Possuía um diário. Neste ela colocava: “hoje saí com meu pai, minha mãe e meus irmãos”.⁷⁵ Gostava de fazer poesias.

Com o tempo Rose começou a faltar ao curso de alfabetização. Dizia que não estava satisfeita pois havia aula somente alguns dias na semana. Segundo informaram-me na SEMEC dividiram o grupo em duas turmas, dividindo também os dias de aula. Parecia que com a perda da seqüência, ela perdia também a vontade de estudar.

Além de faltar às aulas, também faltava ao serviço. Era vista cheirando *loló* na rua. Conversávamos bastante sobre isto, ou melhor, eu falava. Ela simplesmente baixava a cabeça e escutava. CRAIDY (1996 p.80-81) em sua tese, relata o depoimento com Cristiane Lunardi e Cláudia Turra Magni, que produziram o livro *Letras na Rua*. Para elas,

...a partir da experiência de trabalho com eles (jovens de rua), que nas suas vidas nada se repete, tudo é descartável, das roupas às relações como aos interesses e atividades que desenvolvem. Apesar disso, - e, talvez, mesmo por isso, - aspiram a serem assumidos de forma permanente por um adulto; mas, quando encontram resposta a essa aspiração, dificilmente conseguem permanecer junto às pessoas que tentaram assumi-los”.

Cada vez mais a situação agravava-se. Cobravam-me muito o fato de ser conselheira e ter uma filha na rua “cheirando”, utilizando droga. Ela era conhecida como a “filha da conselheira”. Isto lhe respaldava muito perante a guarda ou polícia e junto ao grupo.

⁷⁴ Neste dia das mães citado pela Senir, eu também recebi um “diploma” de mãe, junto com uma bolsa nova. Na época ficava pensando que ela poderia ter comprado algo para si com o dinheiro que recebia, pois não era muito. Outras vezes chegava em casa com brinquedos para as crianças e roupas (geralmente estas eram usadas), mas eram dadas e recebidas com muito afeto pelas crianças que as usavam felizes.

⁷⁵ Desde que conheci a Rose ela e a gurizada, sempre tratava-me por “tia”, o que é comum entre a gurizada. Eu nunca gostei, preferia que me chamassem pelo nome, mas não conseguiam. Surpreendi-me quando li seu diário, por ver que ela referia-se a nós como uma família. Para seus amigos, ela sempre falava de seus irmãos e seus pais. Era mais uma família em sua vida. FONSECA (1995) faz referência às inúmeras “famílias”, às inúmeras mães que algumas crianças e adolescentes possuem.

Para Yara ela desistiu:

Y - mas ela desistiu, porque ela viu que... A Rose não queria só ficar na rua. Ela já tava dividida. Ela queria dar as voltas dela e voltar pra casa. Bom, mas isso era um passo. Isso não foi permitido né? Nós não conseguimos, nós não conseguimos conviver com isso também, por causa das drogas! Porque daí de repente ela saía pra rua, se prostituía, se drogava e daí ela ia pra tua casa conviver com as crianças. Então nós não conseguimos colocar em prática. Mas tinha, em tese tinha recurso.

Rose não parava mais em casa. Chegava pela madrugada, dopada. Escutava quando ela chegava, pois sua bicicleta fazia um rangido. Abria a porta nos fundos da casa, onde ela guardava a bicicleta e ela me olhava, com os olhos saltados, as pupilas dilatadas. Eu cobrava a hora e a *chapação*. Ela não respondia, nunca falava nada, não explicava, não me ajudava a entender o que estava acontecendo. Eu temia que numa noite dessas o Paulinho acordasse e visse o estado em que ela chegava. Estava difícil manter a situação. O cheiro da *loló* ou *cola* era muito forte. O quarto onde dormia com as crianças ficava completamente *contaminado* pelo cheiro. Lembrava-me das mães desesperadas que procuravam o conselho por não saber mais o que fazer com os filhos adolescentes que utilizavam droga e não paravam mais em casa. Sentia-me como uma delas. Eu era uma delas! Certa vez em falei para uma mãe que apenas deveria rezar, pois não havia tratamento para drogadita e às vezes os conselhos já não adiantavam mais. Eu estava falando para mim e não para ela!

Num dia, sentadas em sua cama, conversamos sobre isso. Perguntei o que estava acontecendo, se ela não estava feliz em casa, conosco. Queria saber se havia algo errado e o que fazer para que a situação se modificasse. Ela não falou nada, abaixou a cabeça, as lágrimas correndo pelo rosto. Em sua mão escreveu `a caneta *amor de mãe*. Era muito difícil. Ela estava novamente *enterrando-se* e não conseguíamos *libertá-la*. Senti que não ia longe a sua convivência em casa. Ela parecia estar sofrendo muito com aquela situação. Talvez muito mais por mim do que por ela.

A família cobrava uma solução. As crianças não entendiam por que a Rose podia fazer o que queria e eles não. Argumentava que eu também cobrava dela, mas precisávamos ter paciência pois levaria algum tempo até ela acostumar-se a morar numa família novamente.

Ela possuía uma relação extremamente forte com o Tales (o filho do meio, então com 5 anos). Amassava abacate ou outra fruta e comiam os dois juntos. Ele sempre no seu colo. Parece-me que ela foi aceita na família, pois tanto o Tales (com 5 anos) como o Rafael (com 7 anos) desenhavam a família com a *mana*.⁷⁶

Depois de três meses de convivência não foi mais possível que ela ficasse em casa. Ela não estudava mais, não trabalhava. Ficava a maior parte do tempo na rua. De madrugada ligava dizendo que estava vindo para casa. Discuti a situação com outras pessoas, conselheiros e técnicos, e avaliamos por bem encaminhá-la ao abrigo novamente. Antes conversei com ela, na esperança de que ela optasse por ficar em casa. Eu não estava mais conseguindo *segurar* a situação, tanto no conselho como em casa. Ela não conseguiu deixar o grupo para entrar numa família onde fosse aceita.

Um dia de manhã, após ter ficado na rua por dois dias, veio até o conselho com a bicicleta. Conversei com ela, ou melhor, novamente monologuei. Perguntei por que não havia dado certo, o que fizemos de errado? Choramos as duas. Ela respondeu com seu silêncio.

Há os que falam e há os que silenciam e falam por meio do silêncio. São os que foram calados, excluídos e marginalizados das tribunas da vida, obrigados a dissimular o seu dizer no gesto e na metáfora. (MARTINS, 1993, p.55)

Deixou a bicicleta e foi embora. Parece que a bicicleta representava um elo entre nós. Certa vez ela deixou a bicicleta cadeada numa árvore no centro e saiu de perto. Quando voltou haviam (ela não sabia quem) quase terminado com ela. Mandamos arrumá-la e ela continuou a utilizá-la. Em nenhum momento ela pediu para ficar com ela, a bicicleta pertencia ao meu mundo que ela estava deixando.

Foi encaminhada a Casa Abrigo novamente mas não permaneceu muito tempo. Quase não a via mais. Expliquei para as crianças em casa porque ela não podia mais morar conosco. Elas não entendiam (nem eu). Todas as pessoas com quem conversava diziam que eu havia feito o que podia por ela. Só eu não acreditava. Procurava descobrir onde erramos, o que não deu certo. Ela tinha família, afeto, amor, era filha e irmã. Nada disso foi suficiente e talvez

⁷⁶No Anexo 11 cópias de trabalhos realizados pelo Rafael na segunda série. O Tales falava da Rose na escola. Em agosto, na comemoração do dia dos pais a professora do Tales procurou-me para perguntar sobre uma irmã que ele disse ter, e que era "bem grande". Ela não entendia o que ele falava, pensava que ele estava fantasiando uma relação. Conteí a história da Rose e ela entendeu porque ele falava tanto nela, da irmã que foi embora.

tenha chegado tarde demais. Hoje posso perceber que talvez estabelecer novas relações familiares não seja suficiente para viabilizar a saída da rua.

Para Mariana, Rose mudou muito depois que foi para minha casa:

M- ...Depois que ela foi morar com a senhora ela tava muito estranha, ela não se misturava com nós. Ela era uma guria sempre distante de nós.

N- Será que era problema dela, ou de vocês que não estavam mais querendo aceitá-la?

M- De repente era nós também, né tia. E depois que ela foi pra lá, ela, sei lá, porque acho que ela pensava que nós era de rua e ela assim cheia de grau, que ela tava morando lá, queria ser mais que nós. Mas não aceitamos, porque ela era a mesma coisa que nós. Ela sempre foi a mesma coisa que nós. Daí nós não aceitávamos, porque aí ela estava conosco e deixávamos ela sozinha e saíamos. E daí ela saía atrás de nós às vezes. E daí... sei lá, .. ela começou a mexer conosco, começou a chamar nós de cheirador de cola, não sei o que, e naquele tempo ela não estava cheirando ainda. E daí depois ela começou a cheirar e daí nós "se arriamos" nela que ela chamava nós de cheirador de cola e daqui a pouco ela tava com um saco de cola pendurado na boca também. Sei lá, foi assim de repente, ela resolveu ir pra lá daí. De certo foi quando ela viu que nós não tava aceitando ela mais, de certo foi isso.

Zuêra também fala das mudanças:

Z - Voltou um pouco mais de cabeça né, mas não se agüentou muito.

N - Porque eu não sei, eu senti que o grupo não aceitava mais ela!

J - Qual grupo?

N - O grupo da rua!

J - Não, depois que ela começou a morar na tua casa ela mudou um pouco né. Daí eles achavam que ela ... tinha um tempo que... eles viajavam que ela tava ... caguetando né, porque ela tinha muito amigo polícia. Aí achavam que ela tava caguetando, as "dança", dando as "dança". As vezes eu pensava isso também, mas... assim como ela podia caguetar, ela podia livrar a gente né? Dos "homem" às vezes, como ela me livrou já! Mas é isso!

O mais dramático é que Rose não conseguiu manter-se em sua família, mas além disso suas relações no espaço da rua estavam comprometidas. Quando ela voltou da FEBEM era uma outra Rose, madura, consciente, responsável. Era a percepção, tanto minha quanto de outros educadores. Dava conselhos aos antigos amigos. Quando sentiu necessidade de voltar ao grupo, já não possuía seu espaço de antes. Já não era mais a Rose líder, a *mãezona* da rua. As relações dentro do grupo modificaram-se. Outras assumiram a liderança e ela acabou ficando *de lado*. Ao mesmo tempo não aceitavam, segundo comentavam, que ela estivesse na

rua quando teve uma *oportunidade* de morar comigo. Ela podia e devia sentir-se traída e traidora ao mesmo tempo.

Lendo seu diário, que ela fazia desde o tempo da FEBEM, encontrei escrito em quase todos os dias a palavra amor.⁷⁷ Ela estava apaixonada, pelo Toninho, e nutriu esse amor quando presa e quando saiu continuou apaixonada. No segundo dia em que estava em casa, ela relata em seu diário: "...eu conversei com o Toninho⁷⁸, estou paquerando o Toninho de novo. Eu amo ele, Rosimeri". (10.03.95) Em todos os outros dias aparece referência a ele.

Dia 18 de março ela já relata a dificuldade de voltar para casa, pois havia encontrado o Toninho e estava conversando com ele. "Hoje eu fui para o centro e fui tirar foto, foi tudo bom _____ até eu encontrar o Toninho e nós conversarmos muito sobre eu ficar com ele, e foi muito difícil eu voltar para casa mas encontrei o meu pai e disse a hora de vir embora, mas tudo bem _____ Rosemeri."

Dia 5 de abril: Hoje eu fiquei em casa e a tarde sai e encontrei a Luci _____ e foi tão bom até eu ficar sabendo que o promotor da justiça tinha levado ele para o fórum. Eu não consigo mais parar de pensar nele. Por mais que ele _____ eu não vou _____ por nada deste mundo porque eu amo muito Toninho, Toninho, Rosi?

Dia 6 de abril: Hoje eu fiquei em casa e não sai pra nada e fiquei dormindo. A Neidi veio para casa e disse que o Toninho e eu chorei muito porque o Toninho tinha ido para FEBEM. E eu chorei muito porque eu tinha muito perto de mim. Eu não fui buscar minha carteira de identidade. Rosemeri?

Dia 7 de abril: Hoje eu fiquei em casa de primeiro e depois eu fui para o centro e encontrei o Mauricio e fiquei com ele o dia inteiro e a noite até a uma hora da manhã e foi ótimo ficar com ele e _____ ficar com o homem que eu esperava um homem como ele, ele é tão carinhoso por isso que eu fiquei com ele Mauricio. Rosemeri.

Dia 11 de abril: Hoje eu fui para o centro e fui trabalhar pela primeira vez que eu não recusei o centro, estava ótimo. Eu fiquei na rua a noite inteira e foi ótimo é bom ficar com o Mauricio na rua. Eu ti amo Mauricio, Rosi

Dia 24 de abril: hoje eu fui para o centro com a minha mãe e meu pai e meus irmãozinhos e foi bom. E nós fomos num galéto do PT porque o meu pai ia votar. Eu tive só pensando no Mauricio e no Toninho _____ Eu gosto dele Rosi.

⁷⁷ Não sei se consegui transcrever o que Rose quis dizer em seu diário. Tentei da melhor maneira "traduzir" o que escreveu.

⁷⁸ Toninho é um guri de rua, mas dentro do grupo que utiliza cocaína e comete infrações mais graves. Já utiliza arma. Sempre foi muito quieto, reservado, desconfiado. Sempre estava bem arrumado. Permaneceu por algum tempo na Casa Aberta até ir para a FEBEM. Parece que suas infrações, entradas e fugas da FEBEM faziam com que se tornasse um ídolo da gurizada.

Dia 25 de abril: hoje eu fui para o centro e fui para o trabalho e fui para... Último dia escrito em seu diário.

Pelo diário é possível imaginar o que tivesse sentido para Rose enquanto esteve em minha casa. Adolescente apaixonada. O namorado estava na rua. O que fazer? A divisão que às vezes a deixava triste e sem palavras, a falta de vontade de estudar, utilizando como desculpa a descontinuidade dos dias letivos. Qual adolescente que não gosta de “gazejar” aula para namorar? Avalio que o amor que Rose sentia tanto pelo Toninho, como depois pelo Maurício, era outra forma de afeto, diferente daquele que sentia por nós. Como dizia Yara, nós não podíamos aceitar essa divisão rua e casa. Entre o afeto pela família e o afeto pelo homem de fora da família. Esse é o conflito típico de qualquer adolescente: amo minha família, mas sinto também um novo amor por alguém de fora da família, amor que será pleno quando eu puder sair dessa família. Com Rose esse conflito deve ter sido mais forte porque ela já havia saído de outras famílias.

OUTEIRAL (1994 , p.24), que escreve sobre a adolescência, fala da desatenção em que às vezes os adolescentes estão. Na verdade, não estão “desatentos”, mas sim com a atenção intensamente voltada para impulsos, fantasias e pensamentos que são muito mais importantes para eles que o que seus pais lhes estão dizendo, ou os professores querendo ensinar”. É algo natural na adolescência, mas que na época eu não sabia. Rose nunca me falava de seus amores, de sua dificuldade em conseguir ficar em casa. Eu pensava que era por causa da droga, por causa do grupo. Hoje consigo avaliar que foi uma paixão bastante forte, como era tudo em sua vida, tudo era feito com muita intensidade.

Talvez tenha se ligado intensamente a um amor, pois o grupo ao qual estava ligada antes a discriminava. É uma hipótese.

Para o Zuêra, ela não ficou em casa devido a força do grupo:

N - A Rose saiu da FEBEM, depois foi lá pra casa, por que tu achas que não deu certo ela lá em casa?

Z - Porque ela vinha demais pro centro!

N - Tu achas que o contato com a gurizada que...

Z - Ah, claro...

N - É mais forte?

Z - Todo o dia com a gurizada, já era acostumada com a gurizada.. Pro cara se antenar, ô Neidi, pro cara não se ligar nesses bagulhos aí ó, tinha que ficar numa casa, não pode ter contato com a gurizada, a gurizada é forte, a gurizada é teu camarada, tu já acordou na baia, acordou na rua umas quatrocentas vezes, aí quando vê começa a dormir numa casa, começa a dormir numa casa, daqui a pouco já vem pro centro, aí vivem te pegando, ah, tá virando filinho de papai, bah. Quando vê cai a casa, passa uma certa hora aí o horário da tua casa não é meia noite, três horas da manhã pra chegar. Aí ela já está acostumada a dormir nesse horário, aí ah, já vou ficar mais um pouco. Daí, ah, eu não vou pra lá, ela já vai enche o meu saco, então vou dormir na rua mesmo! Começa assim Neidi. O cara não se segura!

N - Tu acha que é o grupo então?

Z - Claro...

N - Forçam muito?

Z - Se tu separar tudo essas gurizada aí oh, um pra cada lado tu vê se não ia virá gente. O negócio todo mundo junto né? Não funciona! Tem que largar uns lá pra Canudos, outro lá pra Porto Alegre, outro lá pra São Paulo. Porque sozinho eles não vão ter, eles podem até tentar conseguir, mas pelo menos vai ser mais difícil e ele vai ver que não vai estar com os mesmos camaradas de sempre. E de repente ele pode pensar assim, que o louco deve tá numa tri, deve tá parado já, já deve tá trabalhando, deve tá legal!

10 - TEMPO DE "COCA"

DADO VICIADO

Luís Russo

Você não tem heroína, então usa Algafan
 Viciou os seus primos, talvez sua irmã
 Mas aqui não tem Village, rua 42
 Me diz pra onde é que você vai depois?
 Por que você deixou suas veias fecharem?
 Não tem mais lugar pras agulhas entrarem
 Você não conversa, não quer mais falar
 Só tem as agulhas pra lhe ajudar
 Cadê o bronze no corpo, os olhos azuis?
 O seu corpo tem marca de sangue e pus
 Você nem sabe se é março ou fevereiro
 Trancado o dia inteiro dentro do banheiro
 Dado

Dado

Dado

O que fizeram com você

Cadê os seus planos, cadê as meninas?
 Você agora enche a cara e cai pelas esquinas.
 Eu quero você mas não vou lhe ajudar
 Não me peça dinheiro, não vou lhe entregar
 Cadê a criança? Meu primo e irmão
 Se perdeu por aí, com seringas na mão.
 Dado

Dado

Dado

O que fizeram com você?

Na madrugada do dia 11 de julho de 1994, em torno de 11 meninos e meninas estavam num *mocó* situado no centro da cidade, *na Colombo*, pois ficava nos fundos desta, dormindo, quando dois guardas municipais e dois brigadianos entraram. Ameaçaram com arma os meninos mandando-os ficar com as cabeças baixas. Enquanto isto, um dos brigadianos violentou uma das meninas. Após, pegaram os objetos que a gurizada possuía como relógios, dinheiro, etc. e foram embora. Antes de irem os guardas levaram dois adolescentes até um bar e pagaram lanche a eles. Uma das meninas estava com um rádio da Rose. Mesmo dizendo que era da *filha da conselheira* os policiais não ligaram e o levaram junto.⁷⁹

⁷⁹ O rádio foi comprado com o dinheiro ganho na FEBEM, por trabalhos executados. Ficou muito feliz por poder comprá-lo. Muitas vezes emprestava aos companheiros. A gurizada surpreendeu-se pelo fato da polícia não temer em pegar um rádio de alguém *com poder* (filha da conselheira) em sua imaginação.

Este caso de violência repercutiu muito na cidade e junto aos órgãos competentes. Encaminhamos (Conselho Tutelar, e outras entidades) denúncia ao Ministério Público (MP) e ao CEDICA (Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente), Comando da Brigada, Imprensa, etc. A imprensa municipal e regional divulgou a violência cometida. Novo Hamburgo novamente ficou conhecida como uma cidade que não respeita suas crianças e adolescentes.⁸⁰

O comando da Brigada abriu inquérito (IPM). Um capitão compareceu por vários dias no Conselho Tutelar escutando as testemunhas sobre o ocorrido. Foi uma das primeiras vezes que assisti a gurizada levar uma denúncia de violência até o fim. Avalio que o caso de uma guria ser violada, sem seu consentimento e por um “ser estranho” ao grupo, foi considerado muito grave. Por diversas vezes eles foram e são agredidos, mas dificilmente dão prosseguimento às denúncias, por mais que as/os educadoras/es incentivem. Assim como o senso comum afirma que, *que não dá* quando eles *aprontam*, assim eles também imaginam que *não dá nada* quando são agredidos. Por experiências anteriores sabem que apenas sofrem mais violência após a denúncia.

Após o episódio do estupro (no qual Rose não estava presente) Rose decidiu procurar o brigadiano. Em sua imaginação, pensava em intimidá-lo para que parasse com as ameaças que estava fazendo às gurias. O grupo não entendeu desta maneira, encarou-a como “cagüete” (alcagüete). Novamente isolou-a. Nada pior na rua do que ser considerada traidora. Abaixo a forma como Mariana e Zuêra relatam o que aconteceu:

N- E depois todo mundo ficou falando que a Rose ficou “cagüetando”, te lembra, lá naquela praça a gente estava?

M- Ahã, nós batemos nela.

N- Pois é, tu te lembras disso como é que foi?

⁸⁰ Pouco tempo atrás, o vereador Marco de Lima do PMDB defendeu o extermínio de “menores” dizendo que “menor a gente mata de pequeno pra não incomodar depois de grande”. A denúncia foi encaminhada ao MP e o processo acabou sendo arquivado por ter o vereador imunidade parlamentar. No uso de suas atribuições ele pode dizer o que quiser, até defender o linchamento. (no Anexo 4)

M- Foi porque a Rose se dava legal com o Chineizinho (brigadiano) e nós não se dava. Dai ele invadiu a casa ali, foi lá e estuprou a Luisa e daí a Rose tava sempre conversando com ele. Dai a gente pensou que ela tinha caguetado a gente, que a gente tava ali no mocó, ali. Dai a gente foi falar com ela numa boa e ela quis se avançar na... deixa eu me lembrar... tinha uma guria com nós, a briga foi por causa dessa guria, não me lembro se a guria ... parece que é Carina o nome da guria, coisa assim, e a guria tinha ficado com um guri que ela gostava, sei lá, uma coisa assim, daí ela queria bater na guria. Dai nós não aceitamos que ela batesse na guria, porque já tinha acontecido tudo aquilo, nós já tava tudo meio louco mesmo, tudo chapado, daí ela quis bater na guria, daí nós não aceitamos, mas não batemos nela, quem bateu nela foi só a Luisa.

N- Ahã, mas estava todo mundo contra ela né?

M- Tava, tava todo mundo contra ela. Eu até separei, sabe tia, porque eu vi que eles tavam batendo nela, porque eles derrubaram ela, naquele tempo ela era gorda (riu), porque eles derrubaram ela no chão e chutavam ela, as gurias. Tava a Joana, a Maira, a Luisa, um monte de gurias daí eu entrei no meio e separei, pedi pra bater, quer dizer, pra pararem de bater nela, daí quando eu puxei ela porque ela tava no chão, ela se avançou em mim. Eu tirei ela pra eles não baterem nela, daí ela se avançou em mim, daí eu grudei ela também. Dai quando eu grudei ela subiram os guri tudo em cima dela, daí bateram nela, até que eu pequei e consegui separar de novo e mandei ela embora. Naquele dia eles bateram nela de montão.

N- E será que este não pode ter sido o motivo dela ter ido pra Boa Saúde?

M- ... Eu não sei né tia, porque a Rose... ela tem um... depois que ela foi morar com a senhora ela tava muito estranha, ela não se misturava com nós. Ela era uma guria sempre distante de nós.

Quando conversei com o Zuêra, procurando entender o que aconteceu com a Rose, para ela ter escolhido ir morar na Boa Saúde, ele fala também do problema da “cagüetagem”. Mas não tem certeza se ela cometeu ou não esse ato que, para a gurizada, é um dos mais graves

N - E alguma vez ela tinha caguetado alguém?

Z - Não sei, teve papos que sim né. Depende sim, depende não, o cara nunca sabe. Esse negócio de cagüetagem se eles vão cagüetar eles cagüetam bem cagüetado! Eu não sei qual é que é!

N - Que teve aquele lance lá da Colombo, que depois a gurizada achou que ela quem tinha entregado né?

Z - É, do Chineizinho bah, que estuprou a Luisa, é isso foi uma dança que também aconteceu, que disse que depois dá a volta. Eles disseram que ela tinha cagüetado os “bagueio” dos guri... bah, quem foi que cagüetô, quem foi que deu. Mas daí eu tava mais por fora um pouco, mas daí foi bem na época que daí eu fui preso né!

Após o caso da agressão, quando estávamos numa praça conversando sobre o assunto, e combinando a forma de fazer a denúncia, Rose chorava pois ninguém acreditava nela. Tentava explicar mas não aceitavam suas explicações. Hoje avalio que durante o tempo da

FEBEM, e mesmo em minha casa, ela “aprendeu” uma maneira diferente de relacionar-se, mais “dócil”, que não era a mesma da rua. Ela estava fragilizada. Segundo SILVA (1996) a vida na rua “exige uma postura muitas vezes agressiva, rígida, para sobreviver a todas as violências que a sociedade pode cometer contra crianças abandonadas”.

MELIÁ (1979), falando da educação civilizatória aos índios, de como os jesuítas precisavam domesticá-los, civilizá-los. Penso que a FEBEM atuou da mesma maneira com a Rose. Para o autor:

O futuro do índio estaria em se tornar um “civilizado”, bem capacitado numa profissão técnica. Assim como era considerado o maior castigo voltar para a maloca, o maior prêmio para os mais bem sucedidos no estudo, eram serem mandados para a cidade, idealizando-se as seguintes etapas: maloca, Utiariti, Diamantino, São Paulo. (idem, p.47)

A função, da educação para ser cumprida, ainda precisava convencer aos integrantes das camadas dominantes da sociedade que os índios eram bem cuidados e se não aproveitassem era porque não queriam ou eram incapazes. (idem, p.49)

Rose domesticou-se, ficou *civilizada*. Morava na casa de uma conselheira tutelar, tinha pais, irmãos, trabalhava, ia na escola. Fazia tudo certo, direitinho. Mas algo latente ainda existia. O incidente do estupro e a forma como o grupo reagiu as suas conversas com o brigadiano, não confiando mais nela, foram fatos que exigiam uma opção: ou assumo a vida de família e saio da rua pois aqui não tenho mais espaço, ou busco outro espaço para viver e deixo a rua. Penso que ela não pode fazer sua escolha porque em ambas teria que deixar algo de si mesma, algo que lhe oferecia um sentido para viver. Talvez esse tenha sido o seu impasse: “se opto pela vida com a família da Neidi, morrerei para os meus filhinhos de rua de quem sou a mãezona. Se opto pela vida da rua, morro para a família da Neidi, morrerei para meus irmãozinhos, para Neidi de quem sou a filhona”.

Essa parece ser uma opção impossível: para viver tenho de morrer. Um adolescente vive esse drama durante anos: para tornar-se pai deve deixar de ser filho e abandonar a família, morrer como dependente para tornar-se independente. Mas Rose teve de viver essa transição adolescente em pouquíssimo tempo e marcada pela AIDS.

Às vezes ela vinha visitar-nos. Chegava, tomava banho, trocava de roupa e comia.⁸¹ Trazia brinquedos para as crianças, roupas, etc. Ficava um pouco, não falava muito e acabava indo embora. Seguido telefonava. Falava com a Senir.

Durante todo esse processo de afastamento eu estava grávida. Era extremamente angustiante esperar um filho e perder uma filha ainda não nascida e já tão viva, tão viva e já marcada para a morte.

Fiquei bastante tempo sem vê-la depois que saiu da rua. Quando perguntava sobre ela as suas amigas, diziam que ela estava morando com um traficante na “Boa Saúde”⁸² Diziam que ela estava utilizando droga injetável novamente e *batalhando* (prostituindo-se). Que seu companheiro lhe batia. Perguntava-me até quando ela conseguiria sobreviver nesta vida?

Sem o espaço da família, sem o espaço da rua, era preciso conquistar um outro “território”, no qual ela assumia um papel totalmente diferente: o de “mulher de bandido” (ZALUAR, 1994).

A última vez que ela veio em casa foi após o nascimento do Luciano (26.11.94). Estávamos fazendo mudanças internas na casa, pois havíamos construído um outro piso onde ficaram os quartos.

Seus braços estavam marcados pela agulha da seringa, magra, mas ainda muito bonita. Foi tomar banho e comer. Comeu muito, o que havia na geladeira. Parecia que há dias não se alimentava. Como havia muita gente em casa ajudando nas mudanças, não consegui conversar direito com ela. Perguntou pelas outras crianças que estavam em minha irmã, sentiu falta deles, principalmente do Tales. Pelas 19 horas, sugeri que ela fosse embora pois já estava tarde. Pegou uma sacola, colocou suas roupas e foi.

Um dos pontos mais importantes das entrevistas, referem-se aos possíveis motivos que cada um acredita terem levado Rose novamente para rua, e para junto de traficantes. Surgiram

⁸¹ Ela sempre mantinha alguma roupa em minha casa. Era como uma ligação entre nós. Na última vez em que nos visitou pegou uma sacola levando o que restava, mas deixou umas roupas “de molho” numa bacia, parece que dizendo, “guarda que eu volto”. Mas nunca mais voltou.

⁸² Bairro anexado ao município de Novo Hamburgo. Pertencia a São Leopoldo. Existem alguns pontos de distribuição de drogas, por isto muitas vezes é considerado perigoso.

as mais diversas respostas: seria o fato de ser portadora, ou para ficar mais perto do *pó*, ou porque buscava a morte.

Para Luísa, o motivo poderia ser o fato de ser portadora, ou poderia ser para juntar-se ao companheiro:

N - Depois que ela foi pra Boa Saúde, tu chegaste a ver ela e como é que ela estava?

L - Ahã, cheguei a ver ela, eu vi ela uma vez depois que ela foi pra lá, eu vi ela uma vez que ela estava com um cara de moto. Mas tava bem bonita ela, bem arrumada e com dinheiro. E aí depois eu fui lá na Boa Saúde de novo e eu vi ela toda "mindinga", sentada lá na beira do cordão da calçada. Eu perguntei o que que houve Rose, ela tá tomando não sei o que, não sei o que. Daí ela pegou e, tava toda suja tomando com um negão lá!

N - Com o Neguinho, esse que ela tava?

L - Eu não sei, era um negãozinho, era moreninho. Daí ela estava tomando dele. Daí eu, ela daí eu não vi mais ela depois daquela vez. Depois eu só soube que ela estava no hospital, mal. A Mariana que me falou. Mas aquele outro cara que ela estava de moto, ela estava legal, né? A Sra. conheceu ele?

N - Não.

L - Ela tava bem com ele, ele passava pó também, era patrão, mas ele não tomava nem cheirava, só vendia. E dava altas roupas pra ela! _____

N - Mas então, antes dela ficar com o Neguinho ela estava com outro cara?

L - Estava, ela estava com o cara da moto que era da Boa Saúde. O cara de moto. Mas ele era bem tri pra ela, dava tudo!

N - Pois é, porque será que ela foi pra lá?

L - Uê, ela morava lá, não morava?...

N - Por que será que ela piorou de novo?

L - Que ela começou a tomar? Será que não era porque ela estava com o vírus?

N - Mas desde que ela tava na FEBEM ela sabia que estava com o vírus!

L - Então ela começou a tomar, ela começou a pensar e começou a tomar, né?

N - Mas daí porque assim, pra esquecer que tinha vírus?

L - é, eu acho. Ela não morava com a mãe dela né? (...) E segui, e segui o caminho dele né tia, eu acho né? De repente ela gostava bastante dele tia, pra ficar com ele, ela começou a fazer o que ela fazia!

N - Esse da Boa Saúde?

L - Esse que ela estava o...

N - Neguinho?

F - O que morreu...

N - Morreu uma semana depois.

L - O Neguinho?

N - Uma coisa que tu tinha falado antes Lúisa, que achava que a Rose estava tomando "nos canos" porque ela sabia que tinha o vírus né? Mas estava dizendo antes que os guris também quando achavam que não está fazendo efeito vão pra cocaína também. Então às vezes não precisa um motivo muito forte pra usar cocaína?

L - Oh tia, mas ter o vírus não é?

Para o Zuêra, o motivo já é outro:

Z - Ela gostava de mim eu gostava dela, ficava naquela né! Depois eu fui preso e ela não deixava eu tomar né!. Tomar cocaína nas "veia". Ai o dia que eu fui preso ela foi tomar.

N - Tu acha que ela foi por causa de ti?

Z - Não, por causa que ela "ratio" Ela tinha umas jaquetas de couro que ela vendeu numa loja. Ai o cara levou ela lá e ela pegou e já ficou lá e já viu o pó e se atucano e tomou né. De certo também porque eu não estava! Porque se eu estivesse, e ela não deixava eu fazer, eu não ia deixar ela fazer também. Né? Mas daí... Quando eu voltei ainda ela tava na baia, fui lá na baia dela lá. Tava eu e o , tava o Neguinho, o cara que morreu, o Marido dela depois. Daí foi lá na baia dela, daí O Neguinho pediu pra mim trazer ela pro centro de novo. Por causa que ela ia morrer lá, já tava deitada na cama, assim bem malzona.

N - Por causa da droga?

J - É, tá, é, é ela só ficava deitada falando, não se alevantava. Daí ela disse que não adiantava mais. Começou a dizer "ah Zuêra, agora não adianta mais, não adianta mais". Olha o pai do Miguel. Ai disse "não adianta mais bah, porque ". E aí Dóris (cumprimentou uma menina que passava).

N - Por que tu achas que ela foi lá pra Boa Saúde, se meter no pó?

Z - É, porque lá era mais fácil né, que se ela buscasse com o patrão ela ia ter cocaína todo o dia. Foi por isso que ela morreu né? Excesso acho, overdose, excesso de cocaína na veia (...) Eu não sei, de repente porque tava tudo ali, **de repente porque eu fui em cana!** Né? Não sei mesmo, não tenho ...

N - Ela nunca falou isso?

Z - ã?

N - Ela nunca falou?

Z - Não, ela não falou! Ela não falou. Mas quando ela falou, ela falou que assim, que se eu podia ela também podia, falou isso aí só. Eu disse que eu não ia fazer mais, mas depois eu já sai de lá e eu já fiquei sabendo que ela tava no hospital. Ai foi-se.

Mariana conta da tentativa que fez para impedi-la de ir para Boa Saúde. A gurizada sabe o que representa o pó na vida deles.

M - Dai, a gente não estava se dando mais legal mas mesmo assim eu pedi pra ela, pra ela não ir pra lá. Eu não sei por que é que ela foi pra lá. Ela não explicou nada pra ninguém, ela apenas disse que ia pra Boa Saúde e foi! Eu ainda sentei no banco da praça e pedi Rose, não vai pra lá se meter no meio das drogas. Mas sabia que se ela fosse pra lá ela ia começar a tomar de novo. **Afinal, onde ela foi se meter... bém no meio lá deles né!** A última vez que eu tinha visto eu tava grávida de 7 meses, do Márcio, que morreu. Eu fui pra lá e daí eu soube que ela tava ruim né tia. Eu fui uma vez lá ela tava tomando "a fu", e apanhava do cara, esse que ela tava... Mas eu já nem conversava com ela quase... Eu não sei porque é que ela foi pra lá...

M - Da Rose, tia, ou outra coisa? Eu convivi muitos anos com a Rose, tia, mas a gente nunca conversou assim coisa dela. Se conversou também não me lembro, faz tanto tempo. Só sei que a gente ficou legal, ela gostava de mim de montão. A primeira vez que eu deixei ela aqui, ela foi lá em Tramandai me buscar, ela e a Merc. Quando eu fui pra lá, elas foram lá me buscar, e enquanto não me trouxeram pra casa não descansaram. Ela foi uma gurta assim né, mas durou pouco só né, ela durou pouco porque ela aceitou. Que nem aquela vez que eu fui ver ela lá, meu Deus, foi a última vez que eu vi ela. Nem no velório e enterro eu fui, eu recém tinha acabado de ganhar o nenê né! É, eu perdi duas pessoas naquele mês, perdi ela e ...

N - Ela morreu em março, 22 de março.

M - É, eu lembro bem, foi no dia 22 de março. E eu perdi meu guri dia 28 de fevereiro.

N - Um mês depois.

M - É.

Yara fala do grupo, da defesa do grupo, citando um incidente quando Rose visitou-a no Natal, antes de sair da FEBEM:

Y - Foi, porque eu convivi com ela a ponto de saber que com ela dava né? Eu tenho marcado assim, na minha memória aquele incidente com a Rose. Aquela lá na casa da mãe do amigo do meu filho, que era no morro dos Papagaios. E que eu fui com ela lá e que a mulher tinha voltado de Punta, e estava só se queixando como estava tudo muito caro, que até a comida era cara, e que estava um marasmo agora aqui, que era em pleno verão. E que correria de Natal, tinha corrido muito pras compras de Natal. E eu ouvia aquilo sabendo qual seria a interpretação que a Rose iria fazer, né? Só que eu não podia dizer pra ela que ali se tratava de uma menina de rua, porque eu apresentei como a minha amiga Rose. E quando nós saímos de lá, a Rose disse pra mim: "só porque é tua amiga tia, porque se não eu terminava hoje com o tédio dela. Nós atirava tudo na piscina dela". Porque ela falou que era um saco limpar a piscina, que o homem da piscina, que o homem do jardim, que o homem, sabe, o homem do cachorro, sabe. Era uma hora, ela estava muito presa aquilo tudo. E aí, quando nós saímos de lá né, a Rose disse isso. E essas frasesinhas "é só porque é tua amiga" é que me levou a pensar, é, mas tá certo, se ela vivesse no lado de cá, se ela tivesse amigos de lado de cá, amigos mesmos, não, porque no Natal ela tava deslocada. Mas que ela ficasse entrelaçada, ela ia, sei lá, ter os amigos dela como todo mundo faz. Então ela zela pelos amigos dela. Quem são os amigos dela? São os de rua né? E aí eu acreditei muito na recuperação dela.

Y - Mas a, foi com a Rose sim, sem dúvida. Nossa, a gente tinha tudo na mão ali né? Ela acreditou em nós e depois ela não conseguiu mais acreditar!

N - Não, eu acho que ela até acreditou em nós, eu acho que ela não conseguiu mais acreditar nela!

Y - Bem, e aí a gente tem que falar com ela. Talvez nem ela saiba...

A passagem do *cheiro* (loló ou solvente) para a cocaína, é muito sentida pela gurizada. Alguns estão anos na rua e não utilizam cocaína, outros iniciaram no *cheiro* e acabaram indo para o pó. Mas sempre existe um *motivo* para essa mudança. Perguntei para a gurizada sobre os motivos que eles julgam capazes de levar alguns à utilização da cocaína. Luisa e Fera falam de alguns amigos, primeiro do Toninho:

L - Ele falou que ele tomava também por causa que a Negrinha não, não deixava o nenê dele ficar perto dele. E ele gostava da Negrinha a fú, né tia. Ele gostava um monte da Negrinha⁸³. Então a Negrinha não dá valor pra ele.

F - Na FEBEM ele só falava da Negrinha, que um dia ia sair da rua e dá um monte de bagulho pra ele (depois diz que ele falava muito do nenê, do filho e o que ia fazer quando saísse da FEBEM)

L - Mas ele agora sempre dizia que gostava da Negrinha um monte, e a Negrinha corria atrás dele, ela vinha atrás dele. Ela vinha pro centro era por causa do Toninho, não adiantava dizer que não que todo mundo sabia. Mas não queria ficar com ele. Queria ficar com ele mas não só com ele. Daí um dia ele estava lá, não sei se estava no centro, daí um dia a Negrinha chegou lá com o gurizinho pra falar com ele. E o Toninho chegou, assim e olhou, o gurizinho, e olhou o gurizinho e daí a Negrinha mandou a Cristiane correr atrás dele que ela queria falar com ele. Daí ele olhou pra trás e falou assim, óh, que agora não adianta ela querer falar comigo que eu não quero mais falar com ela. Ele falou bem assim pra Negrinha. Aí ele pegou e desceu, foi lá pra baixo e foi ficar com a Mariana. Ela já tava tomando.

⁸³ Negrinha é uma menina de rua com quem o Gelsinho tem um filho.

N - E o José hein? O José também está. Também está sentindo falta de família? Ele não se dá com a Denise, de repente?

L - O José não, tia, ele não tem casa também!

N - Pois é, mas eu digo a Denise?

L - O José entrou e começou a a tomar e não foi por falta disso tia. Porque ele tava na Casa de Passagem...

N - A AMA lá?

L - A AMA. Daí ele tava , mas tava tri lá tia. Ele tinha ficado lá. Ele começou a tomar isso, porque eu acho que **ele começou a sair com o Toninho...**

L - E o Toninho falou assim um dia nós estávamos dentro do _____ ele disse "oh, Luisa, eu vou te contar pra ti não ficar braba comigo", pra mim, não sei o que que eu quero _____ que o "José tomou, o José tá tomando. Ele pegou e foi, nós estávamos tomando e ele foi tomar uma né, daí ele falou assim, **porque eu disse pro José que tu ia ficar braba comigo.** E ele tomou uma e depois tomou mais uma e não parou mais".

F - [Falou que conversou com o José e que este estava com o braço todo dolorido de se injetar.]

N - E tu acha que é fácil essa questão da droga, de parar?

F - Depende de cada um!

N - E por que vocês acham que..., primeiro começam cheirando cola e loló né?

F - É, primeiro cola e loló!

N - E por que uns vão começar a se injetar, usar cocaína e outros não?

F - Não sei, mas eu acho que o efeito, como é que se diz né, toma nos cano, quando se chapam mais com aquilo ali né?

L - Ah, mais tens uns ali, tem vários ali também que cheiram cheiro e tomam porque eles não tem ninguém!

N - Não tem o que?

L - Não tem ninguém, não tem família. Que nem o Élio, o Élio não tão nem aí o pai dele e a mãe dele. Eu conheço ele faz um tempo e eles não tão nem aí com ele!

L - Ah, os outros assim, tem uns ali oh, também que o, tem uns guris que eu conheço que tomam cocaína já tem, que eu conheço **não tem casa, não tem família...**

N - Tá, então vamos ver quem é que toma cocaína...

L - Ah, a Sra. não conhece o Carlinhos, o Masinho?

N - Esse de nome.

L - Tem mãe, mas de certo ela não dá bola pra ele, sei lá que que faz! Mas a Sra. viu o tamanho daquele guri? A sra. não viu?

N - Não, eu não vi mais

L - Mas a sra. conhece? Ele vai fazer 18 anos. Como é que pode?

F - Tá desse tamanho.

L - É mais pequeno que o José, tia. Tá virando só em osso, como é que pode não crescer né? **Não deixa crescer eu acho**, que daí. Quantos anos ele disse que toma? **Ele diz que faz 6 anos que ele toma**, e olha que tá, meu deus do céu.

N - Pois é, porque a coisa de não ter casa, o Toninho, o Toninho tem casa, tem família...

L - O Toninho toma por sem vergonha, ordinário, que gosta..

L - Porque olha o Toninho, o Toninho, olha bem tia, nem parece o Toninho que eu conheci na moral. Hoje o Toninho tá diferente.

N - Mas o que será que deu nele pra dá essa virada toda?

L - Pois é, tá todo sujo, nunca foi de andar sujo né?

N - Por isso eu fico pensando se é isso, ou tem alguma outra coisa?

L - Alguma coisa né tia!

N - E vocês, nunca tomaram? Tu e a Luísa?

L - Tomar o que tia?

N - Tomaram, (fiz o gesto de injetar no braço).

L - **Ãã**, eu nunca tomei!

N - Luísa, não?

L - **ãhã**, só cheirei mas não tomei.

N - Mas disseram que tu estavas também?

L - Deus o livre, eu não... **Eu nunca tomei, tia, nessa viagem eu nunca fui**. Só cheirar.

N - Eu fico pensando que quando começam a se picar tão indo mais pro fim né, é difícil parar!

F - [Fera fala do problema da cocaína, quando começa a vender as coisas de dentro de casa. Falou de um rádio do irmão, que quase vendeu pra comprar pó. Que tu fica com muita energia, com a sensação de que: "ninguém me pega na corrida!"]

N - Uma sensação de poder assim que tem, ninguém segura?

F - Até pra brigar assim, eu posso levar um monte de bagulho assim e não sentir nada!

N - Será que é por isso que os guris tomam tanto assim, será que é pra achar que tem esse poder todo?

L - Eu não sei como eles podem, *os piá* tia, a *cocaína pra tomar vicia mais rápido*. Falaram da sensação que tem cheirar e tomar.

N - E fome, como dá?

F - [Quando cheirava eu não tomava café, não almoçava, até quando os guris ganhavam alguma coisa nas bancas, ele diz que não sentia vontade de comer, pois perdia totalmente a fome.]

L - ...o cheiro nunca me deu nada assim, eu fico olhando o Léo, o Santos, sabe. Eu olho assim pra eles e tá certo que a gente ficava de um jeito igual, **mas não tão pateta que nem eles**. Eu acho que eles assim, eles cheiram assim, cheira, ah, eu não sei. Cada vez eles ficam... O Léo, como é que o Léo emagreceu tanto?

L - Quando ele veio tava gordão, bem gordão. Onde é que ele tava?

N - Na Fructos?

L - é.

N - O Léo tava lá?

L - Bem gordo, ele tava lá né?

F - Ele saiu de lá, tipo **inchado, gordo tipo inchado, inchado, inchado**. Não sei se a sra. viu ele? Daqui a pouco ele tava na banda de novo, bem magrinho. Parece que encheram ele e fiiuuu (movimento de sair vento da boca - significando esvaziar)

L - Que nem o Élio, o Élio é um que a latinha dele é sagrada, todo o dia.

F - Não, os guris falaram que é difícil ele comprar uma lata de cheiro. Só vai na dos outros.

L - Ah, mas ele compra escondido Fera. Ele compra e deixa tudo escondido, sempre foi assim.

L - Que diabo da Mariana, né tia, ela tomando e ainda levando a Joana junto!

L - Tia, a sra. acredita que a Mariana anda cheirando cheiro e até se mijando tia, mijando nas calças? Esses dias ela parou na frente do Fera, cheirou, cheirou e tssiiiiuuu, mijou, **bem “mindinga”** ela né?

Mariana e Joana contam porque começaram a utilizar a cocaína, mas primeiro negam:

N - Como é que fica com a história de começar a usar “coca”?

M - Que coca tia?

N - “Pó”?

M - suspiro

J - Eu se não conseguir meu filho de volta acho que vou ficar morrendo por aí!

M - (risos) Ai, e quem é que disse que eu tô usando pó tia?

N - Tu!...

J - Ah, eu tava cheirando pó tia, eu não vou mentir que eu tava.

N - Estava ou ainda está hoje?

J - É que eu **estava muito triste**, daí no começo, daí eu comecei em dezembro **por causa do guri, eu cheirava um monte**, a Mariana é que sabe ainda, que tava no *mocó* lá, daí eu não tinha ninguém pra conversar, daí eu comecei a falar com ela, **daí eu comecei a chorar, chorar, chorar**, com a Luísa também! Daí eu falei assim **“se eu não consigo meu filho de volta daí eu me largava no mundo!”**

M - É, eu comecei a usar pó por causa que... eu cheirava muita loló né, lá em Tramandaí eu já **tava ficando meia pirada**. Antes de vir pra cá eu cheirava loló todo dia. Eu tive duas vezes no hospital por causa de intoxicação né, (não deu pra entender o resto da frase). Duas vezes, bem louca eu tava. Daí resolvi vir pra cá. Cheguei aqui me atraquei na loló de novo né, daí aqui fui uma vez pro hospital, a guarda me levou pro hospital, eu tava mal mesmo. Daí cheguei no hospital, botaram uma, uma, botaram uma veia, um bagulho lá na veia lá, daí eu disse que eu tava muito ruim e que eles achavam, que era pra mim dar um tempo pra ficar lá em recuperação. Se eu não melhorasse eles iam baixar eu né, porque eu tava muito ruim mesmo. E eu já tenho um bagulho na cabeça! Eu cheiro loló daí dá umas tonturas, uma coisurada. Eu esqueço tudo o que eu faço, fico que nem louca mesmo! Daí... eu fugi do hospital, larguei aquela lombada do Operário até o *mocó*! Cheguei ali e comecei de novo, a loló né! (risos) Daí eu tava ficando muito ruim da loló mesmo, **comecei a vomitar, não comia mais quase, emagreci**. Daí, daí as gurias apareceram, as gurias apareceram na banda e daí começaram a cheirar pó, e eu comecei a cheirar com eles! E foi aí que eu comecei! Eu comecei a cheirar pó, daí comecei a deixar da loló, daí fiquei mais no pó, no pó! E agora eu cheiro muito pouca loló. De vez em quando que eu tiro um molho né Joana? De vez em quando eu encontro os gurus daí eu tiro um molho! Ontem eu cheirei. Mas agora é muito difícil, agora eu tô mais no pó! Tava cheirando, agora já tô tomando (risos)

N - Ah, então confessa? Ah, e tu tinhas dito semana passada pra mim, que deus o livre tomar, eu não vou fazer isso nunca! Semana que vem, quando eu falar contigo tu vais estar, sei lá fazendo o que, pois cada semana tu estás indo mais longe!

M - É, mas é a vida né tia. Como a gente diz, nunca se diz desta água eu não bebo!

N - Mas o que é o pó? Quando tu começa a usar o pó, não é uma ida mais rápida pro fim?

M - Eu não sei, o que tu achas Joana?

M - É, eu não sei, eu acho que quem tá na chuva, tá pra se molhar (o amigo delas começou a falar junto, mais a Joana, e não deu pra entendê-los. Mas ele concordava com o final próximo de quem usava cocaína. Disse que nunca tinha se injetado, só cheirava. Quando falou que concordava com a idéia de fim próximo com cocaína, perguntei)

R - Quem toma nos canos! Este vai mais ligeiro!

M - Ah, quem tá na chuva tá pra se molhar! Se morrer, vai morrer de algum jeito mesmo!

N - Então vocês estão querendo morrer mais ligeiro?

M - Que nem diz o Zuêra, esses dias o Zuêra me encontrou, dizendo, "bah Mariana, tu tomando Mariana, por que tu tá tomando?" Pois é Zuêra, estamos na merda, merda e meia (e riu).

M - Enquanto é tempo né. Mas, mas eu vou parar porque bah, eu vou pra Tramandaí daí Tramandaí as gurizadas lá cheiram coca, mas não me deixam. Lá tem um camarada, só tem um dos meus camaradas que (tem) os outros tudo cheiram.

N - Te lembra que eu falei que o cheiro pra tomar é muito rapidinho né, e tu fez "não, eu nunca vou tomar..."

M - É, e não foi a primeira que me disse isso. Sempre os guris falaram pra mim "hoje tu tá cheirando, amanhã tu tá tomando!"

N - E a seringa tudo a mesma, pra todo mundo.

M - risos

N - Passando o vírus pra deus e o mundo!

M - Nããão, é...

N - Cada um tem a sua?

M - É é é, eu e a... é, eu tenho!

N - É, eu e a Joana temos uma só?

M e J riram juntas, como confirmando o que havia dito.

N - Só falta a Joana dizer que não está tomando também! Tá bom... É Joana?

R - Coitada!

N - Só falta agora o Renato dizer que não toma! (Mariana ria bastante)

R - Ah, mas eu pode olhar aí (e mostrou os braços, realmente não havia marcas de agulha).

M - Ah, mas pode olhar nos braços dela tia,

N - Onde é que vocês tão botando, nos pés?

R - Mas eu, a única coisa que eu faço é cheirar e fumar!

J - Daqui a uns dias tá tomando!

R - Tomar não...

M - Eu também dizia que não, deus o livre

R - Não, mas eu não vou tomar!

N - Olha, só essa palavra, quantas, quantas que eu já escutei com esta história, jamais...

R - Eu não vou tomar, porque, porque eu uma vez eu vi um morrer na minha frente tomando.

N - E vocês (pra Mariana e Joana) nunca viram ninguém morrendo na frente de vocês?

M - Que nem o Camarão falou uma vez, "Mariana, para com isso, isso não tem futuro, pra ti não! Tu tem uma cabeça, tem uma cabeça bem tri, pra falar as coisas, pára com isso! Não cabe, ainda bem que eu não fui a primeira a te picar, eu não teria coragem.

M - Mas a gente pára tia, se a gente quer a gente pára! Quando a gente vê que a gente tá ruim, a gente dá um tempo né Joana.

N - Mas vocês se dão conta quando tão mal?

M - A gente nem sei, sabe se vai continuar tomando.

J - Eu vou, estou tentando para...

Em relação as doenças provocadas pelo uso de seringa compartilhada, como AIDS, a gurizada não demonstra muita preocupação. Um pouco, talvez, por ser uma doença ligada a morte e esta faz parte de seu dia a dia, ou talvez porque como adolescentes acreditam que com eles não acontecerá. Como a Mariana, que fez o exame na FEBEM, deu positivo, mas ainda não acredita ser portadora.

N - E por que é que tu não fazes o exame de novo?

M - É, eu vou ver se faço o exame de novo. Eu estou preocupada com isso por causa do guri. Eu estou preocupada.

N - Pois é, se fosse logo, poderia fazer no posto né?

M - ...Eu não sei se eu tenho né? Quer dizer... (silêncio)

J - Meu primeiro, meu segundo, não deu nada, tem que ver o terceiro!

N - Quando é que tu vais fazer?

J - Não sei!

N - Tá esperando alguém vir aqui tirar teu sangue pra fazer? (risos)

M - Eu não sei tia, eu não vou fazer exame porra nenhuma tá ligado. Porque se eu tenho, eu vou mesmo saber naquelas, eu digo que eu tenho eu digo que eu não tenho. Que nos meus exames deu que eu tenho né, eu fiz 2 na FEBEM, 3 na FEBEM e 2 deu positivo e um deu negativo. Daí quando eu sai de lá eu ia fazer outros exames né, por causa daquele que deu negativo. Mas daí eu sai tempo e não deu tempo de fazer. Eu tinha que fazer, mas eu não vou. Eu não quero saber se eu tenho ou se não a tenho. Agora eu tenho certeza que eu tenho já né, por causa, do, por causa que eu tô... De vez em quando eu uso agulha dos guris quando eu não tenho a minha. Eu também não sei se eles têm né, mas eles devem ter. Mas eu não me importo que de qualquer jeito a gente tem que morrer mesmo!

N - Sim, mas vocês não vão ver os filhos de vocês crescerem, só isso?

M - Eu só quero fazer, eu tenho que falar com o Miguel, eu quero fazer o exame no Rafael! Pra ver o Rafael. O Miguel tem, a Rafaela tem... tem. Olha, pra falar a verdade tia, eu acho que nesse quem escapa mesmo só é a Maira e a Merci, eu acho que é só.

M - Merci era uma guria da banda e a Maira é a irmã da Joana. Eu acho que é só. Do resto eu acho que "tamo tuuudooo" contaminado, até o Renato. Mas não dá nada né!... Eu tô legal assim, que nem esses dias eu falei com uma amiga minha né, ela tava falando do bagulho, daí eu falei pra ela que eu tinha. Mas Deus o livre, ela queria me levar pra casa dela, "Mas calma, eu não vou morrer agora" (risos) Ela começou a chorar tia. Coitada, ela gosta um monte de mim, eu gosto dela também. Eu disse: calma meu, calma eu não vou morrer tão já... Se "acauso" eu morrer né, só lamento por mim mesmo!". Mas acho que não vou. Olha quantos anos já faz, eu tava o que, com 16 anos naquele tempo.

Entrevistando Maria Cleonice, bioquímica, e Cleide, médica, sobre seu trabalho junto a portadores, no Posto de Saúde conversamos sobre a dificuldade de conscientização da gurizada. Mas aí não é só a gurizada de rua e sim as/os adolescentes.

C - Eu acho meio complicado pra mim, sabe, pra mim, uma coisa pessoal. Eu até, todo mundo me gosta assim eu vou lá, oi tudo bem, eu atendo, consigo pomada pra eles, e vem amanhã e eu consigo, que eu sei que tenho. Na área da Madre Teresa de Calcutá, mas uma coisa assim. Eu já expliquei pra eles várias vezes, porque eles vem, continuam vindo, usam drogas e tudo. Daí eu digo, vamos fazer exame. Daí vamos fazer. Daí eles vieram umas 3 vezes, até uma menina que diz ser supervisora de lá, então ela ficou de me trazer a relação de quantos. Eu quero a faixa etária pra gente trabalhar com eles de verdade. Ou então vamos fazer uma oficina com eles lá, mas eu quero a faixa etária, pra fazer oficina pra 10, até 15, porque tem gente lá de 20. Então não me trazem, então querem dizer, esses ainda não tem presente esse HIV. Por isso, na adolescência não sei porque, mas acho a adolescência de risco, vale tudo agora, não me interessa o amanhã ou um mês. Eu quero viver aqui e agora, continuar a sensação do pico porque isso foi bom, isso é agradável. Vou transar, porque tem aquela vila ali na frente, eles namoram, transam e se trocam normalmente. Dentro deles é normal. Mas tu não consegue trazer eles seriamente. Eles só vem, eles te ouvem direitinho, se eles aparecem então com as manchas, com um feridama desse tamanho, com dor de garganta. Ai eles vem, fazem tratamento, mandam comprar o antibiótico, fazem direito. Mas quando as vezes eles não estão, porque se eles pegaram há pouco tempo.

N - Não sentem nada.

C - Não vão sentir nada, ai não vem. Que nem VDRL [para sífilis], hepatite, eles têm sabe, alguns já tem, nunca mais voltaram.

N - Mas tu achas que é um problema da adolescência ou um problema de menino de rua?

C - Acho que é com adolescente, não é com menino de rua. Nós tínhamos adolescentes dentro da sociedade que, com raras exceções, se a mãe não traz eles nunca vem. E nós temos uns.

M - Dois que nunca voltaram. Um tinha 12 e outro 14. Era no "pico", eles se contaminaram. Souberam, foram embora. Ai tinha um padrasto, que uma vez eu peguei na rua e disse por favor, onde estão tuas crianças, traz, coisa e tal. Ele trouxe? Pedi os exames... Não, nunca mais, e agora estão trabalhando..

C - Nós tínhamos um adolescente dentro da sociedade, bem equilibrado coisa e tal e eu pensei bom, ele virá né, porque ele veio, ele trouxe a primeira leva de exames e depois desapareceu. Então eu acho que não é só. Se não tem uma mãe que leve...

N - Então é a adolescência.

M - É, é a idade do oba-oba, sem responsabilidade. Então um adolescente de rua, Neidi,

C - Mais livre ainda.

M - Tu não tem limite, porque tu vai te cuidar? Mas eu acho que a própria instituição, tipo essa casa, por exemplo., se trazia como tu fazia no conselho, trazia o adolescente, fazia o exame e daí, vai pra onde esse adolescente.?

Uma pergunta que sempre acompanhou-me desde que estava no Conselho Tutelar, era a importância de fazer ou não o exame HIV na gurizada para saber se era portadora ou não. Tivemos a experiência de fazer com um grupo de guris, dos quais um era positivo. Ficamos

muitos dias discutindo o que fazer, se dizíamos para ele ou não. Acabamos falando. Até hoje ele está na rua, não mudou em nada seu procedimento, não se cuidou mais, não procurou utilizar mais ou menos a camisinha, não deixou de usar droga injetável. Não mudou sua vida com o conhecimento de ser portador. Somente nós, educadores, ficamos extremamente angustiados. Por isso formulei para as técnicas a seguinte questão:

N - E aí, faz o exame, tá na rua, contaminando os outros, porque tu sabe que eles transam entre si e se picam. E o que é que tu faz, o que pode fazer? Nada, nada.

C - E quem é instituição que vai cuidar?

N - Então é melhor não saber?

C - risos

M - Se a coisa tá colocada assim, se é melhor saber ou não saber, na verdade as vezes eu me pergunto. Será que não é melhor ficar na ignorância?

C - Não, é melhor ficar na ignorância pelo não sofrer, mas eles não sofrem com isso. O não sofrer seria nosso. Mas o que eu quero dizer é assim ó, de que não adianta também tu fazer exame com eles e tu não fazer mais nada. Tu não tem camisinha pra dar pra eles transarem, tu não ensinar a lavar a agulha deles. Então não adianta, sabe. Eu avisei mas e aí, quem é que vai me dar a camisinha pra mim transar? Quem é que vai lavar minha seringa, quem é que vai botar clorídrico pra lavar... O que a gente tá tentando fazer é ensinar a professora a falar de sexo mais normalmente com o adolescente. Porque isso é uma coisa que tu sabe que é falho né? Sexualidade ninguém fala, é cheio de preconceito, nem nas casas se fala.

N - Mas então o que a gente faz com a gurizada de rua?

C - Eu acho assim, com a gurizada a gente tem que tentar organizar alguma coisa com ela, não sei de que maneira. Então tá, vocês querem fazer, então onde é que eles estão vinculados, em qual instituição?

N - Eles não estão vinculados, eles estão morando na rua.

C - Bom, se eles querem fazer aí a gente vai perguntar por que eles querem fazer. E se der positivo o que eles vão fazer com isso?... Porque acho que tem que largar pra eles isso também. Então tá, daí eles vão dizer assim, a princípio a gente quer tratar, daí a gente vai explicar que isso aí tudo dá. Mas eu acho que devia ter uma ação atuante em cima deles que é o seguinte, não esperar que eles viessem procurar. Eu acho que devia se passar nos vários pontos onde eles se encontram normalmente, que sabem que eles não tão nessa praça, tão naquela outra e naquela outra. Pelo menos uma vez por mês vão lá pra saber, entende. Estão tomando o remédio, pegaram? Eu acho que isso poderia ser feito. Por que pra eles? Eu acho que pra eles por ser justamente a questão da adolescência de novo. Eles são mais vulneráveis, é a época da vida que eles são muito vulneráveis em tudo. Então eu acho que isso não custa uma Assistente Social ou um paramédico, ou até um médico se tivesse um tempo disponível pra ir lá passar no lugar e ver. Mas esses adolescentes tinham que estar cadastrados, senão não adianta, sabe.

N - Mas tu acha que daí valeria a pena fazer o exame?

C - Eu acho que sim, porque eu acho que quanto mais tu insistires, quanto mais eles te verem, quanto mais tu falares com eles, eles começam, mesmo adolescentes, eles começam a querer se informar. A informação tanto bate, bate, bate, até que alguma coisa fica né?

N - Como é que tu age se tu sabe que um menino é HIV + e ele não cuida e tu está vendo ele transando com todo mundo, com os meninos, com as meninas. O que é que tu fazes? Tu vai avisar as outras pessoas que ele é portador?

M - Não vai não, não vai não!

C - Eu estou tentando explicar pra ele entender. Eu chamaria ele, eu colocaria todas opções, o que ele está fazendo, porque ele tá fazendo isso, entende. é uma agressão com as outras pessoas! As outras pessoas têm culpa por ele ter pego? Eu acho que a gente tem que falar direto.

M - Mas é difícil.

N - Porque na concepção deles eles pegaram de alguém também...

M - E aí ele sente que tem o direito de passar pra outro...

C - Daí tá, vamos agredir, vamos lutar boxe, judo, candomblé, sei lá, capoeira, sei lá. Vamos colocar pra fora essa agressão, mas de outra maneira. Porque tu acha que o Joãozinho, que não tem, que viveu contigo aqui, que tá na mesma situação que tu, tu acha que ele merece, que tu passe pra ele? Sabe.

M - Ele pode dizer acho, e daí?

C - Bom, aí vamos morrer tudo junto!

M - Pois é, porque acho que eles têm essa idéia, e parece que ficam até felizes quando têm. Sim, é um fator de status ter o vírus.

N - Assim como ir pra FEBEM também, dá um certo status.

C - Ficam reconhecidos como maus, então é isso que eles procuram, se punir. Então o que é que falta, falta terapia com essa gurizada.

M - E como é que tu vai fazer terapia com essa gurizada Cleide?

C - Mas tem um monte de psicólogos?

N - Onde?

C - Mas eu acho que é isso aí entende. Então ele tá fazendo uma fase de justamente isso, tá agressivo e dá alta pena! Então porque ele não fala sobre isso direto. Brinca com ele. Então vamos fazer oficina sobre agressividade. Vamos deixar ele massacrar um fantoche!

N - Bom Nice, lembra da história da Rose né? Ela era HIV +, estava lá em casa e nem por isso ela ia lá conversar contigo. Quer dizer, por mais que eu insistisse, conversasse, ela não ia.

C - Mas o que é que ela dizia sobre isso?

N - Nada, simplesmente nada, ela não falava sobre isso.

M - ...Era forte demais pra ela ter alguma coisa organizada. Porque ela vivia numa outra situação né? Ela não "merecia" isso!

C - Porque eu acho assim, isso é uma coisa particular né, mas eu acho que essas pessoas elas não se permitem nada, sabe, não se permitem que alguém goste delas sabe, que alguém se preocupe... nada, é muito status ir pra FEBEM porque ele é mau, entende? Então ele assume a maldade dele e eu sou respeitado pela minha maldade. Então ele só conhece esse lado, o lado mau da história, que eu digo. Então eles fazem tudo pra mau. Porque bem eles não fazem sempre. Porque o bem não vive na rua né? É, o bem tem uma casa. Então ele tem que ser mau. Então eu acho que o trabalho é por aí Neidi. Eles não merecem nada, mas eles estão em risco justamente. O trabalho seria este mas, não sei se ficaria alguma coisa de positivo ou não. Mas eu acho que a gente tem que trabalhar sem pensar se vai dar positivo ou não. Se eu vou pensar ah, será que vai ser positivo, aí não adianta. A gente tem que trabalhar!

Conversei com Arlei de uma entidade não governamental de São Leopoldo - Apoio, solidariedade e prevenção a AIDS - ASPA que trabalha com portadores e com a gurizada de rua. A entidade existe desde 1992. Ela conta que no ano passado fizeram uma pesquisa com os meninos atendidos. Dos que fizeram o exame, 90% eram reagentes. 7 fizeram o teste. "Mas o universo é muito maior. Não fizemos o teste em alguns porque para alguns seria mais destrutivo e difícil aceitar essa realidade. São os que tem a realidade mais difícil de aceitar."

Tem muitos que não aceitam esse processo, não acontece o diálogo, aí não é possível sugerir o teste. Se quiserem fazer o teste poderão fazê-lo e serão acompanhados, a opção é deles. Mas não acho muito positivo, pois no momento em que souber o resultado terá dificuldades de fazer um tratamento. Teria necessidade de um apoio, uma estrutura maior, as necessidades garantidas. Além disso os medicamentos, no caso do coquetel, deve ser tomados em horários fixos o que dificulta com os meninos de rua. Por isso que trabalhamos com os meninos de rua a importância da prevenção, a importância de se gostarem, a auto-estima.

Alguns meninos atendidos modificaram suas vidas, mas é mais difícil isso acontecer.

N - Quantos meninos são atendidos e quantos de rua?

A - São atendidos em torno de 30 meninos, que participam das atividades, com uma interação maior. Desses, os mais antigos são os de rua. Em torno de 6 que vivem na rua. Estes são mais atendidos com preservativos, através de abordagens. Participam das oficinas quando são feitas com o CEDECA, com capoeira, futebol. Aí aproveitamos para trabalhar alguma coisa com eles. Ultimamente não estamos conseguindo trabalhar com esses seis meninos. Estes 6 ficam um pouco na Casa Aberta, outro pouco na rua.

N - Por que não conseguem trabalhar muito com os 6

A - Não conseguimos um vínculo maior com eles, talvez a abordagem não seja a ideal, ou a forma como eles encaram o atendimento. Perdemos um pouco o vínculo em função de alguns irem pra FEBEM, outros que permaneceram em São Leopoldo, algumas vezes não conseguem ser localizados.

N - O que eles buscam na rua

A - Eles não têm outra opção, apanham do pai e da mãe, sofrem abuso sexual e emocional. A alternativa é a rua, preferem ser agredidos entre estranhos.

N - Que fazem em relação ao uso da droga

A - Não existe um Programa de Redução de Danos, como existe em Porto Alegre, onde os usuários recebem seringas, orientações, cloro para lavá-las, etc. É complicado isso em São Leopoldo. Muitas pessoas acham que eles tem que mais é morrer mesmo. O que estamos fazendo é incentivando-os a lavar a seringa e que não compartilhem o seu uso, usem individualmente.

N - Como é a realidade do uso de drogas em São Leopoldo

A - Procuramos dados sobre isso junto a Secretaria de Segurança, Secretaria de Saúde, ninguém sabe, ou se sabem não querem falar. Mas São Leopoldo é um dos corredores de tráfico, o uso é muito frequente. Há poucos dias foi manchete nos jornais nacionais, mas aqui nada é falado, é como se não existisse a droga.

No próximo ano queremos fazer uma pesquisa nesse sentido, mapear os locais, usuários, etc. A droga mais usada ainda é a cocaína, mas os meninos de rua usam mais lolô e maconha. Não tivemos conhecimento de craque entre os atendidos.

N - Como a gurizada encara a morte

A - Muitos deles falam disso, da morte. De repente a morte não é um problema é uma solução para vida...

Nas entrevistas feitas ainda fica um ponto de interrogação em relação a AIDS. Fazer ou não fazer o exame, saber ou não saber que se é portador?

Enquanto isso é preciso trabalharmos contra todo o preconceito que a doença traz, bem como as dificuldades de fazer uma prevenção junto a gurizada. Herbert de Souza (Betinho) afirma que o racismo se incrustou nessa questão da AIDS.

Recentemente, com o fracasso de todas as teorias que tentaram explicar a aids como resultado dos 'seres inferiores africanos', foi que essa tese caiu por terra. Racismo, sexo, sangue. Mas o vírus também está associado a algo muito conhecido e muito difícil de ser encarado em nossa cultura: a morte (grifo meu). A aids veio nos dizer: "Convençam-se de que todos vocês são mortais"

Esses quatro elementos foram suficientes para tornar a aids extremamente revolucionária e explosiva. Se compararmos o número de suas vítimas e o pânico que ela levanta, não há proporção. (BOUGON 1996, p.82)

ZUGER (1997, p.17-18) escreve sobre dois mundos em relação a AIDS. Um mundo com esperança, com otimismo, com resultados positivos em testes, medicamentos. “O progresso científico garantiu os últimos poucos anos à erradicação da doença pelo HIV...”. Já existe esperança, já existe tratamento, “evoluiu de uma condição rapidamente fatal para uma condição prevenível ou - na pior hipótese - cronicamente tratável...” (idem, p.17)

Mas existe o outro mundo onde a AIDS é diferente:

Demógrafos estimaram que por volta do ano 2010 a expectativa média de vida será reduzida de 66 p/33 anos na Zâmbia, de 70 para 40 anos em Zimbabwe e de 59 para 31 anos em Uganda, tudo “cortesia” do HIV e da tuberculose. Na África, Índia e Sudeste Asiático onde se localiza mais do que 90% da infecção mundial por HIV não estão disponíveis nem mesmo antibióticos simples utilizados para prevenir e tratar complicações da AIDS, muito menos o AZT e inibidores de protease. (idem, p.17)

Mas não precisamos ir para a África conhecer esse outro mundo. No Brasil temos esse outro mundo, essa falta de esperança, essa falta de preocupação do poder público, quando nem camisinhas existem a disposição da população que necessita prevenir-se. Aqui também continua sendo uma doença social, que continua vitimando os pobres.

11 - TEMPO DE MORTE

SAGRADO CORAÇÃO

Luis Russo

Sei que tenho um coração
 Mas é difícil de explicar
 De falar de bondade e gratidão
 E estas coisas que ninguém gosta de falar
 Falam de um lugar
 Mas onde é que está?
 Onde há virtude e inteligência
 E as pessoas são boas e sensíveis
 E que a luz no coração
 É o que pode me salvar
 Mas não acredito nisso
 Tento mas é só de vez em quando
 Onde está este lugar
 Onde está essa luz?
 Se o que vejo é tão triste
 E o que fazemos tão errado?
 E me disseram! Este lugar pode estar
 sempre ao seu lado
 E a alegria dentro de você
 Porque sua vida é luz
 E quando vi seus olhos
 E a alegria no seu corpo
 E o sorriso nos seus lábios
 Eu quase acreditei
 Mas é tão difícil
 Por isso lhe peço por favor
 Pense em mim, ore por mim
 E me diga: - este lugar distante está
 dentro de você
 E me diga que nossa vida é luz
 Me fale do sagrado coração
 Porque eu preciso de ajuda

Na metade de março de 1995, o Conselho Tutelar de Viamão telefona para minha casa informando que Rose estava internada no hospital daquela cidade, em coma. Segundo o médico que a assistia ela injetou droga na veia com uma seringa contaminada, o que ocasionou septicemia, afetando seu coração. Na autópsia, a causa da morte está "Choque séptico, endocardite bacteriana". Ficou em coma por uma semana. Fui duas vezes até lá. Estava deformada, inchada, cheia de manchas. Seu corpo estava coberto de aparelhos, no nariz, tórax, braço, cabeça. Era uma cena deprimente. Na segunda vez que fui visitá-la encontravam-se duas vizinhas onde morava. Quando apresentei-me elas falaram que Rose falava muito de mim, que eu era sua mãe de verdade e qualquer coisa que lhe acontecesse era pra me avisar.

Consegui conversar com o médico para saber de seu estado, mas ele não deu esperanças. Informei-lhe que ela era portadora do vírus HIV. Ele pareceu assustado, não sabia. Depois fiquei pensando se fiz certo em avisá-lo. Mas no momento julguei correto, pois poderiam avaliar melhor a medicação a ser utilizada.

Infelizmente não consegui entrevistar a família da Rose, nem os parentes do Neguinho, para conhecer melhor esses últimos momentos de sua vida. A vizinha que estava no hospital dizia que ela entrou caminhando e falando no hospital de Estância Velha (onde internou-se antes de ser transferida para Viamão).

Dia 20 de março de 1995 o Conselho Tutelar de Viamão telefona-me informando que ela havia morrido.⁸⁴ Como ela residia em Novo Hamburgo, a prefeitura de Viamão não forneceria o caixão para seu traslado, nem a traria para cá. Era necessário que fôssemos buscá-la. Foi tudo muito confuso, pois eu ainda estava em licença maternidade. Enquanto ligavam para minha casa, também ligavam ao Conselho Tutelar. As informações desencontravam-se. A viatura do conselho (kombi) precisou levar um caixão até Viamão que pudessem trazê-la. Com as burocracias necessárias levou um dia pra isso acontecer. A mãe de Rose ligava-me informando que o hospital estava pressionando e que acabariam enterrando-a como indigente naquela cidade.

Dia 21, pelas 17 horas chegaram seus restos mortais em Novo Hamburgo. Ela havia morrido pelas 5 horas do dia 20.03. Foi colocada num caixão simples de madeira. Do hospital haviam informado que o caixão não poderia ser aberto pois ela estava muito inchada. Estávamos esperando numa capelinha existente dentro do cemitério municipal. Quase toda a família dela estava presente, menos o pai. Conheci o “Neguinho” rapaz com quem ela estava vivendo nos últimos tempos. Era um rapaz negro, pequeno, com um colar dourado no peito. Andava de um lado a outro, buscando gente, vendo o que era preciso fazer, como faria um marido responsável e consciente de seus deveres.

Quando ela chegou pensamos que era momento de enterrá-la pois já passavam mais de 24 horas que havia morrido. Mas não foi. Era preciso que a família tivesse uma autorização da prefeitura a fim de poder ser enterrada no cemitério sem pagar. Esta autorização precisava vir da Secretaria de Serviços Urbanos, mediante apresentação de um documento que comprovasse

⁸⁴ Uma semana depois seu companheiro foi assassinado na casa onde morava. Comentavam que ela veio buscá-lo.

residência na cidade. A família não possuía nenhum comprovante de residência (os pais não estavam morando aqui, as irmãs e irmãos moravam aqui, mas em favelas, que dificilmente possuem conta de água ou luz). Acabaram conseguindo resolver mais esse impasse, com alguém emprestando uma conta. Surgiu outro, até conseguirem liberação, as pessoas que trabalhavam no cemitério foram embora não podendo ocorrer o enterro.

Por estranhos acasos provocados por esses descaminhos burocráticos, que fazem lembrar a noção de sincronicidade junguiana⁸⁵, o enterro só aconteceu na manhã do dia 22. Assim o pai de Rose pode chegar a tempo de participar. Também foi possível que o pastor evangélico Hélio Pacheco pudesse realizar a cerimônia fúnebre, pois havia acabado de realizar outro enterro e estava passando casualmente pelo local onde Rose estava sendo enterrada. A presença casual desse pastor contemporizou o fato da família não ter providenciado um padre ou pastor para fazer a “reza” final. Talvez essa presença de ministros religiosos não faça parte da forma dos pobres urbanos cultuarem seus mortos.

Não há nenhum ritual codificado que ajude os que aí vão na última relação com aquele que perderam; a neutralidade do cenário não é propícia a expansões; o falso pudor e a obstinação em fugir da morte impedem ou limitam a expressão espontânea de um rito de adeus. E, no entanto, esses últimos contatos, palavras ou abraços seriam muito benéficos para o desenrolar do luto. (BAYARD, 1996, p.9).

Na tarde que esperávamos pelo *corpo* muitas/os amigas/os vieram. A turma da rua, a turma da “Boa Saúde”, a turma dos abrigos e escola Aberta, as famílias. Alguns choravam, outros corriam e brincavam. Outros desesperavam-se com a “perda” de alguém que há muito já não mais lhes pertencia. Eu também chorei pela Rose, tão linda, tão livre, tão gente. Chorei pela filha que perdi e pela adolescente que não teve oportunidade de mostrar suas poesias ao mundo.

Descrever a morte da Rose também é um processo de luto no qual me envolvo pessoalmente. Não é possível manter apenas a objetividade da narração, mas é necessário

85 Para BOLEN (1979, p.33) A sincronicidade requer um participante humano, pois é uma experiência subjetiva na qual a própria pessoa dá sentido à coincidência. O “significado” diferencia a sincronicidade de um evento sincrônico. Um evento sincrônico é qualquer coisa simultânea, eventos que ocorrem ao mesmo tempo. Os relógios são sincronizados, os aviões são programados para decolar ao mesmo tempo, muitas pessoas se encaminham para um mesmo auditório ao mesmo tempo, porém ninguém vê nada de significativo nessas “coincidências”. Contudo, na sincronicidade, a “coincidência” significativa acontece dentro do marco de um tempo subjetivo. A pessoa faz a ligação dos dois episódios, e não é preciso que sejam simultâneos, embora com frequência isso aconteça.

explicitar também a subjetividade da narradora. O luto faz sentido quando permite ao enlutado superar a melancolia provocada pela morte, remetendo o sujeito de volta para a vida que agora é vida nova, porque ela deve ser vivida com a presença da ausência provocada pela morte.

Essa dinâmica de superação da melancolia e de remessa para uma vida, agora renovada, é capaz de dar sentido para a morte da Rose. Absurdamente sua morte deu sentido à vida na qual Rose foi violentamente inserida e, ao mesmo tempo, inseriu-se com violência.

YARA - Março, então ela morreu antes que eu, que eu fiz a cirurgia! Antes que eu, eu, na minha cabeça eu tava preparada assim pra morrer. Eu só não queria era ter que ficar fazendo trezentos mil tentativas e não poder ser nem Yara viva nem Yara morta. Mas eu não tinha medo não. Não sei se hoje eu tenho. Mas eu não me detenho né. Mas eu me desiludi foi com a Rose sim, não com a Rose. A gente não conseguiu colocar, aproveitar os recursos. Com a Rose nós tínhamos recursos.

JOANA - Dai falaram que ela morreu de AIDS, e outros falaram que morreu de overdose. Mas pelo menos ela não morreu sozinha. Morreu ela e o filho dela.

MARIANA - Ela foi uma guria assim né, mas durou pouco só né, ela durou pouco porque ela aceitou. Que nem aquela vez que eu fui ver ela lá, meu Deus, foi a última vez que eu vi ela. Nem no velório e enterro eu fui, eu recém tinha acabado de ganhar o nenê né! E, eu perdi duas pessoas naquele mês, perdi ela e ...

FERA - Ah, morreu uma amiga da banda né tia, é a mesma coisa que morrer qualquer um amigo assim, o sentimento é que nem numa família assim, o cara conviveu né um tempão junto né, e... convivemos um tempo junto e depois a pessoa morrer! O cara se lembrar da pessoa. A pessoa tá lá morta e o cara tá vivo.

ZUÊRA - Mas daí... Quando eu voltei ainda ela tava na baia, fui lá na baia dela lá. Tava eu e o , tava o Neguinho, o cara que morreu, o Marido dela depois. Dai foi lá na baia dela, dai O Neguinho pediu pra mim trazer ela pro centro de novo. Por causa que ela ia morrer lá, já tava deitada na cama, assim bem malzona.... É, tá, é, é ela só ficava deitada falando, não se "alentava". Dai ela disse que não adiantava mais. Começou a dizer "ah Zuêra, agora não adianta mais, não adianta mais".

WILMA - ...Eu me lembro que foi assim. Pra mim foi um choque muito grande, quando eu soube que ela tava mal né. Até acho que foi tu que me falou, que me falou que ela tava mal. Eu achei que foi tão assim, tão rápida a evolução da doença dela, assim que nem a Leticia. Acho que foi tão rápida, eu não imaginava que tava assim nesse ponto. Eu sabia que a Rose tinha envolvimento com drogas, mas eu não avaliava que era tão sério.

YARA - E na Rose eu acreditei... E eu não sei assim, se teve a ver, se foi simultâneo né, a Rose morreu enquanto eu tava, na semana que eu fui (eu chego a me engasgar) eu fui operada. Eu não soube da morte dela, da Rose. Ela foi, ela fez, ela morreu enquanto no hospital, eu acho. Ai ninguém me contou. Quando eu perguntei pra Ghislaine no fórum, quando eu já tava com cabelo e tudo, eu encontrei a Ghislaine e perguntei "E a Rose hein?", e aí ela falou pra mim "é né, a gente não pode fazer nada!" Eu pensei, ela tá na FEBEM de novo. Eu disse, mas o que é que houve com ela?, "Mas tu não sabe? Ela morreu!" Ai eu falei "mas tá brincando, e a Neidi hein?" Sabe, porque daí veio tudo! Bah, mas eu fiquei muito, muito, muito ruim. E olha, vou te dizer assim ó, foi uma divisão, porque eu tava vendo a morte muito de perto. E quando tu tá dentro de uma batalha, tu não tem tempo de ter medo. Eu fiquei com medo depois. Então eu tava...o meu relacionamento com a morte não me assustava, eu só não sabia se tinha que me preparar pra morrer ou se eu ia viver e daí eu ia ter que me adaptar de novo.

Então eu tava confusa, não sabia pra que lado eu ia. Tava esperando, e uma coisa eu tive certeza, que a morte era melhor que a FEBEM. Fiquei parada naquele fórum, eu chorei lá no fórum, porque eu pensei, foi o melhor, eu não pude ajudar ela né, mas foi melhor que a FEBEM!

E também eu pensei quando eu soube da morte da Rose, é que eu tive oportunidade né, de, de novo aquela coisa, de ter a oportunidade de ter oportunidade ou de não ter. Eu tive oportunidade de ter amparo espiritual, emocional, eu fui pra terapia, eu fui pro Reinoldo, eu já tava com o Reinoldo. Meu Deus, todo mundo me trouxe livros pra ler, eu me informei do meu caso né, e... Então assim oh, eu pude ver a morte sem ignorância né? E sim como uma coisa que... mais de perto de mim do que sempre pensava, vamos dizer assim né? E, e a Rose não né?

ROSE

Como se pode falar de alguém cuja vida tenha saído dos padrões pré-estabelecidos por nossos conceitos de normalidade?

Pois o que são conceitos de normalidade?

Como podemos avaliar e quantificar os sentimentos e as maneiras de uma pessoa, em bloquear ou liberar seus sentimentos ou a falta deles?

A Rose tinha seus padrões e regras que só ela poderia explicar.

Como organizou estes sentimentos que muito foram torturados até chegarem onde chegaram?

Um olhar desconfiado e longínquo, reações fortes e decididas.

Uma dificuldade de relacionamento social e familiar, talvez por não ter tido aquilo que eu acho que é fundamental para desenvolvimento de um ser humano.

Assim como uma planta para chegar a dar frutos precisa de água, luz, adubo, etc.. Uma pessoa precisa amor cuidados básicos, limites, coisas essas que a Rose não recebeu.

Então como podemos esperar que vá dar algum fruto? Dificilmente se consegue que um pé de milho dê belas espigas se na fase de crescimento lhe faltar água.

Mas também não significa que ele não vá ter todo seu ciclo de vida.

Mesmo que sem dar algum fruto

E aí que chegamos a encruzilhada da vida, mesmo sabendo que em virtude de ter faltado tantos componentes para que a Rose desse frutos sociais é justo que não se cuide para que terminasse seu ciclo de vida mesmo sabendo que seria um ciclo improdutivo?

Acho que a Neidi tentou dar um sentido para ela mesmo que não fosse uma bela espiga. Mas a Rose não conseguiu viver essa vida, com essa perspectiva de não produzir.

NEI LUÍS FRIEDRICH, 12.97

12 - MORRER OU VIVER ONDE ESTÁ O SENTIDO

Então, Almitra falou, dizendo: "Gostaríamos de interrogar-te a respeito da Morte".

E êle disse:

Quereis conhecer o segrêdo da morte.

Mas como podereis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?

A coruja, cujos olhos, feitos para a noite, são velados ao dia, não pode descortinar o mistério da luz.

Se quereis realmente contemplar o espírito da morte, abri amplamente as portas de vosso coração ao corpo da vida.

Pois a vida e a morte são uma e a mesma coisa, como o rio e o mar são uma e a mesma coisa.

Na profundidade de vossas esperanças e aspirações dorme vosso silencioso conhecimento do além;

E como sementes sonhando sob a neve, assim vosso coração sonha com a primavera.

Confiai nos sonhos, pois nêles se ocultam as portas da eternidade.

Vosso temor da morte é semelhante ao temor do camponês quando se encontra diante do rei, e êste estende-lhe a mão em sinal de consideração.

O camponês não se regozija, apesar do seu temor, de receber as insignias do rei?

Contudo, não está êle mais atento ao seu temor do que à distinção recebida?

Pois, que é morrer senão expor-se, desnudo, aos ventos e dissolver-se no sol?

E que é cessar de respirar senão libertar o hálito de suas marés agitadas, a fim de que se levante e se expanda e procure a Deus livremente?

É sòmente quando beberdes do rio do silêncio que podereis realmente cantar.

É sòmente quando atingirdes o cume da montanha que começareis a subir.

É quando a terra reivindicar vossos membros que podereis verdadeiramente dançar." (GIBRAN 1973, p.78)

A morte está presente na vida de todos nós, apesar de sempre tentarmos fugir dela. Como diz um ditado popular "a única coisa certa na vida é a morte". Será que é certa mesmo? O homem é o único a ter verdadeiramente *consciência* da morte, o único a *saber* que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera. (RODRIGUES⁸⁶, 1983, p.18)

Apesar disso temos muito medo de morrer. Conscientemente lutamos para evitá-la. Tomamos remédios, fazemos ginástica, cuidamos da alimentação. A ciência cada vez mais

⁸⁶ José Carlos Rodrigues escreveu um livro Tabu da Morte, que traz a concepção da morte em diversos povos, culturas e em diferentes épocas. É um estudo antropológico.

avança na tentativa de evitar a morte, com tratamentos para velhice, transplantes, “clones”, etc. Mas por que alguns não se cuidam? Vivem perigosamente, usam drogas, correm riscos, alimentam-se mal, possuem um tipo de vida através do qual sabem que certamente serão levados à morte? Será que esses não se preocupam em morrer?

A gurizada de rua, faz tudo o que *não deve* ser feito para manter a vida. Alimenta-se mal, dorme ao relento, em locais abafados, utiliza drogas, não respeita um ritmo de vida *normal* com horas de sono e vigília. Mas qual o motivo que a faz viver assim? Será a crise da adolescência? Mas como, se encontramos adultos vivendo da mesma maneira? Se apenas poucos adolescentes vivem dessa forma?

CASSORLA; SMECKE (1997), fazendo uma análise psicanalítica do suicídio existente entre adolescentes, comenta sobre grupos que buscam sua autodestruição, mesmo que indiretamente como é o caso da gurizada de rua. Para eles:

Em situações nas quais não se encontram motivos para viver, em que o desespero e a ameaça de destruturação são imensos, podemos provocar nossa morte indiretamente. Estes dados não aparecerão nas estatísticas de suicídio, mas nas de homicídio. Caso não ocorra a morte, mas exista violência manifesta, engrossarão as estatísticas de tentativas de homicídio e de outras condutas violentas em que o indivíduo foi vítima. Mas não é possível que entrem nas estatísticas comportamentos que marcaram a violência: contaminação por AIDS, consciente ou semiconsciente, submissão a grupos destrutivos que usam álcool, drogas e/ou se colocam em situações de perigo, pessoas que não cuidam de sua saúde, que negam seus sintomas e não procuram tratamento, que não se tratam adequadamente, que se “matam” de tanto trabalhar, etc. (idem, p.88-89)

Pela pesquisa que realizei a respeito dos motivos que possuem para ficarem na rua, estão, entre outros, a violência, pobreza e negligência. No entanto, entre as milhares de pessoas que vivem nesta situação, apenas algumas poucas centenas preferem morar na rua. Falo em morar, não em trabalhar ou em esmolar. Morar, ser **de** rua. Através de tabelas, busquei demonstrar que o número de crianças e adolescentes que moram na rua, com todos os *vícios* que ela traz, é muito pequeno comparado ao total que está na rua. Em Novo Hamburgo, a pesquisa no centro revela 16,67% (CEAMEM, 1997), em todo o município dormem a noite na rua 5,6%; no estado 4,31% (Programa Piá 2000, 1996). Os números no país variam, ficando o total sempre abaixo de 20% da população que está na rua. O restante passa o dia na rua, retornando para suas casas à noite. E são estes 20% que sempre me intrigaram. Não existem propostas de atendimento, de trabalho, de alternativas que os convençam a mudar de vida. A rua é o seu espaço.

MARTIN DEL COLLADO, (1995), relata sua experiência em oito meses com crianças de rua na Praça da Sé em São Paulo, utilizando como referenciais teóricos Platão, Guatarri, Nietzsche, Delleuze. Utilizou como metáfora “Das Três Transmutações” escrita por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, da transformação do menino para camelo, de camelo para leão e novamente para menino, através da interferência do dragão. Ela conclui sua pesquisa entre frustrada e consciente das dificuldades de trabalhar com essa gurizada:

...Constatei que as forças que mantêm aquela situação eram maiores do que minha boa vontade, maiores do que pude provocar numa intervenção isolada e de pequena duração.

Tive de aceitar a frustração do meu desejo de transformar e abandonar o projeto de criar neles um novo modo de vida, aceitando a minha intervenção de seus limites. Isso não significou uma atitude de resignação, mas de entendimento do que pode e do que não pode determinado “corpo”, determinada ação no mundo...

...Usei como epígrafe inicial dessa dissertação uma citação de G. Simonton: “O instrumento é a ferramenta que transforma a percepção”; no entanto, a transformação se processou na minha percepção, e não na vida daquelas crianças. (idem, p.82)

Algumas/ns gurias/is de rua não possuem histórias tão complicadas que justificassem por si mesmas a permanência na rua. Alguns tiveram oportunidades para construir outras opções mas não quiseram deixar o espaço onde estavam. Por que? Seria a busca da morte uma resposta? Qual a ligação da morte com o fato de estarem na rua? Tudo! Na rua eles morrem mais rápido, pegam AIDS, são violentados, assassinados, adquirem doenças sexualmente transmissíveis, a droga danifica seus cérebros, os corpos se fragilizam ao extremo.

Será que *buscam* a morte? Talvez não busquem a *morte* conscientemente e sim a *vida*. Nas entrevistas tanto com educadores como com a gurizada, a vida sempre aparece, saem de casa pois esta representava prisão, sofrimento, dor. Vão para a rua buscando a liberdade, o vento, o sol, a lua e as estrelas. Mas também encontram o sofrimento e o medo.

Para o Grupo AXÉ, “a rua oferece às crianças uma vivência ambígua: perigo e atração, morte e liberdade, abandono e solidariedade, diversão e luta pela sobrevivência. Por constatar esta complexidade, o Axé concluiu que seria inviável qualquer proposta que não incluísse o sentido prazeroso e lúdico da rua”. (CBIA, UNICEF, TERRA NUOVA, 1992 p.90)

Quando perguntei a Mariana e a Joana por que usavam cocaína, se assim não seriam levadas mais rapidamente para a morte, elas responderam que sim, e que a **morte é um descanso**. Descanso da vida, da droga, da dor, do sofrimento, da falta de afeto, da falta de

respeito. É assim que parece, quando eles vão para o pó, a vida já perdeu o **sentido**, e aí só a morte terá **sentido**, por isso sua busca. *A morte é o atalho para o paraíso.*

N - O que é a morte, afinal?

J - É um descanso!

M - Ah, eu acho que é um descanso.

N - Descanso?

M - Mas eu não quero morrer tia, eu quero tá viva pra ver meu filho crescer!

N - Mas se vocês estão indo pra isso, será que vocês conseguirão ver os filhos crescerem?

J - Que nem o Camarão falou uma vez, "Mariana, para com isso, isso não tem futuro, pra ti não! Tu tem uma cabeça, tem uma cabeça bem tri, pra falar as coisas, para com isso! Não cabe, ainda bem que eu não fui a primeira a te picar, eu não teria coragem.

N - Mas vamos ver essa história, de vocês falarem que a morte é um descanso. Será que vocês estão querendo descansar?

M - Ah, eu tô tia! Já tô cansada dessa vida! (falou isso num tom irônico)

N - Então o pó vai ajudar vocês a chegarem mais rápido nesse descanso?

M - Vai, o próximo passo é o caixão!..

Na primeira entrevista que fiz com a Mariana, quando ela ainda dizia "morrer de medo de agulha" e por isto não "se picava" perguntei sobre as diversas mortes da gurizada de rua. Para ela, todos eles buscaram a morte, de diversas maneiras, desde "ficar chapado e cair no arroio", até "ir pra Boa Saúde" no meio dos traficantes:

N - E tu achas que se essa gurizada não tivesse na rua teria morrido desse jeito?

M - Qual tia?

N - Ah, esses todos que morreram, morreram na rua, na situação de viver na rua.

M - Ahã!

N - Então será que a rua não traz a morte mais rápido às vezes para alguns?

M - De repente né tia, eu não sei... De repente com quem eles se metem, eu acho assim né, Que nem o Marcinho, olha onde o Marcinho foi se meter né, na Brás, ele sabia que queriam pegar ele lá já, por causa da morte do finado Alceu. Os outros estavam embaixo da ponte lá, todos chapados, com o valão cheio, morreu, caíram na água e morreram afogados. Eles procuravam. A Rose também, a Rose tava legal, a senhora sabe né tia, ela tava legal quando tava morando lá né? Ela largou de lá pra se meter no meio das drogas lá né? A gente avisou ela. Antes dela ir pra lá eu pedi tia, eu pedi pra ela né. Eu pedi pra ela pra ela não ir pra lá, pra ela ficar conosco no centro... Mas ela não quis!

TEIXEIRA, (1996, p.50) escreve uma reportagem na Isto É, sobre uma morte, uma busca da morte: *O vôo da morte: A história de Capoeirinha, menina de rua que se jogou do prédio onde deveria estar segura e protegida.* Como intitula a revista, é uma *Cena Brasileira*. É, uma cena brasileira, uma adolescente de 16 anos jogando-se da altura do terceiro andar dentro do prédio do SOS Criança em São Paulo. Segundo o assessor da coordenação, ela estava fora de si. “Subiu no corrimão como quem se prepara para alçar vôo”, diz Luchesi.

Um vôo, vôo alto, vôo para baixo na busca de um vôo para cima, em outro espaço e em outro tempo. O repórter que faz a matéria afirma que “o rebelde sem causa acha que tem todos os motivos do mundo para se rebelar. É uma revolta metafísica contra um destino que ele não tem como alterar...” (idem, p.50). Se não for possível alterar o destino dessas centenas de adolescentes que vivem na rua, o que afinal estamos fazendo? Por que afinal estudamos, procuramos entender? Será que o destino já está traçado e é inexorável?

RODRIGUES (1983) analisa o suicídio como a busca da liberdade contra o poder. Para ele o interesse do poder pela vida dos homens é também apropriação da morte deles.

Poder algum admite a liberdade de suicídio. Vê nela uma afronta perigosa e intolerável: a vida e a morte do escravo pertencem ao senhor. Em toda parte onde exista a instituição penitenciária, um dos cuidados mais presentes é o de retirar dos prisioneiros todas as possibilidades de que se evadam de modo tão radical. É preciso que a morte seja controlada pelo poder e que seja dada por uma autoridade... (idem, p.107)

Continuando com o autor, ele afirma:

o que no suicídio mais provoca o poder é que este reconhece naquele uma manifestação de liberdade humana (grifo meu). Por esta razão, quando reconhece a um condenado uma certa dignidade, o poder pode conceder-lhe a “vantagem”, o privilégio” de executar-se a si mesmo, isto é, de suicidar-se. (RODRIGUES, p.108)

BRANDÃO (1995 p.174) analisa poeticamente os 500 anos de “civilização” branca, de dominação exercida sobre os índios, e a luta deles pela liberdade, citando um poema indígena:

Senhores nossos: dissestes que não conhecemos
 O senhor que está próximo e conosco,
 aquele de quem são os céus e a terra.
 Dissestes que nossos deuses não eram verdadeiros.
 É uma palavra nova esta que falais.
 Por causa dela estamos perturbados.
 Por causa dela nos molestamos.
 Porque nossos progenitores não costumavam falar assim.
 Eles nos deram as suas normas de vida.
 Eles honravam os deuses.
 Eles nos ensinaram todas as suas formas de cultos,
 todos os modos de honrar os deuses.
 Era a doutrina de nossos maiores
 que é pelos deuses que se vive.
 Eles nos mereceram.
 Com o seu sacrificio nos deram a vida.
 Eis que nós sabemos
 A quem se deve a vida,
 A quem se deve o nascer,
 a quem se deve o ser engendrado,
 a quem se deve o crescer,
 como se deve invocar,
 como se há de rogar.
 E agora, destruiremos nós a antiga regra de vida?
 Já é bastante que tenhamos sido derrotados,
 e que nos tenha sido impedido o nosso governo.
 Deixai-nos pois morrer,
 deixai-nos perecer agora,
 já que os nossos deuses morreram! (Memória nahuatl de la conquista parte final da fala dos
 sacerdotes astecas aos missionários espanhóis). (BRANDÃO, p.74)

Para o autor,

a súplica pela morte não é um gesto heróico de sacrificio. É um gesto lógico de reconhecimento do fim de um ciclo cultural da história, já que não é mais possível aos astecas, conquistados, prosseguirem a observância da “antiga regra de vida”, de que a religião é o principal corpus de significações e de preceitos. Não sendo mais possível viver como um asteca, não é ainda e talvez não seja possível viver como um espanhol. Por outro lado, não se tem uma religião mas se é de ou se é uma religião, tornada uma identidade de um modo próprio de vida através da individualização da experiência de uma fé. (BRANDÃO, p.175)

Assim como os astecas, os incas, hoje ainda vemos povos indígenas suicidando-se por viverem em miséria, com a natureza sendo depredada, sem **sentido** (CASSORLA; SMECKE 1997). A busca de um fim, ou será de um começo? Afinal, que **sentido** pode haver a vida quando nada mais faz **sentido**? O suicídio só é encontrado entre os humanos, e é uma tentativa mais ou menos institucionalizada, segundo as culturas, de solucionar situações contraditórias que estas culturas oferecem a seus membros. “O suicídio está constantemente disponível aos seres humanos: contrapoder, a desafiar o poder.” (RODRIGUES, 1983 p.109).

CASSORLA; SMECKE (1997) fala dos soldados que vão para guerra, dos heróis, que lutam sabendo que o fim pode estar próximo. Também RODRIGUES (1983 p.106) fala dos kamikases do Japão, que iam para a morte tranquilamente “não eram apenas soldados especialmente condicionados ao sacrifício. Eles representavam um dado cultural amplamente presente nos meios militares japoneses: sistematicamente se recusavam a tomar prisioneiros, a servir a outro senhor.” E, se formos buscar na história de alguns santos, também aparece a busca da morte, como a busca do paraíso, como a busca de ficar perto daquele que deu sentido para toda sua vida. Como a história de Teresa de Lisieux, considerada a santa mais nova da Igreja Católica. Nos últimos séculos, nenhum santo tem merecido um culto comparável ao dela. Durante sua curta vida - nasceu em 1872, entrou para o convento carmelita aos quinze anos, e morreu de tuberculose galopante aos vinte e quatro (GÖRRES, 1961). Com 7 anos já falava de seu desejo de estar “no céu”:

...Quando Monsieur Martin pescava e ela ficava silenciosa a seu lado, contemplando as nuvens, a água e as flores, ouvindo o murmúrio do vento e os ecos da música marcial que vinha da cidade, o seu coração não se inundava do prazer profundo da infância, mas de uma melancolia suave, inquieta e quase de adolescente: “Os meus pensamentos costumavam tornar-se nessa altura muito profundos, e, a pensar de não me lembrar do que ocupava o meu pensamento, a minha alma estava realmente imersa em oração... A terra parecia-me um lugar de exílio e eu sonhava com o Céu” (idem, p.304)

Quando começa a sentir a manifestação da doença, em vez de entristecer-se ou buscar a cura, esconde a doença e alegra-se:

Os primeiros sintomas da doença desencadearam uma tempestade de verdadeiro júbilo no seu coração temerário. A descrição dessa noite de Sexta-feira Santa, apesar de feita mais de um ano depois, reflecte ainda um pouco da alegria que ela sentiu. Não se encontram vestígios de medo, nenhum receio da ameaça que pairava sobre o seu corpo, nada a não ser uma alegria sem limites por estar próximo o momento de voltar a casa. Parece quase incrível, mas este sentimento deve ter sido a sua única reacção à descoberta do mal. “O meu coração quase rebentou de alegria... Querida Madre, eu estava cheia de esperança, convencida de que o meu amado, no aniversário de sua morte, me fazia a sua primeira chamada - um murmúrio distante - , anunciando-me a sua aproximação. Assisti à Prima e ao Capítulo com muito fervor, e depois corri a ajoelhar-me diante de si e a contar-lhe a minha felicidade... A esperança de em breve entrar no Céu arrebatava-me de alegria”.

Não se tratava de voltar as costas à vida; ou de uma renúncia ao desejo de viver, mas de um anseio quase extático pela vida nova e eterna por que sempre ansiara e que agora sentia tangivelmente perto. Durante alguns dias sentiu-se arrebatada por essa onda de emoção que a tornava totalmente insensível aos males físicos. “A minha fé era tão forte e intensa que a idéia do Céu tornava-me altamente feliz. Parecia-me impossível que houvesse pessoas tão perversas que não tivessem fé; não podiam ser sinceras ao negarem a existência do outro mundo”. (idem, p.368-369)

Comparando a história de Santa Tereza, que através da mortificação busca o paraíso, o céu, o estar com Deus, a gurizada de rua talvez busque o mesmo paraíso mortificando-se com a droga, com a violência, com o desafeto. Para Santa Tereza

... "Aqui na terra não desejo libertar-me do sofrimento, porque o sofrimento e o amor são tudo o que ainda me parece desejável neste vale de lágrimas".

A resolução de sofrer em "resgate de amor", de espiar, participando na paixão de Cristo, é um elemento fundamental da vocação carmelita. Com a intenção de realizar este objectivo, gerações e gerações de carmelitas afadigaram-se a inventar e a praticar mortificações voluntárias. Também aqui Teresa, a "criança", descobriu um novo e espantoso caminho..." "Eu quero sofrer, e mesmo sentir alegria por amor, porque esta é a maneira de espalhar flores. Nunca encontrarei nenhuma flor, que não a colha logo para a ir desfolhar junto de ti. E ao mesmo tempo, cantarei, sim, cantarei, mesmo quando colher as rosas no meio de espinhos. E quanto maiores e mais aguçados forem os espinhos, mais suave será a minha canção..." (GÖRRES, 1961 p.304)

RODRIGUES (1983, p.105), ao discutir a relação poder/morte, aborda a forma como o poder se apropria da morte construindo mártires e heróis e definindo modelos de morrer. "Mártires e heróis não temem a morte: fazem dom de suas vidas à comunidade e nela sobreviverão. Heróis e mártires fizeram a história e com suas mortes fizeram ou mantiveram a vida do poder. Neles, a presença do grupo venceu o medo da morte." Para CASSORLA; SMECKE (1997, p.89) esses grupos não se diferenciam quanto a busca da morte, direta ou indiretamente: "meninos e jovens de rua que enfrentam a polícia, policiais que enfrentam criminosos, gangues rivais que se digladiam são os equivalentes aos soldados que vão para a guerra..."

Mas a gurizada não teme a morte, a não ser quando ela é violenta

M - Pra quem vive assim tia, que nem nós, basta tá vivo pra tá morto. A gente não sabe por aí, se a gente vai... anoitecer e a gente não sabe se vai amanhecer né! A gente tem que tá preparada pra tudo. Ainda mais nós, que tem muita gente que não gosta de nós? às vezes a gente nem faz as coisas mas dizem que é a gente né! Acontece um assalto na esquina foi a gurizada da praça, né! às vezes nem é a gente, mas é a gente que anda aí pela banda e eles acham que foi a gente né? Por isso que a gente tem que tá preparada pra isso. Eu não tenho medo de morrer.

CAPRA (1988) em suas conversas com algumas *figuras notáveis*, aborda o tema da morte. E o faz de uma maneira magnífica. Conversou com um médico, Carl Simonton, que há alguns anos vem trabalhando e pesquisando com pacientes cancerosos, diz que um dos grandes problemas com o câncer, é supormos que as pessoas que morrem de câncer não querem morrer desse modo, que elas estão morrendo contra a sua vontade. CAPRA admira-se com a afirmação e diz pensar que as pessoas em geral simplesmente não querem morrer. Ao que Simonton continua:

É nisso que fomos ensinados a acreditar, mas não partilho dessa crença. Acredito que todos nós queremos viver e morrer em maior ou menor grau conforme o dia. Neste momento, a parte de mim que quer viver é razoavelmente dominante e a parte de mim que quer morrer é relativamente pequena.

Mas há sempre uma parte de nós que quer morrer?

Creio que sim. Na verdade, porém dizer que quero morrer não tem sentido para mim, o que tem sentido é dizer que quero escapar, que quero me esquivar de certas responsabilidades, e assim por diante. O que acontece é que quando não há outra maneira de escapar, a morte - ou, pelo menos, a doença - torna-se muito mais aceitável (idem, p.155)

Para a gurizada de rua que não possui mais nada além de sua vida, tirá-la vai contra todo o poder que a sociedade exerce sobre eles. A sociedade por mais que queira não consegue evitar que eles busquem sua morte. E aí penso que eles estão transgredindo *as leis de dominação*, estão buscando a liberdade.

Esta manipulação da própria vida/própria morte é um meio de gerir as contradições em que o poder coloca os indivíduos, ou em que os indivíduos se colocam em virtude das contradições do poder. Mas é também um meio pelo qual os indivíduos manipulam o poder e o enfrentam: ameaçando eliminar a matéria-objeto sobre a qual ele se aplica e se exerce e, no caso extremo, criando senhores sem súditos, aniquilando o poder em sua base. É esta dimensão de liberdade da coragem do suicídio que está na raiz da rebeldia das comunidades que preferiram a morte à submissão, seja pelo suicídio coletivo, seja pela derrota diante do inimigo, seja pela vitória libertadora. (RODRIGUES, 1983, P.110-111)

Para (MORIN, 1970, p. 47) “o suicídio, ruptura suprema, é a reconciliação suprema, desesperada com o mundo”. Ele acredita que quando o suicídio se manifesta, não somente a sociedade não conseguiu expulsar a morte, não somente não conseguiu dar o gosto pela vida ao indivíduo, como também está vencida, negada; nada pode contra a morte do homem.

A afirmação individual obtém a sua vitória extrema, que é simultaneamente catástrofe irremediável. Assim, quando a individualidade se liberta de todos os seus liames, quando surge só e fulgurante, a morte, não menos só e não menos fulgurante ergue-se como o seu sol. (idem, p.47)

Mas para buscar a morte é preciso acreditar que exista algo melhor do que a vida, que exista um paraíso, ou um simples *descanso*. ARIÈS (1982, p.630) cita uma pesquisa feita por Gorer, em 1963, onde os entrevistados conversam com os mortos, pedindo conselhos. Um dos entrevistados falou sobre o paraíso: “o paraíso é um lugar onde já não se tem preocupações e onde reveremos parentes e amigos”. Joana também disse que “Rose deve estar no céu, ela e o seu filho”. Existe um céu, existe um paraíso.

Diversos autores e pesquisadores estão refletindo sobre o que existe depois da morte. Após dois séculos de escuridão sobre o tema (que antes fazia parte do conhecimento humano), parece que agora, lentamente, começa a ser importante novamente, mas ainda é um assunto escondido, temido, como afirma MORSE; PERRY, (1992)

Na verdade foi somente nos últimos duzentos anos (e então principalmente na civilização ocidental) que a crença no depois foi abandonada como sendo "não científica". A ciência agora é a nossa religião. A engenharia genética e os transplantes de coração são a nossa esperança na vida eterna. A vida após a morte é considerada como um assunto que não é digno da investigação científica. Quando a ciência volta o seu foco de atenção para ela está em geral tentando desiludi-la.

Como podemos esquecer o conhecimento dos povos antigos? O que transpirou que estas verdades cósmicas consideradas pelos nossos ancestrais são agora amplamente esquecidas ou ridicularizadas? Como os médicos pararam de observar e de ouvir? (idem, p.78)

Simonton, na conversa com CAPRA, (1988, p.154) afirma que a morte é vista como um fim na medicina, não precisa ser estudada, aprofundada. CAPRA reconhece que essa era outra consequência da cisão cartesiana entre mente e matéria, "que levou os cientistas médicos a se concentrar exclusivamente nos aspectos físicos da saúde e a negligenciar tudo o que pertencesse ao domínio mental e espiritual". Simonton concorda com CAPRA e afirma que "a medicina é supostamente, uma ciência objetiva. Ela evita juízos morais e esquiva-se de questões filosóficas e existenciais. No entanto, como não lida com essas questões, a medicina sugere que elas não são importantes".

MIRANDA (1996, p.179) analisa o que, para ele, é a vida, como apenas um estágio intermediário, um período de aprendizado:

vida aqui é apenas um estágio de aprendizado e trabalho, etapa de um ciclo evolutivo, como os diferentes níveis de ensino das escolas que freqüentamos. À medida que vamos sendo aprovados em testes, sabatinas, exames vagos, escritos e orais, vestibulares, mestrado ou doutorado, vamos seguindo em frente, rumo a novos patamares. Um dia será o da "formatura", espécie de colação de grau de cósmicas dimensões, a partir da qual não mais teremos de voltar ao que, na conhecida prece católica, se chama de "vale de lágrimas"... A caminhada prosseguirá daí em diante, mas não mais estaremos atados, de tempos em tempos, a um corpo físico que nos impõe tantas limitações, a fim de que possamos realizar esse longuíssimo curso, em que aprendemos o ABC da vida.

MARTINS (1983, p. 9) na introdução do livro que organiza: A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira, afirma que a morte revela a concepção da vida. "Uma sociedade para a qual a morte já não tem **sentido**, é também uma sociedade, como dizia Weber, que perdeu o **sentido** da vida. Estamos vivendo esse momento, de perda, de falta de **sentido**. Já não sabemos mais o que é a morte, porque já não sabemos com clareza o que é a vida."

Se considerarmos a vida uma passagem, a morte nada mais é do que uma porta que nos separa de uma outra dimensão. Hoje já podemos falar de dimensões, de passagens, porque a física respalda estes conceitos. Ainda estamos muito ligados a mitos religiosos que nos dizem que após a morte não existe nada, até o momento em que Cristo virá nos resgatar. Mas não

fica claro como e quando dar-se-á este momento. Poderíamos pensar que seria bom morrer, pois ficaríamos aguardando a vinda dele. Mas sabemos que não é assim que acontece. A maioria das pessoas possui um apego doentio a vida, fazendo com que não aceitem a morte.

Mesmo na Igreja Católica, encontramos textos falando sobre o assunto, como BOFF (1976, p.34): “Descortina-se dentro da vida humana uma chance única na qual o homem, pela primeira vez, nasce totalmente ou acaba de nascer: na morte.” Mesmo considerando a morte um renascimento, mesmo acompanhando os funerais onde padres e pastores falam e rezam que agora o *falecido* está junto de Deus, mesmo assim, ninguém deseja morrer (ou será que a gurizada de rua deseja?)

A MORTE se apresenta como a situação por excelência privilegiada da vida, na qual o homem irrompe numa inteira maturação espiritual, onde a inteligência, a vontade, a sensibilidade e a liberdade podem, pela primeira vez, ser exercidas em sua plena espontaneidade, sem os condicionamentos exteriores e as limitações inerentes à nossa situação-no-mundo. Só agora se dá, também pela primeira vez, a possibilidade de uma decisão totalmente livre que exprima o homem todo inteiro diante de Deus, dos outros e do cosmos.”(BOFF, 1976, p.46)

KUBLER-ROSS (1987) em seu livro *Sobre a morte e o morrer*, relata a experiência de 20 anos com pessoas moribundas, isto é, que estavam a beira da morte ou desenganadas, entrevistando-as. Já em outro livro *A morte: um amanhecer*(1997) fala das Experiências de Quase Morte (EQM) e outras experiências pessoais. O primeiro livro (1987) não fez nenhuma referência a experiências fora do corpo ou algo parecido. Naquele trabalhou as etapas que a pessoa passa quando fica sabendo que possui uma doença incurável. Começou a se preocupar com a vida após a morte, pelos anos 60 quando surgiram questões em relação ao transplante. Segundo a autora, nos últimos dez anos, mas de 25 mil casos foram catalogados no mundo todo.

Neste último livro, anos depois, ela coloca experiências depois da morte, pesquisas que estão sendo feitas nesse campo e como não é mais possível dizer que isso não acontece. Estudaram vinte mil casos de pessoas ao redor do mundo que, depois de terem sido declaradas clinicamente mortas, voltaram a viver.

...Mais da metade dos nossos casos são de morte súbita, portanto sem nenhuma possibilidade de que os pacientes tivessem preparado ou antecipado a experiência..(KUBLER ROSS, 1997, p.64)

Ela acredita que estamos num novo tempo, mais espiritual:

Há muito tempo, o contato com pessoas com o assunto morte era muito maior, e elas acreditavam no céu e na vida após a morte. Foi apenas nas últimas centenas de anos, talvez, que pouco a pouco as pessoas começaram realmente a tomar conhecimento de que há vida após a morte do corpo físico. Estamos agora em uma nova era e “felizmente” saímos da era da ciência, da tecnologia e do materialismo para uma nova era de genuíno e autêntico espiritualismo. Não se trata de religiosidade mas, ao contrário, de espiritualidade. Espiritualidade é a consciência da existência de algo maior do que nós, de um Ser que criou este universo, criou a vida e a consciência de que somos uma autêntica, importante e significativa parte dele e que podemos contribuir para a própria evolução. (KUBLER ROSS, 1997, p.55)

Assim como Kubler-Ross que muda sua maneira de encarar a morte, após longos anos de experiências com moribundos, também um pediatra que acompanha crianças que tiveram EQM: MORSE; PERRY (1992). Todas as experiências relatadas pelas crianças em sua pesquisa traziam o mesmo conteúdo: passagem por um túnel, chegada em um espaço maravilhoso, com muita luz, muita paz, entre seres maravilhosos.⁸⁷

CAPRA (1988, p.54-55) fala de como a física começou a transformar-se:

Quando os físicos começaram a explorar os fenômenos atômicos no início do século, ficou-lhes dolorosamente claro que todos os conceitos e teorias que usamos para descrever a natureza são limitados. Por causa das limitações essenciais da mente racional, temos de aceitar o fato de que, nas palavras de Heisenberg, “toda palavra ou conceito, por mais claros que possam parecer, possuem apenas uma gama limitada de aplicabilidade”. As teorias científicas jamais poderão oferecer uma descrição completa e definitiva da realidade. Serão sempre aproximações da verdadeira natureza das coisas. Em palavras mais duras, os cientistas não lidam com a verdade, lidam com descrições limitadas e aproximadas da realidade.

O autor citado acima, entrevistou também Stanislav Grof e R. D. Laing, (CAPRA, 1988, p.77) ambos psiquiatras, formados na tradição psicanalítica e pensadores brilhantes e originais, que, segundo CAPRA, transcenderam em muito o âmbito freudiano, “modificando de maneira radical as fronteiras conceituais de sua disciplina”. Os dois partilham um profundo interesse pela espiritualidade oriental e um fascínio pelos níveis “transpessoais” da consciência, revelando um grande respeito mútuo pelo trabalho do outro.

⁸⁷ Interessante observar que as experiências relatadas pelo pediatra são com crianças que dificilmente teriam condições de inventar muitos detalhes do que passaram. Talvez também pela idade, todas as experiências foram boas. Já num artigo publicado pela revista Planeta, sobre o assunto, No Limiar da Morte, de Elsie Dubugras, são relatadas algumas experiências muito negativas estudadas por pesquisadores. Margot Grey, autora do livro *Return from Death* estudando casos observados na Inglaterra, cita algumas pessoas que passaram por EQM (ou NDE - *Near-Death Experience* - “Experiência do Limiar da Morte”) onde a experiência não foi nada positiva. Transitaram por lugares tão alarmantes que, ao voltarem, tentavam esquecer a experiência”. Segundo a autora, os suicidas geralmente passam por experiências negativas.

A cartografia de Grof abrange três domínios principais: o domínio das experiências "psicodinâmicas", que envolvem uma complexa revitalização das memórias emocionalmente relevantes de vários períodos da vida de uma pessoa; o domínio das experiências "perinatais" relacionadas aos fenômenos biológicos envolvidos no processo de nascimento; e todo um espectro de experiências que vão além dos limites individuais e transcendem as limitações do tempo e do espaço, para as quais Grof cunhou o termo "transpessoais". (CAPRA, 1988, p.82)

Para Grof as mudanças em relação a visão do mundo começam no nível perinatal. Considera como o aspecto mais marcante no domínio perinatal, a íntima relação entre a experiência de nascer e morrer.

O encontro com o sofrimento, a luta e o esforço, e o aniquilamento de todos os pontos de referência anteriores durante o processo de nascimento, são tão próximos da experiência de morte que todo o processo pode ser visto como uma experiência de morte e renascimento. O nível perinatal é aquele tanto do nascimento como da morte. É o domínio de experiências existenciais que exercem uma influência crucial sobre a vida mental e emocional e a visão de mundo de um indivíduo. (idem, p.86)

Segundo Grof é aí muitas vezes se dá a mudança radical em relação a visão de mundo:

Quando as pessoas se defrontam vivencialmente com a morte e com a impermanência de tudo", prosseguiu Grof, "não raro começam a ver todas as suas atuais estratégias de vida como falsas e errôneas, passando a acreditar que a totalidade de suas percepções é algum tipo de ilusão básica. O encontro vivencial com a morte muitas vezes representa uma verdadeira crise existencial, que força as pessoas a reexaminar o significado de sua vida e os valores pelos quais vivem. Ambições mundanas, motivações competitivas, busca de status, poder e bens materiais tendem a se desvanecer quando são vistas dentro do contexto da morte potencialmente iminente."

"E o que acontece então?"

"Bem, desse processo de morte e renascimento surge a sensação de que a vida é mudança constante, um processo, e que não tem sentido apegar-se a quaisquer metas ou conceitos específicos. As pessoas começam a sentir que a única coisa sensata a fazer é concentrarem-se na própria mudança, que é o único aspecto constante da existência."

"Pois essa é exatamente a base do budismo. Ao ouvi-lo descrever tais experiências, fico com a sensação de que há nelas uma qualidade espiritual."

"Tem razão. O processo completo de morte e renascimento sempre representa uma abertura espiritual. As pessoas que passam por essa experiência invariavelmente são levadas a apreciar a dimensão espiritual da existência como algo demasiado importante, e até mesmo fundamental. Ao mesmo tempo, sua imagem do universo físico muda. Elas perdem o sentimento de que as coisas são separadas; deixam de conceber a matéria como sólida e começam a pensar em padrões de energia." (idem, p.87)

CAPRA (1988, p.90) conclui então que a espiritualidade, ou o espírito humano poderiam ser definidos como o modo de consciência em que nos sentimos unidos ao cosmos como um todo tornando evidente que a consciência ecológica é espiritual em sua essência mais profunda. "E portanto não é de causar surpresa que a nova visão de realidade que vem

surgindo com a física moderna, uma visão holística e ecológica, esteja em harmonia com as concepções das tradições espirituais.”

Para MORSE; PERRY, (1992, p.24)

Diante de nossa insistência em que o método científico é o único meio pelo qual qualquer coisa pode ser conhecida, as portas da percepção se fecham, a sabedoria do Oriente nos é negada e nosso mundo interior torna-se unilateral. Oriente e Ocidente são duas partes de um todo, representam os dois aspectos interiores de cada indivíduo, seja homem ou mulher. A cisão psicológica precisa ser curada por uma união interior, permitindo o fluxo entre os hemisférios esquerdo e direito, entre o lado científico e o espiritual, entre o masculino e o feminino, entre o yin e o yang..

Também modificou sua forma de ver a morte e a vida, o psiquiatra ortodoxo, Brian L. WEISS (1991), que viu-se a frente com regressões de uma paciente a vidas passadas, embora não acreditasse nisso. Ele sempre fora muito céptico a teorias de vidas passadas. Após o contato com a paciente mudou sua opinião. Também este livro traz a experiência da morte como algo bom, um momento maravilhoso. O autor chega a relatar esta mudança de pensamento:

*No início, eu não tinha consciência da razão de estar mudando tanto. Sabia que estava mais calmo e paciente e os outros me diziam que eu parecia tranqüilo, mais descansado e feliz. Eu tinha mais esperança, alegria, objetivos e satisfação na vida. Percebi que estava perdendo o medo da morte. Não temia mais a minha própria morte ou a não-existência. Tinha menos medo de perder os outros, mesmo sabendo que iria sentir falta deles. **Como é poderoso o medo da morte** (grifo meu) As pessoas chegam a extremos para evitá-lo: crises de meia-idade, casos com pessoas mais jovens, cirurgias plásticas, ginástica obsessiva, acúmulo de bens materiais, filhos para continuarem o nome, esforço para ficarem cada vez mais jovens e daí por diante. Ficamos tão preocupados com nossas próprias mortes que esquecemos o verdadeiro objetivo de nossas vidas. (WEISS, p.54)*

DROUOT (1996, p.243) físico doutorado pela Universidade Columbia de Nova York, pesquisador da natureza da consciência humana, considerado o maior especialista mundial em Regressão a vidas passadas, afirma que nos Estados Unidos, realizam-se perto de 1.500 seminários por ano sobre a arte de morrer, provando que são cada vez mais numerosas as pessoas que se preocupam com esse tema. Para ele o “nascimento e morte são dois fenômenos idênticos. O fato de deixar este mundo representa um nascimento no outro. Morrendo, tornamo-nos ‘recém-nascidos’”

Relata em seu livro, que em meados dos anos 70, Pierre Weil propôs uma classificação muito interessantes dos diferentes parâmetros da experiência cósmica, que se encontram em todos os estados especiais de vigília, qualquer que seja a forma sob a qual eles se manifestam, entre os quais:

...- O desaparecimento do medo da morte: *Nos estados alterados de consciência, a vida é percebida como eterna e a existência física, como transitória. O medo da morte desaparece então, assim que os pacientes tomam consciência de sua capacidade de viver sob uma forma diferente, sem ter consciência de seu corpo físico e de receber percepções bem mais relevantes que as que nos transmitem habitualmente os nossos cinco sentidos. Esse parâmetro é quase constante. (WEIL, 1991, p.151)*

- A mudança de comportamento e dos sistemas de valores: *Muitas vezes, esse tipo de experiência detona, no paciente, uma mudança radical em sua apreciação de valores como a beleza, a bondade, a verdade. O Ter é substituído pelo Ser (grifo meu) (idem, p.152)*

... Assim, sobre o fenômeno da reencarnação e sobre o conceito das vidas anteriores, muitas descobertas têm sido efetuadas, mas pouca informação circula. De qualquer modo, um movimento cada vez mais importante ocorre na compreensão e análise desse conceito. Embora o ser humano pareça apresentar uma capacidade inata para as experiências situadas além do universo dos cinco sentidos, nunca antes uma tal capacidade foi explorada por tão expressivo contingente de pessoas. (idem, p.174)

- A matéria é feita de energia, e a energia não pode morrer. Somos feitos de energia, logo não podemos morrer... (idem, p.207)

MIRANDA (1996) relata uma pesquisa feita por uma psicóloga americana, com PhD - Helen Wambach (do livro *Life before life*). Ela promovia regressões de memória à fase pré-natal e colhia depoimentos vivos. Através desta pesquisa, tanto ela quanto o autor do livro, chegaram a conclusão “Nascer é que é o problema, e não morrer”.

Como se depreende de tudo isso, nascer ainda constitui, para a maioria, uma espécie de provação, mais um dever do que um prazer. Morrer, ao contrário, é um processo de libertação, quanto ao confinamento na carne. (idem, p.46)

Vivemos num mundo ocidental, que cultua a vida, esta é preciosa demais, precisa ser cuidada. É preciso acumularmos bens para as gerações futuras. O *ter* e o *ser*.

O que acompanhamos, através do trabalho com a gurizada, é que não existe uma preocupação com o *ter*. Elas/os não *têm* roupas da moda, não *têm* dinheiro, não *têm* carro, não *têm* casa. Será que por isso elas/es não *são* consideradas/os como cidadãs/ãos?

BRANDÃO (1995, p.214) refere um testemunho filmado de alguns índios descendentes dos maias, na Guatemala. encontrado nos depoimentos de Eduardo Galeano que dizem ser perseguidos pelo exército, e explicam da seguinte maneira por que são mortos: “Nos matam porque trabalhamos juntos, comemos juntos, vivemos juntos, sonhamos juntos” (Tomado de Eduardo Galeano, “Descobrir nuestra identidad en nuestra história”)...

Tirar as terras, convencer os índios a se integrarem no modo individualizado de vida da sociedade moderna, convertê-los à religião que pretende tornar consagrada e consagradora esta vida, são diferentes maneiras - muitas vezes combinadas - de fazer a mesma coisa, em vários planos: proibir o outro de prosseguir a experiência de sua própria vida. Impedi-lo de seguir realizando como uma cultura diferente o projeto humano da resistência à uniformidade massacrante. É claro que existem componentes na vida indígena que ameaçam mesmo a ordem da sociedade moderna. Eles a questionam radicalmente. Eles apontam para outras possibilidades de convivência, baseadas na não-acumulação, na vida comunitária, na reciprocidade. Fundadas também em um relacionamento despojado demais diante da natureza. Cristãos demais para não serem ameaçadores. (BRANDÃO, 1995, p.214

Talvez por causa desta visão do *ter* e o *ser* a gurizada diferencia-se tanto de nós a ponto de fazer-me pensar que possuam uma cultura própria, cultura da rua, comparando-os aos grupos indígenas, que possuem sua própria especificidade. Também poderíamos compará-los aos *hippies*. CAPRA (1988, p.17) que participou dos movimentos na década de 60 afirma que estes tiveram forte influência em sua vida:

...Eram chamados de "hippies sujos" pelo status quo, mas referiam-se a si mesmos como the beautiful people. Insatisfeitos com um tipo de educação que visava preparar os jovens para uma sociedade que eles haviam rejeitado, muitos hippies abandonaram o sistema educacional por completo, embora fossem com frequência muito talentosos. Essa subcultura era imediatamente identificável e bastante unida. Tinha seus próprios rituais, sua música, sua poesia, sua literatura, um fascínio comum pela espiritualidade e pelo ocultismo e a visão de uma sociedade cheia de beleza e paz partilhada por todos. O rock e as drogas psicodélicas eram elos poderosos entre os membros da cultura hippie, e influenciaram intensamente sua arte e seu estilo de vida.

No depoimento de Cláudia T. Magni ela relaciona essa não preocupação com o *ter*, à efemeridade da vida que levam

N - Mas como é que tu achas que eles encaram a morte?

C - Eu acho que tem, bom, ... eu percebi na relação com as coisas, com os bens materiais, é uma relação muito efêmera. Desde o momento que tu não tem um lugar pra preservar as coisas pra acumular, tu não pode, tu tens que se desprender, é obrigado a desprender. Então essa relação não é uma opção, mas é uma contingência. A partir do momento que tu não tem espaço aonde preservar as coisas, onde acumular, teu desapego é obrigatoriamente muito maior. E eu acho que a relação com o corpo também é assim. Torna uma relação efêmera. Então essa coisa da transitoriedade das coisas, dos espaços, das relações talvez seja transposta também pra relação com a vida. Então é a transitoriedade, eles tem mais consciência. Todos nós estamos aqui de passagem, mas acho que eles tem isso mais apurado, mais consciente de que a vida é efêmera, ela passa. E isso acho que é uma coisa que a gente deveria aprender com eles, é uma das coisas.

Apesar de todas as pesquisas no campo mais espiritual, com a morte tendo um sentido, bem como a vida, a sociedade ocidental insiste em transformá-la, esquecê-la. O apego a vida e aos bens materiais é muito forte, impedindo, muitas vezes, as pessoas de buscarem um entendimento melhor para o que existe ao seu redor. DROUOT (1996, p.86) afirma que:

Para os materialistas, com efeito, a morte assinala o fim inelutável da vida: o materialista se identifica com seu corpo físico. Para ele quando seu corpo morre, "ele" morre. Seu "eu" é seu corpo físico. Inversamente, aqueles que tentam experiências de viagens no passado e revivem sua morte voltam de lá aliviados de um peso imenso. Assim, as regressões nas vidas passadas apaguem o medo da morte como os traumatismos associados às vidas precedentes. (DROUOT, 1996)

Para ARIÈS (1982, p.613) partir da metade do séc. XIX a morte começa a *mudar*. É o que chama de *imagem invertida*, o negativo. "A sociedade expulsou a morte, salvo a dos homens de Estado. Nada mais anuncia ter acontecido alguma coisa na cidade: o antigo carro mortuário negro e prateado transformou-se numa limusine banal cinza, que passa despercebida no fluxo da circulação..."

A morte já não causa medo apenas por causa de sua negatividade absoluta, provoca náuseas como qualquer espetáculo repugnante. Torna-se inconveniente como os atos biológicos do homem, as secreções do corpo. É indecente torná-la pública. Já não se tolera deixar entrar qualquer um no quarto com cheiro de urina, suor, gangrena, ou com lençóis sujos. É preciso impedir o acesso, exceto a alguns íntimos capazes de vencer o nojo, e aos que prestam serviços. Uma nova imagem da morte está se formando: a morte feia e escondida, e escondida por ser feia e suja. (idem, p.622)

A partir de 1950, não é mais em casa que o moribundo terminará seus dias, e sim no hospital, com todo o *cuidado e assepsia* necessários a um bom final. "O hospital é, daí em diante, o único local onde a morte pode certamente escapar a uma publicidade - ou o que dela resta - , considerada, portanto, uma inconveniência mórbida. Eis por que o hospital se torna o local da morte solitária." (idem, p.624)

O homem não tem mais direito de saber sobre sua morte, transformou-se em objeto dela, é um ator de uma farsa da qual todos se sentem beneficiados e que todos fingem não conhecer. A morte no hospital está de acordo com a ideologia da higiene e da decomposição da instituição familiar. O hospital é o asilo a proteger a família da doença e da morte, a proteger o doente das pressões emocionais de sua família, a proteger a sociedade da publicidade da morte. (RODRIGUES, 1983, p.189-190)

Para MORIN (1970) o horror da morte deve-se a *perda da individualidade*, mas aparece como a dor do funeral, o terror da decomposição do cadáver, a obsessão da morte.

Só sentiremos a dor se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida. Quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, "único", mais a dor é violenta; não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anônimo, que não era "insubstituível". (idem, p.31)

Além de ficar escondida, a morte também não pode ser chorada, desabafada, cultuada. É até admitido algum desabafo, mas deverá ser secreto. Se o enlutado insistir em demonstrar sua dor, poderá ser excluído como louco. (ARIÈS, 1982, p.632). Além de não poder chorar pelo morto, o enlutado sofrerá um isolamento em seu ambiente, as pessoas o evitam, o telefone não toca. (idem, p. 633)

A sociedade assim definiu a morte, assim esconde-a, mas as conseqüências deste ato social são muito nefastas aos indivíduos que precisam reprimir sentimentos e dores. ARIÈS (p.634) afirma que os psicólogos logo alertaram para esse problema. A sociedade considera o luto mórbido, mas para os psicólogos “é a repressão do luto que é mórbida e causa morbidez”.

RODRIGUES (1983, p.185) também faz referência a essa mudança em relação a morte. Para ele, esta transformação, que considera revolucionária, consiste no seguinte: “a morte que sempre foi *tudo* (sempre foi considerada absolutamente importante pela sociedade e pelos indivíduos), agora começa a ser olhada com aparente indiferença, desaparece do mundo do dia-a-dia, está em vias de tornar-se *nada*”.

O autor acima, que faz um estudo antropológico sobre o Tabu da Morte, afirma que a morte será sempre uma *transformação*. “Todavia, uma imagem nova da morte está aparecendo entre nós, característica provavelmente exclusiva de nossa civilização: a morte é um *desaparecimento*.”(idem, p.42)

Destraindo a idéia de morte, o(s) poder (es) do Ocidente erigem a vida em (falso) valor supremo e decretam a biografia individual como padrão de avaliação definitivo. Pela porta aberta do banimento da noção da morte e da postulação de que tudo é vida, o Ocidente inventa a morte verdadeira, o precipício definitivo, o não-tempo, o não-lugar, o não-pensamento, a não-lembrança... Se a morte não existe, se só existe vida, como o Ocidente quer fazer crer a seus membros, toda a ação Ocidental sobre o mundo passa como sendo produção de vida, criação e progresso: seu caráter arrasadoramente destrutivo poderá passar despercebido, a sociedade de “consumação” e destruição poderá esconder-se atrás do mito da sociedade de consumo, de conservação e de “progresso”.

O mito ocidental de conservação da vida, de a-mortalidade, de imortalidade, contém em si a Morte: o irreversível vazio que estamos em vias de produzir. (idem, p.207)

Perguntando para a gurizada sobre as mortes, e quantos já morreram desde que eles estão na rua, a Mariana respondeu⁸⁸:

N- E tu lembrás, quem morreu?

⁸⁸ No Anexo 8 estão entrevistadas com outras/os educadoras/es sobre o que pensam da vida e da morte da gurizada.

M- Morreu o *finado*⁸⁹ Alceu,

N- Foi como mesmo?

M- O *finado* Alceu foi ... eles estavam discutindo, o Marcinho e o *finado* Alceu, a história eu não sei direito né, disseram que eles estavam muito chapados e estavam brigando por causa de um boné, sei lá, uma coisa assim, daí...ele... o Marcinho deu uma punhalada no *finado* Alceu, e acertou direto no coração, daí ele morreu, morreu nos braços do Miguel.

N- E quem mais morreu?

M- Morreu, morreu também o *finado* Nenê, aquele que morreu embaixo da ponte ali,... Quem mais, ... o Eritochi...

N- E como foi que morreu esse?

M- Esse, ele ganhava ataque epiléptico, ele dormia sempre embaixo da ponte e naquele tempo chovia de montão, e ele caiu na água, ele ganhou um ataque epiléptico, caiu na água e morreu afogado. Deixa eu ver quem mais, morreu o, o, o Miqûim de overdose, conheceu o Miqûim?

N- Acha que sim,

M- Lá do "Tavinho"

N- Ahã.

M- Morreu ele também

N- O Marquinhos, te lembra do Marquinhos?

M- O Marquinhos também morreu, o Marquinhos, agora morreu o Marcinho.

N- Ahá, e a Rose!

M- É, e a Rose.

O Livro da Sabedoria da Bíblia, reúne textos populares, ditos, ensinamentos e lições de vida dos camponeses e não é considerado um livro de produção sacerdotal. Assim como os escribas

⁸⁹ A guriçada de rua costuma referir-se aos mortos sempre utilizando o termo "finado" na frente, talvez deva-se ao fato também de haver essa separação entre os que já foram e os que estão aqui. Mas notei sempre muito respeito na utilização desse termo. RODRIGUES, (1983, p.88-89) afirma que é preciso ter cuidado entre as trocas dos mortos com os vivos. "Um dos cuidados relaciona-se a não permitir que o morto fale. São tentativas de silenciar o silêncio através do silêncio. Na Nova Guiné, modificam-se os nomes de objetos que de alguma forma se pareçam com o nome do defunto, [...] entre os Guahiro quando um indivíduo morre, os outros estão proibidos de pronunciar seu nome... Compreende-se: se o nome está associado àquele que o porta, se é uma parte constitutiva da identidade social da pessoa, e se a palavra, como disse Roland Barthes, é o 'antônimo rigoroso da morte' - pronunciar o nome de um morto é, além de uma forma de entrar em contato com ele, um meio de torná-lo vivo, ou ainda, o que pode ser mais grave, um meio de evocá-lo..."

relataram o saber popular sobre a morte, assim também eu, como uma escriba, procuro relatar o que a gurizada pensa sobre o tema. "A sabedoria era popular, mas também *erudita*, já que podia ser aprendida na escola "(CHARPENTIER, 1986, p.123)

A morte prematura dos justos

O justo, embora morra cedo, acha repouso.

A velhice venerável não é a que é dada por longos dias, nem se mede pelo número dos anos:

inteligência vale por cabelos brancos, vida sem mancha vale vida longa.

Agradou a Deus e este o amou; como vivia entre pecadores, foi transferido.

Foi retirado para que a malícia não alterasse sua inteligência, nem a fraude seduzisse sua alma, o turbilhão da paixão arruína um espírito.

Pois o fascínio do mal obscurece o bem, o turbilhão da paixão arruína o espírito sem malícia.

Chegado em breve tempo à perdição, ele completou uma longa carreira;

sua alma era agradável ao Senhor, que se apressou em tirá-lo dentre os maus.

O povo vê isto sem entender, não lhes corre ao pensamento

que graça e misericórdia são para seus eleitos, e que ele cuida dos seus santos.

O justo que morre condena os ímpios que vivem; mocidade logo consumada, longa velhice do injusto.

Eles vêem o fim do sábio, mas sem compreender os planos do Senhor sobre ele, nem por que ele o pôs a salvo.

Vê-lo-ão e não farão caso, mas o Senhor se rirá deles;

depois, serão um cadáver sem honra e objeto de riso para sempre entre os mortos.

O senhor os despedaçará e os precipitará, mudos, de cabeça para baixo.

Abalá-los-á até os fundamentos, serão destruídos, até o último; estarão na dor e sua lembrança perecerá.

E quando se estabelecer a conta de seus pecados, eles virão cheios de pavor, e seus crimes, diante deles, os acusarão.

O justo erguer-se-á então com grande firmeza diante daqueles que o oprimiram e desprezaram suas fadigas.

À sua vista, serão tomados de violento pavor, admirar-se-ão de vê-lo inesperadamente salvo;

dirão uns aos outros, cheios de remorso, gemendo de angústia:

"Eis aquele de quem outrora zombávamos, o alvo dos nossos ultrajes, nós, insensatos! Julgamos sua vida como loucura, e infame o seu fim.

Como pois foi contado entre os filhos de Deus e como partilha a sorte dos santos?

Sim, nós erramos, longe da verdade; não brilhou para nós a luz da justiça, para nós o sol não nasceu.

Saciamo-nos dos caminhos da iniquidade e da perdição, atravessamos desertos impraticáveis, mas o caminho do Senhor não o conhecemos!

Que proveito nos trouxe o orgulho, de que nos serviu a ostentação da riqueza?

Tudo aquilo passou como sombra, como um boato fugaz,

como o navio que sulca a água ondulante e não deixa o rastro da sua passagem, nem a esteira da sua quilha nas ondas;

ou como ave voando nos ares, sem deixar vestígios do seu percurso: a leve aura, fustigada pelas penas e fendida pelo vigoroso embate das ligeiras asas; depois, não se vê sinal da sua passagem.

Ou como a flecha atirada ao alvo: o ar rasgado logo volta ao seu lugar e ignora-se o rumo que tomou.

Assim nós, apenas nascidos, desaparecemos e não podemos mostrar nenhum sinal de virtude, pois nós nos consumimos na nossa malícia".

Sim, a esperança do ímpio é como pluma ao vento, como a leve espuma espalhada pelo temporal; como fumaça ela se dispersa ao vento, e se apaga como a lembrança do hóspede de um dia. (BÍBLIA, 1994, p.698)

12.1 - Tempo de Viver e de Morrer

ORAÇÃO AO TEMPO

(Caetano Veloso)

És um senhor tão bonito,
 quanto a cara do meu filho,
 Tempo, tempo, tempo, tempo,
 Vou te fazer um pedido,
 Tempo, tempo, tempo, tempo...
 Compositor de destinos,
 Tambor de todos os ritmos, Tempo, tempo, tempo, tempo
 Entro num acordo contigo, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Por seres tão inventivo,
 E pareceres contínuo, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 És um dos deuses mais lindos, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Que seja ainda mais vivo,
 No som do meu estribilho TTTT
 Ouve bem o que te digo, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Peça-te o prazer legítimo
 E o movimento preciso, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Quando o tempo for propício, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 De modo que o meu espírito
 Ganhe um brilho definido, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 E eu espalhe benefícios, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 O que usaremos pra isso
 Fica guardado em sigilo, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Apenas contigo e migo, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 E quando eu tiver saído
 Para fora do teu círculo, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Não serei nem terás sido, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Ainda assim acredito
 Ser possível reunirmo-nos, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Num outro nível de vínculo, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Portanto peço-te aquilo
 E te ofereço elogios, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO
 Nas rimas do meu estilo, TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO

Com uma nova dimensão de vida e morte, é preciso pensar também numa nova dimensão do tempo. Já foi muito discutido, em todas as pesquisas sobre gurizada de rua, que ela não se preocupa com o tempo. A vida é efêmera, como diz Cláudia Magni. MOFFAT (psicólogo argentino), numa palestra que fez na cidade (1993) falava que o *problema* de trabalhar com a gurizada era que viviam só o presente, e que deveríamos buscar, com ela, projetos para o futuro. Num artigo que escreve (1991), afirma:

Para dar una idea del sentimiento de presentidad fáctica (vivir sólo el presente, un mundo construido sólo desde la acción concreta) vamos a comentar una frase muy común entre los chicos de la calle: 'yo ya estoy jugado...' en el sentido de estar tirados los dados y cayeron mal, algo así como 'ya estoy muerto', como el de vivir un sobretiempo, una sobrevida sin otro sentido que el que dá cada instante. Y también agregan cuando ya tienen conflictos con la policía (imposible no tenerlos viviendo en la calle) 'yo sigo hasta que me bajen...' es decir, hasta que lo maten, donde el chico no siente angustia anticipatoria, porque no hay futuro.

É interessante pensar hoje, se - de fato - é um “problema” o fato deles não possuírem projetos, viverem o presente tão intensamente. CRAIDY (1996, p.34) também argumenta na sua tese como diferença dos meninos de rua para os de gangue e infratores, o fato deles não terem projetos para o futuro. **Tempo, tempo.** Nós precisamos pensar no futuro, o que seremos, nossos sonhos, utopias. ALVES (1987) em *Estórias de quem gosta de ensinar*, questiona sobre a educação dos filhos, sobre os projetos para o futuro. O que fazer quando o filho tem leucemia, com pouco tempo de vida. Quando li novamente esta pequena história, lembrei-me dos guris, da Casa Aberta, que nossas combinações e programas giravam no que fazer no próximo fim-de-semana.

No trabalho apresentado por MAZZOTTI (1997) na ANPED, sobre representações sociais em relação à gurizada de rua, entrevistando diferentes grupos sociais, ela afirma que

os educadores sociais dizem que os “meninos de rua” vivem apenas o presente: para eles o que vale é o “aqui e agora”, não fazem planos nem têm perspectivas. Alguns dos entrevistados interpretaram essa atitude como uma defesa decorrente da consciência de que a “morte ronda o seu dia-a-dia”.(s.p.)

Na pesquisa realizada por FERREIRA, (1979, p.88), um dos trabalhos pioneiros sobre a gurizada de rua apresenta-se a questão do tempo como imediatismo da gurizada:

...só é possível viver o presente da forma como ele se apresenta enquanto o passado serve apenas como acúmulo de experiência para defender-se. E não há como e porque solidarizar-se com o outro, uma vez que cada um deve ser capaz de cuidar de si, já que as situações-limite como a prisão, a tortura e a morte devem ser enfrentadas completamente só.

O médico DOSSEY (1996, p.23), num artigo sobre a Medicina do Amanhã. escreve:

Se analisarmos minuciosamente de onde realmente provém a ansiedade, observaremos que a ansiedade última - nosso medo da morte - depende de nossa noção de tempo linear.

No tempo não-linear, a morte é um conceito de muito pouco significado. Não há como falar seriamente sobre desígnios tais como a morte em um tempo que não flui, por não ser possível estabelecer delimitações definitivas como no tempo linear. Portanto, se a ansiedade, que é baseada em um conceito linear de tempo, nos torna enfermos, podemos perguntar se uma experiência de tempo não linear nos torna ou não saudáveis.

O tempo linear é o tempo da experiência do dia-a-dia, o tempo que segmentamos em passado, presente e futuro. Do ponto de vista experimental, trata-se da noção de que o tempo flui, de que há um tempo real externo que se move e que forma uma tela de fundo contra a qual, e na qual, os acontecimentos da vida ocorrem e se fixam. Implícito nesta idéia está o medo de que o fluxo deste rio de tempo nos carregue corrente abaixo e nos arremesse inexoravelmente para a extinção - um modelo de tempo obviamente atemorizador e ameaçador. As principais razões pelas quais discordo deste modelo são, como disse o físico e matemático britânico P.C.W. Davies, o fato de que nunca houve qualquer experiência física que demonstrasse o fluxo do tempo e, ainda, o de que os representantes mais sensíveis de nossa espécie, os místicos, falem em uníssono, nos registros escritos, sobre uma experiência de tempo infinito e não-linear. Às suas observações podemos acrescentar as da mais exata ciência dentre todas, a física moderna, que também fala de um tempo que não flui, um tempo não-linear. Os físicos nos falam que as coisas não acontecem, elas simplesmente são. E, mesmo que possa não existir unanimidade sobre de qual tempo se trata realmente na física, não parece provável que venha a adotar, algum dia, a antiga e clássica idéia de que o tempo é uma substância externa que flui.

CAPRA (1988 p.36-37) também revela como foi modificando sua maneira de pensar, após diversas pesquisas:

Dois avanços distintos em meu estudo levaram-me a esse entendimento. De um lado, as relações conceituais que eu estudara mostravam uma impressionante consistência interna. Quanto mais áreas eu explorava, com mais consistência surgiam os paralelos. Por exemplo, na teoria da relatividade, a unificação do espaço e do tempo e o caráter dinâmico dos fenômenos subatômicos têm uma estreita relação entre si. Einstein reconheceu que espaço e tempo não são entidades distintas; estão intimamente ligados e formam um continuum quadridimensional: espaço-tempo. Conseqüências diretas dessa unificação espaço-tempo são o fato de haver equivalência entre massa e energia e também de as partículas subatômicas precisarem ser compreendidas como padrões dinâmicos, como eventos e não como objetos. No budismo, a situação é muito semelhante. O budismo maaiana fala da interpenetração entre espaço e tempo - uma expressão perfeita para descrever o espaço-tempo da teoria da relatividade - e diz que quando percebemos o espaço e o tempo interpenetrando-se, os objetos aparecem como eventos, e não como coisas ou substâncias. Esse tipo de consistência me tocou fundo e surgiu repetidamente ao longo de minha exploração.

Na entrevista com a antropóloga Cláudia T. Magni, ela reflete sobre alguns momentos em que a gurizada modificava a sua noção de tempo, fazendo algum projeto, como no caso do livro que publicaram:

C - É, eu tenho uma concepção mais teórica e tenho alguns exemplos que relativizam um pouco essa minha concepção teórica. Assim, o fato de ter rolado esse livro "Letras na rua", de ter partido deles, deles terem pensado em escrever, isso era um projeto de futuro. E não era qualquer projeto. Era a idéia de permanecer, de permanecer através da escrita, através de um livro. Coisa que também me admirava muito, porque a priori, cultura escrita não está presente pra eles não tem uma importância maior. E a forma como eles estavam querendo ser lembrados, serem preservados, porque eles tinham consciência dessa efemeridade deles, dessa coisa de como eles iam passar, como a turma ia passar, a forma que eles escolheram era através da escrita, e através da imprensa escrita. Então isso era uma coisa que me admirava muito. Então meio que relativiza essa idéia de bom, que eles não tem uma perspectiva de futuro, não tem projetos e tal. Eu até perguntei isso pra eles, essa mesma história, quando eu conheci vocês, aconteceu isso, isso me ajudou muito pois todo mundo diz que vocês têm uma relação muito presenteísta, (claro que não foram esses termos) e isso me ajudou muito. Então eu queria saber se vocês tem outros projetos, agora. Bom, o André e o Riquinho estão inscritos num curso de informática, eles estavam irradiantes que vão começar um curso de informática. Pô, isso também é muito admirável. E a passagem pra virtualidade, não está mais trabalhando com o texto escrito, com a página impressa, mas está trabalhando com o instrumento virtual, com o instrumento de ponta, entende. Então isso aí eu acho bem interessante. E isso contradizia as minhas concepções teóricas, mas mesmo assim, eu acho que não anula essa concepção que está dentro desta teoria anomálica. A idéia de que o nômade ele não tem uma relação temporal muito forte, mas ele tem uma relação espacial super forte. Então ele se orienta super bem no espaço, e essa coisa do tempo já é mais, mais limitada, Mas tu vai pensar essa idéia de espaço e de tempo, são concepções absolutamente nossas, absolutamente sedentárias inclusive, porque não são coisas separadas, né, isso aí se forma com a sedentarização. O Larosa também trabalha com essa idéia, de que a revolução maior não foi a domesticação, a revolução maior da sedentarização não foi a domesticação das plantas e dos animais, mas foi a domesticação do tempo e do espaço, a delimitação dessas idéias como coisas separadas. E não são coisas separadas. Mesmo na idade média, tu não perguntava qual era a distância daqui pra Caxias do Sul, ou melhor como é que tu respondia essa pergunta qual é a distância daqui a Caxias do Sul? Ah, são três dias de viagem.

N - Não era por quilômetro.

C - Não era por quilômetro. A coisa do tempo que prevalece sobre a idéia do espaço. É a partir do momento em que o sedentário começa a domesticar a natureza e isso inclui também a idéia do tempo e do espaço, é que ele começa ter uma produção maior, uma acumulação maior começa, quer dizer, a acumulação propicia a formação de classes, de extratos sociais, e, propicia a formação de um estado. E começa a haver a necessidade de disciplinar o tempo, de disciplinar o trabalho. E como disciplina o trabalho, através do disciplinamento do tempo. Então quando a gente coloca essas questões a gente geralmente não se questiona essas coisas. Ah, mas de onde vem nossa concepção de tempo e espaço?'

BOLEN (1997, p.108), é uma analista junguiana, membro do corpo docente do Instituto C.G. Jung de São Francisco, Califórnia. Ela afirma que os acontecimentos coincidentes da vida não são sem sentido nem isolados e, sim, evidências de que fazemos parte da unicidade do universo. A Sincronicidade é o *Tao*⁹⁰ da Psicologia, pois liga o indivíduo à totalidade. Pode-se dizer que os eventos coincidentes significativos não explicáveis racionalmente, são sincronísticos. Ela discute a questão do tempo linear e não linear. Para tanto enfoca experiências sobre precognição, acreditando que o tempo linear não deixa de ser uma ilusão. Para ela, essas experiências sustentam a possibilidade de que o tempo é eternamente presente.

Apesar de normalmente vivermos a vida só no presente, a precognição implica que o presente e o futuro podem existir simultaneamente. Até agora a pesquisa da telepatia não denota nenhuma diminuição de habilidade à distância, de modo que o espaço, da forma como o medimos, é descartado como uma barreira....

Ela acredita ser necessário seguir o caminho interior do *Tao* pois os caminhos que costumamos seguir, exigem que empreguemos um certo tempo da programação de horários controlados, rotinas enfadonhas que preenchem a nossa vida e nos deixam interiormente vazios. Para ela, “somente o caminho do *Tao* exige que paremos para pensar e para efetuar uma renovação espiritual, ao viajarmos através da vida. A renovação espiritual, a nutrição emocional, o acesso a uma fonte interior, a sensação de sereno com a natureza ou estar em contato com o *Tao* ocorrem durante períodos em que nossa sensação de tempo se altera em relação à nossa mentalidade usual de vigilância ao relógio.

Temos uma só palavra para designar o tempo; os gregos tinham duas palavras, cada uma descrevendo a diferença na vivência e na qualidade do tempo. Um era kronos, o tempo como normalmente “o observamos”, o tempo medido ao passar. É a nossa vida programada, quando devemos chegar ao trabalho, quando ocorrem os nossos encontros marcados, o tempo pelo qual temos de responder: o Tempo-Pai. O segundo, kairos, era muito diferente. Mais do que um tempo medido, é a participação no tempo; o tempo que nos envolve de tal maneira que o perdemos de vista; o tempo atemporal, os momentos em que o relógio pára; um tempo que nutre, que renova, que é mais maternal. O tempo kairos ocorre quando estamos relaxados, de papo para o ar, ao sol, quando o tempo parece ter-se ampliado amoldando-se às nossas necessidades. Ele ocorre quando estamos totalmente concentrados naquilo que estamos fazendo. Acompanha sempre momentos de significado emocional ou espiritual - o tempo em que nos sentimos “unos-com” mais do que separados do Self, do Tao, do amor que nos interliga aos outros. (BOLEN, 1997, p.121-122)

⁹⁰TAO - Caminho, pleno de sentido. Está num nível totalmente distinto de tudo quanto pertence ao mundo dos fenômenos. É anterior ao céu e à terra; não é possível dizer de onde vem; é anterior ao próprio Deus... É o princípio do céu e da terra, isto é da existência espacial e temporal...(Lao-Tzu, 1997, p. 129)

O tempo para a gurizada não importa, sempre é hora. Sempre tem tempo. Nós é que nunca temos tempo. Eles já estão no caminho do Tao, nós ainda estamos procurando, buscando sem sabermos onde.

Para BOLEN (1997, p.129) Jesus, em seu mistério, pronunciou um sermão sobre o reino de Deus, exortando as pessoas a buscarem esse mais alto valor, que mesmo assim está ao alcance; é possível atingi-lo.

O reino de Deus foi interpretado como uma metáfora para expressar a possibilidade de uma experiência direta de um Deus que ama, eterno. Nos ensinamentos de Jesus sobre "as aves do céu" e sobre os "lírios do campo", parece-me que ele está dizendo que a sincronicidade providenciará os meios materiais, se primeiro se procurar o Reino de Deus. (Mateus 6:26-33 - olhai os lírios do campo)"

13 - EDUCAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DA VIDA

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida)...
(MELO NETO, 1967, p.74)

- Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria
- Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
- Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia
- Ou como o caderno novo
quando a gente o principia-
- E belo porque com o novo
todo o velho contagia.
- Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
- Infecciona a miséria
com vida nova e sadia
- Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria.
(idem, p.114)

Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga.

É difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,

ela, a vida, a respondeu
 com sua presença viva;
 e não há melhor resposta
 que o espetáculo da vida:
 vê-la desfiar seu fio,
 que também se chama vida,
 ver a fábrica que ela mesma,
 teimosamente, se fabrica,
 vê-la brotar como há pouco
 em nova vida explodida;
 mesmo quando é assim pequena
 a explosão, como a ocorrida;
 mesmo quando é uma explosão
 como a que há pouco, franzina;
 mesmo quando é a explosão
 de uma vida severina.
 (MELO NETO, 1967, p.115)

Começar um capítulo com Morte e Vida Severina. Qual o **sentido**? Justamente o **sentido**. Que **sentido** tem a rua, que **sentido** tem a vida, que **sentido** tem a morte? Vivemos numa vida com **sentidos** ou sem eles. Jon Uazpurua⁹¹, numa palestra realizada na Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, dizia que todo mundo busca a felicidade, nossa luta é pela felicidade. Ele apresenta os novos paradigmas e defende a Ecologia da vida, da sociedade. “O destino do homem não é o sofrimento, o destino da sociedade não é a tragédia. Esta visão deve ser rechaçada. O homem busca a felicidade e é contrário a evolução e é contrário a Deus, quem diz o inverso. As injustiças sociais não são produtos do mundo e sim do homem e ele precisa modificá-las”. E o que fazemos nós, além de também lutarmos por sermos felizes? E só conseguiremos nosso intento se essa felicidade tiver um **sentido**.

O *Tao* Eterno também implica o sentido de um caminho como modo de vida, de caminhar pela vida com uma percepção consciente de ser parte de um universo divinamente pulsante. É um modo de ser, um *tao* que reconhece o *Tao*. (BOLEN, 1997. p.116)

⁹¹ Palestra proferida dia 25.08.97, na aula inaugural da disciplina Processos de Significação do Ser humano na cultura e natureza: uma abordagem semiótica, desenvolvida pela professora Dinorá Fraga da Silva. A disciplina está dentro de uma linha de pesquisa no pós-graduação que busca estudar os novos paradigmas, uma nova ciência ecológica integrando o homem com o cosmos. O palestrante é psicólogo, economista, diretor da Escola de Psicologia da Universidade de Caracas e presidente da Confederação Espírita Pan-americana.

O que se sabe intuitivamente através da experiência do Tao é que não somos criaturas solitárias, isoladas, insignificantes e sem sentido, evoluindo por acaso a partir do lixo orgânico, num ponto minúsculo dentro da amplidão do cosmo. Em vez disso, a experiência do Tao nos confere o direito de saber que estamos interligados a todos os outros e ao universo por aquilo que é a base de tudo e que denominamos Deus. Os eventos sincronísticos são vislumbres do interior dessa unidade subjacente cujo significado é transmitido por uma coincidência mágica. O elo invisível nos impulsiona e o evento sincronístico nos diz que não estamos sós. (BOLEN, 1997 p.128)

A busca do paraíso, pode ser aqui, nesta nossa terra, e é preciso descobri-lo. Talvez alguns já o tenham conseguido. Não precisaram morrer para encontrá-lo. Infelizmente muitos não conseguem achá-lo sem a passagem para o outro lado. Estes que encontraram, talvez fosse através do nascimento. Afinal, o nascer é o oposto do morrer, ou melhor, é o complemento do morrer. Viver, um novo e morrer, também um novo. Talvez este seja o caminho, assim como Severino encontrou consolo na natividade.

Quando a gurizada vai pra rua, buscam um **sentido** neste ir. Sabem dos riscos que correm, dos perigos, das agressões. Mas sabem também que na rua são livres, podem caminhar, correr, brincar. E isso faz **sentido**. Segundo o dicionário do Aurélio, **sentido** tanto pode ser pesaroso, triste, magoado, em princípio de putrefação. Mas também é *propósito, objetivo, acepção, pensamento, direção e rumo*. (FERREIRA, 1979, p.437)

Quando perguntei para a gurizada nas entrevistas, por que saíram da rua, ou por que saíram de casa, encontrei buscas de um sentido.

Joana - É, eles acham que eu não estou ganhando muito dinheiro, mas se eu não fizer isso, eu não vou ganhar nada, vai ser pior ainda. Eu estou fazendo isso por causa do meu nenê. Por mim eu não estaria aqui.

J - Preocupada eu tô! As vezes eu até fico no mocó..., às vezes eu converso com a Mariana, até, até choro a noite toda por causa do guri! Mas não...o que é que eu posso fazer? Voltar pra casa pra encher o saco de novo eu não vou voltar! Mas eu sinto um monte de falta dele.

N - Como é que foi a tua volta pra rua?

J - Muito revoltada, eu estava afim de, se eu não conseguir meu nenê de voltar, daí a coisa vai mudar!

N - O que é que vai mudar?

J - Uê, vou começar com tudo as drogas de novo!

N - Do que depende pra tu ganhares teu nenê de volta?

J - Só depende de um serviço!

N - Então depende de ti?

*J - É, um serviço, e ajuntar um dinheiro, pra botar tudo no banco, até conseguir **um dinheirinho legal**, e dá pra fazer, e começar, e dá pra fazer uma casinha.*

J - Eu se não conseguir meu filho de volta acho que vou ficar morrendo por aí!

A Joana quando estava em casa, trabalhava na oficina de bolachas pensando no Carlos (o filho), mesmo sabendo que o dinheiro que receberia não seria muito e a família iria reclamar. Mas era o que tinha a fazer no momento. Depois quando vai para a rua, diz sentir muita falta mas não tem o que fazer, pois prefere ficar longe dele do que “encher o saco” de novo.

Mariana - Porque hoje eu tenho um filho, né tia, e eu tenho que pensar nisso porque ele é a única coisa que eu tenho. Hoje eu já penso melhor. Por que eu não tenho que pensar só em mim, eu tenho que pensar nele. E apesar de tudo eu penso no Miguel também, mas... Eu penso mais no meu filho. Que agora eu não posso ficar assim... atirada, não posso fazer o que eu fazia antes. Porque eu tenho meu filho agora pra cuidar.

N - Então tu achas que o filho foi o motivo que fez tu mudar teu pensamento?

M - É, foi. Meu filho foi o que fez mudar o pensamento, do que eu queria ser, eu gostava... Sempre quando alguém perguntava pra mim o que é que tu és, eu dizia eu sou uma menina de rua. Eu gostava de dizer que eu sou uma menina de rua. Era, eu sou ainda. Eu nunca tive vergonha de ser uma menina de rua. Porque a gente é tudo unido né. Como eu sou os outros são também. Sei lá... Nunca tive vergonha de ser uma menina de rua.

N - Ahã!...

M - E daí nós sempre se demos bem. Eu não sei, depois, de um tempo pra cá depois, eu comecei a culpar ele (Miguel), o fato dele ter morrido por causa dele, comecei a culpar ele. Quando eu ganhei o Márcio ele não estava comigo no hospital. E daí comecei a culpar ele, sei lá, daí começaram as brigas. Eu deixei de gostar dele, aí ele começou a beber, e começou a trabalhar, tudo bem. Daí chegaram as férias dele, fazia dois anos que ele estava na firma. Daí ele foi trabalhar no lixão, daí lá no lixão só tem bêbado também, e aí ele começou a beber e a loquear, daí eu larguei ele...

N - Daí ele voltou pra rua?

M - Daí ele voltou pra rua, quando eu larguei dele ele voltou pra rua. Daí um pouco depois ele ficou com a Rafaela, um pouco depois ele levou o acidente, aí ele começou a me incomodar, me incomodar, dizendo que ia me matar, daí eu fui embora... Daí agora eu me ajitei legal lá, e daí eu vim buscar o guri! E ele disse que vai voltar pra rua de novo. Eu levando o Rafael ele não tem porque ficar em casa. E ele vai voltar pra rua de novo!

M - Daí depois né, tia, depois que o guri nasceu, o guri morreu, daí, bah, foi uma coisa. O Miguel pensou em voltar pra rua, eu pensei em voltar pra rua, também né. Porque nós só tínhamos ido pra casa por causa do nenê. E nós já tínhamos perdido ele né. Daí nós peguemos e, daí a mãe pediu pra mim não voltar, pra mim não voltar pra rua, que eu tinha perdido aquele, mas podia ter outro. Daí fiquei. Quando eu fiquei grávida, o Rafael, eu não queria o Rafael, de jeito nenhum, o que eu queria tinha morrido. Eu não queria o Rafael, nunca quis aceitar. Até há pouco tempo eu não aceitava o Rafael, agora que eu estou começando a aceitar o Rafael. Isso eu digo, agora que eu estou começando a amar o meu filho! Porque eu vi que não adianta né, o outro não vai voltar.

M - E agora eu vi sabe tia, que quando eu perdi o Márcio, todo mundo dizia, ah, morreu este mas vem outro no lugar! Daí eu fiquei grávida do Rafael, e eu não aceitava isso. Não, ele veio pra tomar o lugar, porque eu nunca aceitei a perda do meu filho, nunca, e nunca vou aceitar não. E daí eu não queria ele, até os sete meses eu dava soco na barriga pra matar ele, tomei um monte de coisa pra matar ele, porque eu não queria ele. Ganhei ele tudo, mas, fiquei com ele até os sete meses, fiquei com ele até larga, os sete meses, até baixar o hospital e quase morreu. Mas não é mesma coisa se fosse o outro. Mas mesmo assim, eu não peguei amor ainda, por isso eu deixei ele. Mas daí agora eu vi né, não adianta, o outro não vai voltar mais, aquele foi e não vai voltar nunca mais. Aquele foi né, e agora eu tenho que aceitar o que eu tenho, que é o único que eu tenho, e agora é o Rafael. E eu tenho que aceitar o Rafael né tia, e ele tem que ficar comigo!...

M - É, eu vou ver se faço o exame de novo. Eu tô preocupada com isso por causa do guri. Eu tô preocupada.

M - Eu gosto tia, eu gosto de ser uma menina de rua. Eu digo assim, eu vou ser pra sempre é um modo de dizer, porque com esse negócio de ficar com o Rafael, eu vou ter que largar da rua, mas eu vou me considerar sempre uma menina de rua. Mas é uma coisa, eu não quero que o Rafael. Eu não quero que o Rafael seja um menino de rua. Eu não quero. Eu não quero pra ele o que eu vejo que os gurus passam nas mãos dos brigadianos, isso eu não quero.

Mariana fala de sua trajetória com o Miguel, em função do nascimento dos filhos. Primeiro o Márcio, que fez com que os dois saíssem da rua, uma esperança, uma criança, um nascimento. O Márcio morreu um pouco depois de nascer. Com sua morte o mundo parece cair para Mariana. Miguel até consegue manter-se firme por mais tempo⁹². Começa a trabalhar e mantém-se no emprego. Mesmo ela engravidando novamente, não era a mesma coisa. O Márcio não voltaria, e ela não queria substituí-lo. O Márcio havia sido o sentido de sua vida, o motivo para mudarem de vida tanto ela como o Miguel. Outro filho não faz mais sentido, não existe mais amor. Mas o Rafael acaba conquistando este amor. Apesar de muitas tentativas para que não nascesse, ele veio, franzino,

- Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
 - Infecciona a miséria
com vida nova e sadia
- (MELO NETO, 1967, p. 114)

⁹² Diversas vezes o Miguel veio até minha casa buscar uma pá ou enxada para arrumar o túmulo do Márcio, uma vez que minha casa fica próxima ao Cemitério Municipal onde o menino está enterrado.

E para ele, agora, ela não quer a mesma vida, a violência pela qual passam os guris na rua. Mas conta que quando veio de Tramandaí disposta a buscá-lo, acabou mudando de idéia em função do Miguel:

M - Daí eu estava dando um tempo em Tramandaí, e voltei pra buscar o Rafael. Mas... eu fiquei com pena de tirar ele do Miguel! Que quando eu tirei ele do Miguel, o Miguel, sei lá, fica muito triste, porque ele gosta muito do guri né! Daí eu vim decidida a levar ele, o Rafael comigo, mas como eu sou muito avoada, e gosto de andar pra lá e pra cá, é ruim pra uma criança. Daí eu decidi deixar ele com o Miguel pra ver como é que ele vai ser criado. Se ele tiver legal eu vou deixar ele com o Miguel, daí se ele não tiver legal, daí a gente vai resolver o que a gente faz. Porque numa boa ele disse que não vai me dar o guri né, só se a gente for pro juiz daí. E daí eu não quero ir pro juiz com ele. Não sei, vamos ver, até agora o guri tá legal com ele! Até nessa semana o guri estava meio ruim. Eu não tenho responsabilidade nenhuma por ele, quem tem mais é o Miguel e a mãe né, eles que decidiram, cada um vai ficar um tempo com ele.

N - Por que é que tu não tens responsabilidade?

M - Porque eu não... sei lá, eu sou muito... que agora eu estou na rua, daí eu estou usando drogas, eu não tenho direito nele! Se for "prum" juiz eu não tenho direito, quem tem direito no Rafael é só o Miguel e a mãe. E a mãe tem mais direito que o Miguel.

A Luísa também saiu da rua quando engravidou a primeira vez do Samuel, que hoje não está mais com ela, e sim com a avó paterna. Chegou a ficar algum tempo na rua depois, mas começou a namorar o Fera quando engravidou. Agora está morando com a sogra, um cunhado e a filha deste, cuja mãe é a Rafaela que atualmente é a companheira do Miguel.

L - E eu sai da rua, por que eu sai da rua? Eu sai da rua porque eu quis, acho, me deu vontade. Eu acho que foi quando eu fui pra São Leopoldo que eu sai da rua, quando eu fiquei grávida!

N - Do Samuel?

L - Apesar de que depois eu voltei um tempinho né?

Quando perguntei por que o Toninho estava tão envolvido com a cocaína, a Luísa respondeu:

L - E não foi por causa do nenê dele que ele ficou assim mais?

N - O que é que tem o nenê dele?

L - Porque a Negrinha, a Negrinha, a Negrinha, a Negrinha é o seguinte tia, a Negrinha é uma mina assim oh, que bah. Ela queria ficar com o Toninho mas ela não queria ficar só com o Toninho, assim, sabe. Ela queria ficar com o Adir, ela queria ficar com os outros guris, ela queria ficar com vários guris sabe? Ela não tem cabeça sabe. E um dia o Toninho estava, ele falou lá quando o gurizinho dele, e sempre falava. Ele falou lá no mocó que ele estava doentinho. **Ele falou que ele tomava também por causa que a Negrinha não, não deixava o nenê dele ficar perto dele.** E ele gostava da Negrinha a fú, né tia. Ele gostava um monte da Negrinha. Então a Negrinha não dá valor pra ele.

F - Na FEBEM ele só falava da Negrinha, que um dia ia sair da rua e dá um monte de bagulho pra ele (depois diz que ele falava muito do nenê, do filho e o que ia fazer quando saísse da FEBEM)

L - Mas ele agora sempre dizia que gostava da Negrinha um monte, e a Negrinha corria atrás dele, ela vinha atrás dele. Ela vinha pro centro era por causa do Toninho, não adiantava dizer que não que todo mundo sabia. Mas não queria ficar com ele. Queria ficar com ele mas não só com ele. Daí um dia ele estava lá, não sei se estava no centro, daí um dia a Negrinha chegou lá com o gurizinho pra falar com ele. E o Toninho chegou, assim e olhou, o gurizinho, e olhou o gurizinho e daí a Negrinha mandou a Cristiane corre atrás dele que ela queria falar com ele. Daí ele olhou pra trás e falou assim, óh, que agora não adianta ela querer falar comigo que eu não quero mais falar com ela. Ele falou bem assim pra Negrinha. Ai ele pegou e desceu, foi lá pra baixo e foi ficar com a Mariana. Ela já estava tomando.

L - Mas agora ele podia, ele podia também, eu penso que, que se tivesse uma guria que gostasse dele e ele gostasse dela, se fosse visitar ele agora, tia, e desse uns conselhos pra ele, eu acho que ele parava. Se fosse lá levar, que nem a Negrinha, a Negrinha agora ele não sei, lá... Se fosse lá ver ele...

N - E precisa ter um motivo forte pra sair da rua, tipo uma criança?

L - Se é acostumado, se é viciado tem que ter um motivo forte, tia, por isso que tem vários guris ali que não saem. Mas a maioria, sei que os grandes, né, olha o Filó, teve nenê e saiu da rua né? E hoje também tem quem mais que saiu da rua...

N - O Haroldo e o Clairton...

L - O Haroldo e o Clairton também saíram da rua e tão casados.

N - Tão casados?

L - O Haroldo tá, o Clairton não sei.

Rafaela também refere ter saído da rua a primeira vez quando ganhou o primeiro filho:

P - ...e daí eu e ela começamos a ir pro albergue né, pra não ficar na rua de noite. Daí eu ganhei meu nenê e fui morar com a minha mãe e ela ia sempre lá telefonar...

Quando pergunto para gurizada o que pensa sobre o futuro, novamente aparece o filho como único pensamento, a única preocupação. Não interessa mais a minha vida, agora estou em função de outro:

É difícil defender,

só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
(MELO NETO, 1967, p.115)

N - Mariana, e o que vocês na rua conversam, pensam em fazer alguma coisa no futuro, ou não pensam nisso, vamos viver só o hoje? Como é que é, como é que funciona isso?

M - Não tia, antes (com um entonação comprida) eu não pensava nada assim sabe. Só queria cheirar cola, roubar, e brigar, e fazer tudo. Mas hoje eu já penso diferente. Eu penso em talvez me casar, e ter um serviço, e trabalhar e cuidar do meu filho. Porque hoje eu tenho um filho, né tia, e eu tenho que pensar nisso porque ele é a única coisa que eu tenho. Hoje eu já penso melhor. Por que eu não tenho que pensar só em mim, eu tenho que pensar nele. E apesar de tudo eu penso no Miguel também, mas... Eu penso mais no meu filho. Que agora eu não posso ficar assim... atirada, não posso fazer o que eu fazia antes. Porque eu tenho meu filho agora pra cuidar.

Jéerson não tem filhos, apesar de ter ido morar com uma moça com duas crianças, as quais, segundo ele, está sustentando. Mas já saiu da rua,

N - E tu acha que a gurizada pensa em futuro? Tu pensava em futuro quando tava na rua?

J - Eu quando tava na rua em pensava em ser prefeito de Novo Hamburgo.!

O **sentido** da vida diante da morte. Quando o Fera e a Luísa saem da rua em função de uma criança, quando a Mariana e o Miguel saíram da rua em face de uma criança. É um novo **sentido** numa seqüência de não **sentidos** pra eles.

Assim como Severino, quando em sua caminhada encontra a cada trecho a morte, assim também a gurizada. A cada dia uma nova morte, ou física ou psicológica. É a morte decretada desde que nasceram. E nessa caminhada em busca da vida, ou busca do **sentido**, encontram a morte, somente a morte. E precisam dar algum **sentido** a essa morte.

Talvez como Severino, que quando já cansado de assistir mortes dos outros busca a sua, a gurizada também não encontra na morte a sua saída? E, novamente como ele, alguns encontram no nascimento, numa nova vida, um novo começo, uma nova esperança.

Então, o que fazemos nós, sociedade, os “eles” como dizem, no que auxiliamos para que eles tenham algum **sentido**, que a vida para eles tenha algum significado? Nada, ficamos estudando maneiras de enquadrá-los, de adaptá-los, de domesticá-los.

A Veja, de julho de 1995, apresenta personagens que mudaram suas histórias, de adolescentes de rua que transformaram-se em empresário, advogado, deputado e até delegado

de polícia. E qual o remédio? Um diz que escapou porque Deus deu força pra viver, “e também porque sou branco, pois se fosse mais escurinho, não sei se conseguiria emprego ou escaparia dos grupos de extermínio”. Outro já afirma que “quando a criança é pobre, tudo a puxa para a rua. Para resgatá-la é preciso muito esforço e muita sorte, do jovem e de quem tenta ajudá-lo” (BERNARDES, 1995). E assim vão as saídas para a rua, entre a ajuda externa e a vontade de mudar, a busca no sentido da vida.

Que **sentido** tem a vida para gurizada de rua? Que **sentidos** são oferecidos para eles pela sociedade? “Só se é importante quando se tem carro, casa, móveis, roupas, muito dinheiro. Se não tiveres esses bens, não vales nada.” É esse o **sentido** da vida? É isso o que se deve buscar durante todo o nosso crescimento? É para isso que estudamos, formamo-nos, trabalhamos? Se é para isso, talvez seja melhor viver que nem eles, sem pensar em adquirir, em ter, somente ser. Para eles isso é que faz **sentido**. Talvez nunca possamos entendê-los. Ficaremos anos estudando se é escolha ou não, por que não vão para uma escola tão maravilhosa, por que não permanecem num abrigo que foi feito com a *cara* deles? Por que não ficam na casa que ganharam e que eles mantêm? Perguntas, perguntas, para as quais não encontraremos respostas enquanto estivermos pensando numa vida repleta de coisas materiais, onde o ter está acima de tudo.

Quem sabe, com uma nova concepção de mundo, com uma nova dimensão de vida e morte, quem sabe com uma nova dimensão de natureza, de paz, de **sentido**?

Morte e Vida Severina, morte e vida Rose, morte e vida Mariana, morte e vida Luísa, Fera, Zuêra, Toninho, Maurício.

O diário da Rose parece sugerir qual o **sentido** que ela dava a vida: o amor. Rose se revela como uma pessoa extremamente apaixonada, amor de adolescência, por isso tão volúvel quanto arrasador, inebriante, chapante. Por amor ela volta para rua, não ficava em casa. O amor estava na rua, e na rua é que ficava. Em todos os dias ela tinha o mesmo pensamento, o mesmo guri referido no diário. E isso não faz **sentido**?

Quando penso no Pequeno Príncipe, preocupado com sua rosa e um adulto não preocupado achando que aquilo não tinha importância. É esse o **sentido**, a rosa, a raposa, o Toninho, a Rose. Se não for possível encontrar ou buscar esse **sentido** aqui, então o **sentido**

far-se-á numa outra vida. É pena que a sociedade seja tão refratária ao amor adolescente vivido nas margens da sociedade.

14 - CONCLUSÃO: HISTÓRIA DA ROSE OU HISTÓRIA DE TODOS?

"Mas quando de sua desapareição, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força de Deus que os trouxe a esta terra e por alguma razão especial lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos da floresta densa impregnados do cheiro de muitos homens e a visão dos morros obstruída por fios que falam. Onde está o arvoredado? Desapareceu. Onde está o arvoredado? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. É o final da vida e o início da sobrevivência. (Tradução - Irina O. Bunning, In: SANTO, 1996, p.117)

VII

O Céu é eterno e a Terra duradoura.
Eles são duradouros e eternos,
por não viverem para si mesmos.
Isso os faz viver eternamente.

Assim também é o Sábio:
por menosprezar o seu eu,
este aparece em primeiro plano.
Ele renuncia ao seu eu
e a sua essência é preservada.
Não é assim:
por não querer nada para si,
ele próprio torna-se perfeito?
(LAO-TZU, 1997, p.43)

LXXXI

As palavras verdadeiras não são bonitas,
as palavras bonitas não são verdadeiras.
A habilidade não é persuasiva,
a persuasão é destituída de mérito.
O Sábio não é erudito,
o erudito não é sábio.
O Sábio não acumula posses.
Quanto mais ele faz para os outros,
mais ele possui.
Quanto mais dá aos outros,
mais ele recebe.
O Tao do Céu "favorece sem prejudicar",
O Tao do Sábio é "agir sem lutar".
(LAO TZU, 1997, p.120)

Espero ter conseguido, nesta dissertação, sinalizar alguns pontos que considero fundamentais para uma prática educativa com a população de rua, da qual a Rose mostrou-se paradigmática. Evidente que estes sinais deverão ser aprofundados. O que observei durante todo o processo da pesquisa, é que, apesar de inconscientemente a gurizada estar buscando a morte, os relatos, as falas, as entrevistas, sempre apontam para a busca da vida. Talvez pelo fato de uma não se antepor a outra. São complementares, são dois lados da mesma moeda. A

morte, quando aparece, nunca representa um fim, e sim um descanso, uma pausa, um parar para pensar. Pois, como disse Joana:

J - Daí falaram que ela morreu de AIDS, e outros falaram que morreu de overdose. Mas pelo menos ela não morreu sozinha. Morreu ela e o filho dela.

N- E tu achas que isso é bom?

M- É bom, eu sei que lá onde ela está não esquece da gente.

N- O que tu pensa que aconteceu após sua morte, ela está onde?

M- Ela deve estar lá no céu né? No céu... Só o que eu sei dela.

Para Joana, Rose chegou ao paraíso, chegou ao céu, ela e seu filho.

Além da morte, o que surgiu durante todo o processo de escuta, foi a busca do sentido. Essa busca pode ser a base de nossa intervenção pedagógica. Para as/os participantes de meu estudo, o que fazia sentido era uma nova vida, um novo ser, a natividade. Talvez para algumas/ns, isso não seja suficiente, mas é preciso pensar que a busca da educação deva correr neste sentido. E talvez, além do sentido ser depositado no filho, penso que o sentido da liberdade, pelas colocações de antropólogos e filósofos, cientistas sociais é um ponto chave em todas as buscas da gurizada.

Se a liberdade somente for conquistada com a morte, será muito difícil nossa intervenção. É preciso que consigamos demonstrar que a vida também pode ser vivida com liberdade.

Para RODRIGUES (1983, p.285) “é pura ilusão querer se libertar dessas sociedades, ao mesmo tempo mortíferas e policiais, produtoras e negadoras de morte, sem se libertar desse estilo industrial de vida (ou de Morte). Optar por este estilo de vida é deixar-se cair nas malhas desse círculo vicioso, o ‘progresso’”.

Abandonem a santidade, joguem fora o saber,
e o povo ganhará cem vezes mais.
Deixem de lado a moralidade, atirem fora o dever,
e o povo voltará ao dever filial e ao amor.
Abandonem a habilidade, joguem fora o lucro,
e não haverá mais ladrões e assaltantes.
Nesses três casos
não basta ter boa aparência.
Cuidem, portanto, para que os homens possam confiar em alguma
coisa.

Mostrem simplicidade, apeguem-se à honestidade!
Diminuem o egoísmo, moderem os desejos!
Renunciem à erudição!
Estareis livres de preocupações. (LAO-TZU, 1997, p.55)

Se quisermos lutar por uma sociedade diferente, devemos lutar por um modo diferente de relação com a natureza e por uma sociedade construída sobre outras bases tecnológicas. E devemos substituir o sonho louco de crescimento ilimitado, que é, em última instância, o que justifica essa tecnologia, por algo que esteja ao alcance do ser humano e que possa por ele ser controlado. (RODRIGUES, 1983, p.286)

Penso que esse trabalho poderia ter avançado muito mais, ter questionado mais as instituições, as escolas, algumas noções que tanto educadoras/es quanto a gurizada tem sobre a vida, formas alternativas de atendimento, etc.

Essa dissertação está sendo defendida na área da educação, embora não faça muitas referências a esta área. Acredito que a educação está presente quando lutamos pela liberdade, quando lutamos por uma sociedade mais justa, menos discriminatória, onde os diferentes possam conviver em paz, onde não exista somente o poder dominante da vida sobre a morte, onde cada um possa ser severino ou severina em paz.

Não interpretei o estar na rua como uma busca cômoda pela morte, desresponsabilizando a sociedade. A sociedade é vil, é nefasta, acaba com a juventude de milhões de brasileiros fazendo-os trabalhar precocemente, fazendo-os conviver com perigos e privações. A rua não é um lugar para ficar, mas se for preciso, que fiquem e que tenham garantidos os seus direitos mínimos de sobrevivência, respeito, cidadania. Enquanto tivermos crianças e adolescentes na rua, estaremos enxergando quão frágil é a estrutura política de nossa sociedade que precisa matar seus jovens precocemente por não conseguir mantê-los com o mínimo de dignidade, nem a eles nem a suas famílias.

Como diz COLLADO (1995, p.85), “para mim, as ‘crianças na rua’ tinham que ser entendidas de forma positiva, em sua singularidade, e não como a quem falta isto ou aquilo. O abandono caracterizava uma ausência de ‘tutores’ para as crianças, mas o que me chamava a atenção era o que era possível criar frente ao acontecimento do abandono...”

Para CASSORLA; SMEKE,(1997, p.96)

apenas o autoconhecimento permitirá que pessoas recuperem seus bons objetos internos, possam ser bons pais, cidadãos criativos e instrumentos de vida e não de morte. Estaremos prevenindo não só sofrimento individual, mas sofrimento em filhos, netos e próximas gerações - ainda que tenhamos consciência de que nem tudo poderá ser resolvido e prevenido pelos métodos de intervenção de que dispomos, tanto individuais como sociais, certamente porque a complexidade do ser humano é maior que qualquer método.

Essa dissertação fundamenta uma pergunta: Será a rua um atalho para o paraíso? Essa dissertação também fundamenta uma possível resposta: ela estará na fala daqueles que estão atalhando pelas ruas! Basta que se possa ouvi-los com amor, ciência, paciência; mas também com indignação, com parcialidade e muita, mas muita ação imediata!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Sérgio. A experiência precoce da punição. In: MARTINS, José de Souza. *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- ALFANO, Marta Elisabete Guimarães. *Possibilidades de um caminho dito impossível: Narrativa de um ex-menino de rua*. Dissertação (mestrado) Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 1994 - (disco flexível 3 ½ a)
- ALVES FILHO, Francisco. A Lei do mais fraco. In: *Isto É*. n. 1417, p.84-85, 27 nov. 1996.
- ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. 11 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.
- ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. *Infância das classes populares: a constituição da infância como problema social no Brasil*. In: ABREU, Alice R. de P. (Org.). *O Trabalhador Carioca*. estudos sobre trabalhadores urbanos do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Série Ciências Sociais, 1995.
- AMENCAR; FEAAC. *ECA X MENOR*: texto como subsídio para o Seminário sobre reordenamento institucional a partir do ECA. Santa Maria ,s.d., 1993.
- APTEKAR, Lewis. Crianças de rua nos países em desenvolvimento: uma revisão de suas condições. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 153-184, 1996.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 2. v. 1982.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira. *Decifra-me ou devoro-te...: história oral de vida dos meninos de rua de Salvador*. São Paulo: Loyola, 1993.
- BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.
- BECKER, Fernando (Coord.). *Meninos e meninas de rua: o que sabem e como pensam*. Relatório de pesquisa ao INEP. Porto Alegre: PPGE-UFRGS, 1994.
- BÍBLIA: *Mensagem de Deus*. São Paulo: Ed. Loyola, , 1994.
- BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte: o presente: seu futuro, sua festa, sua contestação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BOLEN, Jean Shinoda, *A Sincronicidade e o Tao*. Tradução Alayde Mutzenbecher. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BOUGON, François. *Revoluções de minha geração: Herbert de Souza (Betinho)*. São Paulo: Moderna, 1996.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Em Campo Aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez, 1995.
- BRUM, R. R., CENTURIÃO, L. *De criança a menor abandonado: a construção de uma categoria excluída*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. (Cadernos de Antropologia n.12)
- BRUSIUS, A.; FRIEDRICH, N. A escola possível, o sonho da inclusão. In: *Coletâneas do PPGEDU*, Porto Alegre, v. 1. n. 3, p.008-023, nov./dez. 1995.
- CAMARGO, Aspásia et al. Histórias de vida na América Latina. In: BIB - *O que se deve ler em Ciências Sociais*. ANPOCS. São Paulo: Cortez, 1990.
- CAPRA, Fritjof. *Sabedoria incomum: conversas com pessoas notáveis*. Tradução Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CASSORLA, Roosevelt M.S.; SMEKE, Elizabeth. Comportamento suicida no adolescente: aspectos psicossociais. In: LEVISKY, David Léo (org.), *Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas, p.79-98 1997.
- CARVALHO, Maria Avelina. *O Discurso do menino de rua: uma abordagem sociolinguística interacional*. Goiânia: UFG, 1989. Dissertação (Mestrado), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Univ. Federal de Goiás, 1989.
- CBIA, UNICEF, TERRA NUOVA. *Bahia: suas Crianças e Adolescentes: O que está sendo feito*. Salvador, 1992.
- CEAMEM. Centro de Apoio a Meninos e Meninas. *Abordagem de rua: perspectivas e desafios*. Novo Hamburgo, maio 1997. (mimeo).
- COSTA, Antônio Gomes da. *O estatuto da criança e do adolescente e o trabalho infantil*. São Paulo: Ltr, 1994.
- CRAIDY, Carmem Maria. *O analfabetismo do menino de rua como produção simbólica da exclusão social*. Porto Alegre: Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- _____. Reordenamento: necessidade ou exigência - uma visão das entidades do RS. In: AMENCAR & FEAAC. *ECA X MENOR*. op. citada
- DOSSEY, Larry. A Medicina do Amanhã. *Nova Era - Planeta*. n 2, p.18-25, São Paulo: Ed. Três, 1996.
- DROUOT, Patrick. *Nós somos todos Imortais*. Tradução José Augusto de Carvalho. 4. ed, Rio de Janeiro: Record, 1996. (Nova Era)
- EBEL, Ivana. Subabitações ameaçam duas mil famílias: áreas de risco abrigam construções irregulares que vêm sendo erguidas por posseiros. *NH*, Grupo Editorial Sinos, p. 4, 13 ago. 1997.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FERREIRA, Rosa Maria Fischer. *Meninos da rua: valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: Ibrex, 1979.
- FISCHER, Nilton Bueno. Educação popular em "tempo" de mulheres papeleiras. In: *Cadernos CEDES*. A fala dos excluídos. São Paulo: Papyrus, n. 38, ago. 1996.
- FONSECA, Cláudia. *Caminhos da Adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção educação e mudança, vol. 1.
- FRIEDRICH, Neidi. Casa Aberta. Reflexão sobre uma prática. In: *Coletâneas do PPGEDU* Porto Alegre: v. 2, n. 4, p. 035-044, jan./fev. 1996.
- GIBRAN, Kahlil Gibran. *O profeta*. Tradução Mansour Challita. Rio de Janeiro: s.ed. 1983.
- GÖRRES, Ida. *Teresa de Lisieux*. Tradução de Manuel Seagra. Lisboa: Editorial Aster, 1961.
- GRACIANI, Maria Stela Santos. *Gangues: um desafio político-pedagógico a ser superado*. São Paulo: PUC, 1994. (mimeo).
- GRUPO EDITORIAL SINOS. *Guia Econômico do Vale*. Novo Hamburgo, v. 26, 1996.
- _____. *Guia Econômico do Vale*. Novo Hamburgo, v. 28, 1997.
- HERINGER, Rosana; PEREIRA JUNIOR, Almir. Experiências de contagem de meninos e meninas na rua.. *Cadernos do Ibase* 9. Fev. 1993 (mimeo)
- HERMAN, K.; RIECK, H. *Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída...* 5. ed. São Paulo: Difel, 1982.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. *Levantamento de meninas e meninos nas ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 1992 (Cadernos do IBASE, 5). Relatório de pesquisa.
- IBGE. *Censo demográfico, 1991 - resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios*. n. 24 - RS - IBGE, RJ, 1994.
- JUÁREZ, Eduardo. Crianças de rua: um estudo das suas características demográficas. In: FAUSTO, A.; CERVINI, R. *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- KOSMINSKY, Ethel V. Internados: os filhos do estado padrasto. In: MARTINS, J. S. *O massacre dos inocentes*. op. já citada.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1987.

- _____. *A morte: um amanhecer*. São Paulo: Pensamento, 1997.
- LUNARDI, Cristiane; MAGNI, Cláudia. *Letras na rua*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.
- LUSK, Mark; MASON, Derek. "Meninos e meninas de rua" no Rio de Janeiro: um estudo sobre sua tipologia. In: RIZZINI, Irene (Org.). *A criança no Brasil de hoje*. desafio para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Santa Úrsula, p. 153-172, 1993
- MAGNI, Cláudia Turra. *Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.
- MARCHI, Rita de Cássia. "*Crianças espertas*": um retrato do "vício da rua" em crianças pobres no centro de Florianópolis. Florianópolis: UFSC. Dissertação (Mestrado em antropologia social). Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- MARQUES, Walter E. U. Crianças e adolescentes marginalizados: de como a rua passou a ser este lugar. In: *Trabalho & Educação*, NETE/FAE/UFGM, Belo Horizonte, n. 0, p.149-157, jul./dez., 1996.
- MARRE, Jaques L. História de vida e método biográfico. In: *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 89-141, jan./jul. 1991.
- MARTIN DEL COLLADO, Ana Carmen. *Crianças na Rua*. São Paulo: Escuta, 1995 - (Plethos)
- MARTINS, José de Souza. *O massacre dos inocentes: A criança sem infância no Brasil*. op. já citada.
- _____. (Org.) *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MAZZOTTI, Alda Judith Alves. "*Meninos de rua*": "*heróis da resistência*" ou "*bandidos*"? GT - Educação Popular - ANPED, 1997. disco flexível 3 ½ a.
- _____. Meninos de rua e meninos na rua: estrutura e dinâmica familiar. In: FAUSTO, A.; CERVINI, R. *O trabalho e a rua*. op. citada.
- MELIÁ, Bartolomeu. *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Loyola, 1979.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina: e outros poemas em voz alta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.
- MENDEZ, Emílio G. *Adolescentes em conflito com a lei penal: segurança cidadã e direitos fundamentais*. Trad. José Humberto S. Filho, Brasília, 1995 (mimeo).
- MENEZES, M. A.; GONÇALVES, J. G. (Org.) *Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra*. Centro de Estudos Migratórios. São Paulo: Paulinas, 1986.
- MIRANDA, Hermínio C. *Nossos filhos são espíritos*. 6. ed., Niterói: Lachâtre, 1996..

- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. O Atendimento Sócioeducativo ao Adolescente Autor de Ato Infracional no Brasil: Avaliação & Proposições. *Série Leia*, 1997
- MNMMR. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8069/90. O estatuto taí, só falta cumprir. Porto Alegre: 1994.
- MOFFAT, Alfredo. Los chicos de la calle: construccion de la historicidad. *Psicologia Social Hoy*. mayo/junho, 1991.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Tradução João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Lisboa: Europa-América, 1970.
- MORONI, José Antônio. Apoio sócio-educativo em meio aberto. In: AMENCAR FEAAC, *ECA X MENOR*. op. citada
- MORSE, Melvin; PERRY, Paul. *Do outro lado da vida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1992.
- OITERAL, José Ottoni. *Adolescer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1994.
- OLIVEIRA, Elvira. Você acha possível salvar os meninos de rua? O Projeto Axé já faz isso. In: *Nova Escola*, ano 9 - n: 79, São Paulo: Fundação Vitor Civita, p.10-18, out. 1994.
- PELIZZARO, Itamar. Metrôpoles do medo. *Zero Hora*, Porto Alegre, 12 e 13 maio 1997.
- PEREIRA JÚNIOR, Almir P. et al. (Org.). *Os impasses da cidadania: infância e adolescência no Brasil*. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.
- ___; DRSKA, Angélica. Os significados dos números. In: *Os impasses da cidadania. infância e adolescência no Brasil*. op. citada
- PRATES, Alda B.; FRIEDRICH, Neidi. R. Meninas de rua, um breve olhar. *Coletâneas do PPGEDU*. Porto Alegre, vol. 3, n. 8 e 9, p.007-014, set./dez. 1996.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do "indivisível" ao "dizível". In: VOM SIMSONS, Olga de Moraes (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.
- RAMOS, Lilian Maria Paes de Carvalho. *Educação e ONGs: o trabalho nas ruas*. GT - Movimentos Sociais - ANPED, 1997. disco flexível 3 ½ a.
- RIBEIRO, R.; SABÓIA, A. L. Crianças e adolescentes na década de 80: condições de vida e perspectivas para o terceiro milênio. In: RIZZINI, I. (Org.). *A criança no Brasil de hoje: desafio para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Ed. Santa Úrsula. 1993.
- RIO GRANDE DO SUL, GOVERNO. Pesquisa: Crianças e adolescentes em situação de rua e suas circunstâncias de vida. *Programa Piá 2000*. Porto Alegre, 1996. (mimeo).
- RIZZINI, Irene. *A criança no Brasil de hoje: desafio para o terceiro milênio*. op. já citada.

- RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. "Menores" institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisas da década de 80. In: FAUSTO, Ayrton; CERVINI, Ruben (org.) *O trabalho e a rua*: op. já citada.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Estimativa sobre crianças e adolescentes em situação de rua: procedimentos de uma pesquisa. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 21-58, 1996.
- SANTO, Ruy César do Espírito. *Pedagogia da transgressão: um caminho para o autoconhecimento*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996 (Coleção Práxis).
- SANTOS, José. Meninos de rua, problema social ou caso de polícia? *NH*, Grupo Editorial Sinos, s.p., set. 1994.
- SANTOS, PREFEITURA MUNICIPAL. *Santos: Programa integrado da criança e da família*. 1995. (mimeo)
- SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, PREFEITURA, et al. *Censo de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São José do Rio Preto*. s.d. (mimeo).
- SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Novo Hamburgo: sua história, sua gente*. Porto Alegre: Pallotti, 1992?.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Plano Decenal*. Novo Hamburgo: 1990.
- SILVA, Hélio R. S.; MILITO, Cláudia. *Vozes do meio fio: etnografia*. Rio de Janeiro: Dumará, 1995.
- TAGLIAFERRI, Mauro. *Estudo em São Paulo traça perfil de menor de rua*. Folha de São Paulo, 3. Caderno, p. 1, 18 ago. 1997.
- TEIXEIRA, Paulo César. O Vôo da Morte: a história de Capoeirinha, menina de rua que se jogou do prédio onde deveria estar segura e protegida. IN: *Isto É*, n. 1396, p.50 3 jul. 1996.
- THURY FILHO, Altair Thury; KACHANI, Morris. Quem sustenta a casa. IN: *Veja*, São Paulo, v. 29, n. 44, p.48-55, 30 out. 1996.
- TRINDADE, Eliane. O sexo das ruas. *Isto É*, n. 1395, p. 58-59, 26 junho 1996.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Schwarcz, 1994.
- VOLPI, Mário. (Org.) *O adolescente e o ato infracional*. São Paulo: Cortez, 1997.
- WEISS, Brian. *Muitas vidas muitos mestres*. Tradução Talita M. Rodrigues. 22 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991.
- WEIL, Pierre. *A arte de viver em paz*. Tradutores: Helena Roriz Taveira e Hélio Macedo da Silva. São Paulo: Editora Gente, 1993.

ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan, 1994

ZUGER, Abigail. Dois mundos, duas esperanças. Tradução Cecília Cassal Corrêa. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Boletim Epidemiológico*, Porto Alegre: n. 3, p.17-18, jul./set./1996.

ANEXO 1 - Adultos e adolescentes entrevistados e temas abordados:

ADOLESCENTES (todos os nomes e apelidos são fictícios)

Joana - Foram feitas duas entrevistas com a Joana. A primeira quando ela participava da oficina de bolachas em 19/11/96. Estava na rua até engravidar, quando voltou para casa até ganhar o Carlos. Ficou em casa quase dois anos. A segunda entrevista foi feita em 27.10.97 quando ela estava na rua e já utilizando cocaína.

Mariana - Primeira entrevista quando ela veio buscar o Rafael para levá-lo junto para Tramandaí, onde estava morando. Fomos até uma lancheria onde eu paguei refri e pastéis para ela e Dica, sua amiga. Dia 25.06.97. A segunda entrevista foi feita com a Joana e o Renato, no mocó onde abrigavam-se.

Élio - 16 anos - entrevistado junto com a gurizada, na festa que o CEAMEM estava promovendo na Praça do Imigrante, dia 17/12-96. Não conheceu muito a Rose.

Jerson - Irmão da Rose. Foi entrevistado quando estava trabalhando, dia 26.06.97.

Luísa - Entrevistada na casa da mãe do Fera, poucos dias após ter nascido sua filha. Fera estava junto na entrevista que foi dia 13.12.97. Luísa estava bastante tempo na rua, até nascer o Samuel. Ela participava da oficina de bolachas do CEAMEM. Depois deixou o menino com a sogra e voltou para a rua. Agora está em casa de novo.

Fera - Primeira entrevista com o Fera, foi junto com a gurizada no centro, no dia da festa do CEAMEM, estava bastante chapado (17.12.96). A segunda foi com a Luísa, em sua casa (13/12/97).

Rafaela - Foi entrevistada com a gurizada na praça, no mesmo dia 17.12.96. Não falou muito pois o Miguel chamou. Rafaela tem 19 anos e já teve quatro filhos. O primeiro foi para adoção, o segundo, filho do Miguel, está com a mãe dela, a terceira está com o pai, que é irmão do Fera, e na época da gravação ela estava grávida novamente do Miguel, que depois nasceu uma menina.

Zuêra - É dos jovens o mais antigo na rua. Já passou por diversas instituições, internações para desintoxicação, diversas experiências de trabalho, trabalhou como educador na Casa Aberta, mas acabou saindo pois envolveu-se com cocaína novamente. Quando respondeu a entrevista, estava com a gurizada na praça. Ele que me levaria até a Boa Saúde, mas atualmente está no Presídio Central por assalto. Conheceu a Rose desde que ela foi para a rua.

TÉCNICOS E ADULTOS (todos os nomes são verdadeiros, pois houve o consentimento para que fossem divulgadas as entrevistas):

Cláudia Turra Magni - antropóloga - Entrevista realizada em sua casa, dia 26.08.97

Gilberto de Lima Gonçalves - Técnico de enfermagem e diretor da Casa de Passagem - Trabalha desde 89 com crianças e adolescentes. Entrevista realizada na Casa de Passagem, dia 16.05.97.

Wilma Pirotti - Assistente Social - aposentada do Judiciário - Entrevistada em sua casa dia 05.06.97. Foi a responsável pelo acompanhamento da Rose na Liberdade Assistida.

João Batista de Campos Santana - Oficial de Proteção à infância e juventude - 32 anos, há 7 anos na mesma função. Acompanhou a Rose até a FEBEM, e tem conhecimento das infrações cometidas pela gurizada. Entrevistado no fórum, dia 20.07.97.

Yara Hendges - Advogada - Entrevistada em seu escritório, dia 26.11.97. Foi a defensora da Rose em seus processos infracionais. Participava do MNMMR, e foi a primeira presidente do CEAMEM. Acreditou muito na recuperação da Rose, e decepcionou-se com o fato dela ter voltado para rua. Nesse tempo teve uma doença grave que a fez se afastar de tudo.

Cleide Piccoli Bruschi - Médica - clínica, 39 anos - 3 anos atrás trabalhava com educação e informação. No último ano está atendendo em Novo Hamburgo, no Posto de Saúde. Entrevistada junto com a Maria Cleonice, na casa desta, em 7.7.97.

Maria Cleonice Antunes - 47 anos - Bioquímica - Há 5 anos trabalha com portadores de HIV e há 17 anos no está no Posto de Saúde do estado (agora municipalizado). Entrevistada junto com a Cleide em 7.7.97.

Anete Cunha - Psicóloga - Entrevistada em seu setor de trabalho - SEACA - Setor de atendimento a Criança e Adolescente dia 14.07.97. Era psicóloga da Casa Abrigo das Meninas, quando esta iniciou seu funcionamento.

Adão Eloir Selistre - 33 anos, casado representa Pastoral da Criança no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente, sendo seu atual presidente. Foi entrevistado na Câmara de Vereadores, onde é assessor de um vereador do PT, em 09.06.97.

Agenor Pereira da Rosa - ex- conselheiro Tutelar - Respondeu uma entrevista fechada, entregando-me em 12.97.

Rosângela M Tagliari Costa -38 anos, assistente social. Respondeu também uma entrevista fechada, também entregando-me em 12.97.

Dóris Leite de Farias - 47 anos, professora - Trabalhava com crianças e adolescentes há 23 anos. Coordenava projetos voltado para a gurizada na rua. Em 1978 à 1980 - trabalhava com engraxates, lavadores de carro e jornalheiros. -Também entrevista fechada que foi devolvida em 15.01.98.

Perguntas da entrevista fechada

Dados identificação: Nome, idade, profissão, experiência com meninos/as de rua - tempo e o que fazia

- 1 - Recordas quando encontraste a Rose pela primeira vez?
- 2 - O que ela fazia?
- 3 - Lembras da família?
- 4 - Relações, ou o que dizia da família?
- 5 - Em relação a droga?
- 6 - Como definiria sua personalidade?
- 7 - Como relacionava-se com os/as amigos?
- 8 - E com educadores ou autoridades?
- 9 - Que papel desempenhava no grupo?
- 10 - Lembra de algumas situações que te marcaram?
- 14 - Como ficava quando estava drogada?
- 15 - Por que tu achas que eles vão para a rua?
- 16 - O que tu pensas que eles buscam na rua: a vida ou a morte - por que?

Temas que surgiram com as entrevistas:

- 1 - Como conheceu a Rose a primeira vez
- 2 - O que fazia quando a conheceu
- 3 - Idade que tinha quando foi para rua
- 4 - Quem não gostava da Rose e por que?
- 5 - Rose como protetora
- 6 - Última vez que a viu
- 7 - Primeiros a virem para a rua
- 8 - Por que a Rose estava na rua
- 9 - Por que ela voltou para rua?
- 10 - Família da Rose
- 11 - Situação marcante
- 12 - Violência na rua
- 13- Tempo de FEBEM
- 14 - Mudança com a FEBEM
- 15 - Tempo de rua
- 16 - Gravidez
- 17 - Morte da Rose
- 18 - Relação com judiciário
- 19 - Tempo de "Coca" - Boa Saúde
- 20 - Droga e AIDS com Rose
- 21 - Desintoxicação
- 22 - Personalidade
- 23 - Relação com autoridade
- 24 - "Tarde para mudar"
- 25 - Relação entre 2 mundos
- 26 - Educador X pessoa
- 27 - O que acontece depois da morte
- 28 - Abrigo
- 29 - Mudar a vida em função do filho
- 30 - Como é a rua
- 31 - Família
- 32 - Futuro
- 33 - Educação
- 34 - Como conseguem dinheiro
- 35 - Violência da gurizada

- 36 - Por que está na rua
- 37 - Mortes na rua
- 38 - Busca da morte
- 39 - Busca da vida
- 40 - Gostar ou não de ser guri/a de rua
- 41 - Estupro da Luísa
- 42 - FEBEM
- 43 - O que fazer pra não ir pra FEBEM
- 44 - Motivo para sair da rua
- 45 - Casamento
- 46 - AIDS
- 47 - Quem tem "cabeça"
- 48 - Pessoas importantes
- 49 - Pessoas não importantes
- 50 - Escolhas
- 51 - Noção de tempo
- 52 - Solidariedade
- 53 - Casa x rua
- 54 - Por que usa droga
- 55 - Droga
- 56 - Desintoxicação
- 57 - Não me arrependo do que eu faço
- 58 - Sociedade
- 59 - Organização da sociedade
- 60 - Inserção da gurizada na sociedade
- 61 - De quem é a culpa de estarem na rua
- 62 - Preocupação ou não com a aparência - soc.
- 63 - Relações de gênero
- 64 - Medo de morrer
- 65 - Donos da rua e dos meninos
- 66 - Força do grupo
- 67 - Cultura diferente
- 68 - Aceitar o diferente - educação
- 69 - Primeiro atendimento das gurias
- 70 - Educador de rua
- 71 - Rede de atendimento
- 72 - Trabalho
- 73 - Tipo de atendimento para gurizada

ANEXO 2 - ENTREVISTAS:

Os: as entrevistas foram transcritas na íntegra, sem correções de português.

Entrevistas da Mariana e da Joana, primeiro quando não estavam na rua, e depois juntas, na rua

N- Joana, fala de ti, teu nome:

J- Sou Joana e, tenho 15 anos, é, tenho 15 anos.

N- Tens filhos?

J- Tenho

N- E como é o nome dele?

J- É Carlos

N- E ele nasceu, tu te lembras o dia?

J- 26 de março.

N- Deste ano?

(ela fez que sim com a cabeça).

N- Tu moras onde?

J- Em Canudos, junto com a minha mãe.

N- E quem mais mora contigo?

J- Meus irmãos e meu pai e minha mãe.

N- Quantos irmãos tu tens?

J- Tenho 4 gurus e 4 gurias.

N- 8, e tudo em casa?

J- É, tudo.

N- Tá, e tu te lembras da Rose?

J- Lembro.

N- Quando que tu te lembras de ter conhecido ela.

J- Eu conheci ela quando eu era bem pequena e eu me perdi no centro, numa parada e daí ela me levou pra casa dela e disse se então eu não queria posar lá, e me levou pra casa dela. E nós fomos indo e daí minha mãe foi lá pra me pedir pra voltar para casa. Nós ficamos mais um tempo junto, daí. Foi bom ficar com ela né, daí eu não queria mais sair de perto dela. Saía junto. Ela comprava o que eu queria. Quando eu tinha dinheiro eu comprava o que ela queria. E, era muito legal. Mas tinha outras gurias que não gostavam dela .

N- Tu te lembras por que?

J- Por causa que ela não era muito legal com as outras. E a minha irmã ela batia nela porque ela batia em mim.

N- Ela te defendia?

J- Aã, Aí foi assim, aí um dia, o último dia que nós nos vimos ela falou bem assim pra mim, que... eu podia brigar com ela, mas ela nunca ia brigar comigo e que gostava muito de mim e que nunca ia me esquecer. Daí no outro dia eu não vi mais ela.

N - te lembra quando foi esse último dia?

J- Foi lá na escadaria.

N- Te lembras onde ela estava morando neste último dia? Onde é que ela estava?

J- Ela disse que tava morando com um gordão. Um gordão que trabalha num táxi lá no centro.

N- Mas isto foi antes dela morar na Boa Saúde?

J- É

N- Quando ela começou a morar na Boa Saúde, tu não viste mais ela?

J- Só vi uma vez que ela veio no centro.

N- E tu te lembra a idade que tu tinhas quando conhecestes ela pela primeira vez?

J- Acho que tinha uns 11 anos.

N- E ela tinha que idade?

J- Ela tinha uns 14, 14 ou 15.

N- Mas ela não era muito mais velha que tu, era?

J- Era

N- E ela já estava na rua naquele tempo?

J- Tava. Estava mais primeiro do que eu. Estavam ela e a Mariana que teve na rua primeiro que nós.

N- E tu te lembras o que ela dizia do por que estar na rua?

J- Ela falava assim que aquela lá não era a família dela, que a família dela, disseram, que a mãe dela falava que tinham adotado ela. E a mãe dela morava bem longe daqui.

N- E ela não gostava dessa família em que ela estava?

J- Ela gostava, mas ela era muito maltratada, coisa assim. Não era maltratada. Ela sabia a verdade, só que queria conhecer a mãe dela, a mãe dela verdadeira. Ela sempre quis conhecer a mãe dela verdadeira.

N- E ela chegou alguma vez a procurar essa família verdadeira?

J- Não, porque ela não sabia onde estava.

N- E assim, o que tu te lembras, alguma situação que foi bem legal ou que foi triste. Alguma coisa que tu te lembres de ter vivido com a Rose, na rua ou na Casa?

J- Não...Eu estando com ela, só tive coisas boas. Meia ruim, só duas coisas, mais um pouco mais, mais coisa boa.

N- O que foi de coisa ruim?

J- Coisa ruim por causa que os outros brigavam com ela e eu não podia fazer nada por que eu era pequena né. E daí um dia ela quase levou um tiro.

N- De quem?

J- De um cara lá. Nós nem conhecíamos ele,...não sei. Aí depois nós fomos para casa de novo. Depois eu nunca mais vi ela.

N- E no tempo que vocês estavam no mocó, tu te lembras de alguma coisa?

J- Me lembro quando os brigadianos entraram no mocó, botaram gás nos nossos olhos.

N- Ela tava junto?

J- Aã, e queria pegar nós, e se os guris fizessem alguma coisa eles iam, eles iam matar os guris.

N- Isto foi antes dela ir para FEBEM?

J- Aã, daí nós pegamos, entramos e saímos tudo correndo por trás da casa.

N- Onde é que era essa casa?

J- Ali nas Brasileiras, numa casa que tá ali.

N- Ali do lado?

J- É. E daí, eles foram atrás de nós mas não conseguiram pegar nós, nós pulemos no Centro Útil, ali. Aí depois eu saí, dei um tempo lá em Tramandaí com a Mariana e daí depois...

N- Joana, tu te lembras antes da Rose ir para a FEBEM. E depois que ela foi, quando ela voltou, teve alguma diferença, ela mudou ou não? O que tu achas?

J- Ela só engordou mais. Engordou... e estava mais bonita. Não era aquela Rose de antes que era magrinha. Coisa assim. Ela estava com mais saúde. Mas depois, quando ela se juntou com esse cara aí, ela tava grávida de dois meses.

N- Que cara, esse gordão?

J- É, é o gordão, e aí ela estava grávida de 2 meses, morreu ela e a criança dela, os dois juntos.

N- Tá, mas quando ela morreu ela estava no Neguinho, esse da Boa Saúde né?

J- É. Mas tava grávida desse gordão. Sim, ela dizia que tava grávida dele. Daí falaram que ela morreu de AIDS, e outros falaram que morreu de overdose. Mas pelo menos ela não morreu sozinha. Morreu ela e o filho dela.

N- E tu achas que isso é bom?

J- É bom, eu sei que lá onde ela está não esquece da gente.

N- O que tu pensa que aconteceu após sua morte, ela está onde?

J- Ela deve estar lá no céu né? No céu...Só o que eu sei dela.

Senti que a entrevista deixou-a emocionada (eu também me emocionei). Parece que às vezes esquecemos o que passou mas não, está tudo esperando para ser acionado precisa um estalo e pronto, volta tudo a memória. A relação que a Joana tem com o filho, e a relação que fez com a Rose morrendo, mas não morreu sozinha, levou seu filho junto, foi algo maravilhoso. Eu não sabia que a Rose estava grávida quando morreu.

ENTREVISTA COM MARIANA, 25/06/97 NUMA LANCHERIA

N - Primeiro dá o teu nome, idade, não precisa te preocupar pois eu mudo os nomes.

M - Pode botar o meu nome se tu quiseres.

N- Tá, o nome

M- Mariana...

N - Tua idade

M- 19

N- Tu conhecia o Rose desde que idade? Qual a primeira vez que tu te lembra de ter visto a Rose?

M- Desde que ela tinha 13 anos,

N- E tu tinha 14 então?

M- É, eu tinha uns, devia ter uns 14, 15 anos.

N- Tá, e onde foi que tu encontraste ela pela primeira vez?

M- NO centro, na praça.

N- O que é que vocês estavam fazendo, tanto tu como ela?

M- Nós tava, tava..., tava caminhando na praça. Eu tava. eu e as outras gurias estávamos caminhando e ela estava fazendo “programa”.. com as gurias lá de baixo.

N- E vocês não estavam fazendo programa?

M- Não (resposta rápida), só tava ali, precisa dizer que estava cheirando cola (falou isso baixinho que eu não cheguei a escutar)

N- O que?

M- Precisa dizer que estava cheirando cola? (e riu)

N- Não, pode dizer ..

M - Tá, então, nós estávamos cheirando cola.

N- E tu te lembra por que ela foi conversar com vocês, conversaram o que?

M- Por causa que, por causa que naquele tempo ela tinha apanhado de umas gurias né, lá no Kephaz, parece, uma coisa assim, foi quando cortaram ela, raparam a cabeça dela e daí tinha umas quantas gurias com ela. E aí viram nós e vieram perguntar se tinha sido nós que tinha batido nela. Daí ela ainda veio e brigou com uma das gurias que estava com nós . Mas as gurias não aceitavam ela dizer que tinha sido nós , daí começou no meio duma briga, daí eu separei, daí foi daí que nós começamos a se dar, começou numa briga. Foi assim.

N- Tu te lembras quem mais estava junto?

M- Tava,... com ela tava ela a Juçara,, a Madalena, e comigo tava eu e a Tina moreninha. Ela, com ela que a Rose brigou.

N- Com essa outra Rose que a Rose brigou

M- Ahã.

N- E as outras que estavam com a Rose tavam fazendo programa também?

M- Tavam

N- Tá, e daí a partir desse dia, tu viu a Rose outras vezes, ela ficou com vocês, ou ela voltou, ela tava morando em casa?

M- Ela tava com as gurias, tava morando com as gurias.

N- Ela tava com o “Tavinho”?

M- É, ela tava com o “Tavinho”.

M- Aí depois que ela conheceu nós, ela passou a largar as gurias e ficar com nós. Daí, desde aquele dia ela ficou sempre com nós. Ela começou a se misturar com nós, e andar só com nós daí. Deixou as outras gurias de lado.

N- E como é que vocês conseguiam pra conseguir dinheiro naquela época, fazendo programa?

M- Fazia, fazia. A gente fazia programa, roubava (baixinho e rindo), ...

N- Como é que vocês roubavam Mariana?

M- Ai tia...

N- Não, é legal assim pra entender. Porque uma das coisas que dizem é que os meninos de rua são violentos e que...

M- A gente, teve uma época, que saía nós e os guris, que não vou dizer quem é né, fica ruim pra eles, saí a assaltar na rua com revolverzinho de plástico, chegava dizia que era assalto, eles pensavam que era de verdade, e a gente tomava as coisas. E ... depois em outros tempos, saía só nós, nós pegava as gurias que iam pro som , gurias que iam pro colégio, a gente roubava elas e agente batia nelas se elas não queriam aceitar, né, elas saíam correndo, a gente saía correndo atrás pra pegar elas . E a gente conseguia as coisas.

N- Mas arma de verdade, vocês não usavam?

M- Não, só a faca.

N - Só faca.

M- Só a faca, a gente batia também nas pessoas quando elas não aceitavam , tinham umas que eram brabas que pulavam na gente e a gente era obrigada a fazer um jeito né (e riu) .

N- Se tu fosse assaltada, como é que tu irias reagir?

M- Bah, nem sei tia, nunca fui.

N- Nunca sentiu na carne isso?

M- Mas era o jeito que a gente achava pra se virar né.

N- E naquela época tu morava na rua?

M- Morava.

N- E por que é que tu vieste pra rua?

M- Eu, eu vim pra rua porque eu não me dava com a minha mãe. Não me dava com a minha irmã, daí nós brigava muito e daí eu vivia fugindo de casa. Daí a mãe pegou e disse que se eu quisesse ... (não entendi) daí ela pegou e disse quer ir embora tu vai!. Daí eu encontrei uma amiga minha e vim. Foi quando eu conheci o centro. Daí eu fiquei pelo centro com a guria. Daí eu trabalhei num apartamento, daí eu vinha na praça no fim de semana e fiquei conhecendo as gurizadas. Daí eu larguei do serviço e comecei a ficar no centro, cheirar cola, usar droga, fazer programa!

N- E é bom ficar no centro?

M- ...Olha, ... num tempo eu achava bom até. Não é uma maravilha, mas a gente acostuma né! Acostuma porque a gente tinha os guris e tudo, chapado sempre, nem dava bola prô que acontecia. Não era bom quando a gente levava um pausão dos brigadianos, mas ... A gente fazia o que podia...

N- Tá, e como é essa história de vida na rua, o que é que significa rua, significa vida pra ti, ou significa morte? O que é que significa a rua pra ti.

M- Olha, pra mim, não sei, eu sempre me dei bem na rua tia, não tenho do que me queixar, sempre vivi assim na rua desde meus doze anos, eu não tenho do que me queixar! Pra mim significa vida né? A gente se vira, de um jeito ou de outro a gente se vira. Tô viva até hoje, nunca passei mal, porque,... eu sempre tive legal, a não ser no tempo em que eu fui pra FEBEM... No resto, eu sempre passei bem.

N- E algumas pessoas, deste tempo em que tu estás na rua, já morreram né?

M- Já!

N- E tu lembra, quem morreu?

M- Morreu o finado Alceu,

N- Foi como mesmo?

M- O finado Alceu foi ... eles estavam discutindo, o Marcinho e o finado Alceu, a história eu não sei direito né, disseram que eles tavam muito chapados e tavam brigando por causa de um boné, sei lá, uma coisa assim, daí...ele... o Marcinho deu uma punhalada no finado Alceu, e acertou direto no coração, daí ele morreu, morreu nos braços do Miguel.

N- E quem mais morreu?

M- Morreu, morreu também o finado Nenê, aquele que morreu embaixo da ponte ali,...Quem mais,... o Eritochi...

N- E como foi que morreu esse?

M- Esse, ele ganhava ataque epilético, ele dormia sempre embaixo da ponte e naquele tempo chovia de montão, e ele caiu na água, ele ganhou um ataque epilético, caiu na água e morreu afogado. Deixa eu ver quem mais, morreu o , o, o Miqüim de overdose, conheceu o Miqüim?

N- Acho que sim,

M- Lá do "Tavinho"

N- Ahã.

M - Morreu ele também

N- O Marquinhos, te lembra do Marquinhos?

M- O Marquinhos também morreu, o Marquinhos, agora morreu o Marcinho.

N- Ahá, e a Rose!

M- É, e a Rose.

N- E tu achas que se essa gurizada não tivesse na rua teria morrido desse jeito?

M- Qual tia?

N- Ah, esses todos que morreram, morreram na rua, na situação de viver na rua.

M- Ahã!

N- Então será que a rua não traz a morte mais rápido às vezes para alguns?

M - De repente né tia, eu não sei... De repente com quem eles se metem, eu acho assim né, Que nem o Marcinho, olha onde o Marcinho foi se meter né, na Brás, ele sabia que queriam pegar ele lá já, por causa da morte do finado Alceu. Os outros estavam embaixo da ponte lá, todos chapados, com o valão cheio, morreu, caíram na água e morreram afogados. Eles procuravam. A Rose também, a Rose tava legal, a senhora sabe né tia, ela tava legal quando tava morando lá né? Ela largou de lá pra se meter no meio das drogas lá né? A gente avisou ela. Antes dela ir pra lá eu pedi tia, eu pedi pra ela né. Eu pedi pra ela pra ela não ir pra lá, pra ela ficar conosco no centro... Mas ela não quis!

N- O que é que tu achas que levou ela a ir pra lá?

M- Eu não sei... eu não me dava legal com ela mais, saber tia. A gente tinha discutido, eu nem me lembro por que, ah, por causa do tempo da FEBEM. Ela não queria que eu caísse na FEBEM, e daí a gente começou a se dar mal. Que ela sempre me Avisava. Eu me lembro que eu sempre visitava pra mim me cuidar pra mim não ir pra FEBEM. De lá ela ficou braba comigo. Daí, a gente não tava se dando mais legal mas mesmo assim eu pedi pra ela, pra ela não ir pra lá. Eu não sei por que é que ela foi pra lá. Ela não explicou nada pra ninguém, ela apenas disse que ia pra Boa Saúde e foi! Eu ainda sentei no banco da praça e pedi Rose, não vai pra lá se meter no meio das drogas. Quando eu conheci a Rose ela tomava tia, ela tomava que às vezes ela pedia até pra mim aplicar ncla né. Perguntava pra mim se eu queria né, eu sempre nunca quis porque eu tinha medo de agulha, tinha e tenho até hoje,. Mas sabia que se ela fosse pra lá ela ia começar a tomar de novo. Afinal, onde ela foi se meter... bem no meio lá deles né! Depois daquilo eu não, a última vez que eu tinha visto eu tava grávida de 7 meses, do Márcio, que morreu. Eu fui pra lá e daí eu soube que ela tava ruim né tia. Eu fui

uma vez lá ela tava tomando “a fu”, e apanhava do cara, esse que ela tava... Mas eu já nem conversava com ela quase... Eu não sei porque é que ela foi pra lá...

N- Pois é, que a Rose não era uma guria de apanhar né? Ela batia, ela tinha muita força na rua... Como é que tu achas que pode, assim? Como é que ela era na rua, porque ela era bem uma “chefe” na rua né?

M- É, ela era...

N- E como é que tu defines a Rose assim na rua?

M- ...Como é que eu posso dizer, ela era uma guria guerreira né tia?

N- Líder?

M- É, ela ajudava a gente, ela era assim, ninguém batia nela, ninguém mexia com ela. Volta e meio nós discutia, brigava, mas ela nunca brigou comigo assim... Sei lá, ela se dava legal com todo mundo, ela era uma guria tri, sabe, mas quando ela não tava chapada tia, porque quando ela tava chapada ela se possuía, sei lá, ficava muito louca...

N- O que é que ela fazia daí?

M- Ah, ela mexia com todo mundo na rua, né tia, assaltava todo mundo que via, mexia com os brigadianos, apanhava... Mas ela era legal, ela se virava legal, ela era uma guria tri. Eu sempre gostei dela de montão. Mas ela era assim, umas gurias, como é que eu vou te dizer, a gente era muito amiga né, tia, e naqueles tempos éramos só nós, daí depois foi chegando as outras gurias, e como eu era acostumada, eu fui tirando amizade com as outras e ela parecia que ela tinha ciúme da gente. Que como a gente tinha amizade com elas, não queriam que tivesse com outras. E no fim elas acabavam brigando. Elas tinham ciúme de mim, tia. Muitas vezes quando eu ia pra Tramandaí, eu ia com a Sara, não sei se a tia se lembra da Sara,

N- Não me lembro

M- Era uma guriuzinha que sempre vinha aqui na praça, e quando ela vinha a Rose já sabia que ela ia me levar pra Tramandaí, que eu sempre ia. E antes de eu ir ela sempre dava um pau na guria, ela dizia pode levar a Mariana, mas tu vai apanhar primeiro. E antes de eu ir pra Tramandaí ela sempre dava um pau na guria.

N- Quer dizer que a Rose era violenta também?

M- Era, era...

N- Não era santa assim?

M- Não, ela brigava muito, era ruim ela. Rateava com ela ela dava-lhe pau mesmo.

N- Tua acha que ela era assim por que? Porque na rua é preciso ser assim ou era o gênio dela?

M- Era o gênio dela, né tia. Ela é assim porque...(pausa) Hoje em dia eu sou assim sabe tia. É que a gente não pode deixar os outros e a gente ficar quieta. Daí quem vai apanhar é a gente né, daí eles se arriam na gente. Ah é, tu tem medo, aí tu apanha. Acho que era isso que ela pensava, sei lá. Porque no começo ela não era assim sabe tia, no começo eu também não me dava legal com ela, às vezes eu chamava ela pra brigar comigo, ela tinha medo, não vinha. Daí depois não, depois ela perdeu o medo de mim, “se agarremo” no pau já muitas vezes, mas em mim ela não se arriava... Sei lá, de repente o jeito que ela vivia, também, aloprada do jeito que ela era. Que ela não gostava de ser de rua né tia.

N- Por que é que ela não gostava?

M- ...Sei lá....

N- Ela dizia?

M- Ela dizia, ela dizia que ela não gostava de ser uma menina de rua. Que ela queria estar em casa, mas ela não se dava legal com a mãe dela, porque ela queria saber da mãe dela verdadeira. Ela sempre queria ir atrás da mãe verdadeira dela. Que aquela não era a mãe dela. E ela era uma guria revoltada, né tia.

N- Ahã.

M- ...Era bem revoltada ela.

N- E tu achas que o motivo da revolta dela era este, de não saber quem era a mãe de verdade?

M- Era.

N- E ela falava mal da família dela?

M- Falava, ela dizia que não gostava da mãe dela, porque ela não era a mãe dela verdadeira... E, sei lá, as gurias não eram irmãs também, que ela era diferente, bem diferente da família dela, que ela queria só saber era da família dela. Que ela ainda queria conhecer a mãe dela, era o que ela dizia.

N- E ela falava alguma coisa do que é que ela queria ser na vida? Se ela pensava em alguma coisa de futuro?

M- ...Olha, não me lembro, ela falava de tanta coisa que eu nem me lembro... Ela... deixa eu me lembrar de alguma coisa que ela dizia...

N- Bom, e outra coisa, tu te lembras de quando ela foi pra FEBEM né,

M- Ahã.

N- Te lembras que ela foi pra FEBEM, depois foi lá pra casa e depois foi pra rua de novo?

M- Ahã

N- E deu aquela vez a história com a Luísa, ali, e a história dos brigadianos, te lembra disso?

M- ...

N- Que deu o estupro da Luísa, no mocó?

M- Ahã

n- E depois todo mundo ficou falando que a Rose ficou "caguetando", te lembra, lá naquela praça a gente estava?

M- Ahã, nós batemos nela.

N- Pois é, tu te lembras disso como é que foi?

M- Foi porque a Rose se dava legal com o Chineizinho (brigadiano) e nós não se dava. Daí ele invadiu a casa ali, foi lá e estupro a Luísa e daí a Rose tava sempre conversando com ele. Daí a gente pensou que ela tinha caguetado a gente, que a gente tava ali no mocó, ali. Daí a gente foi falar com ela numa boa e ela quis se avançar na... deixa eu me lembrar... tinha uma gurria com nós, a briga foi por causa dessa gurria, não me lembro se a gurria ... parece que é Carina o nome da gurria, coisa assim, e a gurria tinha ficado com um guri que ela gostava, sei lá, uma coisa assim, daí ela queria bater na gurria. Daí nós não aceitamos que ela batesse na gurria, porque já tinha acontecido tudo aquilo, nós já tava tudo meio louco mesmo, tudo chapado, daí ela quis bater na gurria, daí nós não aceitamos, mas não batemos nela, quem bateu nela foi só a Luísa.

N- Ahã, mas estava todo mundo contra ela né?

M- Tava, tava todo mundo contra ela. Eu até separei, sabe tia, porque eu vi que eles tavam batendo nela, porque eles derrubaram ela, naquele tempo ela era gorda (riu), porque eles derrubaram ela no chão e chutavam ela, as gurias. Tava a Joana, a Maira, a Luísa, um monte de gurias daí eu entrei no meio e separei, pedi pra bater, quer dizer, pra pararem de bater nela, daí quando eu puxei ela porque ela tava no chão, ela se avançou em mim. Eu tirei ela pra eles não baterem nela, daí ela se avançou em mim, daí eu grudei ela também. Daí quando eu grudei ela subiram os guri tudo em cima dela, daí bateram nela, até que eu pequei e consegui separar de novo e mandei ela embora. Naquele dia eles bateram nela de montão.

N- E será que este não pode ter sido o motivo dela ter ido pra Boa Saúde?

M- ...Eu não sei né tia, porque a Rose...ela tem um... depois que ela foi morar com a senhora ela tava muito estranha, ela não se misturava com nós. Ela era uma gurria sempre distante de nós.

N- Será que era problema dela, ou de vocês que não estavam mais querendo aceitá-la?

M- De repente era nós também, né tia. E depois que ela foi pra lá, ela, sei lá, porque acho que ela pensava que nós era de rua e ela assim cheia de grau, que ela tava morando lá, queria ser mais que nós. Mas não aceitamos, porque ela era a mesma coisa que nós. Ela sempre foi a mesma coisa que nós. Daí nós não aceitávamos, porque aí ela tava conosco e deixávamos ela sozinha e saíamos. E daí ela saía atrás de nós as vezes. E daí... sei lá, .. ela começou a mexer conosco, começou a chamar nós de cheirador de cola, não sei o que, e naquele tempo ela não tava cheirando ainda. E daí depois ela começou a cheirar e daí nós "se arriamo" nela que ela chamava nós de cheirador de cola e daqui a pouco ela tava com um saco de cola pendurado na boca também. Sei lá, foi assim de repente, ela resolveu ir pra lá daí. De certo foi quando ela viu que nós não tava aceitando ela mais, de certo foi isso.

N- Porque mesmo quando ela foi pra FEBEM né, quando ela foi todo mundo era muito amigo dela. E com o tempo o pessoal daqui já não tava mais gostando dela. A gente via, tinha a história do Toninho que a Negra namorava e ela era namorada dele antes de ir pra lá. Então eu acho que isso tudo, mudou muito a forma como quando ela voltou, a gurizada não ia aceitar muito ela né?

M- É

N- Bom, uma coisa era antes, ela conseguia, tinha uma liderança, mas isso eu acho que mudou no tempo que ela ficou na FEBEM, ficou lá em casa também.

M- Mudou, mudou, mudou muito depois que ela voltou. Mudou muita coisa.

N- E tu achas que ela melhorou ou não na FEBEM? Tu achas que ajudou ela ter ido pra FEBEM?

M- Não. Acho que não. Depois que ela foi pra FEBEM ela ficou rebelde, sei lá, uma coisa estranha. Ela mudou porque ela parece que ela ficou uma pessoa cheia, sabe tia, parecia que ela tava assim não sei, legal, tinha mudado ela . Ela quis ser mais que nós! Aí foi onde o erro dela , foi onde ela quis, que ela achou que tinha ido pra FEBEM e ninguém aceitou né tia, porque eu fui pra FEBEM também fiquei um tempo e saí antes que ela e eu voltei do mesmo jeito que eu fui. Do mesmo jeito que eu fui e sou até hoje .E ela não , ela voltou diferente. Ela, ela escolhia com quem ela andava, sabe tia, ela escolhia. Ela não foi que nem ela era, andava com nós, não interessava se nós estávamos bem arrumados ou mal arrumados. Depois não. Depois daquilo ela escolhia as pessoas pra andar, sabe. Ela se encheu do grau depois que ela foi pra lá, daí ela veio pra casa da tia , daí ela dizia que ela tava bem, que ela tinha onde morar, que ela tava legal, que ela tinha tudo que ela queria ..

N- Será que ela estava bem?

M- ... Pois é, agente não pode dizer né tia. Não sei se ela tava bem. Mas daí a gente foi mudando com ela, porque ela não aceitava nós e daí nós deixamos de aceitar ela também no nosso meio, né. Tanto nós quanto os guris.

N- Pra ti, a FEBEM surtiu algum efeito? Foi bom, não significou nada?

M- Olha, pra mim... (sinal negativo com a cabeça)

N- Não! Tu acha que adianta pra alguém de rua ir pra FEBEM?

M- Não adianta não. Tudo que eu fazia antes de ir pra FEBEM eu faço ainda. Foi bom o tempo que eu passei lá, que eu parci de usar drogas, que eu andava meio louca, espinoteada, sempre. Foi legal, aprendi, agora eu até já nem sei fazer mais que eu aprendi a fazer lá, aprendi a fazer pintura, eu bordava naquele tempo que eu tava na FEBEM. Um tempo pra mim foi legal ficar lá. Mas assim de mudar, acho que não tenho porque mudar. Não sei, eu não mudei!

Dica- Eu também não.

N - Tu já estiveste na FEBEM?

D - (Fez sinal que sim com a cabeça)

N - Já?

D - Só que a gente sai de lá assim, sai sentida, tranqüila. Porque eu também não queria quando cheguei lá. Também não me aceitaram quando eu cheguei lá, era a Mariana, a Lilian, eu também andava com elas mas daí bah, eu não mudei. Eu não saí de lá bem, se eu disser que eu saí de lá bem é mentira.

N - E depois que sai de lá tem que conquistar o espaço de novo!

M - É... Porque depois que a gente vai pra lá né tia, as pessoas que a gente andava já tão desacostumados, com a gente...

N - É os namorados, e as namoradas...

M - É, eu tive sorte aquela vez, o namorado foi junto, se lembra?

N - Ah, era o Chinês né?

M - É, foi comigo e voltou comigo.(exclamação que não deu pra entender) Mas eu não mudei nada!

N - Mariana, e o que vocês na rua conversam, pensam em fazer alguma coisa no futuro, ou não pensam nisso, vamos viver só o hoje? Como é que é, como é que funciona isso?.

M - Não tia, antes (com um entonação comprida) eu não pensava nada assim sabe. Só queria cheirar cola, roubar, e brigar, e fazer tudo. Mas hoje eu já penso diferente. Eu penso em talvez me casar, e ter um serviço, e trabalhar e cuidar do meu filho. Porque hoje eu tenho um filho, né tia, e eu tenho que pensar nisso porque ele é a única coisa que eu tenho. Hoje eu já penso melhor. Por que eu não tenho que pensar só em mim, eu tenho que pensar nele. E apesar de tudo eu penso no Miguel também, mas... Eu penso mais no meu filho. Que agora eu não posso ficar assim... atirada, não posso fazer o que eu fazia antes. Porque eu tenho meu filho agora pra cuidar.

N - Então tu achas que o filho foi o motivo que fez tu mudar teu pensamento?

M - É, foi. Meu filho foi o que fez mudar o pensamento, do que eu queria ser, eu gostava ... Sempre quando alguém perguntava pra mim o que é que tu és, eu dizia eu sou uma menina de rua. Eu gostava de dizer que eu sou uma menina de rua. Era, eu sou ainda. Eu nunca tive vergonha de ser uma menina de rua. Porque a gente é tudo unido né. Como eu sou os outros são também. Sei lá... Nunca tive vergonha de ser uma menina de rua.

N - E tu achas que todo o mundo que está na rua também não tem vergonha?

M - Eu acho que se está, não deve de ter né tia, que se tivesse daí não taria na rua.

N - E tu disseste que pra ti, o motivo de sair da rua foi o Rafael né?

M - É!

N - Mas isso não é pra todas as gurias né?

M - Não, acho que não né? Porque tem umas que não tem filho ainda, apesar de quase todas terem. Mas a senhora vê né, todas as que tiveram filho saíram da rua né? Quem ficou mais foi a Luísa!

N - E a Rafacla?

M - E a Rafacla. A Rafacla é uma pessoa que nunca pensou em filho também né, Ganhava um filho e largava. A Rafacla não dava bola prós filhos. A Luísa também teve um tempo em casa, depois largou o gurizinho dela. Eu fui a que fiquei mais em casa. A Negrinha também foi pra casa né vem prô centro de vez em quando. Agora já tem outro nenê também!

N - Tem outro nenê?

M - Sim, outro gurizinho ela, ganhou. Quase junto com a Rafacla.

N - Nossa, eu não sabia! De quem, do Toninho?

M - Não...

N - Ela casou?

M - Ela tava casada, ela agora tá separada, uma coisa assim.

N - Ela mora com a mãe dela?

M - É, não sei...

N - E o que é que tu achas que fez o Miguel... Tu achas que o filho fez o Miguel sair da rua junto contigo?

M - Aquela vez?

N - É.

M - Ah, foi assim, eu fiquei grávida. Tia, a senhora sabe, que quando eu fiquei com o Miguel, tia, eu não gostava do Miguel, mas eu gostava dele assim como um amigo né, tia. E daí ele tava nas drogas também, que nem a Rose né, bem...

N - Bem drogado!

M - Bem drogado, bem magrinho, tava ele. Daí ele queria ficar comigo. Ele gostava de mim. Daí eu disse pra ele, eu fiz uma proposta pra ele, se tu fores pô São Pedro, fazer desintoxicação, eu fico contigo. Mas pra te tirar das drogas. Daí eu fiquei com ele, ele foi, quando ele voltou nós continuamos na rua, eu fiquei com ele, daí eu fiquei grávida. Daí quando eu fiquei grávida, a minha mãe soube que eu fiquei grávida, daí a mãe veio aqui no centro me buscar. Me lembro até hoje, ela veio me buscar no dia 15 de setembro, (frase não deu pra entender) e daí no dia 17 eu vim buscar o Miguel, porque eu tava grávida do Miguel. Daí dia 17 de setembro daí depois, eu vim buscar o Miguel, ele tava podre de chapado, bêbado. Daí eu levei ele pra casa, daí ele arrumou serviço com o irmão dele, ficamos morando com a mãe, até eu ganhar o guri. Daí depois né, tia, depois que o guri nasceu, o guri morreu, daí, bah, foi uma coisa. O Miguel pensou em voltar pra rua, eu pensei em voltar pra rua, também né. Porque nós só tínhamos ido pra casa por causa do nenê. E nós já tínhamos perdido ele né. Daí nós peguemos e, daí a mãe pediu pra mim não voltar, pra mim não voltar pra rua, que eu tinha perdido aquele, mas podia ter outro. Daí fiquei. Quando eu fiquei grávida, o Rafael, eu não queria o Rafael, de jeito nenhum, o que eu queria tinha morrido. Eu não queria o Rafael, nunca quis aceitar. Até há pouco tempo eu não aceitava o Rafael, agora que eu estou começando a aceitar o Rafael. Isso eu digo, agora que eu estou começando a amar o meu filho! Porque eu vi que não adianta né, o outro não vai voltar.

N - Ahã!

M - E daí nós sempre se demos bem. Eu não sei, depois, de um tempo pra cá depois, eu comecei a culpar ele, o fato dele ter morrido por causa dele, comecei a culpar ele. Quando eu ganhei o Márcio ele não tava comigo no hospital. E daí comecei a culpar ele, sei lá, daí começaram as brigas. Eu deixei de gostar dele, aí ele começou a beber, e começou a trabalhar, tudo bem. Daí chegaram as férias dele, fazia dois anos que ele tava na firma. Daí ele foi trabalhar no lixão, daí lá no lixão só tem bêbado também, e aí ele começou a beber e a loquear, daí eu larguei ele...

N - Daí ele voltou pra rua?

M - Daí ele voltou pra rua, quando eu larguei dele ele voltou pra rua. Daí um pouco depois ele ficou com a Rafaela, um pouco depois ele levou o acidente, aí ele começou a me incomodar, me incomodar, dizendo que ia me matar, daí eu fui embora. Eu fui embora e deixei o nenê com a mãe, porque eu não tinha como levar o guri embora, eu não sabia como eu ia ficar lá. Daí agora eu me ajeitei legal lá, e daí eu vim buscar o guri! E ele disse que vai voltar pra rua de novo. Eu levando o Rafael ele não tem porque ficar em casa. E ele vai voltar pra rua de novo!

N - Então tu achas que o nenê foi o motivo da saída de vocês da rua?

M - Foi!!

N - E essa coisa que tu dizes que a tua mãe veio te buscar, que tu marca o dia assim, outras vezes a tua mãe não tinha vindo te buscar?

M - Já!

N - E tu nunca tinhas ido?

M - Eu fui, às vezes eu fugia dela, na rua, quando ela vinha me buscar. Ela sempre me buscou tia, daquela vez que eu fugi de casa, ela mandou, ela me mandou embora, ela disse quer ir tu vai, aí eu vim. Daí ela veio, várias vezes ela vinha, ela e a minha irmã vinham me buscar. Eu ia, ficava uma semana em casa, saía e voltava de volta!

N - Por que era ruim ficar em casa ou tu preferias ficar na rua?

M - Era ruim ficar em casa. Eu não gostava. E eu preferia a rua! Na rua eu tava sempre chapada, me divertia de montão, ia com os guris no som. Em casa eu não podia fazer nada. Eu sempre gostei mais da rua do que casa. E daí com o negócio do Miguel, eu tinha que me acostumar em casa né, porque era uma coisa pô nenê, que não era por mim.

N - E com o Rafael tu não sentiste a mesma coisa?

M - Não!

N - E agora tu estás

M - E agora eu vi sabe tia, que quando eu perdi o Márcio, todo mundo dizia, ah, morreu este mas vem outro no lugar! Daí eu fiquei grávida do Rafael, e eu não aceitava isso. Não, ele veio pra tomar o lugar, porque eu nunca aceitei a perda do meu filho, nunca, e nunca vou aceitar não. E daí eu não queria ele, até os sete meses eu dava soco na barriga pra matar ele, tomei um monte de coisa pra matar ele, porque eu não queria ele. Ganhei ele tudo, mas, fiquei com ele até os sete meses, fiquei com ele até larga, os sete meses, até baixar o hospital e quase morreu. Mas não é mesma coisa se fosse o outro. Mas mesmo assim, eu não peguei amor

ainda, por isso eu deixei ele. Mas daí agora eu vi né, não adianta, o outro não vai voltar mais, aquele foi e não vai voltar nunca mais. Aquele foi né, e agora eu tenho que aceitar o que eu tenho, que é o único que eu tenho, e agora é o Rafael. E eu tenho que aceitar o Rafael né tia, e ele tem que ficar comigo! (fita acabou, não notei logo, e falávamos sobre outro assunto, sobre a mãe, e sua ida pra FEBEM)

M - A minha mãe sempre dizia que se um filho dela fosse pra cadeia ou..., ela nunca ia visitar né, e daí eu não avisei ela! Eu não avisei ela. A Rafaela que avisou a mãe. E ela foi me ver lá! E daí eu até disse pra ela, que eu tava né tia, o exame que eu fiz lá na FEBEM, até hoje eu não acredito, até hoje eu não acredito. Eu acho que eu não tenho nada, mas eu falei pra ela e ela se apavorou né!

N - E por que é que tu não fazes o exame de novo?

M - É, eu vou ver se faço o exame de novo. Eu tô preocupada com isso por causa do guri. Eu tô preocupada.

N - Pois é, se fosse logo, poderia fazer no posto né?

M - ...Eu não sei se eu tenho né? Quer dizer... (silêncio)

N - E aí, o que mais. Mais alguma coisa que tu te lembres!

M - Da Rose?

N - É.

M - A Rose não se dava muito bem com a Rafaela. Nunca se deram muito bem elas. (silêncio)

M - ... Sei lá, (barulho de carros, não deu pra ouvir direito) bem louca ela era, que saudades, nossa! Até que eu gostava, sabe tia, gostei muito da Rose, nossa, como eu gostava dela! Mas nos últimos tempos eu, depois dela morrer (*deve ser depois de ter ido pra FEBEM*), eu não gostava mais dela, ela tinha mudado demais, eu deixei de gostar dela. Ela ficou uma pessoa muito cheia, sei lá!

N - Ela deixou de ser uma menina de rua?

M - É, eu acho, ela deixou de ser uma menina de rua! Porque quando ela foi pra lá, tia, ela deixou de ser uma das nossas sabe. Quando ela escolheu ir pra Boa Saúde ela deixou de ser da nossa turma, ela não era mais da nossa turma. É a mesma coisa eu, eu não sou, eu não digo que eu sou da turma agora, porque eu larguei daqui, fui pra Tramandaí, minha vida agora é lá, lá tenho outros amigos, lá eu tenho amigos também de rua, que quando eu conheci, que quando eu tinha treze anos, quatorze eu fui pra lá, conheci, agora tão tudo lá. Mas eles lá são mais tri, eles tem casa lá. Os guris lá têm cabeça, também, têm cabeça. Não são que nem os daqui, passam o dia cheirando cola, todo o dia na rua. Lá eles têm casa, eles têm tudo lá.

N - Então não são de rua?

M - Não, já foram de rua, (não deu mais pra entender, muito barulho, parecia dizer algo como coisas "erradas" que faziam, mas uma reafirmação de que tinham casa no final)

D - Mas lá eles têm a cabeça no lugar.

M - É, lá eles têm a cabeça no lugar. E lá agora é o meu lugar, sei lá! Vou voltar pra lá, mas sempre vou ser uma menina de rua! De certo até eu morrer! Eu me considero sempre uma menina de rua. Eu gosto demais dos guris como daqui, como de lá, do mesmo jeito. E acho que vou ser pra sempre uma menina de rua. Gostava daqueles tempos, ah, eu sinto falta daquele tempo que a gente ia pra Porto Alegre, lá naquele lugar falar o que a gente fazia né. Dos tios, sinto falta dos tios, nossa! Sinto falta até da Casa Abrigo. De vez em quando eu encontro as tias da Casa Abrigo. Lembro da gente sempre no conselho atentando a tia Neidi (risos).

N - Bah, quando chamavam a gente, lá tava ela, quem era, tu e a Denise né? meu Deus, se rolando ali! Podre de chapadas (risos). Ia lá juntar as moças.

D - A nossa, sabe aquela que eu fui aquela vez, que me levou, eu fui pra lá, foi a Tânia. Seguido eu ia lá conversar com ela também, daí eu cheguei lá e ela olhou pra mim e disse "tu aí baixinha, não acredito!(falou o resto muito baixo)

M - As tias, as tias sempre foram muito tri, visitar nós até na FEBEM. É bom a gente saber que tem alguém pela gente, que mesmo quando a gente foi lá pra dentro, não deixou a gente mal né tia, de visitar nós. A única tia que nunca gostei, que nunca fui com a cara é a tia Josefa.

D - Tu bateu nela?

M - Não, aí tá, aquela que eu bati a, a, como é que é o nome dela?

N - A Gertrudes?

M - É, aquela também, nunca fui com os cornos dela, mas as outras sempre me dei legal. As tias entendiam a gente, e as outras não. A Gertrudes já pensava em bater, como ela fazia, ... a Gertrudes foi querer botar o dedo na minha cara né, e eu não aceitei, capaz que eu ia aceitar, eu chapada!

(Lica contava rapidamente alguma experiência que não deu pra entender) risos

M - Queria me botar pra fora da casa, eu não quis ir, não vou, tava muito chapada. Ela me botou no banheiro eu peguei o cobertor e me deitei. (não dá pra entender, algo sobre as tias), as outras tias não, sempre entendiam a gente. Às vezes a gente vinha ali, brigava, podre de chapada, mas as tias sempre entendiam nós, né. Né, tia, nós aloprava um pouquinho né, chegava chapada, conversava com a gente. A gente nunca pode dizer que vocês foram ruim pra gente, vocês sempre avisavam a gente como é que eram as coisas, pra nós se

cuidar, tudo, a gente sabe (falou baixo o resto não foi possível entender) Mas sei que eu sempre vou ser uma menina de rua.

N - Então é difícil tu dizeres ao teu filho que tu não queres que ele siga este caminho! Tu gosta de ser uma menina de rua né?

M - Eu gosto tia, eu gosto de ser uma menina de rua. Eu digo assim, eu vou ser pra sempre é um modo de dizer, porque com esse negócio de ficar com o Rafael, eu vou ter que largar da rua, mas eu vou me considerar sempre uma menina de rua. Mas é uma coisa, eu não quero que o Rafael. Eu não quero que o Rafael seja um menino de rua. Eu não quero. Eu não quero pra ele o que eu vejo que os guris passam nas mãos dos brigadianos, isso eu não quero.

D - Eles foram presos um dia...

M - É, isso eu não quero.

N - Então tá moça, mais alguma coisa que tu queiras falar?

M - Da Rosc, tia, ou outra coisa? Eu convivi muitos anos com a Rose, tia, mas a gente nunca conversou assim coisa dela. Se conversou também não me lembro, faz tanto tempo. Só sei que a gente ficou legal, ela gostava de mim de montão. A primeira vez que eu deixei ela aqui, ela foi lá em Tramandaí me buscar, ela e a Mercí. Quando eu fui pra lá, elas foram lá me buscar, e enquanto não me trouxeram pra casa não descansaram. Ela foi uma gurria assim né, mas durou pouco só né, ela durou pouco porque ela aceitou. Que nem aquela vez que eu fui ver ela lá, meu Deus, foi a última vez que eu vi ela. Nem no velório e enterro eu fui, eu recém tinha acabado de ganhar o nenê né! E, eu perdi duas pessoas naquele mês, perdi ela e...

N - Foi em junho também?

M - Não foi em março!

N - Ah é, ela morreu em março, 22 de março.

M - É, eu lembro bem, foi no dia 22 de março. E eu perdi meu guri dia 28 de fevereiro.

N - Um mês depois.

M - É.

Entrevista com Joana, Mariana e Renato, no mocó

N - Quando vocês responderam a outra entrevista...

M - Falar o nome da gente primeiro?

N - Não, não precisa,

M - Não vão saber quem tá falando daí!

N - Tá, mas quem vai ficar com ela sou eu! Se quiser pode falar o nome.

M - Fala teu nome Joana

N - Vocês quando fizeram aquelas outras entrevistas, as duas tinham saído da rua por causa dos filhos de vocês. E agora voltaram de novo. Então eu queria que vocês falassem qual é o motivo que fez vocês virem pra rua agora.

J - Qual o motivo (bem baixinho)

N - E onde ficou o filho nessa história?

M - Diz o teu nome!

J - Meu nome? Falar o nome?

N - Podes falar!

J - Meu nome é Joana, eu saí da rua por causa do nenê, parei de fumar, parei com todas as drogas. Daí, cheguei, falei pra mãe, fiz um acordo com ela, daí pra pegar uma pecinha, pra ela arrumar uma pecinha pra mim, daí a tia arrumava o fogareiro e eu fazia a bolacha, daí pegava dinheiro. Daí eu prometi pra ela que eu fazia todo o serviço pra ela, e parar com tudo, daí ela disse assim que nunca mais ia brigar comigo. Ela queria que eu passasse o nome do meu filho pro nome dela. Eu falei assim que eu não aceitava por causa que eu queria botar ele no meu nome que quando eu morresse ele ia ter uma mãe. Uma mãe que..., que gostou muito dele! Daí ela pegou e brigava um monte comigo e eu tava com a barriga grande já, daí o pai bati nela também, daí eles brigavam muito comigo, daí eu fazia todo o serviço direito, daí ela não aceitava, parece que nada tava bom pra ela, daí de tanto eu me incomodar eu quase perdi o nenê, o Carlos, daí. Daí ela pega e fica me cobrando de mim, *como se um bagulho daí eu peguei* (não deu pra entender direito). Daí um dia ela falou pra mim que se eu fizesse ela e o pai brigar, eu não precisava chamar ela nunca mais de mãe! Eu peguei e saí fora, daí eu tava com o menino no centro, daí eu mandei o mano levar ele pra casa e dei um dinheiro pra ele, dei um beijo e abracei forte ele pra ele não esquecer de mim. Daí ele foi pra casa. Daí um dia eu tava em casa e a mãe começou a brigar comigo eu saí de casa de novo, fiquei um dia na rua, daí o pai chorou a noite toda por causa do nenê, achava que nós estávamos passando fome. O pai, o pai é bom, o pai. Ele gosta um monte de mim, nunca me fez mal! Só um dia que eu caí lá, que eles iam brigar, o mano quase deu uma tijolada na cabeça do pai, daí não sei o que, daí eu caí no chão, eu tava grávida do nenê, tava quase ganhando já. Daí eu caí sentada, senti dor na barriga, daí o pai tava bêbado daí o mano quase acertou a tijolada na cabeça dele daí, eu peguei e dei um empurrão no mano. Daí eu não deixei brigar com o pai. Daí eu falei assim, se é pra tá brigando todo o

dia aí, eu pego e saio fora, deixo o nenê agora, quando tiver, arrumar uma casa, e arrumar um serviço pra mim eu pego, pego o nenê e vou embora de lá! Daí eu falei pro pai que se ele continuasse brigando com a mãe, eu não... , eu ia esquecer que tinha um pai. Daí a mãe um dia pegou e chegou pra ele "é isso aí que tá destruindo nossos filhos, são nossas brigas (...não deu pra entender). Daí eu peguei e falei assim pra ele, daí a mãe falou assim pra ele se ele não parasse de beber ela ia pegar e deixar dele, e ia embora, e ia deixar ele. Daí ele pegou, daí ele sentiu, daí ele parou de beber. E aí, e agora ele arrumou um serviço pra ele.

N - Ele está trabalhando?

J - Tá!

N - Quem é que está cuidando do nenê agora?

J - Eu acho, eu acho, eu acho que aquela que vai ser a madrinha dele.

N - Quem é?

J - Uma lá do lado da casa lá! A Tânia!

N - Então tu não sabes quem está cuidando dele, agora?

J - Agora não!

N - E tu estás pensando em ir ver quem está cuidando dele, tu estás preocupada com isso?

J - Preocupada eu tô! Às vezes eu até fico no mocó..., às vezes eu converso com a Mariana, até, até choro a noite toda por causa do guri! Mas não...o que é que eu posso fazer? Voltar pra casa pra encher o saco de novo eu não vou voltar! Mas eu sinto um monte de falta dele.

N - Tu achas que é melhor pra ele tu ficares longe dele?

J - Não é melhor, mas...se eu viver nessa vida assim, vivendo brigando assim... eu não quero, eu não quero ser culpada de, perder minha mãe, por causa de brigar com ela todo o dia. Eu só saí de casa porque eu tenho medo de perder ela!

N - Por que?

J - Ela, ela sofre do coração! Pode dar um desmaio nela. Eu falei pra ela assim, ó mãe, chorei ainda, pedi perdão pra ela, tudo que eu fiz, mas acho que ela não aceitou! Daí um dia lá, eu não sabia fazer oração, daí eu peguei me ajoelhei lá, comecei a orar, e falei pra Deus, que se um dia eu fiz alguma coisa de errado pra minha mãe que ele me perdoe. Daí... abracei ela forte e falei assim: se ela me perdoa, daí ela falou assim... eu não tenho nada que te perdoar, quem tem que perdoar é Deus. Daí, eu peguei fiquei um tempo, e parece que não adiantava. Pegava a hora que ela vinha discutir comigo, pegava saía de perto mas não adiantava. Daí eu ia na máquina lavar roupa, porque eu tinha que fazer o serviço lá, daí tinha uns caras lá,... que assobiavam lá, daí ela pensava que eu tava me fresqueando e me mandava pra dentro. Daí eu ia lá fazer o almoço e parece que não adiantava, vinha encher o saco lá. Daí eu ia pro quarto e olhava televisão. Daí se acaso o guri chorava o meu irmão reinava lá, falava não sei o que, que eu não sabia, às vezes o guri tinha cólica, dor de barriga, daí ela ficava olhando, daí a mãe, a mãe já se queimou pelo guri. "Faz esse guri ficar quieto", falei assim, "ficar quieto não! Deixa o guri ôh, o que vou fazer, não tem nenhum remédio". O único remédio que eu tinha, às vezes tinha que toda a hora pedir. Daí eu recebi dinheiro das bolachas... comprava as coisinhas pro nenê e dava o resto do dinheiro pra ela, dava quinze real e ficava com dez só, comprar as coisas pro guri. Daí... ai, ai, daí ela falava sempre, botava na cabeça assim que, que, eu saía porque eu tava louca pra, pra voltar pro centro né. Eu falei assim "que se eu quisesse voltar pro centro eu tinha voltado. Mas eu acho quem quer me ver longe no meu filho é a senhora. Só por causa que eu não aceitei de passar no nome dela, que eu não tinha condições, pra ela botar o guri no IPASEM". Eu não aceitei e pronto! Daí ela não gostou, e não pode ter incomodação, e nem precisava do dinheiro dela!

N - E agora Joana, o que é que tu estás fazendo pra tentar mudar isso, tu estás fazendo alguma coisa pra tentar ficar com o guri de volta?

J - Eu não sei, eu tô tentando arrumar um emprego, que a coisa mais difícil que tem é arrumar um emprego. Às vezes a gente vem aqui cuidar de carro na frente do Shopping, e parece que, parece que os brigadianos vêm aqui e atropelam a gente. E aí a única coisa que eu posso, o que a gente tá fazendo agora é, dá um pouco de dinheiro mesmo, é programa, mas só fazendo, alguma coisa tem que fazer, pra poder sobreviver. E aí às vezes eu fico triste porque não tenho dinheiro suficiente pra comprar uma coisa pro nenê! (silêncio)

N - Como é que foi a tua volta pra rua?

J - Muito revoltada, eu tava afim de, se eu não conseguir meu nenê de volta, daí a coisa vai mudar!

N - O que é que vai mudar?

J - Ué, vou começar com tudo as drogas de novo!

N - Do que depende pra tu ganhares teu nenê de volta?

J - Só depende de um serviço!

N - Então depende de ti?

J - É, um serviço, e juntar um dinheiro, pra botar tudo no banco, até conseguir um dinheirinho legal, e dá pra fazer, e começar, e dá pra fazer uma casinha.

(rapaz que estava junto, viu Mariana tirando a calça comprida, perguntou “Cadê a calça?” falei “vai ficar com uma calça branca e uma bermuda preta, vê se pode? Mariana riu, “andou assaltando alguém na rua?” “saiu de pé descalços e voltou de tênis, andou assaltando alguém? deixou alguém pelado? Mariana ria. ..

N - Tá Joana, mais alguma coisa que tu queiras falar?

J - Não!

N - Tá, Mariana então, fala tu agora!

M - Falar o que?

N - Podem falar juntas

M - Falar o que?

N - Não! Tu outra vez, na gravação, tinha falado que tinha saído da rua por causa do Rafael, que queria o melhor pra ele, não queria que ele fosse guri de rua.

M - Ah é,

N - E agora o que é que tu estás pensando sobre isso já que tu estás na rua?

M - Bom, (risos)... tá gravando?

N - Tá gravando!

M - Bom, a Mariana tá falando né, ... que eu tinha da rua pra quê?

N - Pra ficar com o Rafael e pra e dá uma vida diferente pra ele.

M - (olhando pra Joana e rindo de uma coisa que ela estava fazendo)

N - Tu querias que o Rafael não fosse menino de rua!

M - Ah é, eu quero ainda, eu quero tia que ele não seja um menino de rua. Eu voltei pra rua, eu me separei do Miguel, e, e, eu voltei pras drogas e comecei a andar na rua de novo.

Daí eu tava dando um tempo em Tramandaí, e voltei pra buscar o Rafael. Mas... eu fiquei com pena de tirar ele do Miguel! Que quando eu tirei ele do Miguel, o Miguel, sei lá, fica muito triste, porque ele gosta muito do guri né! Daí eu vim decidida a levar ele, o Rafael comigo, mas como eu sou muito avoada, e gosto de andar pra lá e pra cá, é ruim pra uma criança. Daí eu decidi deixar ele com o Miguel pra ver como é que ele vai ser criado. Se ele tiver legal eu vou deixar ele com o Miguel, daí se ele não tiver legal, daí a gente vai resolver o que a gente faz. Porque numa boa ele disse que não vai me dar o guri né, só se a gente for pro juiz daí. E daí eu não quero ir pro juiz com ele. Não sei, vamos ver, até agora o guri tá legal com ele! Até nessa semana o guri tava meio ruim. Eu não tenho responsabilidade nenhuma por ele, quem tem mais é o Miguel e a mãe né, eles que decidiram, cada um vai ficar um tempo com ele.

N - Por que é que tu não tens responsabilidade?

M - Porque eu não... sei lá, eu sou muito... que agora eu tô na rua, daí eu tô usando drogas, eu não tenho direito nele! Se for prum juiz eu não tenho direito, quem tem direito no Rafael é só o Miguel e a mãe. E a mãe tem mais direito que o Miguel.

N - E tu não pensas mudar isso?

M - Eu não!

N - Tu estás bem assim?

M - Eu tô bem assim! Não, quer dizer, não tô aquela coisa “nossa como tô bem”, mas dá (risos), a gente vai levando. Até o verão eu vou levando isso né, depois ... Eu não fui ainda pra Tramandaí por causa da Joana, por causa que eu não quero deixar ela sozinha, e ela não quer ir comigo por causa do filho dela,

N - Ahã!

M - Daí eu não fui ainda por causa disso. Mas quando chegar mais, mais perto do verão, eu vou ir, se ela não quiser ir comigo ela que fique aí sozinha!

J - Vai me deixar aqui sozinha (não deu pra entender, muito baixo o resto da frase)

M - É, porque eu vou ir né, porque eu não gosto de tá aqui tia. Eu, o meu lugar é Tramandaí. Eu vim pra cá pra ver o Rafael só... Daí eu vou voltar pra lá, porque lá é mais legal, lá eu não fico na rua, lá tem casa lá onde eu moro, lá tem um monte de amigos. Aqui eu também tenho mas eles são tudo da rua né, lá eles não são! Não sei até quando eu vou viver aqui né? Sei lá!

N - Como é que fica com a história de começar a usar “coca”?

M - Que coca tia?

N - “Pó”?

M - suspiro

J - Eu se não conseguir meu filho de volta acho que vou ficar morrendo por aí!

M - (risos) Ai, e quem é que disse que eu tô usando pó tia?

N - Tu!

M - Quando? (risos)

N - Esses dias! Ou já mudou?

M - Ah, que eu tava cheirando pó!

J - Ah, eu tava cheirando pó tia, eu não vou mentir que eu tava.

N - Estava ou ainda está hoje?

J - É que eu tava muito triste, daí no começo, daí eu comecei em dezembro por causa do guri, eu cheirava um monte, a Mariana é que sabe ainda, que tava no mocó lá, daí eu não tinha ninguém pra conversar, daí eu comecei a falar com ela, daí eu comecei a chorar, chorar, chorar, com a Luísa também! Daí eu falei assim "se eu não consigo meu filho de volta daí eu me largava no mundo!"

M - É, eu comecei a usar pó por causa que... eu cheirava muita loló né, lá em Tramandaí eu já tava ficando meia pirada. Antes de vir pra cá eu cheirava loló todo dia. Eu tive duas vezes no hospital por causa de intoxicação né, (não deu pra entender o resto da frase). Duas vezes, bem louca eu tava. Daí resolvi vir pra cá. Cheguei aqui me atraquei na loló de novo né, daí aqui fui uma vez pro hospital, a guarda me levou pro hospital, eu tava mal mesmo. Daí cheguei no hospital, botaram uma, uma, botaram uma veia, um bagulho lá na veia lá, daí eu disse que eu tava muito ruim e que eles achavam, que era pra mim dar um tempo pra ficar lá em recuperação. Se eu não melhorasse eles iam baixar eu né, porque eu tava muito ruim mesmo. E eu já tenho um bagulho na cabeça! Eu cheiro loló daí dá umas tonturas, uma coisarada. Eu esqueço tudo o que eu faço, fico que nem louca mesmo! Daí... eu fugi do hospital, larguei aquela lombada do Operário até o mocó! Cheguei ali e comecei de novo, a loló né! (risos) Daí eu tava ficando muito ruim da loló mesmo, comecei a vomitar, não comia mais quase, emagreci. Daí, daí as gurias apareceram, as gurias apareceram na banda e daí começaram a cheirar pó, e eu comecei a cheirar com eles! E foi aí que eu comecei! Eu comecei a cheirar pó, daí comecei a deixar da loló, daí fiquei mais no pó, no pó! E agora eu cheiro muito pouca loló. De vez em quando que eu tiro um molho né Joana? De vez em quando eu encontro os guris daí eu tiro um molho! Ontem eu cherei. Mas agora é muito difícil, agora eu tô mais no pó! Tava cheirando, agora já tô tomando (risos)

N - Ah, então confessa? Ah, e tu tinhas dito semana passada pra mim, que deus o livre tomar, eu não vou fazer isso nunca! Semana que vem, quando eu falar contigo tu vais estar, sei lá fazendo o que, pois cada semana tu estás indo mais longe!

M - É, mas é a vida né tia. Como a gente diz, nunca se diz desta água eu não bebo!

N - Mas o que é o pó? Quando tu começa a usar o pó, não é uma ida mais rápida pro fim?

M - Eu não sei, o que tu achas Joana?

M - É, eu não sei, eu acho que quem tá na chuva, tá pra se molhar (o amigo delas começou a falar junto, mais a Joana, e não deu pra entendê-los. Mas ele concordava com o final próximo de quem usava cocaína. Disse que nunca tinha se injetado, só cheirava. Quando falou que concordava com a idéia de fim próximo com cocaína, perguntei)

N - Mas quem toma nos canos ou quem toma de beber?

M - De beber o que tia? (a minha ignorância em falar em beber pó, Mariana teve que rir)

R - Quem toma nos canos! Este vai mais ligeiro!

M - Ah, quem tá na chuva tá pra se molhar! Se morrer, vai morrer de algum jeito mesmo!

N - Então vocês estão querendo morrer mais ligeiro?

M - Que nem diz o Zuêra, esses dias o Zuêra me encontrou, dizendo, "bah Mariana, tu tomando Mariana, por que tu tá tomando?" Pois é Zuêra, tamo na merda, merda e meia (e riu).

N - Mas precisa disso Mariana?

M - Eu vou parar tia, isso... eu tenho tempo de parar ainda.

N - Sim, semana passada tu tava só cheirando, agora tu já estás tomando...

M - Ah Que nem diz o...

N - Tu achas que tu consegues parar?

M - Consigo, se eu quiser eu paro!

N - Mas o que é que tem que fazer?

M - Mas tem que ser agora né tia, enquanto tá...

R - Enquanto é tempo!

M - Enquanto é tempo né. Mas, mas eu vou parar porque bah, eu vou pra Tramandaí daí Tramandaí as gurizadas lá cheiram coca, mas não me deixam. Lá tem um camarada, só tem um dos meus camarada que (tem) os outros tudo cheiram.

N - Te lembras que eu falei que o cheiro pra tomar é muito rapidinho né, e tu fez "não, eu nunca vou tomar..."

M - É, e não foi a primeira que me disse isso. Sempre os guris falaram pra mim "hoje tu tá cheirando, amanhã tu tá tomando!"

N - E a seringa tudo a mesma, pra todo mundo.

M - risos

N - Passando o vírus pra deus e o mundo!

M - Nããão, é...

N - Cada um tem a sua?

M - É é é, eu e a... é, eu tenho!

N - É, eu e a Joana temos uma só?

M e J riram juntas, como confirmando o que havia dito.

N - Só falta a Joana dizer que não está tomando também! Tá bom... É Joana?

R - Coitada!

N - Só falta agora o Renato dizer que não toma! (Mariana ria bastante)

R - Ah, mas eu pode olhar aí (e mostrou os braços, realmente não havia marcas de agulha).

M - Ah, mas pode olhar nos braços dela tia,

N - Onde é que vocês tão botando, nos pés?

R - Mas eu, a única coisa que eu faço é cheirar e fumar!

J - Daqui a uns dias tá tomando!

R - Tomar não...

M - Eu também dizia que não, deus o livre

R - Não, mas eu não vou tomar!

N - Olha, só essa palavra, quantas, quantas que eu já escutei com esta história, jamais...

R - Eu não vou tomar, porque, porque eu uma vez eu vi um morrer na minha frente tomando.

N - E vocês (pra Mariana e Joana) nunca viram ninguém morrendo na frente de vocês?

J - Eu não!

N - Eu já vi gente morrendo por causa disso.

M - Ah, eu, tem água aí (perguntando pro Renato que estava com uma garrafa de água na mão). Ah, cu vi! Ah, mas eu acho que eu não vou morrer né? Se morrer não dá nada também!

N - O que é a morte, afinal?

J - É um descanso!

M - Ah, eu acho que é um descanso.

N - Descanso.

M - Mas eu não quero morrer tia, eu quero tá viva pra ver meu filho crescer!

N - Mas se vocês estão indo pra isso, será que vocês conseguir ver os filhos crescerem?

J - Que nem o Camarão falou uma vez, "Mariana, pra com isso, isso não tem futuro, pra ti não! Tu tem uma cabeça, tem uma cabeça bem tri, pra falar as coisas, pára com isso! Não cabe, ainda bem que eu não fui a primeira a te picar, eu não teria coragem.

N - Mas vamos ver essa história, de vocês falarem que a morte é um descanso. Será que vocês estão querendo descansar?

M - Ah, eu tô tia! Já tô cansada dessa vida! (falou isso num tom irônico)

N - Então o pó vai ajudar vocês a chegarem mais rápido nesse descanso?

M - Vai, o próximo passo é o caixão!

J - Mas antes de morrer eu quero falar com o meu filho! Quero falar tudo o que aconteceu, porque, porque nós se separemo,

N - Então vai ligeiro né, porque daqui a pouco...

M - Ai tia, nem é... (risos)

J - Calma tia, tem tempo. Tenho 16 aninhos, eu não vou morrer agora!

N - Tu achas que vocês vão viver 16 anos nessa vida ainda?

J - Eu só vou morrer, vou morrer, quando tiver uns quarenta e seis...

N - Tu conhececs alguém Joana, que tá nesse meio e que chegou até essa idade?

M - ã?

J - Eu acho que sim...

N - Quem?

N - (silêncio) eu não conheço ninguém!

M - Mas a gente pára tia, se a gente quer a gente pára! Quando a gente vê que a gente tá ruim, a gente dá um tempo né Joana.

N - Mas vocês se dão conta quando tão mal?

M - A gente nem sei, sabe se vai continuar tomando.

J - Eu vou, tô tentando para.

N - Mas vocês sabem a história do vírus né? Se um de vocês tem o vírus, e usam a mesma seringa contaminada com o vírus também, cada vez vocês colocam o vírus mais dentro de vocês, cada vez vocês vão ficando mais doentes. Então isso é uma coisa que antes não existia a questão da AIDS né, a AIDS é uma coisa nova. Quer dizer, hoje as pessoas não duram muito às vezes não é nem por causa da droga...

J - Que nem a Luísa, a Luísa dizendo que não tem! Eu não sei não!

(terminou a fita, continuamos com a conversa sobre AIDS, Joana falando do resultado dos exames)

J - Meu primeiro, meu segundo, não deu nada, tem que ver o terceiro!

N - Quando é que tu vais fazer?

J - Não sei!

N - Tá esperando alguém vir aqui tirar teu sangue pra fazer?

risos

N - Eu já falei pra Mariana, a gente pode combinar uma hora que eu levo ela Lá.

J - Eu até comprava o vidrinho pra ele botar dentro.

N - Mas é difícil né, tu sabe tirar sangue né?

J - Aqueles papelzinho brando!

M - Eu não sei tia, eu não vou fazer exame porra nenhuma tá ligado. Porque se eu tenho, eu vou mesmo saber naquelas, eu digo que eu tenho eu digo que eu não tenho. Que nos meus exames deu que eu tenho né, eu fiz 2 na FEBEM, 3 na FEBEM e 2 deu positivo e um deu negativo. Daí quando eu saí de lá eu ia fazer outros exames né, por causa daquele que deu negativo. Mas daí eu saí tempo e não deu tempo de fazer. Eu tinha que fazer, mas eu não vou. Eu não quero saber se eu tenho ou se não a tenho. Agora eu tenho certeza que eu tenho já né, por causa, do, por causa que eu tô... De vez em quando eu uso agulha dos guris quando eu não tenho a minha. Eu também não sei se eles têm né, mas eles deve ter. Mas eu não me importo que de qualquer jeito a gente tem que morrer mesmo!

N - Sim, mas vocês não vão ver os filhos de vocês crescerem, só isso?

M - Eu só quero fazer, eu tenho que falar com o Miguel, eu quero fazer o exame no Rafael! Pra ver o Rafael. O Miguel tem, a Rafaela tem...tem. Olha, pra falar a verdade tia, eu acho que nesse _____ quem escapa mesmo só é a Maira e a Merci, eu acho que é só.

R - Quem é a Merci?

M - Merci era uma gurria da banda e a Maira é a irmã da Joana. Eu acho que é só. Do resto eu acho que tamo tuuudooo contaminado, até o Renato. Mas não dá nada né!... Eu tô legal assim, que nem esses dias eu falei com uma amiga minha né, ela tava falando do bagulho, daí eu falei pra ela que eu tinha. Mas Deus o livre, ela queria me levar pra casa dela, "Mas calma, eu não vou morrer agora" (risos) Ela começou a chorar tia. Coitada, ela gosta um monte de mim, eu gosto dela também. Eu disse "calma meu, calma eu não vou morrer tão já... Se acasou eu morrer né, só lamento por mim mesmo!". Mas acho que não vou. Olha quantos anos já faz, eu tava o que, com 16 anos naquele tempo.

N - é, foi em 94, 95 né?

J - Ah, se eu morrer um dia antes, eu só quero que meu pai vai lá no caixão e me perdoe e que meu filho me perdoe porque eu amo muito eles.

M - Eu não peço perdão pra ninguém, porque eu acho que eu não fiz nada de errado. Daí não tem nada que ninguém me perdoar!

N - Vocês não tem medo de morrer?

M - Eu não, eu sei que vou morrer!

J - Eu já pensei tantas coisas...

M - Pra quem vive assim tia, que nem nós, basta tá vivo pra tá morto. A gente não sabe por aí, se a gente vai... anoitecer e a gente não sabe se vai amanhecer né! A gente tem que tá preparada pra tudo. Ainda mais nós, que tem muita gente que não gosta de nós? às vezes a gente nem faz as coisas mas dizem que é a gente né! Acontece um assalto na esquina foi a gurizada da praça, né! às vezes nem é a gente, mas é a gente que anda aí pela banda e eles acham que foi a gente né? Por isso que a gente tem que tá preparada pra isso. Eu não tenho medo de morrer.

J - Eu queria dá entrevista na televisão só pra falar umas coisas da gente.

N - O que tu ia falar Joana?

J - Ah, eu ia falar... (não deu pra entender)

M - é que nem tudo que acontece em NH é nós né tia. Nem tudo as gurias e os guris de rua, porque é assim tia, acontece um assalto ali em cima foi nós né, às vezes nem é nós.

J - Se eles chegassem em nós e falasse como gente mesmo, que eles assim falam com nós que nem um bicho. Se eles chegasse e conversasse eles iam saber que não é assim como eles pensam.

N - é que pra eles vocês moram que nem bicho. Imagina. Capaz que alguém ia imaginar viver que nem vocês vivem. Então eles acabam tratando vocês que nem animal, porque eles acham que vocês vivem que nem animal. Porque eles não conseguem imaginar alguém que não se preocupe em se arrumar, tomar banho, será que não é isso?

M - De repente né tia, eu não sei (falando bem lento) Eu acho já que eles são...

J - Muito orgulhosos!

M - Isso, eles acham que são os tal. Que nem o que aconteceu ontem de noite (não sei o que aconteceu, nem contaram)

J - ó tia, mas quem ajudou eles foi, bem dizer, que eles puderam subir na vida, foi com os escravos bem dizer né? Os escravos que construíram todo o Brasil. O que que eles querem então? Eles subiram na vida por causa bem dizer de nós né, hã!

M - Eu não sou escrava (risos).

J - Eu sou, eu sô negra. Eu tenho orgulho de ser o que eu sou. Se eles não, se eles achá que nós semo diferente deles, eles ficam com o pensamento deles. Se eles ajudassem um pouquinho mais nós, eu acho que nós não taria nessa vida!

N - Mas o que é que eles poderiam ajudar Joana?

J - Ó tia, eles só dão emprego pra de maior, o que que eles querem. Eles querem que a gente morra de fome? Menor acho que também tem que aprender alguma coisa, tem que aprender a trabalhar.

N - Mas hoje em dia tem desemprego até pros de maior!

M - Que nem assim ó, que nem assim ó tia. às vezes a gente tá na banda aqui, daí a gente vai pra frente do Shopping pra cuidar dos carros né, a gente não, os guris né...

J - Eles já pensam que vai quebrar os vidros!

M - Ou que vai assaltar! E chega ali e não deixam os guris cuidando de carro. Daí a gente pira, vai lá e mete a loja dele (risos).

J - Ou quebra um carro e pega o rádio!

M - é, e, é, é que nem esses dias nós fumo tudo em cana, quebramo um (risos) carro.

J - Bem no centro.

M - Bem no centro, os home pegaram nós, eu a Joana... Mas é assim né, a gente pede numa boa eles não querem dá, querem encher o "braço", tem mais é que pegar é que meter os bagulho deles!

J - O que que custa eles dá uma esmolinha?

M - é, aqui tem que, a tia ali que é das mais tri, tem uma tia aqui embaixo, aqui na rua do Shopping.

J - Ah, ela vai dar (não deu pra entender, falou junto com Mariana).

M - Ela dá, de manhã, de tarde, e noite ela dá coisa pra gente comer.

J - Essa tia ali vai pro céu.

M - E vai dois, daqui a pouco vai mais dois, e vai mais dois. Todo mundo pede. Eu vou todo dia lá por exemplo. Hoje eu não fui.

J - A quantia, a quantia que vai lá e pega e dá um paõzinho. E ainda ela sai, vai na padaria. O Marido dela vai lá e compra mais pão. Ela bem assim ó : " eu caprichei pra vocês".

M - E ainda pergunta, às vezes, a gente vai lá, ela bota alguma coisa no pote e pergunta " vocês gostam? Se não gostam eu boto outro!". A tia é das mais tri!

J - Eu acho que outra não faria o que ela tá fazendo pra gente!

M - Mas vai todo mundo lá pedir. Toda gurizada lá.

N - Vocês sabem que vai ter faixa nobre aqui na rua, até o final do Shopping?

J - é, eu vou cuidar até lá o final, vou criar coragem.

N - Até aqui na 5 de Abril vai ter faixa nobre.

M - Aí pode cuidar de carro?

N - Vai ter os guris da Faixa Nobre, aí eles não deixam cuidar de carro.

M - Ah, mas eu cuido igual.

N - O pessoal cuida lá na frente da igreja né, que tem Faixa Nobre?

M - Lá tem faixa nobre...

N - Mas essas coisas que vocês dizem que as pessoas não ajudam. Mas tem já gurizada que conseguiu emprego, mas nem por isso foi trabalhar e saiu da rua!

J - Não, mas se eu conseguisse, eu juntava um dinheiro e eu saio da rua, por causa do meu filho. Se fosse por outra coisa...

N - Que serviço pra ti?

J - Ué, um emprego, pode ser faxina. Só sei fazer isso mesmo, sei lavar roupa suja. Só isso que eu sei fazer!

N - Cuidar de casa?

J - Cuidar de criança também.

N - E tu Mariana? Tu também se tivesse emprego saía da rua?

M - Eu não! Eu não gosto de trabalhar!

N - Tá, mas então tu diz que as pessoas não ajudam. Vocês tão na rua porque as pessoas não ajudam. O que as pessoas tem que fazer pra ti sair da rua?

M - Eu não, eu não digo isso. Eu não digo que eu tô na rua por causa das pessoas. Eu tô na rua porque eu quero. Ninguém me trouxe, as pessoas não tem nada que ver. Comigo não. Eu vim pra rua com as minhas próprias pernas. Ninguém me trouxe. Eu mesmo achei o rumo da rua e eu mesmo tenho que achar o rumo de casa, de volta. Eu acho que é assim. Eu acho que é assim, que eu vim sozinha. Ninguém me trouxe. Então se eu quiser sair eu saio tia. Eu tô aqui, olha só, quanto tempo eu tive na rua, quanto tempo eu saí. Eu voltei várias vezes, várias vezes eu fiquei em casa. às vezes voltei de volta. Eu tô na rua porque eu quero. A hora que eu quiser sair eu saio.

J - Pra mim não é a mesma coisa porque não fui eu que vim pra rua sozinha. Foi meu irmão que me trouxe.

N - Tá, mas depois tu foi pra casa. Agora tu veio, veio sozinha!

J - às vezes eu vim sozinha, com minhas próprias pernas. mas aquele dia, tava bem "dividida", acho que tinha uns 11 anos. Quando saí tinha uns 10 anos, acho.

N - Mas Joana, tu achas que vais conseguir emprego se tu tá na rua, aí tu não toma banho...

J - Eu tomo banho todo o dia!

N - Lava a roupa também?

J - Claro, _____

N - Porque isso, às vezes a aparência é uma coisa que conta pras pessoas.

J - Ah, se vai reparar o jeito de me vestir, eu me visto que nem um guri bem dizer, tudo por cima. Eu não sou que nem aquelas mulher que se veste bem, bem arrumadinha assim, o sapato. Não uso roupa curta. única coisa que eu calço. Pega o jeito que eu sou ou não. Não tenho tanta roupa assim!

N - E tu Renato, por que tá na rua?

R - Eu tô na rua porque eu fugi de casa!

N - Por que? (risos da Mariana)

J - Por causa que a mãe dele, por causa que a mãe dele acha que ele não é o filho dele, o filho dela!

N - (Toninho chega completamente chapado, segurando-se na porta) Oi Toninho, tudo bom?

R - Eu tô na rua porque, ... porque eu sou adotado, só que a minha irmã e a minha madrinha, só que eu tive que sair de casa _____ nas drogas _____ tive que sair de casa. Daí não deu certo. Só o pai que me ajudava, mas agora...

N - Mas tu tá há pouco tempo na rua agora?

R - Eu vim da minha mãe verdadeira, mas ela não aceita que eu fique.

N - Por que não?

J - Porque ela pensa que ele não é filho del, dela...

N - Ah!

R - Ela não me criou né, quem me criou foi a outra. Daí ela pensa, ela diz que eu não sou o filho dela. Que mãe é quem cria. Como ela não me criou, ela diz que não sou o filho dela...

N - E o que tu acha da vida na rua? (Toninho acende um baseado) Bah Toninho, chegam os "homem" aqui, te pegam fumando baseado e eu vou em cana junto, já pensou como é que eu fico? (as gurias riam)

G - Eu digo que eu ganhei da tia!

N - Ah, tu vai ver, tá louco, tenho 4 filhos pra criar! (e ele saiu) Tá, e aí Renato?

R - Viver na rua é normal né, mas acho que em casa é melhor ainda. Só que agora, eu já tive... Essa é a 2 a vez que eu tô na rua. Eu já tive, na outra vez eu tava na rua.

N - Quando tu era menor?

R - Não, eu tava com 17 anos. Só que daí as minhas irmãs adotivas elas me dão muita força. Daí elas falaram com o pai, falaram com a mãe e aí tá. Daí peguei fui lá pra praia, eles tavam lá na praia né. Eles vieram aqui me buscar e levaram pra lá. Mas daí lá _____ "ligação", e dá "ligação" comecei a fumar. (Mariana e Joana falavam alto, vendo roupas e se trocando). Fumar, cheirar, e, e aí entrei nas drogas. Aí comecei a vender, comecei a roubar, comecei a vender as coisas. E aí foi isso! E agora tô na rua. Só que agora eles falaram que apoio, apoio pra mim eles não vão dá mais. E aí a minha mãe me disse que quando eu saí de casa não era pra mim mais pedir ajuda pra eles. Daí quando eu vim pra cá, eu fiquei umas três semanas assim, sem vício. Daí peguei e fui lá e falei com eles. Aí ela pegou e falou comigo. Aí ela falou que se eu ficasse na rua não era pra mim mais ir. (aí falou sobre a mãe)

Não, eu tô limpo, eu tô aqui porque ela vai me ajudar.... Ela agora vai me dá uma sacola de roupa.

N - Pra ti colocar no armário?(gozando pois no mocó só existe uns trapos jogados no chão)

M - Não, nós botamos no Shopping!

N - que fino, morando no centro da cidade!

M - Ao lado do Shopping.

ANEXO 3 - Locais onde a gurizada permanece no centro da cidade, e características dos pontos:

PONTOS	LOCALIZAÇÃO-REFERÊNCIA	ATRATIVOS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	Nº DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	HORÁRIO DE MAIOR CONCENTRAÇÃO	TIPOS DE DROGAS UTILIZADAS
PRAÇA DO IMIGRANTE	Integração da Av. Pedro Adams Fº, 1º de Março, Posta da BM e ponto de táxi	Grande concentração de lojas, estabelecimentos comerciais e bancos	Lavar e cuidar de carros, vendedores ambulantes e engraxates	20	12 às 14 h 16 às 19 h	Cola de sapateiro Loló Maconha Bebidas alcoólicas
PRAÇA PUNTA DEL ESTE	Quarteirão localizado entre as Nações Unidas, rua 5 de Abril, Av. Joaquim Nabuco e rua Imperatriz Leopoldina	Schopping	Lavar e cuidar de carros Pedintes	11	10 às 18 h	Maconha Cocaína Loló
RÓTULA DO PIO XII	Entronamento das Av. Nicolau Becker, Nações Unidas e José do Patrocínio Pica-Pau lanches e Colégio Pio XII	Concentração de sinalizas	Engraxates Vendedores Ambulantes	07	14:30 às 17:30h	Loló Cola de sapateiro
ESTAÇÃO RODOVIÁRIA	R. Borges de Medeiros entre Joaquim Nabuco e Teixeira de Freitas	Bares, pontos de droga e circulação de pedestres	Engraxates Vendedores Ambulantes Pedintes	08	14 às 18 h	Cocaína Maconha Loló Bebidas alcoólicas
PARADÃO	Av. 1º de Março, Ponto de táxi, Prontomed	Embarque e desembarque de usuários de ônibus	Engraxates Vendedores ambulantes Pedintes	05	15 às 18h	Cola de sapateiro Loló
IGREJA SÃO LUÍS	Av. Joaquim Nabuco c/ Cidade de Atlântida	Missas	Lavar e cuidar de carros	03	12 às 18 h	Loló Cola de sapateiro

Fonte: CEAMEM (1997).

Anexo 4 - reportagens de jornal sobre a sociedade e a gurizada

Segunda-feira, 26 de abril de 1993

GE

Um dia para passar na "cidade dos ricos"



A espera pelos restos na porta do shopping

Rogério, de cinco anos, Eliseu, de sete, e Jurandir, de 10, aguardavam ansiosamente um pedaço de qualquer coisa comestível em frente às portas do Novo Shopping, no Centro do Novo Hamburgo, ao meio-dia de ontem. Os três haviam chegado há pouco tempo num ônibus vindos de São Leopoldo, onde moram, para tentar a sorte na "cidade dos ricos". O plano deles era permanecer em Novo Hamburgo até as 18h, depois de esmolar alguns trocados e restos de comida.

Menos amargos que Fabiano e sua turma, os três estavam mais dispostos a brincar em Novo Hamburgo no domingo do que a ficar em

casa, onde itens de alimentação também são artigos raros. Rogério, o mais sorridente, contou que seus pais trabalham num curtume; Eliseu disse que o seu pai faz capinas e a mãe é dona-de-casa; Jurandir informou que seu pai trabalha "numa firma de couro" e a mãe numa indústria de calçados. Fugir da fome, do tédio e dar boas risadas são os motivos que os trouxeram a Novo Hamburgo no domingo. "A gente não tem o que fazer em casa. Então a gente vem fazer nada aqui", justificou Jurandir. Os três garantiram que não roubam e apenas ficam brabos quando os meninos de rua maiores tentam roubá-los. (LR)

Confissões perigosas

★ Às vezes os discursos dos vereadores de Novo Hamburgo são surpreendentes e até comprometedores. Na última sessão, Marco de Lima (PMDB) defendeu a redução dos direitos dos menores infratores e criticou o Movimento dos Direitos Humanos. Depois disse que matando metade dos bandidos do bairro Santo Afonso, a criminalidade diminuiria.

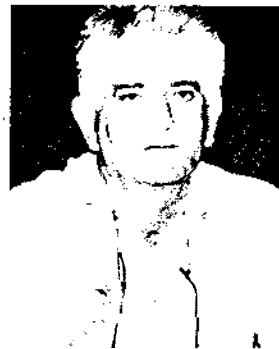
Como se não bastasse, revelou que tentou matar um menor infrator e não conseguiu. "Tentei atropelá-lo e não consegui. Depois fui pra casa buscar meu revólver e quando voltei não encontrei o menor. Bandido tem que matar quando pequeno pra não incomodar depois de grande", exagerou Lima.

Quando terminou seu pronunciamento, ele pediu para que suas palavras fossem transcritas na íntegra nas atas do Legislativo.

Mais Marco de Lima

★ O presidente do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, Adão Selistre, aponta uma incoerência nas comentadíssimas declarações do vereador Marco de Lima: ele votou contra o projeto de construção e ampliação dos núcleos extra-classe, que teria como resultado prático a prevenção da marginalização. "Ao invés de matar menores infratores, o ilustríssimo edil deveria ter votado a favor do projeto", comenta.

Mas Lima encontrou também um defensor. O comerciante Marcos Pereira, de 32 anos, morador do bairro Ideal, acha que "esses caras não vão se regenerar nunca e bandido tem que matar tudo, mesmo". Marcos sugere que a OAB trate de cuidar das atividades dos advogados e que o Conselho Tutelar se preocupe em manter os menores de rua ocupados, longe das ruas. "Quem fala contra o vereador nunca teve problemas de violência em família", frisa o comerciante.



Marco: valentão

MENINOS DE

Problema social ou caso de polícia?

Por José dos Santos

Os comerciantes reclamam; a Brigada Militar e a Guarda Municipal dizem que a questão não é tão grave; educadores de rua e o Conselho Tutelar, alvos de críticas, alegam que há adultos aliadores e que existem assuntos mais importantes que a população ignora; e o juiz da Infância e da Juventude, por sua vez, estranha que não existam inquéritos envolvendo os acusados. Afinal, os meninos

de rua que "habitam" o Centro de Novo Hamburgo são tão nocivos e marginais sem recuperação quanto acusam lojistas e taxistas ou são apenas vítimas sociais que se vêem, novamente, repelidas pela sua própria comunidade? Um problema de todos, apenas dos órgãos oficiais ou, como propõe o chefe da Guarda Municipal, simplesmente uma questão de disciplina? Alguns reclamam, outros discutem e as principais perguntas, tudo indica, estão longe de serem respondidas. E no meio da

questão, as crianças. Um grupo de 15, segundo os educadores de rua. E a elas, desconfiadas, sem família, sem perspectivas, só resta tentar a defesa. Os meninos e meninas garantem que não são eles que cometem os furtos maiores e contra-atacam, acusando a Brigada Militar e a Guarda Municipal de "abusar da porrada". E a polêmica prossegue enquanto lojistas começam a atender a portas fechadas e os meninos de rua são cada vez mais estigmatizados.

Dono do Quiosque critica conselheiros

"O movimento no Quiosque terminou. Anos atrás, o bar tinha de seis a sete garçons contratados. Hoje, não é preciso nenhum." As palavras são do proprietário do bar, que aluga a área junto à prefeitura há 20 anos. Segundo Vanderlei Frederico Becker, a situação nunca esteve tão ruim. "É só olhar ali", disse ele, apontando para um grupo. Eles tomam cachaça das 7h às 22h e quando não estão fazendo isto estão com pão numa mão e a cola na outra", acusando o Conselho Tutelar de trazer o alimento até a praça. Ele destaca que a maioria dos meninos que frequenta a praça é sadia e que poderia estar trabalhando. Reclama da falta de segurança e cita "uma tal de Alemeia", que tem 25 anos e que seguidamente "apronta na praça". Dias atrás, ela foi algemada por policiais e, fora de si, arrancou um vidro inteiro da lateral de uma viatura da BM.

Becker fala ainda da falta de limites dos meninos. "Só falta transarem aqui no

meu bar durante o dia e nas raras vezes que aparece um freguês se avançam a pedir esmola", conta. Continuando nas suas acusações, diz que o problema está pior, desde que foi criado o Conselho Tutelar, chegando a afirmar que "os guris vão cheirar cola lá (na sede do conselho) e eles (os conselheiros) têm dois educadores que vêm aqui ensinar karatê e judô aos meninos", referindo-se a Emerson Gomes e Júlio Sá.

O comerciante sugere que a prefeitura monte uma casa e coloque os meninos para trabalhar. Lembra que todos pagam, via impostos, em troca de proteção e pede ao prefeito Atalbio Foscarini que "banque o homem e comece a limpar a praça tirando os engraxates daqui". E finaliza, sugerindo ao Executivo que acabe com o Conselho Tutelar. "É só uma cabide de emprego", diz Becker, sem levar em conta que a entidade foi criada pela Lei Federal 8.069, de 13 de setembro de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Gerente de uma loja defende o vereador que pregou extermínio

O gerente das Lojas Colombo, Sidinei José Pandolfo, não vê solução para o problema. "O Conselho Tutelar não faz nada e o dinheiro das campanhas não aparece", reclama ele, citando como exemplo o programa do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), *Criança Esperança*. "Todo os anos a gente vê na televisão que eles arrecadaram fortunas, mas não se vê falar que algum menino tenha saído das ruas", diz, aproveitando para defender o vereador hamburguense que pregou, na tribuna da Câmara, o extermínio de meninos de rua.

Para o gerente da Colombo, quando o assunto é drogas, os meninos são irrecuperáveis. "Eu não levaria nenhum deles para minha casa", diz Pandolfo. E cita um exemplo: "Outro dia, um casal levou o *Maraдона* (um dos meninos que dormem no Centro) pra casa; ele ficou lá, na maior mordomia, por 15 dias, e não resistiu. Está por aí, de volta às ruas". Ele entende que a obrigação de fazer algo é dos órgãos públicos, não da população, explicando que "não adianta lhes dar o peixe, é preciso ensiná-los a pescar". Diz que tem dó, que trata bem a garotada, mas admite ter medo porque não sabe até quando eles vão continuar a respeitá-lo. É lembra o episódio do vereador hamburguense Marco de Lima (PMDB), que defendeu o extermínio dos meninos e responde a um inquérito por isso. "Ele foi criticado demais, mas os que criticaram fizeram o quê?", pergunta. Pandolfo fala ainda da legislação. "Um menor de 16 anos pode escolher o presidente da República, mas não pode ser preso", diz. E termina perguntando: "Qual a finalidade do Conselho Tutelar?"

VICIADOS DEMAIS

O Centroútil é saqueado quase todos os dias. O gerente Luiz Rohr, só há quatro meses em Novo Hamburgo, está impressionado. "Vim de Rio Grande achando que lá estava muito ruim, mas aqui está bem pior". Diz, no entanto, que "ainda há tempo para se fazer alguma coisa, porque os infratores são poucos". Na sua opinião, emprego há, mas destaca que antes será preciso recuperá-los. "Eles estão viciados demais, tanto que quando vêm aqui eu ofereço pão quente feito na hora e eles não aceitam; só querem dinheiro e cachaça", comenta Rohr.

KOMBI CHEIA

Os motoristas de táxi também se dizem vítimas. Citam vários fatos, mas, temerosos, pedem para não serem identificados. Um deles faz uma denúncia: "Tem uma Kombi com placas de Sapucaia que vem quase todo dia pra cá e espalha um bando aqui na cidade". Eles comprovam a acusação de que o Centroútil é furtado diariamente, pois os taxistas são assediados pelos meninos para comprarem os produtos. Revelam ainda que há vários bandos, todos com chefias formadas por adultos. Falam de moças de 15 e 16 anos, ou até mais, que dormem com os garotos no prédio de uma loja.

"Outro dia, assaltaram um engraxate aqui, do nosso lado", revela outro motorista. Eles testemunham os vendedores ambulantes serem lesados diariamente e afirmam que "os meninos de rua estão transformando Novo Hamburgo numa coisa acabando com a cidade". Afirmam que o número aumenta dia-a-dia e que só na loja citada mais de 20 dormem todas as noites.



Honório: inquérito quando ladrão tem menos de 18 anos

Juiz não lembra quando chegou último inquérito

O juiz da 2ª Vara Criminal e do Juizado da Infância e da Juventude, Honório Gonçalves da Silva Neto, se surpreende quando o problema envolvendo meninos infratores lhe é colocado como grave. Ele lembra que um jovem, entre 12 e 18 anos, se apresentado à delegacia como ladrão, deve ter ao menos o inquérito encaminhado ao juizado para apreciação. "Quando o furto é menor, a gente adverte uma vez, até duas. Mas na terceira, determina-se o recolhimento dele. Se a infração for grave, ele deve ser apresentado na hora ao promotor e podemos encaminhá-lo imediatamente à Febem. Mas, sinceramente, não me lembro da última vez que chegou aqui no Fórum um inquérito contra algum menor por furto ou arrombamento no Centro", revela ele.

Nas bancas todos exigem providências imediatas

As bancas não são mais as mesmas, pelo menos na visão dos próprios comerciantes que atuam no ponto que se transformou num dos mais tradicionais da cidade. "Hoje os fregueses passam por ali, de carro ou a pé, ameaçam chegar, mas vão em frente. Antes, era uma tradição, as bancas ficavam abertas sempre. Hoje, temos que fechar à noite e alguns já evitam abrir aos domingos", dizem.

Valdir Klaser, da banca seis, revoltado, diz não entender porque há Guardas Municipais na praça do Imigrante. "Eles usam fardas, mas não se dão ao respeito; os meninos os fazem de bobos e quando aparece um mais durão, logo dão o jeito de substituí-lo", conta. O comerciante afirma também que "eles (os meninos) estão a todo instante por aqui, oferecendo o que roubaram". Ele, no entanto, não vê solução para o problema. "Outro dia, dei um passeio

pel para um deles, ele saiu daqui e foi ali atrás trocar por cola", revela.

Na banca cinco, André Scherer sugere ao Conselho Tutelar que "tenha a coragem de convocar o comércio para uma reunião; que deixe de ser um órgão que só atrapalha, protegendo demais os guris e tirando a autoridade de quem tem". Quase no mesmo tom, Paulo Schuck, na banca sete, diz que "é revoltante". "O freguês chega aqui, não consegue comer direito e não dá o que tem ainda é ofendido", conta, perguntando o que houve com a Febem. Milton Peteffi, também da sete, diz que "os órgãos responsáveis têm que agir, não podem transferir esse problema para o comércio". E mais: "Os meninos sabem que não podemos fazer nada, quando nos aproximamos logo falam do Conselho Tutelar. A situação é constrangedora, um retrato ruim, péssimo



"Só falta transarem aqui no meu bar durante o dia"

Vanderlei Becker, dono do Quiosque

"Os PMs sabem quem furta, mas fica mais fácil nos acusar"

Um menino que vive no Centro

"Um dia eu dei um pastel para um menino e ele trocou por cola"

Valdir Klaser, da banca seis



"Convidamos os lojistas para uma reunião e só vieram dois"

Lourdes Bloss, do Conselho Tutelar

"Um menor de 16 anos pode votar, mas não pode ser preso"

Sidinei Pandolfo, gerente de loja

"Não lembro da última vez que um inquérito chegou ao Fórum"

Honório Gonçalves da Silva, Juiz da Infância e Juventude



RUA

Centro registra apenas 1% dos casos da cidade

No Conselho Tutelar consta que no Centro há 25 menores que precisam de atendimento. Ou seja, apenas 1% dos problemas enfrentados pela entidade. A conselheira presidente da entidade, Lourdes Bloss, mostra um fichário com 2.500 casos de crianças ou adolescentes com problemas espalhados pela cidade e diz que a responsabilidade é de toda a sociedade, que é quem os cria. Lembra que nos três anos de trabalho, o conselho reduziu em mais de 50% o número de crianças no Centro e garante que mente quem diz que a entidade impede a ação da polícia.

"O problema é que quando o infrator é detido, o comerciante não quer ir até a delegacia com a Brigada Militar, e aí, sem a queixa, nada pode ser feito", diz Lourdes. Ela garante que nunca defendem os infratores, nunca tiram nenhum da DP, e nem podem fazer isto. Ela ressalta que o conselho está conseguindo segurar os garotos das vilas e culpa o comércio local de se omitir.

"Em dezembro do ano passado, os nossos advogados foram de porta em porta e convidaram todos os lojistas do Centro para uma reunião. Eles também foram chamados pelo jornal e pelas rádios.

Resultado: só vieram dois. Tentamos um contato com o Clube dos Diretores Lojistas (CDL) e o presidente (Júlio Weissheimer) nem sequer nos deu um retorno. Nós realizamos uma reunião pública por mês e estamos sempre aqui, de portas abertas, para ouvir sugestões. Mas não vemos ninguém tentar nada. E aí queremos nos criticar", desabafa.



Lourdes: menos 50%



Abandonos: um grupo de pelo menos 18 meninos vivem nas ruas do Centro da cidade

Educadores invocam a participação da comunidade

Em Novo Hamburgo, há quatro educadores de rua que trabalham como voluntários, sem ligação alguma com o Conselho Tutelar, como alguns pensam. São eles: Emerson Gomes, Júlio Sá, Lisiane Blauth e o mestre de capoeira Duda. Os voluntários se defendem das acusações de que seriam coniventes com infrações cometidas pelos meninos. Eles alertam também para o perigo dos meninos das vilas também invadirem o Centro e sugerem soluções. Os quatro fazem parte, há pouco mais de um ano, do Centro de Apoio a Meninos e Meninas (Ceamem), um órgão não-governamental, agora reconhecido como de utilidade pública. Os educadores não comentam a acusa-

ção de estarem dando aulas de lutas, mas explicam a razão de existirem. "Somos a referência deles, conseguimos ter um contato direto com eles e a nossa grande proposta é resgatar a cidadania da meninada", esclareceu Gomes.

Lisiane destaca: "Dois empresários, que preferem não se identificar, doaram e nós vamos abrir na Joaquim Nabuco, 1.458, nos próximos dias, uma casa aberta e tal uma boa oportunidade destes que tanto reclamam nos ajudar". A ideia é manter a casa em funcionamento, 24 horas por dia, mas, por enquanto, só há um fogão e uma geladeira. Eles não concordam com quem diz que o número de meninos de rua que vivem no Centro au-

menta a cada dia. No ano passado, dizem os voluntários, esse número era de 31 e, agora, são apenas 15.

CONFUSÃO

Os educadores acham que os comerciantes e as pessoas que reclamam estão confundindo um pouco os meninos com os indigentes (os maiores, que passam o dia bebendo na praça do Imigrante) e com gangues de outras cidades que podem estar vindo para cá. "De nada adianta colocar a sujeira debaixo do tapete. Eles podem eliminar os 15 que hoje estão por aqui e surgirão mais 15 mil. A única solução é a participação de todos", diz Júlio Sá, lembrando que no país são

32 milhões de miseráveis. Para o educador de rua, "as crianças não são o maior problema, e sim os adultos que os protegem, os aliciam". "Acusar os meninos fica fácil, quando não se tem competência para provar nada contra os grandes que os usam, mas não se expõem", argumenta.

Sobre a acusação de que eles dão pão sem tirar a cola das mãos das crianças, os educadores garantem que é mentira. "A Associação dos Funcionários do Banco do Brasil é quem nos fornece o pão e, quando distribuímos, exigimos exatamente o contrário", garante Júlio Sá, explicando que a mão fechada próxima à boca eles mantêm sempre, mesmo quando não têm o que cheirar.

Acusados dizem que ladrões são outros

Os meninos de rua, a exemplo de quem os combate, também têm direito a reclamações e a serem respeitados. Entre eles, ao contrário do que muitos pensam, já há pelo menos dez adultos que não temem falar e acusar de maus-tratos, especialmente, à Brigada Militar. E garantem que não são eles os autores dos furtos maiores.

Na quarta-feira da semana passada, até por volta de 16h, a praça do Imigrante estava "limpa", sem meninos de rua, como pedem os comerciantes. De repente, surgiu Édson, ou John Lennon, com seus 20 anos, trazendo nas mãos quatro pratos de comida. Logo ele foi rodeado por crianças. O lanche foi distribuído a contento e o diálogo, sempre sob os olhares atentos de um policial militar, iniciou. Édson e a menina Rose falavam mais, sempre com a concordância dos demais. Primeiro, o rapaz explicou o dinheiro usado para comprar o almoço tardio. "Eu trabalho em São Leopoldo, estacionando carros. Sempre que posso, venho dormir aqui e distribuo o que tenho entre eles, que são a minha família." Conta que vive nas ruas desde os 5 anos, que seu pai trabalha na Unisinos, que a mãe nunca conheceu e que tem uma casa, na vila Paím, em São Leopoldo, que não visita há oito meses. Continuando, afirma que quis sempre trabalhar, mas que teve que desistir disto em Novo Hamburgo por ser perseguido

demais. "Eu sempre gostei de cozinhar, trabalhei em alguns restaurantes. Por último, aqui, estava trabalhando numa loja de móveis. A metade do meu salário o dono já dava direto em comida para a gurizada. Mas um dia, os brigadianos invadiram a loja e me bateram tanto, mas tanto, que tive que parar de trabalhar um bom tempo", afirma.

TIRAM TUDO

Perguntados sobre a identificação dos policiais acusados, a menina logo parte em sua defesa: "Não dá, eles tiram a identificação na hora de bater". Consultados sobre o fato de estarem fazendo os guardas municipais de bobos, Édson logo afirma: "É o contrário; quando eles nos encontram com alguma coisa, ao invés de nos levarem presos, eles nos tiram tudo e nos dão 'porrada'. Outro dia, conseguimos uns maços de cigarro. Eles deram em nós e levaram tudo". E lembrou do dia da final da Copa Brasil deste ano, entre Grêmio e Ceará. "Eu estava lá perto do shopping. Um PM apareceu, tirou o relógio que era do meu pai e o ténis que eu havia ganhado da minha madrinha e ainda me deu uns cascudos porque eu estava com a camiseta do Grêmio". Um pequenino lembrou de um dia na praça do Imi-

grante que eles tiveram que deitar no chão, obrigados pelos policiais. "Um velhinho tentou nos defender dos coices e foi chutado também", acrescenta.

Sobre as queixas dos comerciantes, a menina Rose garante que os maiores furtos não são feitos por eles. "As vezes, estamos todos aqui na praça, acontece um roubo e lá vêm eles pra cima de nós", acrescenta. Os pequenos confirmam que furtam: "Mas só bolachas, coisas pequenas, quando estamos com fome". Outra menina acrescenta: "A gente primeiro pede, mas ninguém dá nada".

"São uns grupos de guris que vêm do Santo Afonso, da Iguaçu e do Rincão que estão furtando", dizem eles. "Etem uns gravatinhas, filhinhos de papai, aqui do Centro, que também estão nessa", continuam. "E eles sabem, mas fica mais fácil nos acusar", diz uma garota, apontando para um PM. Quanto ao número de meninos e meninas de rua na praça do Imigrante, que os comerciantes e lojistas acham que está aumentando, eles garantem que está diminuindo. "O nosso grupo aqui do Centro é um só e está cada vez menor", relata Rose, explicando que algumas meninas estão indo para a Casa Abrigo e que outros estão saindo porque estão apanhando muito. "Nós raramente cheiramos cola, que o que está rolando é só o lólo (um tipo de solvente)", diz também. Eles defendem os educadores de rua, acusados de ensiná-los a lutar. "Eles queriam, mas a gurizada não gostou das aulas", diz Édson, confirmando que sabe capoeira, mas que aprendeu em São Leopoldo.

Disciplina é proposta de Salgado

O chefe da Guarda Municipal, Antônio Salgado, não entende como uma cidade como Novo Hamburgo não consegue normalizar a situação de no máximo 15 garotos, como se estima. Ele entende que se está fazendo tempestade num copo d'água e apresenta algumas sugestões, chamando para si o problema.

"Coloquem esta gurizada na minha mão. Eles teriam alimentação, aula e muito esporte pela manhã, mais um bom banho. À tarde, a gente colocaria um em cada empresa, até as 17h ou 18h, para que tenham uma renda própria. À noite, eles receberiam de novo alimentação e uma cama para dormir. Garanto que faço eles encontrarem motivação para sair das ruas, sem forçar nenhum a fazer o que não quer. É só lhes dar uma farda e muita disciplina. Não seria um pelotão mirim, mas quase isto", sugere Salgado.

Sobre a acusação de que a Guarda está fazendo "papel de bobo na praça", como dizem alguns comerciantes, Salgado reconhece a dificuldade, até citando um exemplo. "Outro dia eles cisamaram de tirar a arma de um dos nossos guardas. A solução foi ele correr para não ter que atirar em nenhum deles. Nós estamos fazendo a nosa parte, dentro da lei. Mas é difícil. Na maioria das vezes que se leva um garoto até a Delegacia de Polícia, ele retorna antes do guarda para o Centro."

CONSELHO

O comandante do 3º BPM, tenente-coronel Otomar König, ressalta a dificuldade que tem para lidar com estes meninos. "É que não há onde colocá-los e aí, quando se leva eles para a Delegacia, só resta ao delegado dar um conselho e liberá-los", diz. Ele lembra, citando dados de três anos atrás, que na cidade há cerca de 4.500 crianças em idade escolar fora da sala de aula. "Entendo, por isso, que o problema do Centro é pequeno e que uma ação conjunta da comunidade resolveria", diz. O comandante garante que a BM tem feito a sua parte, mas que fica difícil punir um menino por furto pequeno, como um saco de bolachas, um ténis, chocolates, balas e algumas roupas para uso. E destaca a falta de seriedade que os comerciantes dão ao problema. "Quando eles pegam uma criança furtando, eles entregam a nós, mas não querem ir até a Delegacia registrar a queixa, e aí fica difícil". Ele diz ainda que os meninos e meninas não estão nas ruas porque querem. "Se a sociedade se unir e dar a eles uma perspectiva de vida, eles mudam", garante. Quanto às acusações feitas pelos meninos sobre agressões por parte de PMs, König informa que há uma comissão investigando o assunto e que se existirem infratores eles serão punidos.

Comunidade não pode ignorar meninos de rua

Essa foi uma das conclusões do painel promovido pelo Conselho Tutelar e que lotou plenário da Câmara de Vereadores

Com o plenário da Câmara de Vereadores lotado numa das noites mais frias do ano, o Conselho Tutelar dos Direitos da Criança e do Adolescente de Novo Hamburgo realizou um seminário na última quarta-feira que teve como objetivo esclarecer a população sobre o real alcance de suas atribuições. Premido por duras críticas da comunidade, o Conselho resolveu reunir o juiz da Infância e da Juventude de Porto Alegre, João Batista Saraiva, o procurador de Justiça Mário Romera, o jornalista Aurélio Decker e o conselheiro nacional do Movimento de Meninas e Meninos de Rua, José Antônio Moroni, para darem seus depoimentos sobre a importância dos conselhos tutelares a partir da aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Todos os painelistas foram unânimes em afirmar que a atribuição do Conselho é uma só: lutar pelos direitos das crianças e adolescentes e zelar pelo cumprimento do estatuto.

Os painéis começaram com o depoimento do procurador Mário Romera. Ele salientou, como ex-juiz de menores, que a solução para os casos de crianças que vivem nas ruas não está numa ação autoritária do Conselho, mas sim na mobilização da comunidade para enfrentar um problema que é de todos. "A solução terá de sair da mobilização da comunidade", advertiu. O juiz João Batista Saraiva não foi menos incisivo. Para ele, o compromisso da comunidade deve ser de estimular e viabilizar as ações de planejamento do Conselho Tutelar, órgão que deve coordenar as entidades sociais do município na questão das crianças e adolescentes. "Os conselhos são uma das maiores conquistas democráticas do país. Mas, como tudo que é novo, está

ções conservadoras", atacou. O painel teve a presença de 15 vereadores da cidade.

Incompetência - Em seguida falou o jornalista Aurélio Decker, diretor Comercial do Jornal NH. Ele começou dizendo que o Conselho Tutelar não é bem-querido em Novo Hamburgo, além de criticar a falta de capacidade das entidades civis da cidade de sentarem juntas para realizar um planejamento comum e da precária distribuição de renda do município. Foi o mais duro depoimento entre os painelistas. Decker ironizou a preocupação da comunidade com os adolescentes que cheiram cola nas ruas de Novo Hamburgo lembrando que nas fábricas de calçados todos são obrigados a aspirá-la, mesmo contra a sua vontade. Ele terminou fazendo uma confissão crua. "Os meninos e meninas de rua são a prova mais palpável de nossa incompetência, por isso não gostamos deles", disparou. O auditório aplaudiu em peso. O debate terminou com o conselheiro José Antônio Moroni, que deu um depoimento pessoal e emocionado sobre a vida de crianças e adolescentes nas ruas.

A presidente do Conselho Tutelar de Novo Hamburgo, Marlene Hoffmann, avaliou positivamente o encontro. Segundo ela, o Conselho está rigorosamente cumprindo suas atribuições ao respeitar o Estatuto da Criança e do Adolescente. "Nossa função é pensar as políticas públicas de atendimento às crianças. A solução do problema é uma responsabilidade de toda a comunidade", salientou. Como saldo do encontro, ela enfatizou a preocupação com as noções de parceria e solidariedade, que devem fazer parte, na sua interpretação, de qualquer análise que se faça sobre a



Fotos Ivan do Andrade

O Plenário da Câmara ficou lotado, mas dos 21 vereadores apenas 15 compareceram



“E deve ser a família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los à salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão.”
(Constituição da República Federativa do Brasil, Art. 227. 5.10.1988)

PROSTITUIÇÃO DE MENORES - Parte I

Dá-se assim desde menina, nas ruas e nas esquinas

Por Luis Fernando Assunção e Adriano Florianil

Braços cruzados, pernas à mostra devido ao shorts curto, a menina persiste na esquina encostada no muro gelado. Nem repara mais no movimento dos ônibus na rodoviária em frente. Maria olha fixo para o nada, talvez buscando a imagem do quando saiu de Cruz Alta com a família à procura de uma vida melhor em São Leopoldo. Brigou com a mãe, apanhou do pai e saiu de casa. Agora, enfrenta a dura realidade das ruas. Maria é uma entre as centenas de meninas do Vale do Sinos que perderam a infância para sobreviver da prostituição. Engrossa o triste cotidiano das 500 mil meninas prostituídas no país.

A questão é tão preocupante que despertou a atenção da Câmara dos Deputados, em Brasília. Na semana passada, foi concluído o relatório final da CPI da Prostituição Infantil, destinada a apurar responsabilidades pela exploração e prostituição infanto-juvenil no país. A comissão sugeriu um plano emergencial para resolver o problema e mudanças no Código Penal no que se refere a crimes contra menores.

Segundo o relatório de 108 páginas, existe no Rio Grande do Sul um esquema de aliciamento de menores montado por quadrilhas que buscam meninas no interior do Estado, com promessas de emprego na cidade. Essa rota inclui Passo Fundo, Erechim, Cruz Alta, Santo Ângelo. Os aliciadores também buscam as crianças nas cidades catarinenses de Chapecó, Xanxerê e Palmitos. O colono, em saber do que se trata na realidade,

entende que aquela é uma oportunidade preciosa para a filha, que poderá estudar e melhorar de vida. A garota segue de ônibus para a cidade grande, onde será recebida por algum gigolô.

VALE DO SINOS

O Vale do Rio dos Sinos, uma região com 1,3 milhão de habitantes, atrai boa parte dessas meninas. Calcula-se que existam centenas de menores prostitutas, seduzidas por ofertas de emprego nas duas maiores cidades da região: São Leopoldo e Novo Hamburgo. Só em São Leopoldo, com quase 170 mil habitantes, são em torno de 140 as meninas que se prostituem, segundo levantamento feito pelo Conselho Tutelar dos Direitos da Criança e do Adolescente. Em Novo Hamburgo, com mais de 200 mil habitantes, não há nenhum tipo de levantamento.

Com fachada de bares noturnos, cerca de 20 casas em Novo Hamburgo abrigam as menores prostitutas. O proprietário da boate Over Time, Róbson Carlos de Andrade, está respondendo processo na Justiça por explorar a prostituição de menores. Também existem denúncias contra o Lini's Bar, no bairro Rincão, por abrigar adolescentes prostitutas. No Fórum local, há pelo menos cinco processos em andamento contra casas de prostituição.

“A prostituição tem um esquema muito bem-montado. O problema é que a polícia não investiga”, desafia o presidente do conselho diretor do Programa de Apoio a Meninos e Meninas de São Leopoldo (Proame), José Antonio Moroni. O aliciamento, segundo Moroni, pode acontecer tanto na própria família, geralmente vinda do interior, quanto na rua, onde o aliciador está presente. “A relação das meninas com o gigolô é de amor e ódio. Ao mesmo tempo em que dá proteção, ele é violento”, constata.

“Os aliciadores aproveitam a condição de risco das meninas que estão na rua para agir”, diz a presidente da comissão hamburguense do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Alzira Peres. “O cliente é o próprio aliciador”, acusa o educador de rua em Novo Hamburgo, Júlio Sá. “No momento em que você oferece dinheiro a uma menina que não tem nenhuma perspectiva, para ter prazer sexual, está praticando o crime de aliciamento, passível de processo penal”, afirma



Só em Novo Hamburgo e São Leopoldo estima-se que em torno de 200 menores se prostituam



Diz a camista da menina de rua: “Pelo direito de ser criança”

Quando falta amor em casa, a rua é a saída

Além da questão sócio-econômica, a prostituição infantil também está ligada ao fator psicológico. A maioria das meninas que sai de casa e cai na prostituição, muitas vezes é iniciada sexualmente no próprio lar pelo padrasto ou mesmo pelo pai. “Nos últimos dois meses, atendemos três casos de estupro de meninas de 8 anos pelos próprios pais”, informa a coordenadora do Conselho Tutelar dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Leopoldo, Alda Prates.

Os conselhos tutelares de Novo Hamburgo e São Leopoldo registram números assustadores sobre a violência sofrida pelas meninas em casa. Em Novo Hamburgo foram acompanhados quatro casos de estupro e 206 de maus-tratos (dados de 1993). Em São Leopoldo, os registros do conselho, desde agosto de 1992, denunciam 28 casos de abuso sexual e 101 de maus-tratos.

CARÊNCIA AFETIVA

Segundo o sociólogo e antropólogo Márcio Noronha, professor da Unisinos e ex-

res do Vírus da Aids de Porto Alegre (Gapa), algumas crianças também se utilizam da prostituição como forma de cobrir carências afetivas. Noronha acredita que as crianças nem de casa por falta de afeto, que acabam encontrando no adulto que oferece comida e carinho, mas que está em busca de prazer sexual. “A psiquiatria inclui esses casos no hall da doença chamada de pedofilia (atração sexual por crianças)”, esclarece Noronha.

“O sujeito que compra os ‘serviços sexuais’ de uma criança está como que anarrado em vivências infantis muito primitivas”, acredita o psicólogo Fábio Moraes, da Casa de Saúde Mental de Novo Hamburgo. Para ele, as impressões deste sujeito estão marcadas por fantasias muito intensas de ataques, mas também de sedução, ao corpo da mãe. Surge então a construção do perverso, onde ele age e procura buscar o objeto perdido em outro corpo. “O concreto da relação sexual se dará sobre um corpo não totalmente crescido, diminuindo as possibilidades de encontro com a mãe, mulher pronta”, conclui.

Violência a menores em Novo Hamburgo	
Jan	um caso de estupro e três espancamentos
Fev	dois casos de estupro e cinco espancamentos
Març	nenhum caso de estupro e dois espancamentos
Abr	três casos de estupro e um espancamento
Mai	um caso de estupro e quatro de espancamento

Fonte: Brigada Militar

Número de menores prostituídas/1993	
Porto Alegre	70 meninas prostituídas e 199 com abusos sexuais
São Leopoldo	16 meninas prostituídas e 28 com abusos sexuais
Novo Hamburgo	14 meninas prostituídas/não há dados sobre abuso sexual

Fonte: Conselhos Tutelares

Foscarini manda recolher e alojar meninos de rua

Prefeitura está colocando em prática o primeiro passo de uma campanha para recolher e alojar andarilhos e meninos de ruas. A proposta partiu do prefeito Atalibio Foscarini que já no seu primeiro dia de mandato orientou a Guarda Municipal e a Secretaria de Saúde e Ação Social para cumprir a determinação. A titular da Semsas, Marlene Encina, informa que outras duas etapas, do que chama de campanha, deverão ser iniciadas nos próximos dias.

A orientação recebida pela Guarda Municipal, conforme Marlene Encina, é recolher "toda e qualquer criança" que for encontrada sozinha pelas ruas e encaminhar para o Conselho Tutelar. Já os andarilhos devem ser levados para o Albergue. "Se você anda pela cidade, vê que nunca teve tanta criança abandonada por aí", justifica a secretária.



Menino faz lanche nas bancas do Centro

para o Conselho (o prefeito Ritzel determinava quotas), além de uma viatura que ficará à disposição até a meia-noite (antes o carro só ficava até as 22h30min nas segundas, quartas e sextas). Também foi dada orientação para que a Casa Abrigo passe a receber crianças também aos finais

de semana, o que não acontecia antes.

que andam por Novo Hamburgo.

As localidades mais frequentes são Esteio, Sapucaia e São Leopoldo. Na terceira fase, a idéia é promover um grande debate com a comunidade hamburguesa.

"É uma campanha de conscientização. Queremos a participação de todos os segmentos da sociedade", acrescenta a titular da Semsas.

Um pedido da secretária é a de que a população entre em contato com a Guarda Municipal sempre que encontrar um andarilho ou menino de rua.

Outra proposta que deverá ser encaminhada pela secretaria ao prefeito em exercício, Elio Giacometti, é a de conquistar um espaço específico para os engraxates do Centro e tentar trabalhar em forma de cooperativa com eles. (SP)

28 □ NH

POLÍCIA

Direito de ir e vir centraliza debate

Conselheiros tutelares ressaltam que não querem que crianças fiquem nas ruas

O debate sobre o direito de ir e vir dos meninos e meninas de rua polarizou em definitivo a discussão do problema dos menores abandonados de Novo Hamburgo. Há algumas semanas a Prefeitura vem recolhendo os meninos no final da tarde através da Guarda Municipal. Os guardas colocam os menores nas viaturas e os encaminham para o Conselho Tutelar. De lá eles vão para as respectivas entidades. As meninas para o albergue e os meninos para a casa-abrigo. Os que moram em outras localidades são levados à rodoviária.



Alguns menores e dirigentes de entidades assistenciais, no entanto, denunciaram que os meninos estão sendo recolhidos à força pela Guarda Municipal. "Por que eles não podem ficar na rua, se quiserem?", questionou a presidente do Conselho Tutelar, Neide Friederich.

Neste final de semana, depois de uma reunião de Neide e outros conselheiros com o prefeito Atalibio Foscarini, os membros do Conselho decidiram elaborar uma carta esclarecendo sua posição a respeito do direito de ir e vir dos menores. A carta enviada ao jornal NH é assinada pela conselheira Lourdes Fritzen Bloss, que diz representar todos os cinco conselheiros.

"Não defendemos indiscriminadamente o direito de ir e vir, mas o direito a um desenvolvimento sadio, como qualquer criança com família estruturada", afirma o documento. Mais adiante, a carta ressaltava que os conselheiros não defendem "que estas crianças fiquem na rua. A grande dificuldade é que eles não querem ficar nas instituições e, se os forçamos, eles fogem". Os conselheiros, por fim, apontam como solução a melhoria das condições de vida nas vilas populares e a construção de creches e extra-classes "para que as crianças fiquem ocupadas e orientadas enquanto os pais trabalham".



A sede do Conselho Tutelar, para onde são encaminhados os menores de rua

Futuro dos menores de rua é incerto

Não há uma política clara e ações policiais acabam causando pânico e denúncias

Um problema social relativamente novo e, por isso, amplamente discutido em Novo Hamburgo, é o dos meninos e meninas de rua. Além da gravidade natural deste deslize social, já que está se ameaçando justamente o que se tornou comum chamar de "o futuro do país"; o Conselho Tutelar, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e a Guarda Municipal, divergem totalmente quanto ao tratamento que os menores devem receber. A atuação do Tutelar, inclusive, é bastante criticada. Por outro lado, a direção do Conselho alega descaso da Prefeitura, que não fornece pessoal para trabalhar e não cria casas de passagem e abrigos para os menores. Mas, acima de tudo este leva e traz de acusações e críticas, está o problema, que vem crescendo, desordenadamente, a cada mês.

Ninguém sabe ao certo quantos são os menores de rua, nem quantos realmente são hamburguenses, pois a cada dia surge um desconhecido, de Sapucaia, Esteio, São Leopoldo e até de outros municípios mais distantes. Segundo o Conselho Tutelar são aproximadamente 35, de faixa etária entre 7 e 18 anos. "A maioria é de Novo Hamburgo. São crianças de famílias desestruturadas", explica Neide Friedrich, presidente do Conselho. Segundo ela, o Tutelar faz muitos atendimentos diariamente, e não tem para onde encaminhar todos os menores. "Faltam escolas adequadas, mais núcleos extra-classe e casas de passagem".

Órgãos distintos - Conforme a Secretária de Saúde e Ação Social, Marlene Encina, é preciso distinguir para a sociedade o Conselho Tutelar do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e suas respectivas funções. "O Conselho Municipal faz o diagnóstico, conhece as necessidades e cria a política de atendimento. O trabalho do Tutelar é de receber as denúncias, encaminhar e fiscalizar", sintetiza.

Marlene Encina diz também que o problema é muito grande e está recebendo a devida atenção, inclusive do prefeito Foscarini, que se mostrou solidário. "Iremos abrir, até o final do primeiro semestre, uma creche da vila Kroef e uma na Vila Nova. um núcleo de extra-classe em Canudos e a escola aberta do Santo Afonso", explicou. Além disso, salienta Encina, quando o número de menores aumentou "o Albergue Municipal foi reformulado, para atender as meninas. Os meninos são encaminhados a Casa Abrigo e temos 13 pequenos que estão no Centro do Desnutrido. Para suprir tudo isso, estamos com funcionários virando a noite". (Josiane Valim)

Gravidade do problema obriga ações rápidas

Uma promessa antiga da secretária de Ação Social, que segundo Marlene Encina será executada em breve, em função da gravidade do problema, é a criação da Casa das Meninas. "A idéia é ter um lugar delas, com cursos profissionalizantes e tratamento médico. Temos que conquistá-las por suas aspirações, pelo que elas gostam de fazer. Um bom exemplo disso são os meninos da Casa Abrigo, que estão fazendo serviços de jardinagem. Quem quiser contratá-los é só entrar em contato com a secretária". Os telefones são 593.6472, 593.6188 ou 156. Além disso, explicou Dóris Leite de Farias, Coordenadora do Setor de Encaminhamento e Acompanhamento ao Mercado de Trabalho, existem 19 meninos trabalhando em empresas (através do programa Fundasul), 22 no Banco do Brasil e quatro na Caixa Federal.

Em março, a Secretária de Ação Social pretende reunir o empresariado hamburguense na luta contra a permanência dos meninos na rua. Marlene Encina quer apoio, no sentido de empregar estes menores. (JV)

Fotos: Ricardo Wolfenbützel



Menino de rua dorme defronte as Bancas, no Centro. Com medo, ele reage à ação da GM

infância abandonada

Ação noturna da Guarda Municipal é temida

À noite, os que não querem ir para o Albergue Municipal ou para a Casa Abrigo do bairro Primavera peregrinam pelas ruas do Centro. Por fim acabam dormindo na garagem do Conselho Tutelar, na rua 5 de Abril. Muitos são de Novo Hamburgo, têm pai e mãe e residência fixa. Contudo, ir para casa está totalmente fora de cogitação. A rua, por mais desgastante, proporciona a "liberdade". Foi assim, que o menor A., 12 anos, que rondava as bancas, às 0h24min da noite de sexta-feira, definiu o fato de andar pelas ruas, tendo um lar para ir. "Meus pais moram no São José. Mais eu venho desde pequeno para o Centro. Já me acostumei. Talvez eu vá para a casa do menor estudar", concluiu.

Outro menor, aparentando onze anos, dormia dentro de uma caixa de papelão, em frente as bancas. Um vigilante da Guarda Municipal tentou abrir a caixa para conversar com o garoto, que esperniou e escondeu o rosto. Por volta de

0h44min a dupla resolve ir até a garagem do Conselho Tutelar, onde um grupo de menores estava passando à noite. Na chegada, através dos vidros quebrados da porta, foi possível identificar onze menores. Depois de uma pequena discussão a Guarda os convenceu a abrir a porta. No total eram 15, sendo dois maiores de idade. J.T.L., 12 anos, estava desmaiada num canto. A blusa amarela molhada pela saliva que escorria no canto da boca, deixou a impressão de que havia tido um ataque epilético. A Guarda resolveu encaminhá-la ao hospital e teve muita dificuldade em removê-la. As amigas não queriam deixá-la ir. Por fim, todas entraram na viatura para levar J.T.L.. A 1h18min, vem por rádio a notícia de que J.T.L. iria ficar até às 4h30min no hospital Geral, onde receberia medicações para desintoxicação, devido ao excesso de cola aspirada.

Muitas restrições - A maioria dos vi-

gilantes da Guarda Municipal, principalmente os que trabalham à noite, reclamam da conduta dos menores. Felipe Nunes Ferreira, que faz o patrulhamento do Centro durante a madrugada, afirma que a maioria das ocorrências envolve menores e bêbados. "As crianças provocam a gente. Quebram lâmpadas e latas de lixo. Temos que assistir a destruição do patrimônio público e não podemos fazer nada". Os menores também têm reclamações: temem a Guarda, que, segundo o engraxate J.O., 12 anos, provoca espantamentos.

Segundo ele conta e mais três menores confirmam, na noite de Natal tomavam banho no chafariz do Shopping, quando foram perseguidos e levados para o Morro Dois Irmãos.

Lá, aparranharam muito e foram ameaçados de serem mortos e jogados no lixo. Voltaram para o centro à pé, chorando muito e com mais medo da Guarda Municipal. (JV)



J.T.L., 12 anos, foi encontrada pela GM desmaiada, devido a cola

Conselho Tutelar de novo na mira da Câmara

A Comissão de Direitos Humanos do Legislativo insiste nas denúncias e faz inspeção no Centro durante a noite

Depois de denunciar que havia conselheiros que pactuavam com o uso de drogas como cola e loló dentro da sede do Conselho Tutelar, os vereadores voltaram à carga contra aquela instituição. Por volta das 22h30min da última quinta-feira os três membros da Comissão de Direitos Humanos da Câmara (João Marcos da Silva (PMDB), Ito Luciano (PDT) e Antenor Garcia (PTB)), mais o vereador Gilson Thoen (PDT) que serviu de fotógrafo, resolveram fazer o que chamaram de "batida surpresa no Conselho". Os quatro vereadores estiveram em locais do Centro onde normalmente os menores de rua dormem e conversaram com eles.

Depois foram ao Conselho Tutelar. "São encontramos um Guarda Municipal e um funcionário da Prefeitura, o Didi. Perguntamos onde estava o plantão e não havia. Resolvemos ligar para a conselheira Neidi Friedrich e ela também não sabia quem era o plantonista. Achamos que com o salário que os conselheiros ganham deviam pelo menos fazer um plantão", relata Ito Luciano.

A Comissão denuncia ainda que alguns funcionários que atuam no Conselho têm sido alvo de represálias por parte dos conse-

lheiros por estarem passando informações aos vereadores. "Soubemos também que há divergências entre os conselheiros como num dia em que um menino chegou armado no Conselho e houve briga. Um conselheiro queria tirar a arma do guri, o outro não deixou. O menor foi embora com a arma", denuncia Gilson Thoen.

Pais - Dizendo que esta é uma das funções do Conselho, o vereador Ito Luciano diz que, ao conversar com os menores que dormiam na rua naquela noite, ficou sabendo que "o Conselho nunca encaminhou-os aos pais". Ito foi o vereador que denunciou a complacência de conselheiros com o uso de cola e loló dentro da sede do Conselho. "E eu confirmei. Eu falei com o tal Henrique e perguntei se em algum momento os conselheiros chegaram a mantê-los tranquilos com a cola. Ele me disse que no início eles deixavam cheirar lá dentro e não arrancavam." O que o vereador chama de confirmação por parte de Henrique confere mais com as informações do Conselho do que com sua denúncia. No primeiro enfrentamento público com os vereadores, os conselheiros admi-



Conversa na madrugada: Henrique (centro), mais três menores e o vereador Luciano

tiram que não usavam de violência para retirar a cola. E que enquanto negociavam via diálogo, os menores usavam os tóxicos.

Ao final da ronda noturna, os vereadores chegaram a conclusão de que nem se come-

çará a resolver o problema se não houver um lugar para onde os menores possam ser recolhidos. O Conselho Tutelar, por sua vez, luta por algo idêntico: a construção de uma casa aberta. (João Manoel)

"Vereadores nunca vieram aqui"

As denúncias feitas pelos vereadores são rebatidas, uma a uma, pela conselheira Neidi Friedrich. Antes disso, porém, faz questão de evidenciar: "Os vereadores da Comissão de Direitos Humanos nunca vieram aqui no Conselho conversar. É lógico que qualquer funcionário pode dar informações a um vereador, tem até obrigação de fazer isso. O que um funcionário não tem obrigação é de ter dados corretos. Por que eles não conversam com os conselheiros", questiona.

Sobre a ausência de um plantonista no Conselho na noite de quinta-feira, Neidi diz que o estatuto prevê que o organismo funcione 24 horas com rodízio de funcionários. "Não necessariamente plantonistas. Mesmo assim, além de um funcionário ficar aqui, cada dia da semana o plantão é de um conselheiro. Mas ele não precisa necessariamente dormir lá. É só chamá-lo que ele comparece. Naquele dia, o guarda me ligou e eu disse que achava que era a Marlene (presidente) que estava de plantão, mas que qualquer problema eu poderia resolver. Além disso, o Didi (funcionário) estava lá e ele sabe muito bem quem são os plantonistas."

Os vereadores acusaram ainda a represálias a funcionários. Neidi diz que isso é absurdo porque, afinal, não são conhecidas as pessoas que passam informações para fora do Conselho. "O que houve, isto sim, é que dias atrás, após aquela primeira publicação de denúncias no jornal, fizemos uma reunião e explicamos que qualquer informação que saísse daqui deveria ser feita com certeza e autorização. Precisamos ter certeza e cuidado. Há questões éticas dos menores que não podemos expor", esclarece. Por último, Neidi responde a acusação de que o Conselho não encaminha as crianças aos pais. "Não é verdade. Meninos de outras cidades nós encaminhamos aos fóruns

ou aos Conselhos Tutelares. E os de Novo Hamburgo fazemos este encaminhamento sim. Mas os vereadores deveriam conhecer a realidade para saber que não adianta simplesmente levar de volta para casa uma criança que está na rua. Ela não saiu porque quis." Neidi atribui a série de denúncias dos vereadores à falta de informações deles sobre as funções do Conselho. "É isso que pretendemos deixar claro no painel de hoje à noite", encerra. (JM)

Hoje tem painel sobre como a entidade atua

O Conselho Tutelar de Novo Hamburgo promove hoje, a partir das 18h30min, no plenário da Câmara de Vereadores, um painel que vai discutir a situação do adolescente e a problemática dos menores de rua, com o objetivo de buscar alternativas e soluções para a questão. O evento visa, ainda, esclarecer à comunidade hamburguesa as verdadeiras atribuições do órgão, bem como sensibilizar a população local no sentido de buscar a colaboração social, num esforço conjunto com o Município para resgatar a dignidade e o direito a vida dos menores desfavorecidos.

Serão painelistas, entre outros nomes, o juiz da área da Infância e da Juventude, João Batista Costa Saraiya, e o representante do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua José Antônio Morone. O Conselho convoca a toda população a participar das atividades. (Cláudio Medaglia)

Creche da Abefi atende meninas

Na creche da Associação Beneficente Evangélica Floresta Imperial (Abefi) são atendidas em média 15 meninas, de 10 a 17 anos, que diariamente recebem alimentação, fazem trabalhos manuais e se divertem. Sob a orientação de Alzira Peres, é o programa tenta motivar a convivência em grupo. Alzira afirma que este é um processo lento mas que já tem apresentados pontos positivos com a desvinculação gradativa de vícios ou comportamentos prejudiciais que os menores possam ter. A intimidade de Alzira com as meninas é muito grande, chegando ao empréstimo de roupas para as meninas usarem no final de semana. "Eles não têm passado e nem futuro. Cabe a nós modificar esta situação e procurar ajudá-los". (LL)

27/5/93

Casa Aberta faz um ano e continuidade é incerteza

Possível perda do espaço ainda representa ameaça

André Graiz/GES

A Casa Aberta, entidade mantida pelo Centro de Apoio aos Meninos e Meninas (Ceamem), completou um ano de existência. Educadores, familiares e assistidos confraternizaram quarta-feira à tarde pela passagem da data. Apesar dos festejos, a continuidade do projeto ainda é uma incerteza. Um dos incentivadores, o proprietário do imóvel onde são realizadas as atividades, José Flávio Fischer, comunicou recentemente a intenção de ver o espaço desocupado até o final do ano. Alegando ser particular, ele não quer falar sobre o assunto. Segundo uma das diretoras da casa, Neidi Friedrich, Fischer vinha sendo pressionado pela vizinhança a retornar a propriedade. Ela afirma, no entanto, que ele já se comprometeu em manter o apoio à entidade.

Atualmente, a entidade atende 11 meninos em regime de albergue. Outro trabalho desenvolvido por meio de convênio com a prefeitura é a unidade de ensino especializada no atendimento a estudantes com defasagem de série (fora do ritmo normal da escola). Júlio Sá, um dos educadores da casa, afirma que todos os trabalhos visam proporcionar aos menores um espaço para desenvolvimento da auto-estima e o conceito de cidadania.

AVANÇOS— Neste primeiro ano de atividades, os responsáveis pela Casa Aberta consideram que houve avanços no trabalho desenvolvido apesar de pressões externas para fechamento. "No princípio, os meninos apresentavam um comportamento bastante instintivo. O afeto era substituído pela agressividade", relata Neidi. Hoje, eles começam a demonstrar uma nova visão de seu papel social. Estão tendo oportunidade de construir as suas vidas: "A possibilidade de se trabalhar com o conceito de limite por exemplo. Hoje, eles já estão sendo reeducados, não com autoritarismo, mas, sim, pelo diálogo e respeito", coloca Sá.

Um dos maiores problemas enfrentados pela Casa Aberta diz respeito ao preconceito existente por parte da sociedade em



Meninos atendidos na entidade fazem planos para futuro

Cidadania está na pauta diária

O principal desafio da Casa Aberta é o de passar aos meninos pressupostos de vida em sociedade, desenvolvendo a capacidade crítica deles e conceitos de responsabilidade. O trabalho vem sendo desenvolvido em três frentes: abordagens de rua, visando a prevenção do abandono dos lares; a Casa Aberta, um espaço destinado a proporcionar condições para que os menores readquiram a noção de cidadania; e intervenção na vila Palmeira, onde são oferecidas oficinas de artes e aprendizagem.

Por meio de convênio com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), os menores estão trabalhando na montagem de embalagens para bolachas. O trabalho é complementado com a fabricação de bolachas pelas meninas auxiliadas pela entidade. Uma vez por semana, elas se reúnem na Igreja Aliança Bíblica para a fabricação do alimento que, depois, é vendido em bares e armazéns. (CR)

relação ao trabalho com os meninos. Neidi afirma que a sociedade os vê como marginais que devem ser punidos e afastados da convivência social. "As pessoas não se dão conta de que eles têm que sair desta situação", salienta. A diretora afirma, ainda, que a comunidade acredita que não faz parte do problema e, assim contribui para o aumento da exclusão dos meninos e à falta de perspectivas de mudança. (Cláudio Rocha)

Histórias têm muitos pontos em comum

As histórias dos meninos atendidos pela Casa Aberta são muito parecidas. O perfil deles também. A maioria morava nas regiões pobres da cidade, principalmente no bairro Santo Afonso, e deixou a família por maus-tratos sofridos. O dom da palavra não é bem-vindo e a lembrança do passado são evitadas. Arredios, temem conversar com estranhos, herança de quem aprendeu a se defender para enfrentar a vida na rua. Quando resolvem falar, citam o presente e fazem planos para o futuro, embora demonstrem um olhar de incerteza. O garoto Juarez Fonseca, 14 anos, na rua desde os oito, acredita que sua vida melhorou depois de ser atendido pela Casa Aberta. "A vida na rua é um inferno", resume. Dependente químico de cola, como grande parte dos atendidos, tem, como desafio, parar com a droga. "Tô tentando parar. Não cheiro mais cola como antes", frisa.

Aprender uma profissão, conseguir um emprego e constituir família. Este é o desejo de Eder Luis de Oliveira, 16 anos. Aos 11 anos, saiu de casa para fugir da violência do pai que o espancava. Um ano na entidade foi o suficiente para mostrar a outra face à realidade. "Os tios disseram que vão me levar para fazer um curso em Porto Alegre. Tô animado", coloca. Indeciso, pensa em ser mecânico.

Nelson da Silva, 15 anos, na rua há três, saiu de casa porque apanhava muito de seu pai. Depois que a mãe morreu, passou a se desentender com a madrastra, mais uma causa para deixar o lar. Risonho, comenta que aprontava na escola até que deixou de estudar. Agora diz para os educadores da Casa Aberta que quer ser escritor. O retorno à escola, precondição para frequentar a entidade, é visto com naturalidade. (CR)

Casa Abrigo completa dois meses

Objetivo da instituição é reintegrar as meninas de rua à sociedade

A Casa Abrigo das Meninas de Rua de Novo Hamburgo completa 60 dias de atividade. A instituição, mantida pela Semsas, tem hoje 24 horas de atendimento às menores. A idéia principal é: nenhuma menina na rua. Para alcançar este objetivo, vários trabalhos vêm sendo desenvolvidos pela administração da casa.

Maria do Carmo Winter, coordenadora do abrigo, conta que a meta é a reintegração das meninas à sociedade. Ela lembra o fato de que cada menor passa por um processo de opção entre a liberdade das ruas, a discriminação social e a reeducação, onde são necessários a higiene, a organização, a criação de hábitos que, nas ruas, são supérfluos. A Casa Abrigo, alugada pela Prefeitura à Igreja Católica, dá guarida a 16 meninas e tem como ponto de referência tentar reatar o vínculo familiar, seja com os pais naturais, ou mesmo com os substitutos.

DIFICULDADES

O problema é que esta segunda alternativa raramente



Transmitir hábitos é um dos objetivos do abrigo



Meninas enfrentam preconceito, como o abaixo-assinado que pede a transferência da casa

funciona, pois as meninas têm um histórico de muito tempo nas ruas, o que acarreta dificuldades imensas de adaptação, além das sérias restrições que qualquer família, invariavelmente, tem em relação a "menores não tão pequenos". É verdade que as meninas da Casa Abrigo têm históricos envolvendo problemas com drogas e infrações, mas segundo Maria do Carmo, têm um potencial afetivo muito grande.

Seria utopia esperar que uma entidade envolvida com este tipo de situação passasse apenas por momentos agradáveis. A Casa Abrigo das Meninas de Rua de Novo Hamburgo não foge à regra. Durante os dois meses de funcionamento, vários casos delicados foram enfrentados. E superados, como faz questão de enfatizar Maria do Carmo. Atritos entre as meninas que moram no abrigo é um aspecto freqüente. Ainda na última quarta-feira, momento semelhante foi contornado pelos funcionários que, através do diálogo, conseguiram, inclusive recolher os materiais utilizados como arma pelas menores.

SEXO E DROGAS

A troca de sexo por drogas é um boato que revolta a coordenadora da casa. Maria do Carmo enfatiza que estas meninas não estão mais se prostituindo. "Até porque estão dormindo aqui no abrigo. Quanto ao uso de drogas, é claro que algumas ainda sentem dependência e precisam ser desintoxicadas. Mas dentro da casa elas não usam coia. Já usaram, e até isso nós, com diálogo, conseguimos tirar delas", argumenta.

Maus-tratos a funcionários, tentativas de suicídio e outros casos pitorescos são apenas alguns ingredientes a mais na rotina diária de quem não se abala com as críticas e descontentamentos de uma sociedade que prefere atribuir culpas e responsabilidades sempre ao próximo, sem assumir nada para si. Exemplo disso? A coordenadora lembra o fato de que existe um abaixo-assinado para retirar a instituição do prédio.

Ela salienta que "todo mundo se diz preocupado com a questão do menor, mas quando a situação se apresenta perto da gente, em geral, a primeira alternativa é virar as costas". E é muito mais em função disso e pela satisfação pessoal que algumas pessoas se propõem a este tipo de trabalho de pouco retorno financeiro e muitas cobranças. (Claudio Junior)

Fotos Ricardo de Moraes

OVO HAMBURGO

Processo investiga agressão de PM a menor

Im inquérito apura a identificação irregular de meninos de rua através de fotografias tiradas por policiais militares

LSON PAIVA

Acusações de estupro de uma menina de rua por um soldado da Brigada Militar e agressões feitas por PMs e dois integrantes da Guarda Municipal a um grupo de meninos de rua deram origem a um processo criminal na Justiça de Novo Hamburgo. Um Inquérito Policial Militar (IPM) também está apurando a identificação irregular de menores feita por policiais militares.

O processo judicial partiu de uma denúncia de abuso de autoridade feita pelo Ministério Público contra o soldado da 1ª Companhia do 3º BM João Hêlio Dutra da Rosa, conhecido como *Chinês*, e os guardas municipais Armando Sar Pereira dos Santos e Edemar Denites dos Santos. Eles são acusados de terem agredido um grupo de meninos de rua que passava a noite em uma casa abandonada, na Avenida Pedro Jans Filho, centro da cidade.

A notícia foi levada aos promotores pelos acadêmicos do Centro de Apoio a Meninos e Meninas (Ceamem), Emerson Gomes e Júlio de Lencastre. Eles ouviram dos próprios meninos de rua o relato das agressões feitas na madrugada do dia 10 de julho. A menor M.M.S., de 17 anos, que afirma ter sido estuprada pelo PM, conta que elas e as menores M.S. e E.R., de 13 anos, foram confinadas no centro da sala, enquanto os meninos eram obrigados a se virar para a parede, com a cabeça tapada por cobertores. A menina garante que foi violentada. Mas a denúncia de estupro não consta do processo judicial porque não houve a solicitação de um exame específico em M.M.S. no Instituto Médico Legal. Apenas a Justiça Militar tratará deste aspecto.

Os soldados da Brigada Militar tiraram fotos de um grupo de meninos de rua em Novo Hamburgo

Um laudo do IML solicitado pelo promotor de Justiça Eduardo Iriart, no entanto, constatou violações generalizadas em M.M.S. e em Ednaldo Gonçalves, 20 anos, que também integrava o grupo. A promotora de Justiça titular da 1ª Vara Criminal, Denise Villela, ainda acrescentou uma denúncia contra o PM e os guardas por agressão contra mais três meninos de rua.

FOTOGRAFIAS — Por determinação do comandante do 3º BPM, tenente-coronel Otomar König, o soldado João Hêlio está afastado de suas funções de rua. König ordenou a instauração do IPM para investigar as agressões. Outra irregularidade foi admitida pelos tenentes Haroldo Nebel e Rogério Stumpf, da 1ª CIA.

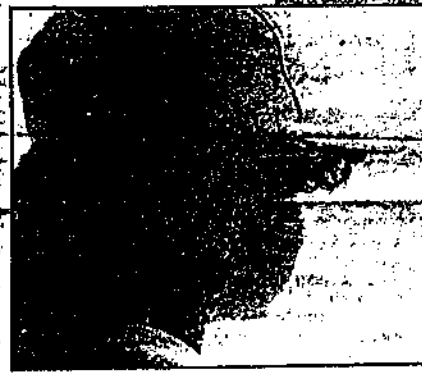
Em 20 de julho, alegando serem membros do Ceamem, quatro PMs que usavam os Opelats nºs 1247 e 1219 invadiram novamente a casa abandonada e tiraram fotos de cada um, obrigando-os a dizer nome, idade e filiação — sem conhecimento do 3º BPM. König reconheceu que tirar fotografias de quem quer que seja, obrigadamente ou não, constitui-se numa falta grave, já que essa não é uma atribuição da Brigada Militar. "Vão ter que justificar muito bem a razão de terem tirado essas fotos e, principalmente, o que pretendiam fazer com as mesmas".



Local: uma menina afirma que foi estuprada nesta casa abandonada



Averiguações: König busca responsáveis



Denunciante: M.M.S acusa PM

Os meninos do Laguinho das Freiras

vida de crianças que engraxam sapatos, cheiram cola e, às vezes, se prostiuem



As tardes mais abrasadoras do verão de Novo Hamburgo, quando o termômetro grande do Calçadão passa os 35 graus, o Centro da cidade, de súbito, é invadido pelos meninos e meninas sujos que circulam entre as praças Imigrante e 20 de Setembro fazendo raspadinhas e engraxando sapatos. Eles estão a uma distância de quatro quilômetros, desferindo braçadas nas águas turvas do Laguinho das Freiras, um lago no meio dos terrenos baldios da rua Madre Inês, bairro Canudos.

Presidente do Conselho Tutelar, Neide Friederich, estima em 35 o número de menores de rua de Novo Hamburgo. Como os meninos de rua de todas as cidades cheiram cola, outros se arriscam em pequenos furtos, todos brigam entre si. A luta mais acirrada é pela sobrevivência. Uma engraxada sai por Cr\$ 5 mil e uma raspadinha dá lucro de Cr\$ 2 mil. Difícilmente o rende mais de Cr\$ 50 mil.

Michê - O mulato forte M.A.B.M., 14 anos, gaba-se de fazer mais do que qualquer um na Praça Imigrante. Sua profissão é de alto risco: michê. M.A.B.M. chegou a elaborar uma tabela de preços dos seus serviços. Para fazer o homossexual o acariciem cobra Cr\$ 10 mil. O sexo oral sai por Cr\$ 20 mil. A consumação do ato bem mais cara: Cr\$ 70 mil. "Ontem um me deu Cr\$ 50 mil", vangloriou-se na quarta-feira passada. Mas estava preocupado. "Preciso arranjar um chinelo", explicou, mostrando os pés descalços. "Se tu aparece sem chinelo, os bichas te acham bagaceira".

M.A.B.M. tentava convencer o amigo R.S., 13 anos, a emprestar-lhe as havaianas encardidas. Até semana passada, R.S. ostentava uma vasta cabeleira loira infestada de piolhos. Os taxistas do Centro se compadeceram e emprestaram-lhe a cabeça. "Agora ficou melhor", recalcou, passando a mão nos tocos de fios. Caso não seguisse os chinelos do amigo careca, M.A.B.M. teria a cabeça do pequeno V.C., um sardentinho de 8 anos de idade traumatizado com o tratamento que recebeu no Hospital Dom Quixote, escola do bairro São Jorge. "Lá eu tinha uma tia que me bateu na mão", reclamou. V.C. não quer que não volte mais para a escola e prova que não quer ler gaguejando ao decifrar o nome da Caixa Econômica Federal inscrito numa raspadinha.

Arado - O sardento V.C. não foi o único a parar de estudar. O mais velho da turma, M.R., 16 anos, largou os estudos e o trabalho. "Sou preguiçoso mesmo", forma-se. M.R. é filho do dono de uma serralheria. Segundo ele, o espancava todos os dias. "Ai eu fui e caí fora", conta.

Rapagão M.R. saiu de casa para encontrar o amor. Estragando, entre risinhos e torcer de dedos, confessa a paixão pela amiga M.A.M., 16 anos, de desprezo. "Ele não quer mais", tenta se explicar o rejeitado. **Jesus** - O dono do coração de M.A.M. está a 40 quilômetros de distância, internado na Febem de Porto Alegre por ter tentado "meter uma barbearia" na Vila Olímpica. Aos suspiros, a moça tece poemas para o amigo: "Se você casar com outra, não há tempo ou



Dirigentes do Conselho Tutelar calculam que cerca de 85 menores de rua perambulam todos os dias pelas cidades

alegria. Você casa às 11 horas e morre ao meio-dia". A menina com certeza não declamaria versos para um brigadiano que, assegura, a estuprou há dois meses na Praça 20. Ela relata que estava com uma amiga na praça quando um soldado desceu de uma moto vermelha e a abordou. M.A.M. afirma que o brigadiano a arrastou para um canto escuro e a obrigou a se despir, tendo, em seguida, violentado-a.

Cabelos negros e lisos, olhos espelhados escondendo os olhos castanhos, a garota R.P.O., 14 anos, é uma séria rival de M.A.M. na confecção de poemas. R.P.O. é mais metódica. Anota as letras das músicas que gosta e as suas poesias num velho caderno remanescente da "abandonada" 2ª série do primeiro grau. Em letra vacilante, está registrado no caderno: "Lá detrás da minha casa tem um pé de rosa branca, quem quiser casar comigo, traga véu e aliança". R.P.O. espera que o véu e a aliança sejam presenteados por um outro interno da Febem, de 16 anos, que volta e meia aparece em Novo Hamburgo para lhe namorar.

Relações perigosas - Amor difícil mesmo é o cultivado pela pretinha M.F.M., de 13 anos, que se tornou o vértice de um intrincado triângulo amoroso. No intervalo de uma briga do casal M.A., a menina violentada pelos PMs no Ano Novo, e L., de Sapucaia, ela se viu envolvida

com o rapaz, com quem teve sua primeira relação sexual. M.F.M. está apaixonada, mas desiludida. "Ela (M.A.) é a mulher dele, e sei que os dois já fizeram as pazes", lamenta.

De Sapucaia, como o casal M.A. e L., são os meninos mais agressivos que andam pelas ruas do Centro. Os comerciantes das lanchonetes da avenida Pedro Adams Filho são unânimes em descrever estes menores como violentos e perigosos. Entre eles está J.P., 14 anos, acostumado a praticar pequenos furtos nas residências de Novo Hamburgo. J.P. é um dos poucos que admite cheirar cola. "Quando estou sem dinheiro para comer, a cola faz com que eu esqueça a fome", justifica. F.R.P., baixo, franzino e esperto, 13 anos de idade, diz que está "na luta" com J.P. desde que os dois vieram de Sapucaia, pouco antes do Natal. J.P. já tinha vivido nas ruas de Novo Hamburgo dos 7 aos 12 anos. Depois de dois anos fora, voltou "porque em Novo Hamburgo é mais fácil de arrumar comida". Entre um mergulho e outro no lago ele vai contando que sua mãe o abandonou quando tinha dois meses de idade, ficando sob a responsabilidade do pai, um entregador de Sapucaia. J.P. fez só a 1ª série e aprendeu a escrever o nome. Sonha em conseguir trabalho, ter uma mulher e filhos. "Quero uma família", afirma. (David Coimbra e Clóvis Victória)



Uma das poetizas das ruas de Novo Hamburgo



M.F.M., o vértice rejeitado do triângulo amoroso



Os meninos das Freiras: hora de esquecer os problemas



Pausa entre mergulhos para um joguinho de cartas

O engraxate que quer ser prefeito de Novo Hamburgo

Atalbio Foscarini que se cuida. Alguém está se preparando com bastante antecedência para ocupar sua cadeira na Prefeitura. É o rapaz J.O., de 12 anos, um aplicado engraxate que diz estar estudando para ser prefeito de Novo Hamburgo. Ele ainda está na 2ª série, mas já elaborou seu programa de governo: vai criar uma associação de engraxates, construir um grande abrigo para menores e acabar com a Guarda Municipal.

A história que J.O. contou para justificar seu desprezo pela Guarda Municipal foi confirmada por três outros menores. Ele disse que no dia de Natal, por volta das 17 h, estava tomando banho no chafariz do shopping com outros amigos quando apareceu a viatura da GM. Depois de uma esbaforida perseguição, os guardas conseguiram deter quatro meninos. Levaram-nos para o Morro dos Peacles. No caminho, ameaçaram matá-los e jogá-los no Lixão. "Ficamos com muito medo, mas não choramos", lembra J.O. No morro, os guardas espancaram os quatro meninos, tendo o cuidado de enfiar um pano na boca das vítimas e bater sempre em cima de um livro colocado nas costas de quem apanhava. "Não deixa marca, só dói por dentro".

explica o menino.
Noite na rua - Os quatro desceram o morro abraçados, chorando. J.O. teve que passar a noite na rua, o que deixou sua mãe furiosa. Quando não conseguiu voltar para casa, J.O. passa a noite caminhando. Se vem o sono, ele lava o rosto. J.O. não pode se descuidar, já roubaram sua caixa engraxate sete vezes nos sete anos que exerce a profissão. Antes de se eleger prefeito, ele planeja montar uma banca de engraxate no Centro. A banca lhe foi prometida pelo mais velho de seus 11 irmãos.
Se ganhar a banca, quem sabe J.O. vai concretizar outro de seus sonhos: devolver à mãe a carrocinha de pipoca que ela teve de vender para pagar o tratamento de uma filha doente. A família morava em Cruz Alta e a filha ficou paraplégica de repente, obrigando a mãe a vender a carrocinha, o pai o caminhão e o irmão mais velho a banca de engraxate que tinha no Centro.
"Ai nós entramos na crise", conta o menino. Não adiantou. A irmã continuou paraplégica, até a mãe apelar para a intervenção divina. "A mãe rezou e ela se curou", assegura J.O. "Minha mãe tem uma reza forte e merecia a carrocinha de pipoca de novo". (David Coimbra e Clóvis Victória)

Briga de menores termina em morte

813193 N4

Uma briga envolvendo dois menores de rua acabou em tragédia no início da tarde de ontem. O menor Alceu da Silva, de 13 anos, foi morto com uma estocada de canivete no coração pelo menino M.A.R., de 14 anos. A briga ocorreu por volta das 13h na esquina das ruas Gomes Portinho e João Antônio da Silveira, no Centro de Novo Hamburgo. Alceu foi socorrido por PMs, mas morreu quando deu entrada no Hospital Geral.

Alceu, M.A.R. e dois outros menores, M.R., 16, e L.F.S., 16, estavam cheirando cola na escadaria da Gomes Portinho. Decidiram subir a rua, na direção do bairro jardim Mauá, a procura de um lugar menos movimentado para cheirar mais, quando Alceu e M.A.R. se desentenderam. "Pensei que eles estavam brincando", declarou M.R., ao ver que Alceu estava com um canivete na mão ameaçando M.A.R..

Na 1ª DP, M.A.R. disse que os dois estavam "chapa-dos de cola" e como havia matado Alceu: "Ele veio me espetar com o canivete e eu tirei da mão dele. Daí acertei no coração", descreveu. Depois, M.A.R. correu até o Conselho Tutelar do Menor e avisou que havia atingido Alceu. Os quatro menores moram na Casa Abrigo e estão freqüentando a escola. O delegado Moacir Fermino Bernardo, da 3ª DP de Novo Hamburgo tomou o depoimento dos três e encaminhou M.A.R. ao Fórum. Os outros dois foram levados ao Conselho Tutelar.(CV)

Empresário ajuda menores de rua



Friedrich e os meninos: carência e briga em casa

A atuação do Conselho Tutelar junto aos menores de rua conquistou a simpatia de uma empresa hamburguesa. Nei Luís Friedrich é proprietário da Móveis Sob Medida, na Avenida Pedro Adams Filho, e como irmão da presidente do Conselho, Neide Friedrich, ele começou a ter contato com a dura realidade da rua. Para o empresário, é importante abrir o mercado de trabalho aos

menores para evitar o interesse pela marginalidade. "Eu abri vaga para um destes meninos e, apesar do temperamento difícil, ele foi honesto o bastante para me dizer que não estava correspondendo e queria deixar a vaga para outro interessado. Não queria que eu pensasse mal de menores de rua. Isso me comoveu, e hoje nós temos o refeitório da fábrica aberto para o café da manhã", observa.

Além da refeição, Friedrich promove debates sobre a problemática do menor de rua, numa tentativa de resgatá-los para a responsabilidade e a rotina diária do trabalho. A chegada da maioridade também é alvo de discussão para os jovens. "O mais importante é que a gente percebe a carência que eles sentem. E vemos o retorno que eles dão ao receberem carinho. Mas tem dias que é difícil encarar, pois alguns chegam aqui com frio por terem passado a noite na rua, proibidos de entrar em casa pelos pais. Isso choca, mas a gente se acostuma e aprende a separar as coisas", completa. (CMJ)

Corpo de menor ainda desaparecido

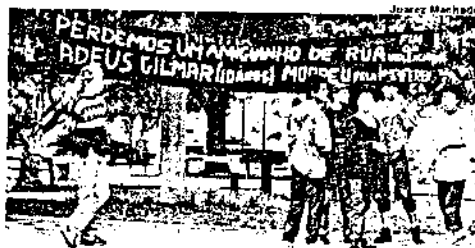
O sexto dia de buscas ao corpo do menor de rua, Gilmar Andrade, 10 anos, foi marcado pelo rastreamento feito pelo Subgrupamento de Buscas e Salvamentos do Corpo de Bombeiros de Porto Alegre, até a foz do arroio Luiz Rau, no Rio do Sinos, sem nenhum resultado. O corpo permanece sem ter sido encontrado e as possibilidades de localização nos próximos dias se reduzem ao pessimismo dos bombeiros. O garoto desapareceu na tarde de 31 de maio passado, depois de ter aspirado cola de sapateiro com um amigo embaixo da ponte no entroncamento da Rua 3 de Outubro com Avenida Nações Unidas.

O sargento Jairo Mosquieur resume as dificuldades que os bombeiros estão enfrentando para localizar o corpo do menor. "Não dá para ter a mínima idéia de onde o corpo possa estar. Com a melhora das condições do tempo, esperávamos que o corpo subisse à tona para facilitar o nosso trabalho. Mas até ontem, nada apareceu", explicou. O sargento enumerou uma série de adversidades que estão contribuindo para tornar o trabalho improdutivo. "Os mergulhadores não podem entrar na água, porque não se tem local exato do desaparecimento. As águas estão mais baixas, na maioria do leito do arroio. Continuamos à espera de que o corpo suba", anunciou. O trabalho dos bombeiros de Porto Alegre se resume

a efetuar buscas na superfície da água, durante todo o dia de ontem.

SOLIDARIEDADE

Uma faixa estendida na Praça do Imigrante, no sábado pela manhã, exprimi o sentimento de revolta de um grupo de menores de rua que viviam pelas ruas hamburguesas com o garoto Gilmar. A manifestação serviu para chamar a atenção e alertar para o abandono dos menores de rua. "Perdemos um amiguinho de rua. Adeus Gilmar (10 anos) morreu pela indiferença. Fim da violência", resumia o cartaz, enquanto alguns garotos montavam guarda na calçada da praça. Um dos menores lembrou com saudades do amigo que considerava um líder: "Ele estava sempre fazendo alguma para melhorar a nossa vida na rua." (CV)



Meninos de rua solidários com garoto Gilmar

Quinta-feira, 15 de julho de 1993

GERAL

INTEL Materiais e Inst. Eletr. 597-3388

NH □ 3

Crianças moram embaixo da escada do Bannisul

Local, na agência central, abriga até doze menores que dividem o espaço nas noites frias

Se para a maioria dos hamburguesenses o frio dos últimos dias tem sido difícil de enfrentar, muito mais rígido ele está sendo para uma dúzia de menores que passam as noites embaixo da escada que dá acesso a agência do Bannisul na rua Bento Gonçalves. Enfrentando temperaturas próximas do zero grau, eles se amontoam dividindo os raros cobertores para enfrentar o frio das madrugadas. A cerca de um mês eles optaram por aquele local, embora não tenham a autorização do banco, e fazem dali não somente seu dormitório mas sua casa.

Ontem pela manhã oito menores, com idade variável de 12 a 17 anos, dormiam no local, não se importando com o movimento do dia que iniciava. Alheia a situação, uma fila já se formava para procurar o atendimento na agência. Aos poucos eles iam acordando, tremulos, e acendiam seus cigarros. "A gente fica aqui porque não tem para onde ir", conta José Henrique da Motta de 17 anos que foi o primeiro a descobrir aquele local. Os menores são oriundos de outras cidades ou vilas periféricas de Novo Hamburgo, passam o dia vagando pelo centro. Alguns frequentam as aulas de Capoeira promovidas pelo Movimento Meninos de Rua e, a noite, se encontram embaixo da rampa do Bannisul. "Eu andei



Segundo ela os meninos não criam problemas, mas ela lamenta a situação: "pelamanchá muitos cheiram cola, talvez para diminuir os efeitos do frio".

Regras - O Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente acompanha o problema, mas não vê uma solução imediata. A presidente do órgão, Mariene Hoffmann, conta que foi várias vezes até o local, mas não tem onde colocar os menores. "A Casa abrigos escolhe somente por um pequeno tempo e depois tentamos encaminhá-los para as famílias", afirma, acrescentando que os menores não ficam no abrigue porque têm que se enquadrar em regras que não estão acostumados. Mariene conta que já tentou por diversas vezes encaminhá-los para as famílias, mas "eles sempre acabam voltando". Para ela o ideal seria a constituição de uma casa aberta para acolher a estas crianças. (Ulisses Ljhadner)

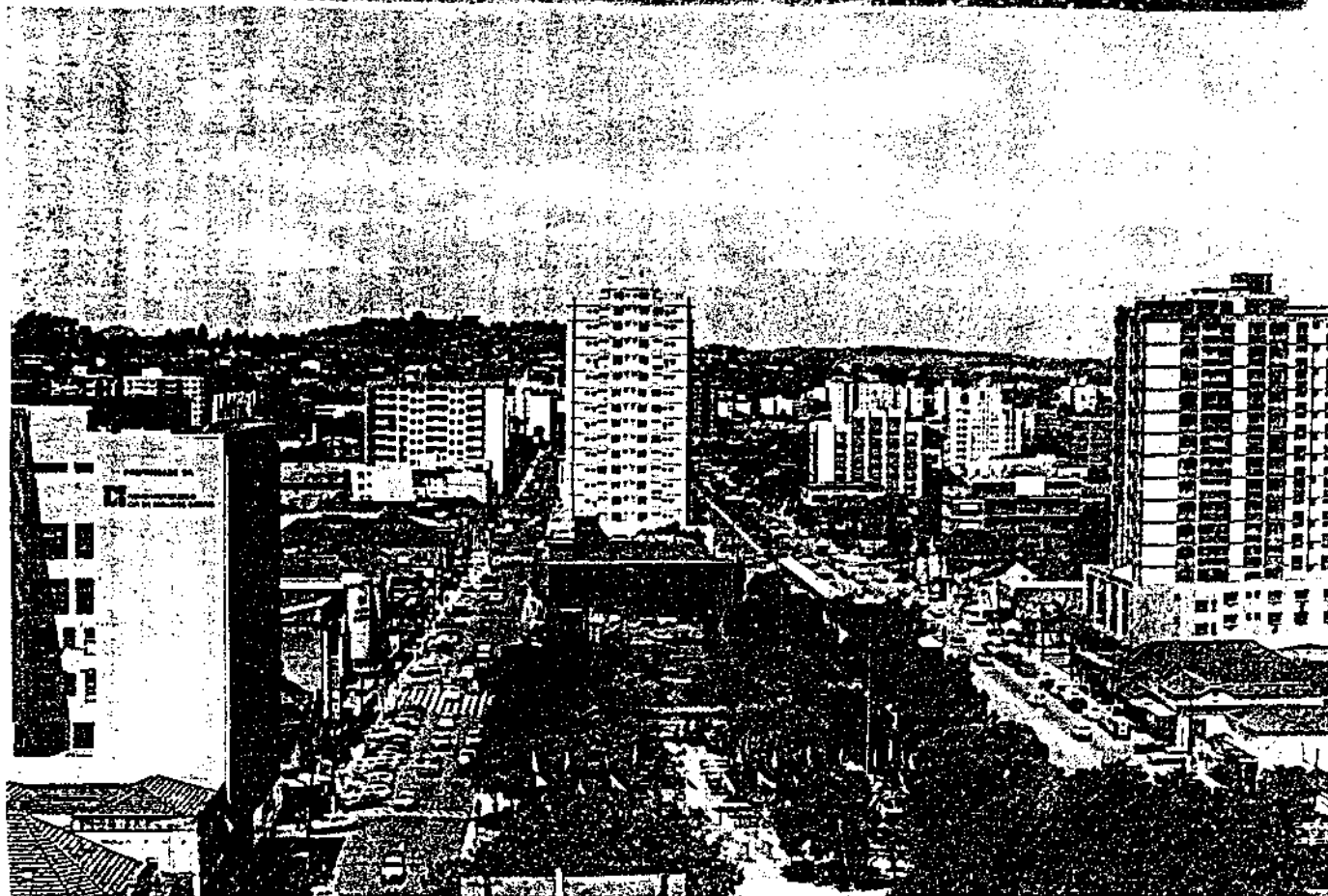
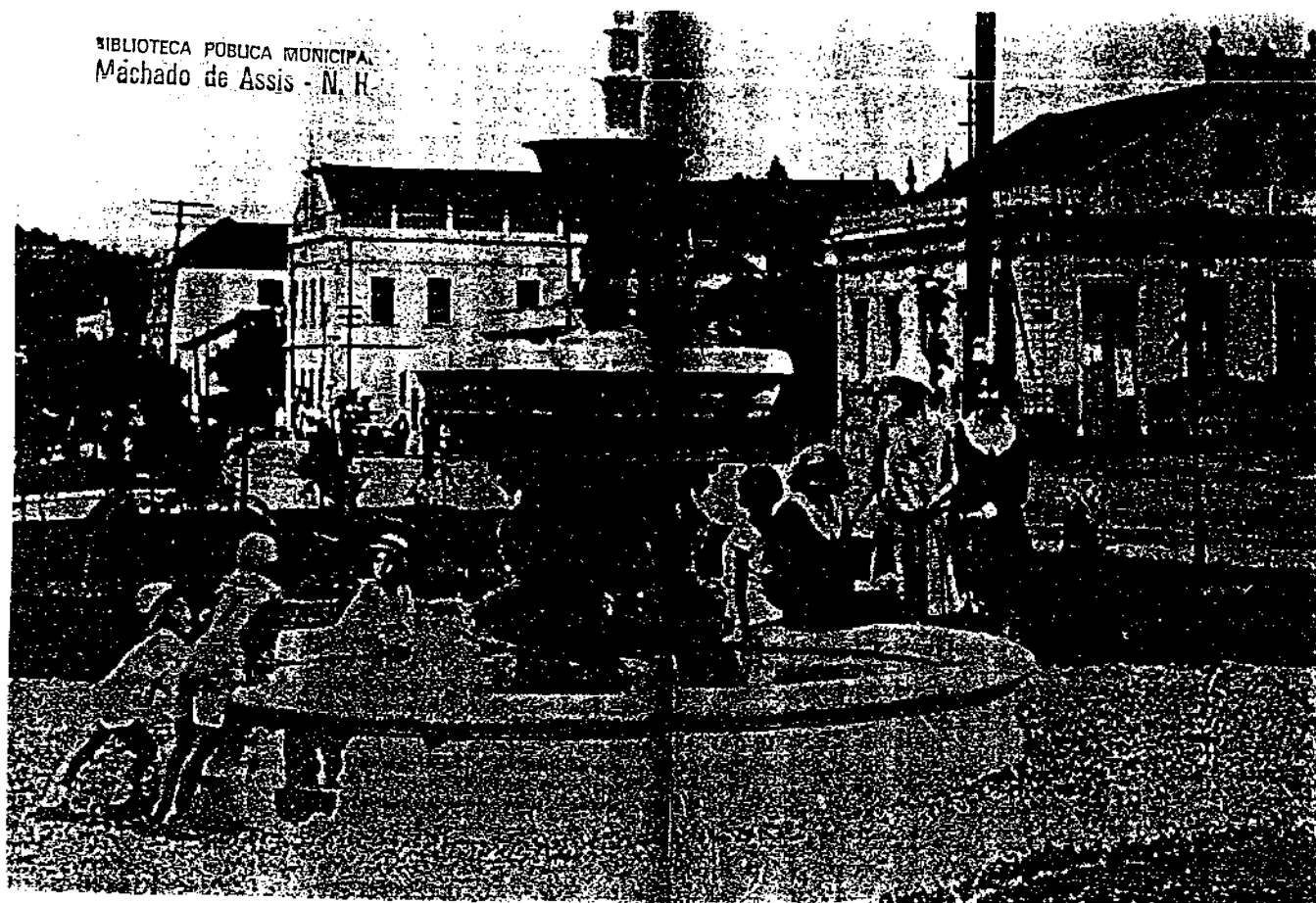
aprontando e agora não posso ficar na Casa Abrigo", comenta Gelson Luis da Rosa, de 15 anos. Os funcionários do Bannisul contam que a situação já se arresta a algum tempo. "Ontem tinha um dormindo dentro de uma caixa de papelão aqui, ao lado do banco", afirma João Carlos Alves. A agência afirma ter conhecimento do problema, mas não quer assumir responsabilidades. Segundo o gerente geral Edilberto Bittencourt, os menores não têm autorização para estar ali mas não causaram nenhum problema aos funcionários ou clientes. "Não temos autorização para tirá-los, mas pretendemos colocar grades para evitar que o problema aumente", explica.

A vendedora de raspadinhas, Maria Est. Marques, conta que chega diariamente cedo em frente ao banco e nota sempre a presença dos menores por lá. "Nesta noite tinha junto com eles quatro meninas, uma parecia estar grávida", relata.

Frescura dos menores desperta a curiosidade dos citenies

Anexo 5 - Fotos da Praça do Imigrante, da cidade, e da gurizada:

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Machado de Assis - N. H.

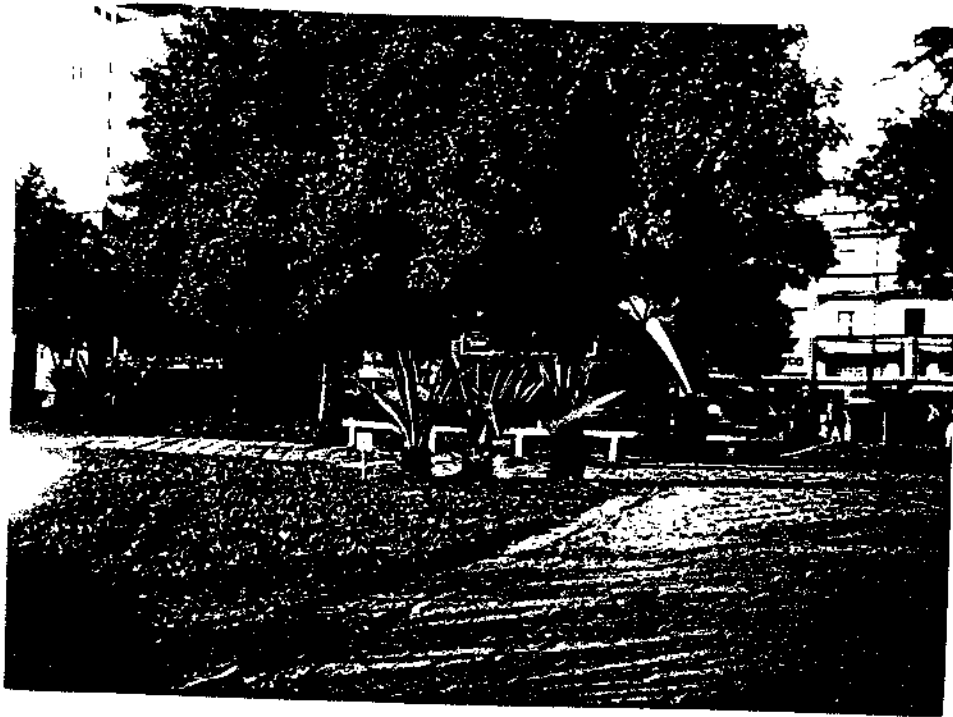


do Imigrante - centro de Novo Hamburgo.

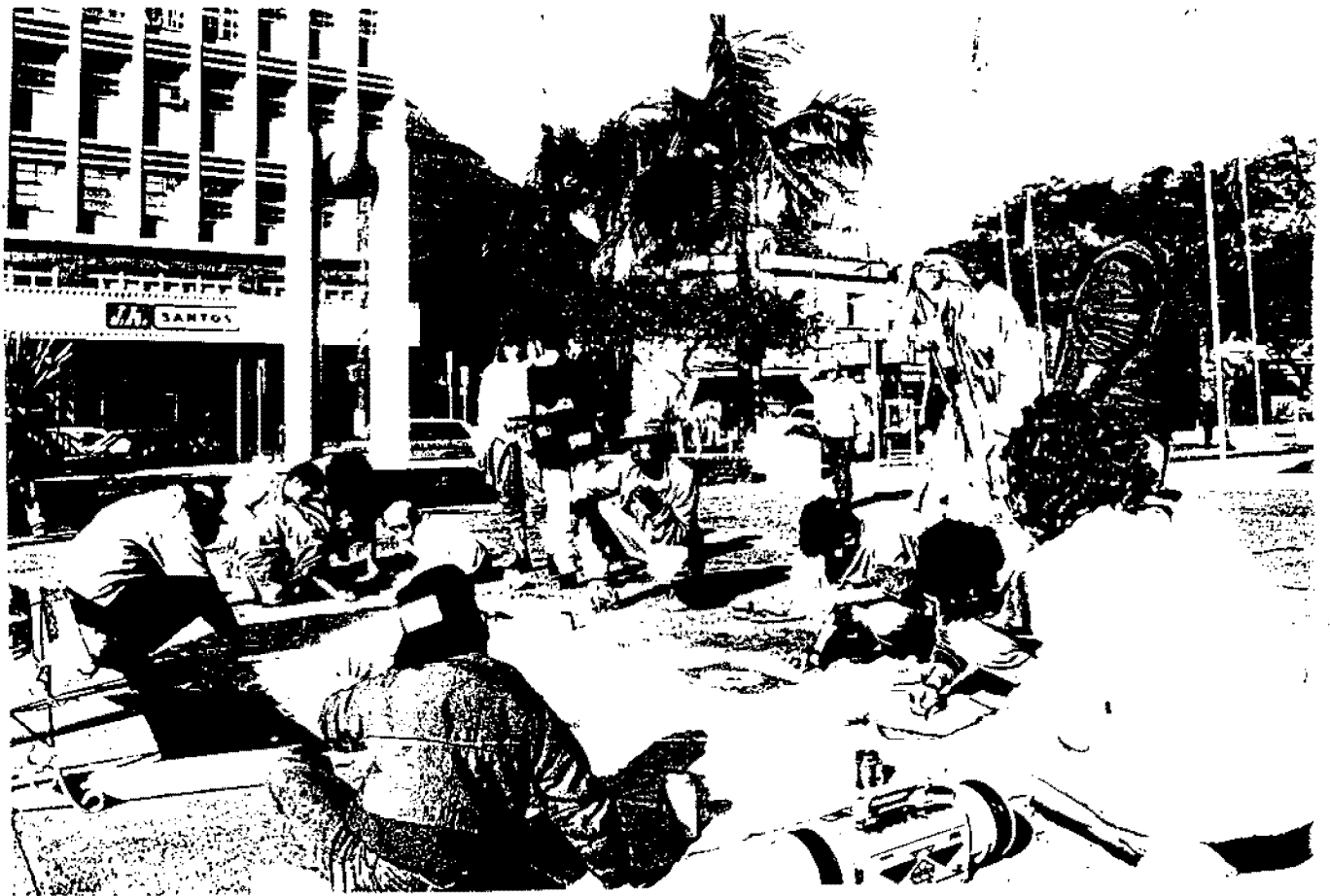


A Praça do Imigrante.









Anexo 6 - Diário de campo, de um dia no centro da cidade:

13/08 - Tinha palestra com o Nilton Fisher na SMED, mas seria às 14:30h. Resolvi não ir pois a oficina com os meninos iniciaria às 15 horas e havíamos convidado a Cleide para falar aos meninos. A mãe me emprestou o carro. 14:40 h cheguei no centro. Passei pelo bispado, Márcio estava sentado no chão, encostado na parede, com a caixa de papelão na mão, comendo comida. Não vi talheres, acho que comia com as mãos. Perguntei, e aí, fazendo uma boquinha? "É, boquinha não, fazendo um bocão"! e riu. Não pareceu constrangido pelo fato de notar que ele estava comendo. Passei pela "vó" (Rest. São Luís), Renato esperava na frente. Saiu o garçom e deu-lhe uma bandeijinha enrolada. Imaginei ser comida mas não entendi o que o Renato fazia ali, naquela hora quando devia estar trabalhando. Viu-me e cumprimentou-me. Saiu. Sentados no chão, em frente ao restaurante estavam Luísa e Fera. Pareciam chapados. Luísa sacudindo o blusão, pois estava com calor. Passei a mão em seus rostos, cumprimentando-os. O garçom perguntou se eles queriam almoço, disseram que não. Perguntei se eles haviam visto o Israel ou a Nilza. Disseram que o "tio" tinha acabado de passar por ali e subido. Subi também. Não vi ninguém pela praça. Fui até a livraria Espírita pra comprar incenso que havia esquecido de levar. Acertei sobre o livro do Jung que havia retirado pra ler. Voltei pra praça. Encontrei o Israel no caminho. Disse que já haviam conversado com a gurizada, que estava tudo certo, eles estavam almoçando no mocó e viriam depois. Élio havia falado que desta vez participaria da oficina. Falei sobre o Miguel, que tinha vindo pintar o portão na minha casa com o Édson e um outro rapaz que não conhecia. Israel disse tê-lo visto uma ou outra vez pela rua. Mas não está sempre na rua. Disse parecer estarem bem e trabalhando. Falei sobre o fato dele me dizer ter ido buscar o Rafael em Tramandaí, pois estava doente, desidratado. Perguntei ao Israel como será que ele teria conseguido, ele acha que foi da mesma maneira que a Mariana levou-o, meio na marra. Falou que o cara do bar do Quiosque falou que sábado estavam o Miguel e a Rafaela super chapados, e com a Lica (que não deve ter dois meses) junto ali no centro. Que ficaram horrorizados. Israel e Nilza já haviam encaminhado solicitação ao Conselho Tutelar que tomasse providências. Foram ver o que o Miguel (conselheiro) fez. Chegaram ao Conselho Tutelar, ele nem havia pego o caso ainda (três semanas). Falou que não tinha endereço. Foi ver e tinha o endereço. Ficou de ir em seu plantão verificar a situação. Rafaela está indo todas as noites, depois das 18 horas cuidar de carro com o nenê. Como já era 15 horas, combinamos de eu ir no Posto de Saúde buscar a Cleide e Israel iria até o mocó buscar os meninos. Cheguei no Posto, encontrei o Paulo, esperando pra ser atendido pela Cintai. Consegui ver a Cleide, quando ela abriu a porta. Disse que teria que atender mais duas pessoas, depois iria. Enquanto esperava, perguntei ao Paulo como estavam as coisas e onde ele estava. Disse que morando com a mãe, em NH, primeiro perguntei se em São Leopoldo, não, disse, lá mora o pai. Disse que esteve trabalhando por seis meses na casa Ama, que prometeram pagar e não pagaram nada. Tinha outro rapaz também esperando, dizendo a mesma coisa. Paulo falou que no tempo dele tinham 16 trabalhando e hoje só tem quatro. Que a gurizada fica só cheirando loló e roubando. O outro rapaz contou do roubo de uma senhora que lava roupa pra fora, que agora tem "que dar conta da roupa roubada, pois não era dela". Que a coisa tá braba, eles prometem pagar as pessoas e não pagam. Saí dali e fui pra praça. Não encontrei ninguém. Resolvi sentar ao lado do coreto pra esperar. Não adiantaria ficar circulando. Depois de um tempo chegou a Nilza. Ela havia ido pra sede buscar o material pra pintar e folhas. Conversamos sobre como estavam as coisas. Contou também a história da Rafaela, do conselho, etc.. Os meninos não apareceram. Daqui a pouco passou o Toninho e o Cabelo. Este com uma toca do grêmio (de lã), um moletom apeluado, de bermuda. O Toninho com calça de brim, camisa de manga e de gola, de tênis. Cumprimentaram-nos, ficaram uns segundos e foram embora. Perguntaram pelos meninos, falamos que talvez estivessem no mocó, pois estávamos os esperando. Nilza contou que o José está injetando direto, que a brigada tentou entrar no mocó perto do Shopping mas não conseguiu. No outro, perto da "vó", seguido ela vai. Que um dia a Isabel (ConselhoTutelar) foi com a guarda e levou todos os meninos pro abrigo, não ficou nenhum ali.

Daqui a pouco chegou o Israel, e dos meninos nada. Falei sobre o Renato estar pegando comida, disse ser esquema em relação a droga. Parece que ele pegou a comida pro Élio, em troca do cheiro. Israel saiu de novo e trouxe dois meninos engraxates, pequenos. Ademir e outro que não sei o nome. Israel deu lápis e folha pra eles desenharem. Ficaram no coreto, em pé, desenhando. Eu e Nilza continuamos a conversar. Pensamos talvez trocar o dia da oficina, talvez por sexta no dia do futebol que eles sempre vem. Defendi que não, pois se investiremos todos os dias na rua, penso que teremos que achar maneiras de atraí-los para outras coisas que não só o futebol. Não poderemos todos os dias jogar futebol como atração. Conversaremos sobre isso.

Nilza e eu fomos ver o desenho dos meninos, eles não quiseram nos mostrar, foram pro outro lado do coreto. Falei que tudo bem se não querem mostrar, não insistiremos. Acabaram saindo de perto. Paulo apareceu novamente. Conversamos um pouco, falou da vida, que irá trabalhar na Renascer em São Leopoldo. Que foi fazer dois cursos pra monitor em São Paulo, com as comunidades terapêuticas. Que Marion (diretora de Ação Social) pagou as passagens pra ele nas duas vezes. Que hoje já pensa na vida, que está curta. Perguntamos por

que, daí perguntei pegou “aquela”, riu e disse que sim . Já imaginava, quando ele estava consultando com a Vivian. Que agora estava preocupado em trabalhar, falei que morrer pode até morrer atropelado, falou que sabe, mas que é diferente. Agora está morando com a mãe, que as pessoas que mais deram força pra ele quando ficou sabendo foram o pai e a mãe. Ficou sabendo em fevereiro, que agora está melhor, mas esteve pior. Que agora se dá conta que quem foi “otário” sempre foi ele, que não escutava o que falavam pra ele, que se dá tri bem com o padrasto que antes não conseguia conviver direito. Que agora se lembra de tudo o que falavam pra ele antes. Que o Peteffi (médico) sempre o encontrava e dizia, tu podias estar com um carro assim que nem o meu se tu quisesse. Que agora não dá mais tempo, “vai ver meu que o destino era andar a pé mesmo, pois agora não dá mais tempo pra melhorar”. Perguntamos por que, ele disse que já está com 20 anos, e jogava futebol. Agora já é tarde pra começar. Falamos que ainda poderia ser treinador ou outra coisa, dentro do ramo. Concordou, mas deu pra sentir que ele sente seu tempo pra ele limitado. Perguntou se sabíamos que agora eles tem passe livre, falei que sabia. Mostrou o papel que precisa preencher pra recebê-lo. Está uma fichinha, com o nome da doença (código) e a descrição da mesma. Fiquei indignada, como colocar a descrição da doença, isso não pode. Ele disse que quando pegou a fichinha, a moça perguntou o que ele tinha, que ele disse que ela verá quando vier preenchido pelo médico, que outra moça logo disse, ah, eu sei o que é. Que tinha mais algumas pessoas na fila. Falei que isso não pode acontecer, que eu e a Nice havíamos ido até a SEMOV pra fazer diferente isto, que a SEMSAS deveria dar estes vales, pois a pessoa tem o direito de manter em sigilo sua doença, e dessa maneira não acontece o sigilo, pois quando as pessoas se olham, já sabem o que é. Ele disse não se importar com isso, mas falei que outros acabam não buscando por não quererem passar por esta situação. Ele falou que precisava ir pegar a assinatura da Vivian, se não ela ia embora e precisava das passagens hoje. Saiu.

Eu e a Nilza conversamos mais um pouco e eu também fui embora pois já era 16:15h e não havia aparecido nenhum menino de rua.

Passei pelo posto pra falar com a Cleide. Ela estava se aprontando pra ir. Paulo estava ali. Comentamos sobre as passagens, que precisamos fazer algo, pois desse jeito não adianta , que a SEMSAS deveria ceder as passagens, através das assistentes sociais. Vivian disse que elas “não podem, pois precisam ficar numa sala dando sermão nas pessoas, em vez de fazerem outra coisa”. Teremos que rediscutir o assunto. Combinei com a Cleide, de talvez daqui a duas semanas conversarmos de novo, pois não havia saído a oficina e eu não estaria na próxima semana.

Na saída, Paulo chamou-me, pediu dinheiro pra pagar o xerox da cart. de identidade, pois teria que fazer a carteira pros passes hoje pois não tinha dinheiro pra passagem. Como só tinha um real, dei-lhe. Ficou de pagar quando me encontrasse. Disse ter de tomar 300 comprimidos por mês. Falei que ficasse por conta. Despedimo-nos e fui embora. Pensei sobre a tarde, sobre não ter ido assistir ao Nilton, a oficina não ter saído, mas valeu, ter escutado o Paulo avaliando sua vida, cuidando de si, preocupado com as coisas, um Paulo mais consciente, consciente da doença.

ANEXO 7 - Diários da Rose

dia 37 de maio de 1994

P. amarelo, hoje eu vou iniciar a neurol. quanto eu disse e ora eu ia para sua do. radadi que eu nascera com meu pai de graça e eles me pegaram quanto eu creio disse nem. e me e la me pegam dentro de um círculo de porco e de porco, ela disse que o único não era primo e la batadora. Inmaltrotora. poriro que ela me guiava nos de porco.

Ela resolveu ir para «curanto» e la eu e. os outros irmãos me ia pteir alcutragado. Para sustentação de todos da família. como que disse nos de 1989.

E de mais de mais nos 3 anos em estado. ela lembra para darei «emprego» quanto eu disse q a me de idade me fizemos. vamos e me por comera. desde arcaio. poro nos sustenta e de por de arcaio. eu não tinha em q a me e não não pteir.

Para nos pteir de novo e garito poro nos sustentamos nos sempre nos porato.

E eu fui para sua do vitoli e canerem.

A me te pteir com ino e de la tbra pteir. me em me como deis e nos vertique e comera.

oneruras meira nos com e me impel.

serido e e um poro nos caso de morte.

A li que eu me pteir me de por que eu.

comedia os melhores do quanto eu fui poro.

roo de um onigo de um negomino me.

Ino dir dire eu fui virgo de cono.

e dai que eu conheci o mundo das malocas.
 e depois eu fui vigar na rua. iam to a ma.
 eu jogava rigoas e ala corcino e nojora.
 nos povo um não vigar no eu re-
 turogato uem 13 anos e de poi eu
 fui no livro rambra no e fui coen-
 er rambra que jo itora no no eu fiquen-
 com elle e dai eu conheci a meto-
 conta que eu no ajudos tela. Val no.
 ayutor e de poi 13 anos eu fo conheci.
 A rambra e a ralta e de poi eu fui para.
 A te de pl da policia e de poi eu fo no
 ditro meto de modo e gome duma.
 furtos rambra e fijos no para.
 do imiganti e conheci a rambra.
 os prigionarios do ridadi e de i-
 conheci a rambra e a rambra.
 tutela e dai que eu não e de i-
 rade do lim que foi que eu
 fui para o ipinila no da no.
 era com a liza e depois eu vai-
 de la e fui para a filia da.
 eu conheci a rambra de uem que e
 eu não no gome rambra e rambra.
 na rambra e de poi eu
 conheci a rambra no de rambra
 rambra e dai la rambra no rambra.
 e nos conheci a rambra com a rambra.
 no rambra e dai eu foi de rambra
 e Voldeu para o no no e de i-
 que eu falei no rambra no rambra

Zilvono 11.11 II
Liono 11.11

8 Terça

MARÇO

7. e.g. En fui p. l. de trabalho e estou bem.
En fui p. l. de trabalho e estou bem.
mas não me sinto bem e estou
na primeira vez de ir para a
cidade de São Paulo e estou em
muito mal e preciso de um
almoço e não estou bem.
gostaria de ir para a cidade de
São Paulo e estou em muito mal.

9 Quarta

MARÇO

11. e.g. En fui p. l. de trabalho e fui
com o trabalho e estou bem.
fui p. l. de trabalho e estou bem.
de modo que me sinto bem.
e estou em muito mal.
preciso de um almoço e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.

10 Quinta

MARÇO

11. e.g. En fui p. l. de trabalho e
fui p. l. de trabalho e estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.

11. e.g. En fui p. l. de trabalho e
fui p. l. de trabalho e estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.

11. e.g. En fui p. l. de trabalho e
fui p. l. de trabalho e estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.
na cidade de São Paulo e estou em
muito mal e não estou bem.

18 Sexta

MARÇO

Inço eu fui para o centro e fui
 deo foto foi duca bon guala
 etc eu em sem tava oylluira
 e mas començava muito
 sabe eu ficar com ele e
 fac muito diviisio eu volda
 para casa irar em camdom
 e mela gai e diul saio em
 de cryn em praça mai eto logo
 eu feo no nico n como ali
 mar pceder

19 Sábado

MARÇO

Inço eu disptm acoio e fiquei
 com panto mayllulo e dia
 em cluro e maõ com rigo noi
 me comtudo vai eu stam capiao
 cada por ele e comu aron eu mto
 com rigo vai figura sem ele
 eu oco de Tia ad yllulid
 eu tipuloo so prono eu t e ma
 muito yllulid R.051

28 Segunda

MARÇO

FIM DE MARÇO

cywa


Inço eu fui para o centro
 e fiquei com rigo noi
 e deo foto foi duca bon guala
 etc eu em sem tava oylluira
 e mas començava muito
 sabe eu ficar com ele e
 fac muito diviisio eu volda
 para casa irar em camdom
 e mela gai e diul saio em
 de cryn em praça mai eto logo
 eu feo no nico n como ali
 mar pceder

29 Terça

MARÇO

Inço eu fui para o centro
 e fiquei com rigo noi
 e deo foto foi duca bon guala
 etc eu em sem tava oylluira
 e mas començava muito
 sabe eu ficar com ele e
 fac muito diviisio eu volda
 para casa irar em camdom
 e mela gai e diul saio em
 de cryn em praça mai eto logo
 eu feo no nico n como ali
 mar pceder

R.051

dia 79. ARIS
montem
7 Quinta
Libra. 70/31
ABRIL

brage eu fizem em coro de TE
e de pas. Eu fu poro o centro.
e emendens o moral e figuras.
tam ele e dia em deus e onaid.
este o TE de mania e foi edino.
figor tam ele e dimer figor con.
O bramen pul eu e penore un.
bramen como ele e de m coritua.
por me pul eu fizem em o moral.
Paunderioz de alindia -

8 SENA
LIBRA
ABRIL

brage eu não sei pronoda e -
fizem em coro pul e em quad.
mas plibus em auto dem trite
Eu não sei que sta e de m coritua.
Se e por quere do yllubio.
que eu stan alim.
O morae meligal e diel quano.
mo que me adoro e parit dele.
tam plibus em ANO e LOROS.
LIBRA LIBRA MA BCO.

30 Quinta
MARÇO

brage eu reulu mo carts
de una oniga e ocolu.
me ligal pedito e eu.
stano bramen em coro.
sal folem que stano.
dualo bimen mo não e.
restandi mo eu stan.
dlenante aludo quere.
reapluato eu plumenor.
755. R omes.

31 Quinta
MARÇO

brage eu reulu de fomeno de dolo
e eputer anen e stine bem.
mois eu stan com melitudo de.
melro nite e mlen imor.
e do morkan eu pro e moral.
X ASSROS
X X X

ANEXO 8 - Reportagens da Zero Hora sobre a Turma do Cachorrinho, que era acompanhada pela Cláudia T. Magni:

REPORTAGEM ESPECIAL

Sete mortes derrubam um sonho

De outubro do ano passado até novembro, sete meninos da Turma do Cachorrinho morreram



Medo: meninos de rua ficaram conhecidos pelas aulas recebidas na Redenção (foto), com a professora Deirdre, mas continuam marcados pela morte

ELIANE BRUM

A escola de rua da Turma da Praça do Cachorrinho dá sinais de agonia: evasão dos alunos por morte. Há quase quatro anos, em março de 1994, um grupo de guardadores de carro, adolescentes da sarjeta, abordam a professora Deirdre Bicca para pedir "estudo para o futuro". Uma semana depois, eles iniciavam sua escola de esperança, a céu aberto, enxada por todos. Hoje, são poucos os sobreviventes que aparecem no Recanto do Espanhol, no Parque da Redenção, em Porto Alegre, a cada sexta-feira. Por uma razão brutal: sete alunos estão mortos. De 20 de outubro do ano passado até hoje – no espaço de tempo de um ano, um mês e 23 dias – sete garotos na faixa dos 20 anos tiveram a vida roubada. Três assassinados, três por Aids e um por overdose de cocaína.

Um genocídio em praça pública e, como desabafa a professora, parece que ninguém vê ou se importa. Em 25 de maio deste ano, Zero Hora publicou uma reportagem mostrando a utopia dos rapazes desvalidos da Praça do Cachorrinho. Em pouco mais de seis meses, muito aconteceu. A turma apareceu no país inteiro em reportagens da TV Banfeirantes e da Rede Globo. Dezenas de gaúchos enviaram alimentos, medica-

mentos, roupas e doações de todo o tipo. Até na China uma brasileira recolheu donativos que deverão chegar em breve por uma companhia aérea que se prontificou a fazer o transporte gratuitamente. E os adolescentes ganharam a sua máxima aspiração, doada por um grupo de pessoas: uma casa.

Os rapazes estropeados da Praça do Cachorrinho se sentiram gente, arriscaram-se a tecer planos. Mas os sonhos têm vida curta no mundo dos sem-futuro. A realidade logo atropela e mata. No início, eles chegaram a ser 30. Mas foram tombando pelo caminho. Quatro sucumbiram somente entre outubro do ano passado e maio deste ano. Adriano foi o primeiro, em 20 de outubro de 1996.

Anos antes ele havia abordado a professora: "A senhora poder abordar aula para nós? A gente precisa de escola para o nosso futuro". Morreu de Aids aos 22 anos. Em dezembro de 1996, Troquinho tombou do mesmo mal aos 21 anos. No mês seguinte, em janeiro deste ano, Baiano foi assassinado a faca aos 19 anos. Menos de um mês mais tarde, em 9 de fevereiro, foi a vez de Paulinho: morto a chutes e pauladas

aos 20 anos, nas proximidades do Colégio Rosário, por causa de R\$ 20.

Nos últimos seis meses, o súbito estrelato e a solidariedade de parte dos gaúchos – eles seguiram ignorados pelos governos estadual e municipal – fez os meninos suspirarem pelo que até então parecera inalcançável: futuro. Mas a mão da rua logo desceu implacável sobre eles. Exatamente um mês depois da reportagem, Alca foi espancado por garis vestindo macacões do Departamento

Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) e perdeu o baço. No mês seguinte, julho, Negrito morreu aos 20 anos com uma overdose de cocaína. Um mês depois da casa ser inaugurada com festa, em 13 de agosto, Jason foi assassinado aos 18 anos a facadas e pedradas dentro

do novo lar pelo engraxate João Luiz Cardoso de Araújo. O assassino confesso pretendia ficar com a casa doada aos adolescentes. Há menos de um mês, Renatinho morreu de Aids aos 19 anos. Não se cansava de repetir: "Sei que estou morrendo, a moça (a Aids) veio me pegar".

Os sobreviventes foram espancados duas vezes dentro da casa: a primeira

por amigos do assassino de Jason, pressionando-os para que não prestassem depoimento acusando-o da morte, e a segunda por moradores da vila, que julgaram a casa pré-fabricada boa demais para adolescentes de rua. Fugiram de lá no mês passado, apavorados. Seus pertences desapareceram. E eles estão de novo na rua. Mais uma vez expulsos. Com menos esperança que antes. Ou, como eles costumam dizer com uma tranquilidade inacreditável: "Fazendo hora extra na Terra".

Apenas Riquinho tem sido assíduo às aulas de sua escola inventada, todas as sextas-feiras. As vezes aparecem dois, em outras cinco alunos. Eles foram ameaçados de morte e têm medo. Mas Riquinho promete não deixar o sonho morrer. Para isso, ele conta com uma velha filosofia da rua, sabedoria de um adolescente arrebitado pela vida aos 20 anos: "O futuro é imprevisível. Tem que pegar o que dá do jeito que dá. E o que vem a gente tem que matar no peito".

Deirdre, a professora, não falta. Há quase quatro anos ela os socorre quando são espancados, presos, mortos. Quando têm fome, sofrem por saúde, ligam para dizer que a amam. Ela não perde a esperança: "Se sobreviverem dois, e estes dois vencerem, vou dizer que a Turma do Cachorrinho venceu".

Os sobreviventes foram ameaçados de morte, e a maioria não frequenta mais as aulas de Deirdre

FOTO: J. M. V. / CONTRASTO

ZERO HORA

Jason

Todos achavam que Jason morreria de Aids. rreu a pedradas. Ficou 21 dias na geladeira necrotério. Foi enterrado na cova 223 do mpo Santo. O corpo adolescente não cabia caixão de indigente. Teve de ser empurrado. Jason sempre foi o mais frágil dos meninos- nens da Praça do Cachorrinho. Porque era rente. Sua família tem dinheiro, mas havia esfacelado. O pai foi assassinado com ele no o. A mãe reconstruiu a vida sem os filhos. os atrás, foi resgatado da rua por parentes e thou um banho de shopping. Voltou para a jeta dias depois, mais alquebrado que antes. im maio, ele fazia a lição da escola aitrado um banco da Redenção, com o corpo devas- lo pela doença. Contra todas as profecias, se uperou. E morreu assassinado. Dos parentes sangue, apenas uma tia da parte pobre da nilia apareceu. Mas os irmãos da Praça do chorrinho e a professora assistiram ao cai- o desaparecer na terra.



Na rua: ZH contou vida de Alca e Jason

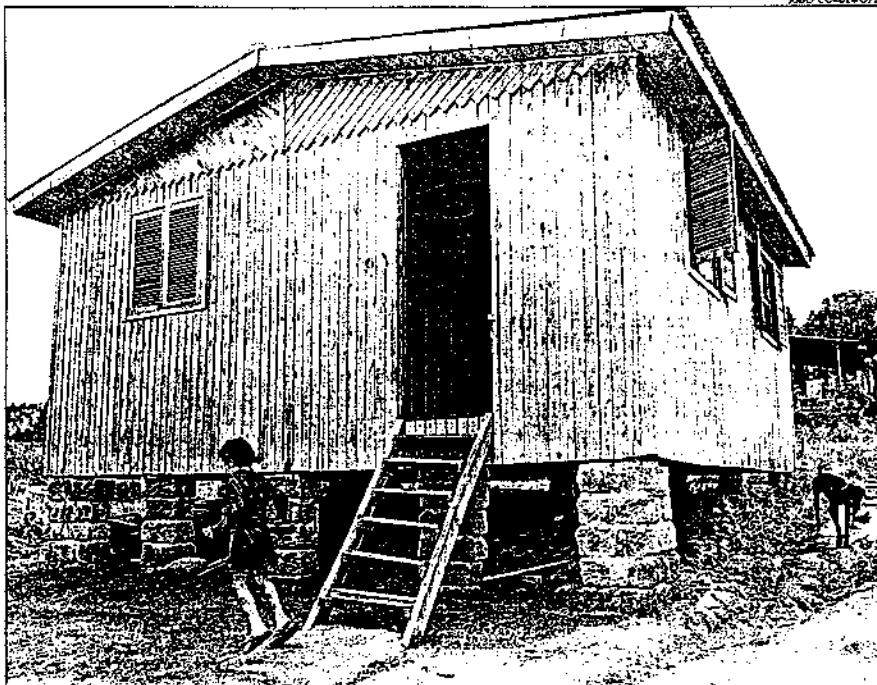
Alca

Alca, o líder, abandonou a Turma do Cachorrinho. "Fui derrotado", afirma. "O grande sono da minha vida era ter uma casa e vi o meu próprio irmão matar o meu melhor amigo deixo deste teto." Sem o baço arrancado pelos uris, com hepatite B e C, assolado pela Aids, 'ca diz que precisa de um tempo de solidão.

Alca, ou André de Araújo, botou as mãos e os olhos na rua pela primeira vez com um ano. nha caído do colo do pai que desmaiou de bê- ado. Foi carregado para um orfanato quando rgatinhava aos prantos pela rua.

Aos 23 anos, Alca sempre foi o mais forte dos eninos-homens da Praça do Cachorrinho. Nos timos dias percorreu os lugares de sua infân- a desvalida, o mapa de sua orfanidade. Cami- hou pelos parques observando a felicidade heia. E decidiu lutar.

Ele vive hoje embaixo de um viaduto do Cen- o. "Não conseguiram acabar comigo", diz. Eu ainda consigo enxergar a cor do mundo."



Abandono: a casa pré-fabricada dos meninos, no bairro Agronomia, foi ocupada por uma família

Espancados e expulsos de casa

Uma casa. Este era o sonho da Turma da Praça do Cachorrinho. Era o bilhete de entrada para "virar gente", como diziam. Era como entrar no mundo pela porta da frente, depois de ter passado a vida no lado de fora da cerca. Comovidos com a utopia construída pelos braços raquíticos dos garotos combatidos das ruas de Porto Alegre, um grupo de espiritualistas comprou uma casa pré-fabricada. E o sonho de madeira foi plantado em um lugar chamado Morro do Índio, no bairro Agronomia, em julho deste ano. Uma vila pobre, pontilhada por casebres de biscateiros, na zona leste de Porto Alegre. "Agora nós não somos mais de rua", anunciou Bocão. "Temos casa."

Durou pouco a ilusão. Doce e efêmera. A realidade pedalou a porta e invadiu o único lar que os garotos conheceram na vida. Durante cerca de um mês, eles enceraram o piso da casa, distribuíram pratos duralex azuis na mesa de 10 cadeiras, ouviram baladas românticas em um velho aparelho de som, até churrasco fizeram. Estudaram com mais afinco, aprenderam a fazer artesanato, alguns arrumaram trabalho, tinham até aulas de loga. Andavam planando de tão feiceiros.

Mas a casa gerou cobiça. Era boa demais, bonita além da conta na opinião dos moradores miseráveis da vi-

zinhança. Boa demais para garotos de rua. O primeiro a acreditar nisso foi justamente o engraxate João Luiz de Araújo, 25 anos. Ele é irmão de Alca, o líder da Turma da Praça do Cachorrinho. E ofereceu o terreno das proximidades de sua choça — uma área verde — para instalar o lar dos meninos. Mas João queria muito mais. Ele queria a casa. E a cobiça o cegou.

Na noite de 13 de agosto, os garotos acordaram com o som rascante do facho da cozinha entrando na cabeça de Jason. O garoto foi esfaqueado muitas vezes. Fugiu para a casa da namorada, romance iniciado dias antes, mas acabou voltando. Os amigos acham que queria morrer em casa. João Luiz lavou seu corpo, limpou suas feridas e buscou uma pedra do alicerce da casa. Com ela esfacelou o crânio de Jason.

Depois fez uma panela de arroz. Comendo o cereal, olhando para o corpo ensanguentado de Jason, ouvindo os gemidos de sua agonia, esperou que o menino morresse. "Não posso sair daqui antes que ele morra", explicava aos outros. "Quem se mexer, morre junto." Quando Jason deu o último suspiro de seus 18 anos, João Luiz saiu para trabalhar. Foi preso quando tomava o sopão da Igreja das Dores.

A Turma da Praça do Cachorrinho limpou o sangue da casa apunhalada

com clorofina. E tentou remendar a sua utopia. Mas logo foram lembrados de que sonhar era um verbo vetado para eles antes mesmo de nascerem. Primeiro foram os amigos de João que invadiram a casa espancando e quebrando o que — e quem — encontrassem pela frente. Os adolescentes ainda resistiram. Amedrontados, arrebatados, ficaram na casa.

Mas aí veio o julgamento da vila. Alguns moradores consideraram que não só aquela casa era boa demais para garotos de rua, como gente do releto era ruim demais para morar no aglomerado de barracos irregulares. E a Turma do Cachorrinho, banida de todos os lugares, de igrejas, de prédios públicos, foi expulsa também do território da miséria. E voltou para a rua sem saber qual foi o decreto que determinou que seu lugar é na sarjeta.

Dias atrás, a casa havia sido ocupada por uma mulher chamada Gessi, cinco filhos e dois netos. Fugiam do aluguel que não conseguiam pagar. "É uma casa tão linda, qualquer um gostaria de ter", dizia ela. "É a casa dos meus sonhos." Mas a vizinha Isabel Cristina já foi alertando na porta: "Essa casa está amaldiçoada. Era a casa onde os meninos queriam morrer. Era o seu último pedido. Essa casa é deles até que todos morram".

PORTO ALEGRE

Jovem é assassinado em albergue

A briga ocorreu na casa dos meninos carentes chamados de Turma dos Cachorrinhos

ADRIANA IRION

Golpes de facão e pedradas deram fim na madrugada de ontem a uma série de atritos que costumavam invadir uma casa sem número situada num beco da Rua Antônio José Santana, no bairro Agronomia, em Porto Alegre. Há um mês, a residência — doada por espiritualistas — funcionava como albergue para um grupo de meninos carentes conhecidos como a Turma do Cachorrinho. Por volta das 5h de ontem, um desentendimento entre dois dos jovens que viviam no local resultou na morte de Rogério Silva de Aguiar, o Jason, 17 anos. O autor do crime, o engraxate e biscateiro João Luiz Cardoso de Araújo, 25 anos, disse que matou para não morrer. João Luiz, que tinha antecedentes por furto, foi preso horas depois do assassinato por agentes da 21ª Delegacia da Polícia Civil.

Os meninos da Turma do Cachorrinho ganharam notoriedade por serem participantes das aulas de rua dadas por Deirdre Bicca, professora da rede pública do Estado. Desde 1994, Deirdre assumiu o compromisso de lecionar para os adolescentes. Várias praças da cidade serviram de sala de aula. Atualmente, os encontros são realizados no Parque da Redenção. Os meninos chegaram até a divulgar suas histórias de vida no livro *Letras da Rua*, editado pela prefeitura.

Além de aprender, o maior sonho da Turma do Cachorrinho era ter um casa. O desejo foi realizado com uma doação feita por espiritualistas. O espaço vinha sendo dividido pelos adolescentes havia cerca de um mês. João Luiz não fazia parte do grupo e morava com os meninos apenas por ser irmão de um deles. Conforme o depoimento do engraxate na 21ª DP, Jason vinha criando problemas para os demais integrantes do grupo. "O Jason se drogava muito e começou a roubar roupas e outros objetos lá em casa", afirmou João Luiz. "Por causa disso nós já tínhamos brigado a socos outras vezes."

Na noite de terça-feira, Jason teria surrado Renato Roberto de Oliveira, 20 anos. A briga motivou a interferência de João Luiz, que deu golpes de facão em Jason. "Eu me ofereci para levar ele para o hospital, mas ele não quis ir", declarou João. "Então ele me disse que eu ia dormir o sono das bruxas (morrer) e eu me irritei." João Luiz disse que ficou na sala sem dormir por estar com medo de Jason. Mas pouco antes de João Luiz sair para trabalhar, os dois teriam voltado a discutir, e Jason foi morto a pedradas. "Eu vi ele cair morto e fui trabalhar normalmente", admitiu João Luiz.

O engraxate foi capturado na frente da Igreja das Dores, onde havia ido tomar sopa que é distribuída de graça todas as quartas-feiras. João Luiz foi autuado por homicídio e levado ao Presídio Central. O depoimento do próprio irmão de João Luiz contradiz a versão do homicida. A testemunha contou que Jason fugira da casa depois de sofrer os cortes com facão e que, ao retórnar e se acomodar para dormir, foi atacado e morto a pedradas.



O acusado: o engraxate João Luiz foi preso no Centro e admitiu a autoria do assassinato

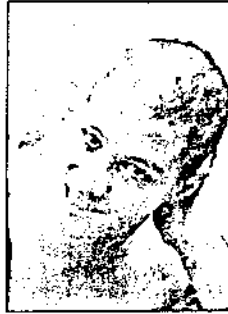
Jason não voltará para assombrar

ELIANE BRUM

Jason morreu. Aos 17 anos. E a tristeza da morte de Jason não é ele ser um menino-homem que sucumbiu antes do futuro, não é como aquelas tragédias que todos choram porque o destino, Deus ou sei-lá-quem levou num repente alguém que sequer tinha vivido. A tristeza da morte de Jason é que todos sabiam que ele morreria. E que aos 17 anos ele não tinha nenhuma chance. Então ele morreu. A tristeza da morte de Jason é a banalidade da morte de Jason.

Em maio, Jason agonizava em praça pública. Ele tinha o corpo devorado pela Aids, as feridas das pernas comidas por larvas. Era para ter morrido pela doença sem tratamento, acabou morrendo pela outra espécie de morte reservada a garotos como ele. Morreu a pedradas.

A ironia, na morte de Jason, é o motivo da briga que encerrou a sua vida. Comovido com a história das rapazes que estudavam na sarjeta, um grupo de pessoas doou o que era o sonho inalcançável de todos: uma casa. Era para ser um final feliz para o que até então havia sido um conto de horror. Mas terminou o último capítulo, a



Jason: morte a pedradas

vida real engoliu o ponto e seguiu seu curso.

Jason conquistou sua identidade ao arrancar o dedo de outro garoto numa briga de rua. Jason, como o personagem principal da série de terror Sexta-Feira 13, que morreu afogado pela displicência do monitor do acampamento, que a cada filme retornava do além para se vingar mutilando adolescentes felizes e bem-nascidos. Diferente, muito diferente do Jason da realidade.

O Jason das ruas de Porto Alegre morreu, sim, pela displicência criminosa de todos os brasileiros que compactuam com a banalidade da morte de garotos como Jason. Pela passividade ou omissão de todos aqueles que, metafórica ou literalmente, saltam sobre o corpo atirado na sarjeta de meninos como Jason.

Mas não é necessário que ninguém se preocupe com sua própria alma, porque Jason não é personagem. Os vermes que já devoraram suas feridas à luz do dia apenas terminarão nas sombras o seu trabalho. E, de sua cova de indigente adolescente, Jason jamais voltará do além para assombrar nossa implacável felicidade.

Anexo 9 - Outros depoimentos sobre o que a rua representa, se a vida ou a morte:

N - Porque se a rua , se a gente for pensar, ela mata né? Mas tu dizes que eles vão procurar a vida?

Gilberto - Não, claro, a gente sabe que acaba com droga, etc. e tal ou baleado, leva um tiro ou vai pra FEBEM. Sei lá o que acontece lá dentro né, e a AIDS tá aí né, matando mesmo. Mas eu acho que quando ele vai, na cabecinha dele ele tá super feliz sabe, ele não vai buscar a morte não. Normalmente ele vai uma vez, vai duas vezes, volta pra casa. Não vai assim direto de mala e cuia pra rua. Ele vai ou um outro amiguinho leva ou um irmão leva né. Até que ele seja acido lá no grupo né, que ele vai e volta, vai e volta, não fica totalmente na rua. Por isso eu acho que ele vai procurar a felicidade, alegria, criar um mundinho dele melhor, passar. Porque a gente gosta de passar no centro. Eu adoro passar Mas é bom, vcr gente [...]. Mas uma coisa eu ia dizer pra ti que eu penso, eu acho assim oh, sobre a morte ainda: que eles acabam encontrando na rua a morte. Não digo o óbito, não me refiro a morte do óbito, mas eu me refiro que eles morrem, morrem os sonhos, morre o ideal, morrem as fantasias, com o tempo vai morrendo isso. Porque a gente vê os guris já hoje, eles ficam mais frios, sabe. São mais duros por dentro eles, então o que tinha já não existe tanto. Tu fala com eles é uma maneira, depois que passam 2, 3 anos e tu volta a falar com eles é bem diferente. São duros, sabe, rijos no sentimento. Então eu acho que essa morte não é só física né, o pior da morte é do sentimento deles. E na época, quando nós começamos não tinha isso. Eles alopravam, pelo amor de Deus, eles alopravam mas era coisa assim que muita criança ia fazer também. Claro tinha sexo, tinha droga, mas tirando isso, essa comunicação direta com nós no albergue era coisa de criança, criança levada mesmo. Era aprontar pra um, botar sal na comida do outro, quando um se virava o outro tirava um pedaço de carne, adoçar o café com sal, esconder a roupa, roubar o cigarro do outro. Não era grave, não eram coisas graves quando nós começamos a trabalhar. Depois eu soube, começou cada vez mais grave. E depois também, hoje mesmo eu não posso falar muito porque não trabalho.

N - Bom Nice (Maria Cleonice), lembra da história da Rose né? Ela era HIV +, tava lá em casa e nem por isso ela ia lá conversar contigo. Quer dizer, por mais que eu insistisse, conversasse, ela não ia.

Cleide - Mas o que é que ela dizia sobre isso?

N - Nada, simplesmente nada, ela não falava sobre isso. *(contei pra Cleide sobre a relação com a Rose)*

Maria Cleonice - (...)Era forte demais pra ela ter alguma coisa organizada. Porque ela vivia numa outra situação né? Ela não "merecia" isso!

C - Porque eu acho assim, isso é uma coisa particular né, mas eu acho que essas pessoas elas não se permitem nada, sabe, não se permitem que alguém goste deles sabe, que alguém se preocupe...nada. é muito status ir pra FEBEM porque ele é mau, entende? Então ele assume a maldade dele e eu sou respeitado pela minha maldade. Então ele só conhece esse lado, o lado mau da história , que eu digo. Então eles fazem tudo pra mau. Porque bem eles não fazem sempre. Porque o bem não vive na rua né? é, o bem tem uma casa. Então ele tem que ser mau. Então eu acho que o trabalho é por aí Neidi. Eles não merecem nada, mas eles estão em risco justamente. O trabalho seria este mas, não sei se ficaria alguma coisa de positivo ou não. Mas eu acho que a gente tem que trabalhar sem pensar se vai dar positivo ou não. Se eu vou pensar ah, será que vai ser positivo, aí não adianta. A gente tem que trabalhar!

N - A gente quando estava no Conselho Tutelar diariamente se recebia denúncia de maus-tratos, de violência doméstica, mas isso não levava a um aumento dos mr.

Adão - é

N - O que é que tu pensas disso, a violência tu acha que justifica o ir pra rua, a violência e a falta de afeto?

A - Eu acho que não, isso só não justifica a ida a rua. Tem uma série de coisas. Porque a rua é como um parque de diversão assim, entende.

N - Mas parque de diversão tu vai e tu vai embora.

A - Não, é muito iluminado, muito bonito, acho que faz parte da fantasia da gurizada. Na verdade, eu acho que, eu não sei o que essa meninada busca na rua. Muitas vezes a rua é muito perversa, pra eles também. Mas assim até o fato de querer, até agredir a sociedade, uma forma muitas vezes de vingança, mesmo que sem muita clareza disso. Porque agente nota isso tipo assim, a gurizada odeia quando tu fica muito no pé deles, dá um exemplo né, "oh, cara, bah, tu tá cheirando aqui". "Bah, larga do meu pé, sai daqui, me deixa de mão". Mas daí eles fazem aquilo que eles sabem que a gente vai pegar no pé, em público. Entende. Eles não querem que ninguém se meta. E aí eles fazem aquilo que choca todo mundo, em público pra que, de repente, pra chamar a atenção de todo mundo, pra que todo mundo se meta com eles, entende? Se isso não é uma forma de se sentir

vivo. E a própria falta de perspectiva eu acho. Eu vou te confessar uma coisa, eu nunca, nunca, nunca entendi isso muito bem. A gente sempre tem aquelas fórmulas prontas, os discursos pronto, o que é que leva uma criança pra rua. Quem são e onde vivem os m.r. Foi tema até de encontros. Mas o que passa na essência do ser humano, eu acho que a gente ainda não sabe, ainda não descobriu. E acho que tem muito dos meninos no vir pra rua. Acho que tem muito deles querer também de, de, vamos dizer, de causas subjetivas até. Deles de vir pra rua.

Adão - Olha, é muito difícil, é muito difícil tu fazer uma análise tu achando que o ser humano busca sua morte (sorriso). É bastante difícil fazer essa análise. Até porque, a gente vive num mundo, não te diria num outro nível, mas pessoas do nosso relacionamento, dificilmente tu vê buscando a morte. E eu não sei, eu acho que conscientemente pros meninos e pras meninas que moram na rua essa questão de vida e de morte, ela não é tão forte como pra gente. Não, como é que eu vou te dizer, elas não tem isso tão presente. Pra elas tanto faz eu acho, não assim tanto faz, tanto faz, mas isso não tem a mesma importância do que pra nós. Eu ouvi um depoimento de um ex. mr. hoje é adulto, vamos dizer assim, completou a maioridade. E foi alguém em quem a gente investiu bastante, alguém que trabalhou, a gente conseguiu um trabalho pra ele. Trabalhou junto com a gente, a gente aprendeu bastante com ele, e com certeza, ele leva muitas coisas daquilo que aprendeu com a gente. E ele não consegue emprego. É uma figura muito difícil de conseguir emprego. É um tipo assim, aquele que sai de casa derrotado,

N - O Zuêra?

A - É, ele sai de casa derrotado, então vai pro emprego e já sabe que não vai pegar porque é preto, porque é pobre. Então, e aí ele diz assim. "Bah, tio, aí, ah, dá uma metida aqui, dá uma metida ali". Aí eu disse "bah cara, mas tu tá nessa vida, tá roubando, numa hora dessas os caras vão te fazer e aí? Por um toca-fitas, uma bobagem de um carro, os caras vão te matar!" "Ah, até agora não me mataram". "Sim, mas uma hora dessas podem te matar por um toca-fitas. Tu não acha muito pouco pra morrer?" Disse "na hora que eles me matarem, o que eu estiver fazendo vou tá fazendo pela minha vida. Então nada é pouco. Se for um real não é pouco, porque aquilo vai fazer parte da minha vida depois. Pra ajudar minha vida. Ajudar a passar um dia, viver um dia a mais. Mas se eles me matarem tudo bem. Faz parte da vida morrer. Agora enquanto não me matarem eu tô nessa. Eu me matar não vô hein". Eu achei aquilo muito, muito forte, tipo, se os caras me matarem azar, agora eu me matar não vou. Não vou fazer isso pra eles.

N - Tu achas que eles não estão buscando a morte quando vão pra rua?

A - Eu acho...e aí é uma análise do subjetivo do inconsciente deles. Mas eu acho que não. Eu acho que não. Eu acho que o ser humano e aí independente dele ser mr e fazer o que ele bem entende. Eu acho que nós seres humanos sempre nos movemos tentando ganhar alguma coisa. E ainda a gente tem esta questão cultural, principalmente no ocidente, que a morte é uma perda. Então eu acho muito pouco provável que eles saem em busca da morte.

N - O que tu pensa? Porque a gente pensando o que é que a rua faz?

A - Olha, eu penso que eles acham que não tem muita perspectiva de vida. Eu acho que isso é uma coisa mais forte neles, eu acho que é uma coisa consciente. Eu acho que eles, eu penso que eles vem na vida deles algo muito breve, muito breve. E pela experiência, pelo pouco contato que a agente teve com os mr até agora, o que eles querem é viver cada dia como se fosse o' único. A perspectiva de morte pra eles é muito mais presente do que pra nós.

N - Tu achas que eles têm medo da morte?

A - Não sei, eles não demonstram isso com facilidade. Acho que eles tem mais medo da FEBEM do que da morte, sabe (risos). A FEBEM assusta muito mais do que a morte. Pelo menos quando a gente fala com eles. Até porque a morte é uma coisa muito..., não é uma coisa concreta. E foge do dia a dia da meninada que é basicamente no concreto. A morte é algo que remete eles a uma reflexão mais subjetiva que eles não, que não faz parte da vida. E aquela história o dia-a-dia, amanhã é outro dia, amanhã a gente vê o que se vive e tal. É uma vivência mais concreta entende? Então a morte pra eles, é só o rompimento daquilo e não faz muita diferença. Tipo assim, desde que não seja eu, sabe, pouco importa.

N - Ahá, eu fiquei te perguntando o que tu pensa, porque se agente vai ver assim pesquisas sobre mr, sempre colocam que os que estão na rua eles têm uma vida curta né, a questão da droga, a questão da AIDS, tudo isso afeta. Que a faixa etária de vida deles é bem pequena, eles vivem pouco. Por isso eu t pergunto, tu achas que eles indo pra rua eles estão procurando uma morte mais rápida, vendo essa coisa do nosso lado, não do lado deles?

A - Agora eu vou te dizer uma coisa, nas conversas, claro que não diretamente, porque a gente não chega na gurizada e pergunta "ah, o que tu acha da morte?", mas nas entrelinhas e lendo a meninada, eles tem uma perspectiva de vida muito curta pra eles mesmos. Eles tem isso, e isso é muito presente, e isso é concreto pra eles.

N - Por que tu achas isso?

A - Ah, eu acho que eles tem isso porque eles não projetam a sua vida para além do amanhã, sabe, é raro os momentos de projeção de vida pra ele de amanhã. E nas conversas assim, e até nessa conversa com o Zuêra, que hoje já passou por todo um processo, sabe, eles tem a morte como algo presente. A morte como companheira, eu acho. A morte tá do lado. Tu nasceu tá com ela, do teu lado, entende. E um dia ela vá tomar conta de ti e tu vai morrer. Ah, eu acho que a visão da meninada e talvez, não sei se vou dizer uma grande bobagem, mas acho que a visão da meninada de rua em relação ao mundo é uma visão virtual. Eles não se sentem parte do mundo. é o que eu acho com a convivência que eu tive. Eles não se sentem fazendo parte do mundo. Eles assistem o mundo e o mundo deles é outro.

N - O que eles buscam na rua, vida ou morte?

Agenor - O jovem adolescente e criança quer liberdade total, no momento em que sua base que é a família que está afetada os mesmos vêm pra rua em busca daquilo que faltou dentro do lar, principalmente o amor, diálogo, compreensão, etc. . Só que chegando na rua na primeira esquina encontram um adulto que lhe vai passar a droga, que vai lhe mostrar o caminho da prostituição como meio de sobrevivência, meio de ganhar dinheiro mais fácil. Então é aí que as nossas crianças e adolescentes vão se perdendo.

Quando não tem dinheiro começam a roubar, cometer pequenos furtos que mais tarde levam o mesmo pra FEBEM. E eles são ameaçados por adultos que o induziram caso venha contar pras autoridades. E esse adulto fica impune, solto, levando outros jovens para delinquência. Vem as doenças sexualmente transmissíveis que vão aparecendo nos jovens. Os mesmos muitas vezes não se tratam e aí estão procurando cada vez mais a morte e não a vida.

Yara - Mas eu acho que a visão que eles têm da morte, isso me assusta um pouco. Não sei, não sei se é libertação pra eles. Ou se não é só uma fuga!

N - Um dia a Joana e a Mariana me disseram que a morte é um descanso!

Y - Ai, que bom!

N - Quer dizer, tão procurando descanso, " bom, eu tô cansada agora, eu quero mais é morrer!". é uma fuga na realidade!

Y - E tu vê né, comparando assim né, eu ontem era madrugada já, quando eu fui dar uma olhadinha da última Veja. Até recortei pra mandar pra mana, o Zózimo disse pra mulher dele antes de morrer " viver é ruim, não me prende aqui!" O Zózimo, aquele repórter do jornal Globo, que morreu há pouco tempo. Um cara extremamente bem de vida, então, não é... O problema dessa gurizada não é falta de dinheiro, não é problema econômico. é, é a ... a falta de receptividade pelo lado de cá. Mas por outro lado depois que elas se fixaram elas não conseguem mais querer sair desse lugar onde eles estão. é uma conquista deles a rua. A rua é deles. Eles deixam isso muito claro. Agora que eu tô fora, eu vejo. O jeito que eles sentam nas calçadas, sabe, eles não deixam um lugarzinho pra gente passar. Né, eu acho super interessante. Não precisariam fazer assim, mas eles fazem questão. A nível de inconsciente: "isso aqui é meu, se quiser passar, passa por ali, e ainda passa com medo porque eu sei que não vou te assaltar, mas tu não sabe. E pode ser que eu te assalte também!" Não é? Isso é, isso é o domínio que eles têm!

N - Porque o resto nós dominamos né?

Y - Siiimmm!

N - Eles têm aquele espacinho ali que eles dominam, naquele momento...

Y - Exatamente. E nós dominamos eles na hora que nós quisermos, de qualquer jeito, com algema, com porrada... Lembra do Zuêra Alexandre?

N - Não, o Miguel!

N - Como é que está esta questão da morte pra ti Cleide, uma vez que vocês dizem que a AIDS não representa mais a morte?

Cleide - Infelizmente tu nunca fala né, tu nunca te imagina finito. Então a AIDS trouxe isso que pra mim é positivo, começar a se perguntar e ver que a gente tem tempo de viver, de aproveitar uma vida. Tempo. Existe um tempo que é o nosso tempo. Então eu acho assim oh, que a presença da morte é muito mais questionada hoje. Por isso que a gente fala em qualidade de vida hoje. E quando tu coloca isso, e quando ele tá consciente que ele é finito, ele começa a valorizar mais a vida dele. Sabe, porque não interessa realmente o tempo se tu fores olhar. Entende, eu não quero chegar aos 100 anos e gagá, e cagando nas calças (desculpe a palavra). Agora se eu chegar aos 60 e lúcida, sabendo o que eu tô fazendo, ótimo, é isso. E quando a pessoa tá com a corda no pescoço é isso o que ela quer!

N - Mas um guri com 14 anos que é positivo, e aí?

C - Aí o adolescente, é que realmente a gente tem pouca pratica com adolescente. O adolescente não vai encarar a morte. Pra ele não interessa o amanhã. é como eu digo assim, quando tu está antes dos 20 tu

nunca imagina que vai chegar aos 30. Eu tento colocar isso pra eles, tu não imagina que vai chegar aos 30, 30, cadê

M - 30, 40.

C - E bem, nessa questão. Ele não tem essa questão. Eu acho que pra ele a vida e morte é sempre um jogo, todo o dia.

M - Principalmente o menino de rua, eu acho que eles não...

N - Não se sentem!

C - Não se permitem!

BUSCA DA VIDA

N - E o que tu consideras que eles tão procurando , a vida ou a morte quando vão pra rua/

Wilma - Ah, eu acho que ninguém procura a morte. Acho que ninguém procura a morte. Eles saem de casa, né, e eles têm esperança de alguma coisa, acho que eles não vão pensar que vão apanhar, que vão morrer, que vão contrair uma doença. Eles até sabem que isso pode acontecer, mas acho que eles devem ter mil sonhos, eles devem sonhar em um dia ser alguém, em um dia poder ter a família deles, acho que eles devem ter coisas lindas pra dizer.

N - Tu achas que eles não pensam na morte quando vão pra rua

W - Acho que não! Acho que não! Acho que uma criança na idade deles, quando vai pra rua não pensa na morte. Talvez quando o menino já tem, como alguns, o HIV, já é contaminado, talvez pense nisso, porque sabe que a morte é uma coisa iminente né. Mas quando ele vai pra rua ele não pensa na morte, acho que ele quer uma coisa melhor do que ele tem dentro de casa. Se não, não sairia de casa.

N - E nesse caso que tu tava falando, o menino que tem HIV, quer dizer, a morte é uma coisa mais próxima né, teria que a princípio voltar pra casa pra viver mais, o que tu consideras?

W - Eu acho que a esperança deles, pela experiência que eles já tem, porque eles convivem com a morte. Porque estão na rua, já viram outros amigos morrendo, eu acho que no momento que eles sabem que eles tem HIV, eles não lutam mais, posso estar errada. Mas eu imagino que eles querem é viver o dia a dia deles. Eles não tem mais futuro, eles não vão mais sonhar que um dia eles vão ter uma família... Não sei, posso estar errada, mas eu acho que quando eles sabem que eles têm a doença eles devem pensar no dia a dia deles. Porque se eles pensassem diferente, eles procurariam recursos. E é difícil, mas até se engajariam numa atividade de atendimento. Porque no posto de saúde tem , tem grupo toda semana pros portadores. E eu não conheço ninguém da rua que participa desse grupo. Uma vez eu perguntei Pra' Nice qual era a frequência nesse grupo das pessoas portadoras, ela disse que era muito baixa. Tem pessoas que vão uma vez e depois não prosseguem, não tem um continuidade. Mesmo o pessoal da prostituição não vão. Acho que eles não tem mais muita esperança no futuro, então vivem o momento. Isso é o que eu imagino, não sei. E no fórum eu tive contato com portadores de HIV, o pessoal da prostituição né, e eles tem essa preocupação, eles se preocupam . Mas é um outro tipo de preocupação. Não dá pra comparar com meninos de rua. Eles foram pra prostituição por outras razões. Eles de certa forma eles tem uma casa pra morar, muitos deles até família, moram até com a família. E eles tem, eles são portadores. Alguns portadores que a Vânia atendeu, que eu tava junto, eles se preocupam, eles vão pro posto de saúde, tão assim, não participam do grupo regularmente, mas fazem tratamento, fazem exames. Eles tem uma preocupação maior. Agora o m.r... Não sei como é que foi com a Rose, com a Leticia não cheguei a ter contato... Como é que foi a conduta delas. Tu chegaste a ter contato com a Leticia?

N - Não, não cheguei a conversar com ela.

N - E não poderia ser a história de ir pra rua como uma forma de se matar, suicidar?

Anete - Bom, eu acho que pode. Mas daí eu volto a dizer assim que vai variar de um pro outro. Eu ainda acredito muito nessa coisa do individual. De que tem sintomas coletivos e comportamentos coletivos. Ir pra rua, um monte de gente vai pra rua, mas que tem a história individual de cada um ali. E que pra uns a coisa, questão da morte vai tá, muito presente, e vai ser uma forma de suicídio e pra outros vai ser uma forma de vida. Entende. E que tu só vai poder avaliar de fato na história individual de cada um.

N - O que tu achas que é o mais comum, é a busca da vida ou a busca da morte? Para essas meninas que tu tiveste mais contato, a forma de vida que elas levam?

A - Eu acho que é uma busca de vida, só que de uma forma atrapalhada , entende, de uma forma que não vai trazer a vida, que não vai proteger a vida deles. é um tipo assim, um pedido de socorro daquela realidade tão pesada e isso eu penso que é uma coisa, sair disso é uma coisa de pulsão de vida assim. Mas que a forma que eles saem é uma forma, não sei se teria outra entende, mas a forma acaba podendo trazer uma questão de destruição, porque tá na rua envolve essas coisas de tá correndo risco, de morrer, de se destruir. Então é dúbio isso né.

N - Tá, mas não foge do que eu perguntei. Tá fazendo rodeio mas tá fugindo. Se eles tão na rua e estão felizes na rua, se a gente tem que tirar a rua, ou tu consideras que eles não estão felizes na rua?

Adão - é muito difícil pra gente aceitar a gurizada na rua sem um teto. é questão cultural, é muito difícil aceitar isso. São questionamento que a gente acaba se fazendo, se eles estão felizes com a vida, se eles querem outra coisa ou não.

N - Tu achas que eles estão felizes?

A - Acho que em muitos momentos sim. Eu acho muito triste essa questão da rua por uma falta de estrutura de sobrevivência deles. No mais isso não me incomoda enquanto questão estética, enquanto, como vou dizer, a nível de seres humanos. Desde que eles tivessem condições de terem toda a estrutura que não tivera, e aí poder optar pela rua, escolher a rua. Porque eu acho que a rua ainda não é uma opção pra eles ainda.

N - Acho que não, acho que eles não escolheram ir pra rua.

A - Acho que não, assim como ninguém escolhe ser prostituta ou homossexual, entende. São várias circunstâncias que levaram eles a essa situação. Então eu acho que no momento que tu tá numa situação que não é escolha tua, tu podes ter momentos de alegria, momentos de felicidade, mas no fundo tu não é uma pessoa.

N - Mas por que alguns tem uma oportunidade diferente, tem um, até coisas que sempre ficaram, conseguem emprego, sonho...Esses que tiveram uma outra opção e que largaram essa outra opção que digamos na nossa concepção seria ideal, de ter um serviço, de ter uma casa, de uma outra alternativa e voltaram pra rua de novo?

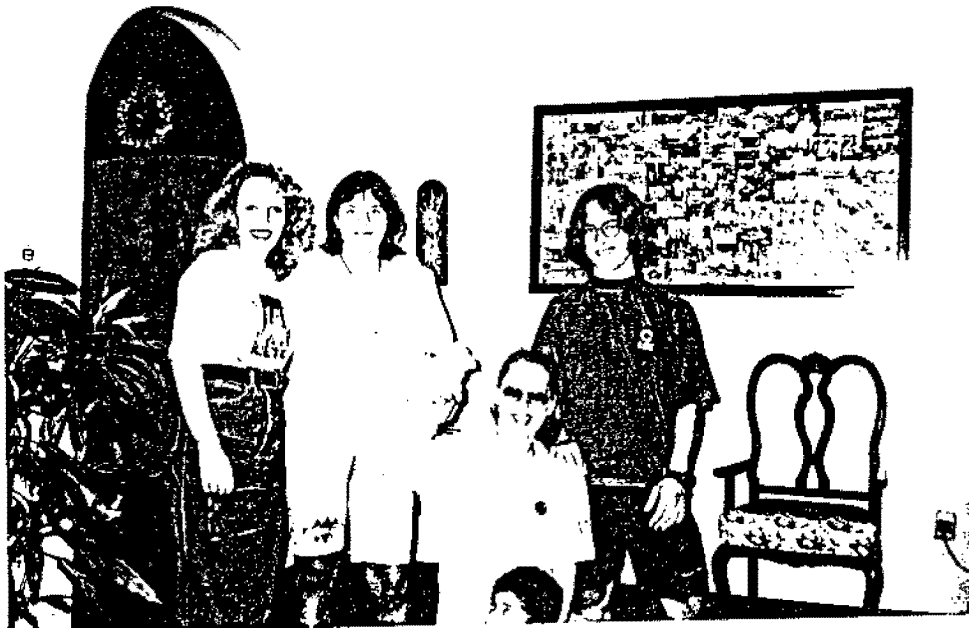
A - Olha, pra mim é muito difícil ver isso. Eu acho que tem muitas coisas envolvidas nessa história e eu acho que muitas vezes, e até voltando a nossa cultura ocidental, a gente tem essa cultura do tudo pronto, do tudo pra ontem e a gente acaba não respeitando os processos. E acho que isso é fundamental pra nós. De muitas coisas que não dão certo na nossa vida, é porque às vezes a nossa angústia, a nossa vontade de fazer as coisas pra ontem, as coisas não saem pra ontem. São pra sair daqui a uma semana e aí a gente acaba sofrendo. E aí a gente acaba não respeitando os processos, acaba atropelando os processos, e eu acho que um bom número, e não vou te dizer que isso seja a causa principal, mas eu acho que num bom número de vezes a gente acaba atropelando os processos e aí sim, a gente acaba não conseguindo efetuar isso vamos dizer. Eu acho que a gente não consegue fazer uma análise mais próxima vamos dizer assim, da realidade do que é a vida dos meninos.

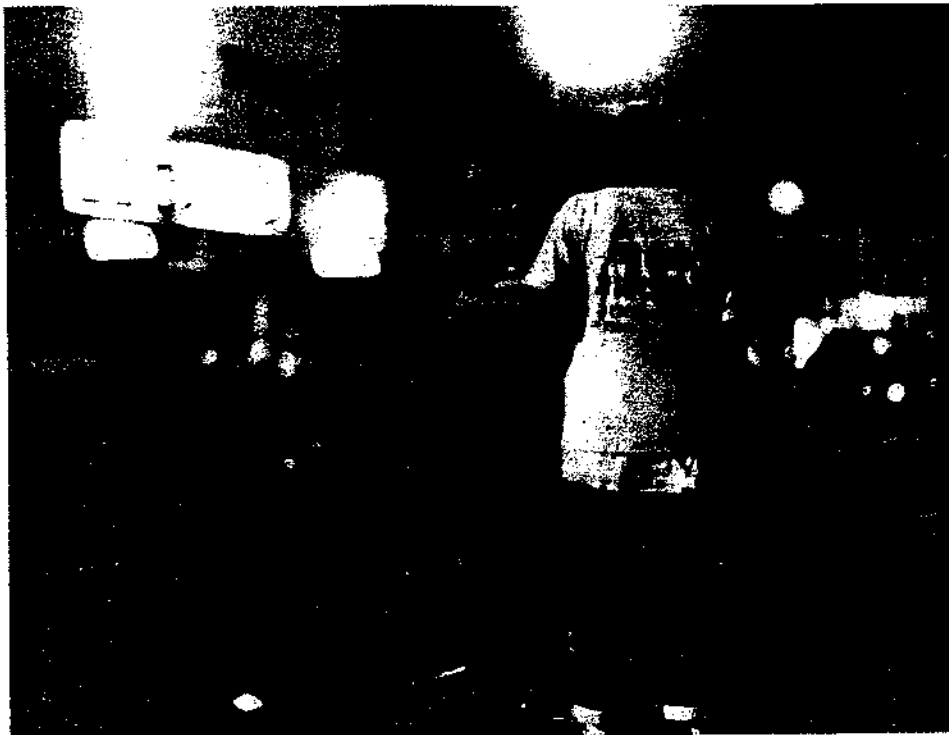
N - Essa questão das opções, até porque tu lendo trabalhos de antropólogos com menino de rua, livros já publicados, não é uma coisa daqui, né, é uma coisa estudada, de que sonhos deles, que quando esses sonhos se concretizam como: meu sonho é voltar pra uma família, o meu sonho é ter um emprego. No momento em que eles conseguem realizar esse sonho eles não se mantêm muito tempo e eles voltam pra rua. Então assim, o que é a felicidade pra eles, será que é a conquista desse sonho? Que os sonhos deles são muito limitados, não são muitos longos. Eles sonham com coisas mais perto.

A - Talvez aí esteja um grande problema né, porque nós, na nossa vida, e digo nós, seres humanos ocidentais, nós somos movidos por sonhos, a nossa vida é de um sonho atrás do outro. E a gente vai enganchando um sonho no outro e vai sonhando a vida inteira. E talvez a meninada tenha isso assim, no momento em que eles concretizam o sonho, não deu tempo suficiente pra criação de um outro sonho. E aí a vida se torna vazia. Talvez aí esteja um dos grandes problemas. O que a gente chamava tecnicamente de planejar a sua vida, de ter um planejamento.

Dóris - Acho que os meninos e meninas procuram a rua como forma de melhorar de vida, pois a maioria tem uma vida tão amarga e sofrida que eles vão ao encontro de algo melhor. Só que se deparam com a droga, prostituição, com o roubo e daí vira uma bola de neve, eles vão em busca de vida e se depararam muitas vezes com a Morte.

Anexo 10 - Fotos da Rose





Diz a camiseta da menina de rua: "Pelo direito de ser criança"

Quando falta amor em casa, a rua é a saída

Além da questão sócio-econômica, a prostituição infantil também está ligada ao fator psicológico. A maioria das meninas que sai de casa e cai na prostituição, muitas vezes é iniciada sexualmente no próprio lar pelo padrasto ou mesmo pelo pai. "Nos últimos dois meses, atendemos três casos de estupro de meninas de 8 anos pelos próprios pais", informa a coordenadora do Conselho Tutelar dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Leopoldo, Alda Prates.

Os conselhos tutelares de Novo Hamburgo e São Leopoldo registram números assustadores sobre a violência sofrida pelas meninas em casa. Em Novo Hamburgo foram acompanhados quatro casos de estupro e 206 de maus-tratos (dados de 1993). Em São Leopoldo, os registros do conselho, desde agosto de 1992, denunciam 28 casos de abuso sexual e 101 de maus-tratos.

CARÊNCIA AFETIVA

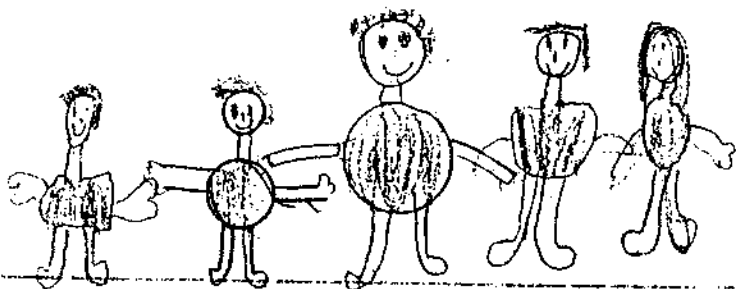
Segundo o sociólogo e antropólogo Márcio Noronha, professor da Unisinos e ex-voluntário do Grupo de Apoio aos Portadores de HIV/AIDS, "o sujeito que compra os 'serviços sexuais' de uma criança está como que amarrado em vivências infantis muito primitivas", acredita o psicólogo Fábio Moraes, da Casa de Saúde Mental de Novo Hamburgo. Para ele, as impressões deste sujeito estão marcadas por fantasias muito intensas de ataques, mas também de sedução, ao corpo da mãe. Surge então a construção do perverso, onde ele age e procura buscar o objeto perdido em outro corpo. "O concreto da relação sexual se dará sobre um corpo não totalmente crescido, diminuindo as possibilidades de encontro com a mãe, mulher pronta", conclui.

res do Virus da Aids de Porto Alegre (Gapa), algumas crianças também se utilizam da prostituição como forma de cobrir carências afetivas. Noronha acredita que as crianças saem de casa por falta de afeto, que acabam encontrando no adulto que oferece comida e carinho, mas que está em busca de prazer sexual. "A psiquiatria inclui esses casos no *hall* da doença chamada de pedofilia (atração sexual por crianças)", esclarece Noronha.

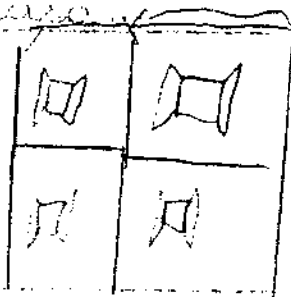
"O sujeito que compra os 'serviços sexuais' de uma criança está como que amarrado em vivências infantis muito primitivas", acredita o psicólogo Fábio Moraes, da Casa de Saúde Mental de Novo Hamburgo. Para ele, as impressões deste sujeito estão marcadas por fantasias muito intensas de ataques, mas também de sedução, ao corpo da mãe. Surge então a construção do perverso, onde ele age e procura buscar o objeto perdido em outro corpo. "O concreto da relação sexual se dará sobre um corpo não totalmente crescido, diminuindo as possibilidades de encontro com a mãe, mulher pronta", conclui.

Anexo 11 - Trabalhos do Rafael, na escola, representando a família com a "mana"

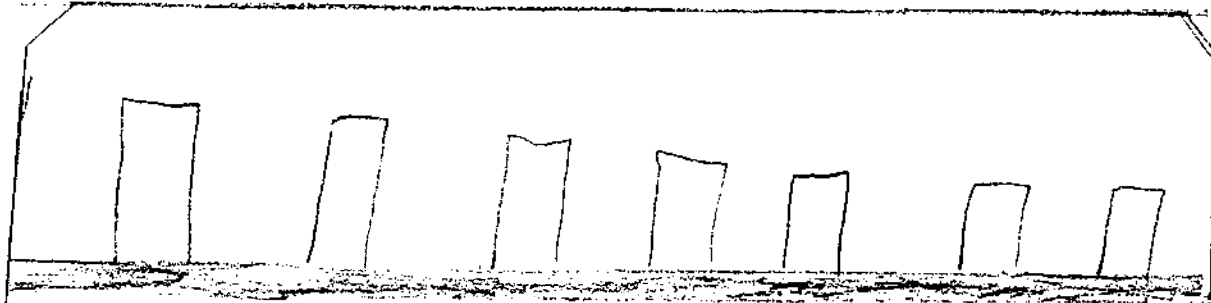
Esta é minha família...



Esta é minha casa...



Esta é minha escola...

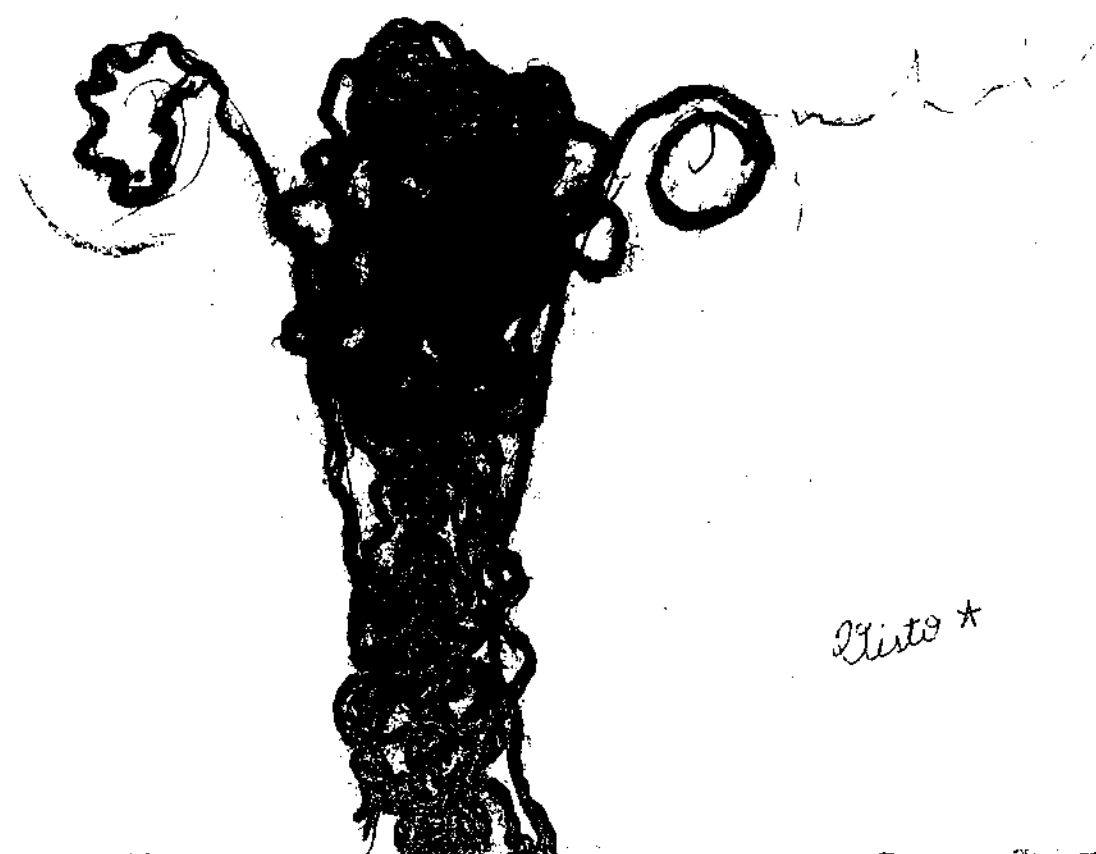
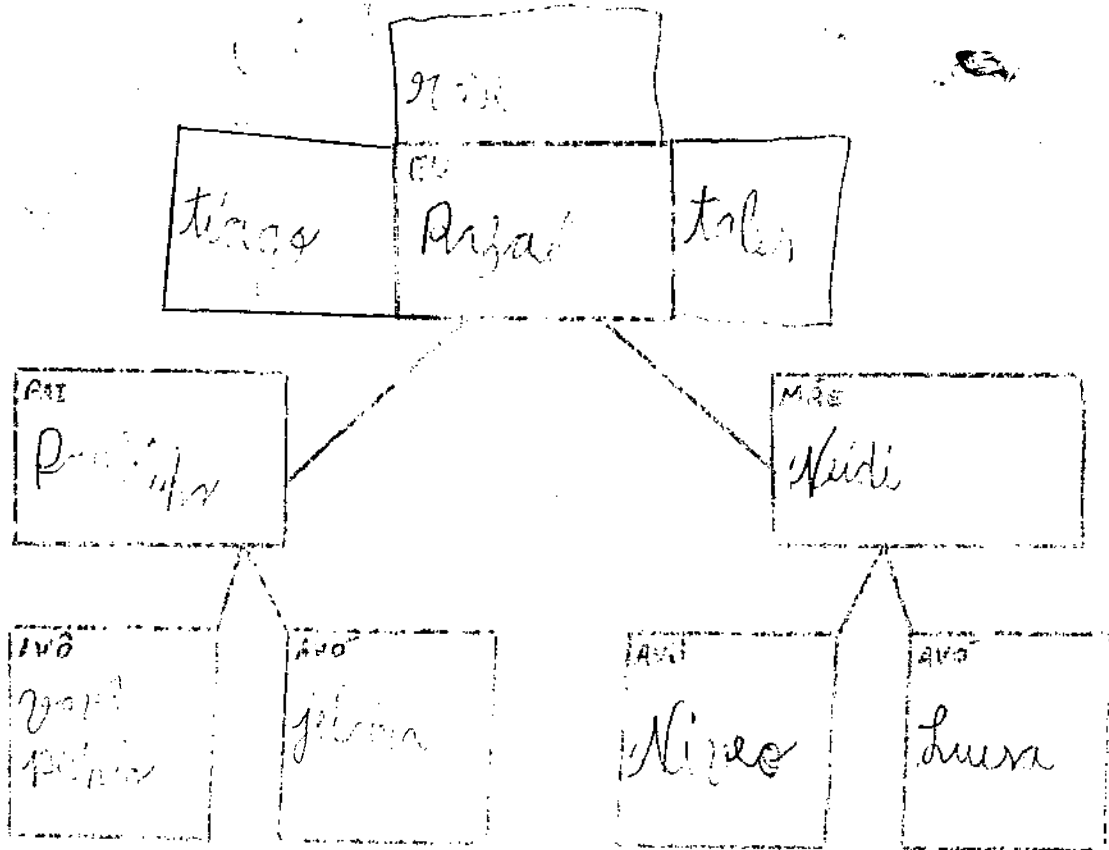


Gracia Mendes

Luís Vaz de Camões
Pátria

Escola Municipal Cecília Mireles
Nome: Erica Maria da Costa Mireles
Série: 2.ª F.
Data: 25/03/00

Árvore Genealógica



Lista *

